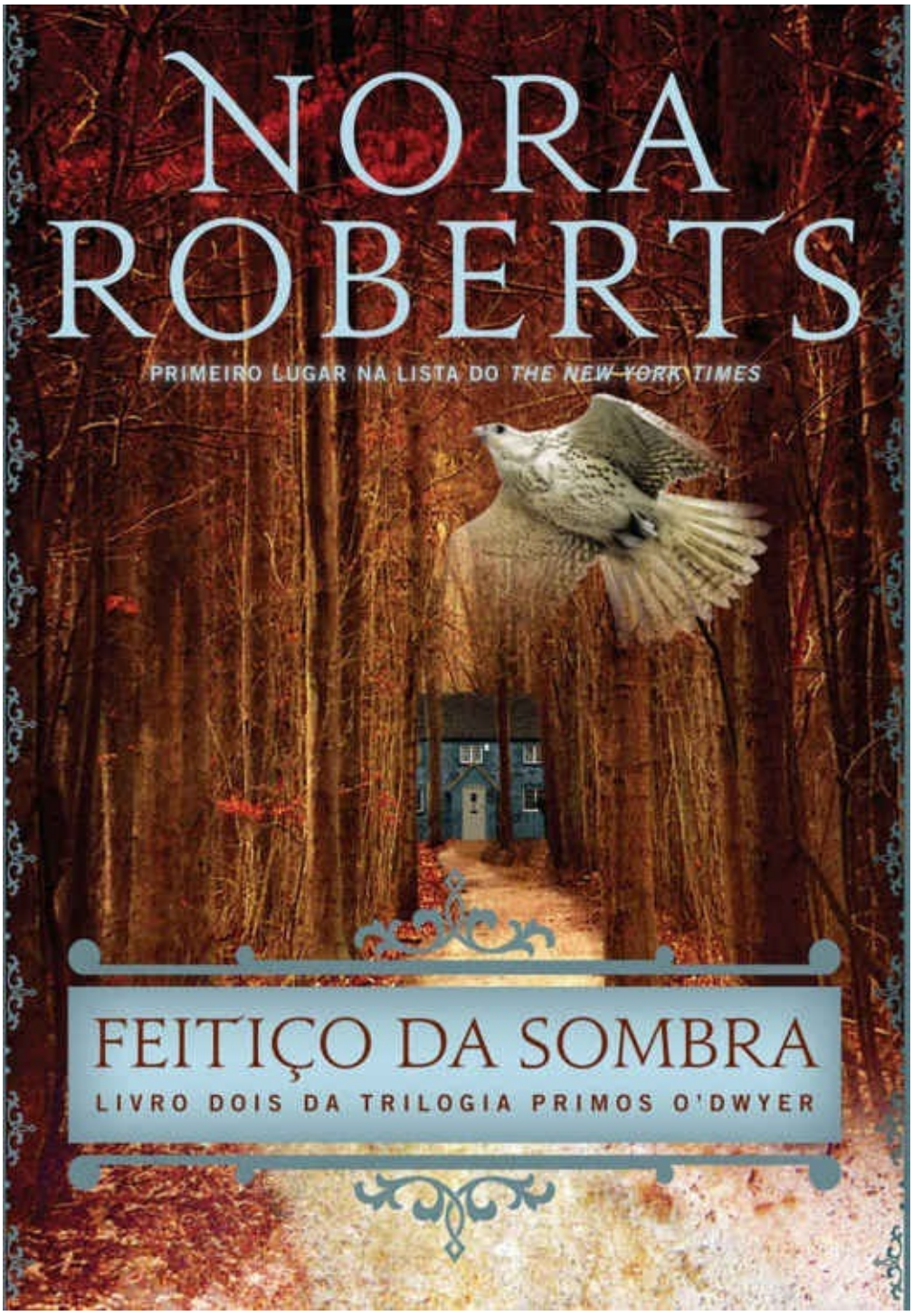

NORA
ROBERTS
PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES
FEITIÇO DA SOMBRA
LIVRO DOIS DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER


FEITIÇO DA SOMBRA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar

com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo*

verde, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e

acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha

editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora

Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo

de ele ser lançado

nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se

transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu

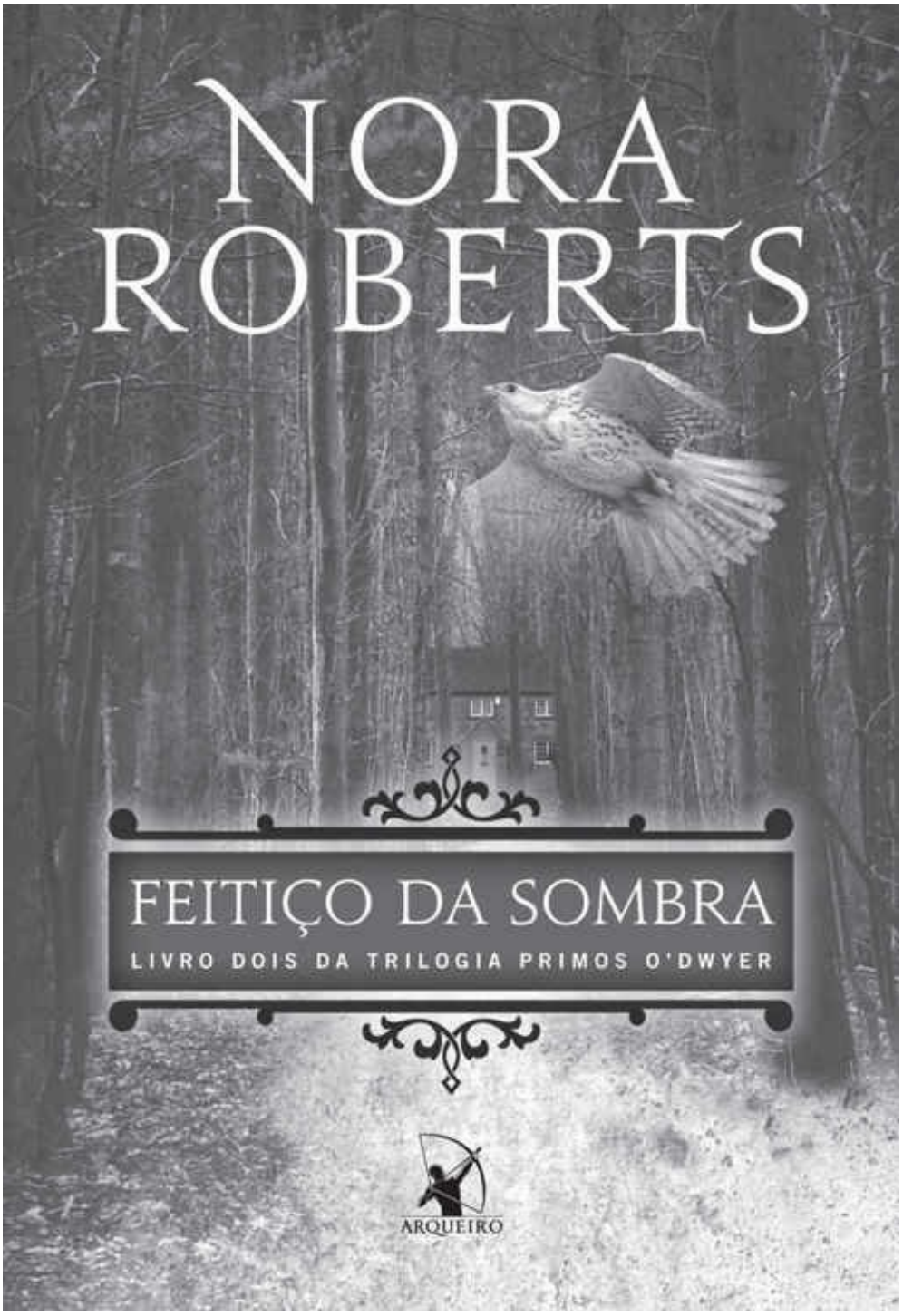
diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar

o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de

enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a

esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Título original: *Shadow Spell*

Copyright © 2014 by Nora Roberts.

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley Books, selo da Penguin Group (USA).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes

sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flora Pinheiro e Rebeca Bolite

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rita Frangie

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Lars van de Goor/Trevillion (floresta);

Paul Reeves Photography/Shutterstock (falcão);

Christlofotos/Shutterstock (casa)

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549f

Roberts, Nora, 1950-

Feitiço da sombra [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Maria Clara de Biase]; São

Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Shadow spell

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-419-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Título.

CDD: 813

15-21870

CDU: 821.111(73)-3

ZZZZ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para meu próprio círculo,

minha família e meus amigos

Acontecimentos futuros projetam antes suas sombras.

– Thomas Campbell

A decoração de uma casa são os amigos que a frequentam.

– Ralph Waldo Emerson



1

OUTONO DE 1268

A NEBLINA SE ERGUIA EM ESPIRAIS DA ÁGUA ENQUANTO EAMON REMAVA o pequeno barco.

O sol projetava uma luz pálida e fria ao despertar de seu descanso noturno e fazia os

pássaros iniciarem o coro matutino. Eamon ouviu o canto do galo, tão altivo e

presunçoso, e o balido das ovelhas pastando nos campos verdes.

Eram sons familiares, que o haviam cumprimentado todas as manhãs nos últimos

cinco anos.

Mas esse não era seu lar. Não importava quanto fosse acolhedor e familiar, nunca

seria.

E era pelo lar que ele ansiava. A saudade do lar fazia seus ossos doerem como os de

um velho em tempo úmido e seu coração se partir como o de um amante abandonado.

E sob a ânsia e a saudade, a dor fazia a raiva fervilhar, capaz de lhe ressecar a

garganta como sede.

Em algumas noites ele sonhava com o lar, a cabana na grande floresta onde conhecia

todas as árvores e curvas do caminho. Em outras, os sonhos eram reais como a vida, e

ele podia sentir o cheiro de turfa queimando na lareira e o doce aroma da lavanda que a

mãe passava em sua cama para bom repouso e bons sonhos.

Podia ouvir a voz dela, o canto suave vindo do sótão onde ela preparava suas poções

e infusões.

Ela era chamada de Bruxa da Noite – com respeito –, porque era poderosa e forte. E

boa e gentil. Por isso, em algumas noites em que sonhava com o lar e ouvia a mãe

cantando no sótão, ele acordava com lágrimas no rosto.

Rapidamente as enxugava. Era um homem agora, com 10 anos completos, chefe de

sua família como seu pai fora antes dele.

Lágrimas eram para as mulheres.

E tinha irmãs das quais cuidar, não tinha?, lembrou a si mesmo, pondo os remos nos

apoios e deixando o barco deslizar suavemente enquanto lançava a linha. Brannaugh

podia ser a mais velha, mas ele era o homem da família. Jurara protegê-la e a Teagan, e

faria isso. A espada de seu avô lhe fora passada. Ele a usaria quando chegasse a

hora.

E a hora chegaria.

Porque havia outros sonhos, os que lhe causavam medo em vez de tristeza. Sonhos

com Cabhan, o bruxo sombrio. Aqueles sonhos formavam bolas geladas de medo em sua

barriga que congelavam até mesmo a raiva que fervilhava. Um medo que fazia o garoto

dentro dele gritar pela mãe.

Mas não podia se permitir ter medo. Sua mãe se fora, sacrificando-se para salvar a

ele e às suas irmãs apenas horas após Cabhan ter assassinado o pai deles.

Mal podia ver o pai com o olho da mente, e muitas vezes precisava da ajuda do fogo

para encontrar essa imagem – o alto e orgulhoso Daithi, o *cennfine,* chefe do clã, com

seus cabelos claros e seu riso fácil. Mas só tinha de fechar os olhos para ver a mãe,

pálida como a morte por vir, em pé na frente da cabana na floresta naquela manhã

enevoada enquanto ele cavalgava para longe com as irmãs, com tristeza em seu coração e

poder novo e quente em seu sangue.

Desde aquela manhã ele não era mais um garoto; tornara-se um dos três, um bruxo da

noite obrigado por sangue e juramento a destruir o que nem mesmo sua mãe

conseguira.

Parte de Eamon só queria começar logo, pular esse tempo em Galway, na fazenda da

prima, onde o galo cantava de manhã e as ovelhas baliam nos campos. O homem e o

bruxo dentro de Eamon ansiavam pelo passar do tempo, pela força para empunhar a

espada do avô sem que o peso fizesse seu braço tremer. Pelo dia em que poderia abraçar

plenamente seus poderes, praticar a magia que era sua por nascença e por direito. O

tempo em que derramaria na terra o sangue negro e ardente de Cabhan.

Ainda assim, nos sonhos ele era apenas um garoto fraco e inexperiente perseguido

pelo lobo que Cabhan se tornava, o lobo com a pedra vermelha da magia negra brilhando

no pescoço. E era seu próprio sangue e o sangue de suas irmãs que eram derramados no

chão, quentes e vermelhos.

Nas manhãs após os piores sonhos ele ia até o rio e remava para pescar e ficar

sozinho, embora costumasse ansiar por companhia na cabana, pelas vozes e pelos cheiros

de comida sendo feita.

Mas depois dos sonhos com sangue precisava se afastar – e ninguém o repreendia por

não ajudar a ordenhar, remover esterco ou dar de comer aos animais. Não

naquelas

manhãs.

Então ele se sentava no barco, um garoto magro de 10 anos com uma cabeleira

castanha, os olhos azuis e selvagens do pai e o poder ativo e luminoso da mãe.

Podia ouvir o dia acordar ao seu redor, esperava pacientemente o peixe morder a

isca e comia o biscoito de aveia que pegara na cozinha da prima.

E podia se reencontrar.

O rio, a quietude, o balançar suave do barco o lembravam do último dia realmente

feliz que tivera com a mãe e as irmãs.

Lembrava-se de que a mãe parecia bem, depois de ter passado o longo e frio inverno

pálida e exausta. Todos contavam os dias para o Beltane e a volta do pai. Eamon havia

pensado que eles se sentariam ao redor do fogo comendo bolos e bebendo chá adoçado

com mel enquanto ouviam as histórias do pai sobre incursões e caçadas.

Havia pensado que eles festejariam e a mãe ficaria bem de novo.

Acreditara nisso naquele dia no rio, quando eles pescaram, riram e todos achavam

que o pai logo estaria em casa.

Mas o pai nunca voltou porque Cabhan usara magia negra para assassinar Daithi, o

bravo. E matara Sorcha, a Bruxa da Noite – embora ela o tivesse queimado até

ele virar

cinzas. De algum modo, Cabhan a matara e continuara a existir.

Eamon sabia disso pelos sonhos, pelo formigamento descendo por sua coluna. Via a

verdade nos olhos das irmãs.

Mas ele tinha aquele dia para recordar, aquele dia claro de primavera no rio.

Enquanto um peixe puxava a linha, sua mente voltou no tempo e ele se viu com 5 anos

tirando um peixe brilhante do rio escuro.

Agora sentia aquela mesma sensação de orgulho.

– Ailish ficará contente.

Sua mãe lhe sorriu enquanto ele deslizava o peixe para dentro do balde de água a fim

de mantê-lo fresco.

Sua grande necessidade a trouxe para ele, lhe deu conforto. Eamon pôs novamente a

isca no anzol enquanto o sol esquentava e começava a dispersar a neblina.

– Precisaremos de mais de um.

Ela dissera aquilo, lembrou-se Eamon, naquele dia muito tempo atrás.

– Então você pegará mais de um – acrescentou ela.

– Eu preferiria pegar mais de um em meu próprio rio.

– Um dia você fará isso. Um dia, *mo chroi*, meu querido, voltará para casa. Um dia

aqueles que vierem de você pescarão em nosso rio, caminharão em nossa floresta. Eu lhe

juro.

Lágrimas quiseram brotar e toldaram sua visão da mãe, fazendo-a oscilar diante de

seus olhos. Ele as conteve, porque queria vê-la com clareza. Os cabelos escuros que ela

deixava cair livremente até a cintura, os olhos escuros onde o amor morava. E o poder

que emanava dela. Mesmo agora, sendo apenas uma visão, Eamon sentia seu poder.

– Por que não você pôde destruí-lo, mãe? Por que não pôde viver?

– Não era para isso acontecer. Meu amor, meu filho, meu coração, eu teria dado mais

do que minha vida para poupar você e suas irmãs.

– Você deu. Você nos deu seu poder quase todo. Se o tivesse mantido...

– Era minha hora e seu direito de nascença. Também lhe juro que estou satisfeita com

isso. – Àquela neblina que afinava ela brilhava, seus contornos eram prateados. –

Sempre estou em você, Eamon, o Leal. Estou em seu sangue, seu coração e sua mente.

Você não está só.

– Sinto sua falta.

Eamon sentiu os lábios da mãe em seu rosto, o calor, o cheiro dela o envolvendo. E

naquele momento, apenas naquele momento, pôde ser criança de novo.

– Quero ser corajoso e forte. Serei, eu juro. Protegerei Brannaugh e Teagan.

– Vocês protegerão uns aos outros. Vocês são os três. Juntos, são mais poderosos do

que fui.

– Eu o matarei? – perguntou Eamon, porque esse era seu desejo mais profundo e

sombrio. – Darei fim a ele?

– Não sei dizer, só sei que ele nunca poderá tirar o que você é. O que você é, o que

possui, só pode ser dado, como eu lhe dei. Ele carrega minha maldição e a marca dela.

Todos os que vierem dele a carregarão, como todos que vierem de você carregarão a luz.

Meu sangue, Eamon. – Ela virou a palma da mão para cima e mostrou uma fina linha de

sangue. – E o seu.

Ele sentiu a dor rápida e viu a ferida na palma de sua mão. E a juntou com a da mãe.

– O sangue dos três, de Sorcha, o abaterá, nem que isso demore mil anos. Basta

acreditar no que você é.

Ela o beijou de novo, sorriu.

– Você tem mais de um.

O puxão em sua linha fez a visão desaparecer.

Então ele tinha mais de um.

Seria corajoso, pensou enquanto puxava para fora do rio o peixe que se debatia.

Seria forte. E, um dia, forte o suficiente.

Estudou a mão – não havia nenhuma marca, mas ele entendia. Carregava o sangue e o

dom da mãe. Um dia os passaria para seus filhos e suas filhas. Se não fosse seu destino

destruir Cabhan, seu sangue o faria.

Mas, por todos os deuses, esperava que fosse.

Por enquanto pescaria. Era bom ser homem, pensou. Caçar, pescar e prover. Retribuir

aos primos o abrigo e os cuidados.

Havia aprendido a ter paciência desde que se tornara um homem – e pegara quatro

peixes antes de remar o barco de volta para a margem. Amarrou-o e pendurou os peixes

em uma linha.

Por um momento ficou em pé olhando para a água, o brilho dela sob a plenitude do

sol. Pensou na mãe, no som de sua voz, no cheiro de seus cabelos. Suas palavras

permaneceriam com ele.

Caminharia de volta através da pequena floresta. Não grande como a do lar, mas

mesmo assim uma bela floresta, disse a si mesmo.

Levaria o peixe para Ailish e tomaria um pouco de chá perto da lareira. Depois

ajudaria na última colheita.

Ao começar a voltar para a cabana e a pequena fazenda, ouviu o grito alto e agudo.

Sorrindo para si mesmo, tirou a luva de couro de sua bolsa. Só precisou vesti-la e erguer

o braço para Roibeard sair das nuvens com as asas abertas para pousar.

– Bom dia.

Eamon olhou naqueles olhos dourados e sentiu a força da conexão com seu falcão,

seu guia e amigo. Tocou no amuleto ao redor do pescoço, o que a mãe conjurara com

magia de sangue para proteção. Tinha a imagem do falcão.

– O dia está lindo, não é? Claro e fresco. A colheita quase terminou e logo teremos

nossa celebração – continuou ele, andando com o falcão pousando em seu braço. – O

equinócio, como você sabe, quando a noite domina o dia como Gronw Pebr dominou

Lleu Llaw Gyffes. Celebraremos o nascimento de Mabon, filho de Mordon, a guardiã da

terra. Com certeza haverá bolos de mel. Providenciarei para que você ganhe um pouco.

O falcão esfregou a cabeça no rosto de Eamon, afetuoso como um gatinho.

– Sonhei de novo com Cabhan. Com nossa casa, mamãe depois que nos deu quase

todo seu poder e nos mandou embora, para ficarmos seguros. Vejo isso, Roibeard. Como

ela o envenenou com um beijo, inflamou-se usando tudo o que tinha para destruí-lo. Ele

tirou a vida dela e ainda assim... eu vi a agitação nas cinzas em que ela o transformou. A

agitação delas, algo diabólico e o brilho vermelho do poder de Cabhan.

Eamon parou por um momento, evocou seu poder e se abriu para ele. Sentiu os

batimentos do coração de um coelho correndo para o mato e a fome de um filhote de ave

esperando pela mãe e seu café da manhã.

Sentiu as irmãs, as ovelhas e os cavalos.

E não detectou nenhuma ameaça.

– Ele não nos encontrou. Eu sentiria. Você veria e me diria. Mas ele espreita, caça e

espera, eu também sinto isso.

Aqueles olhos azuis corajosos se anuviaram; a boca delicada do menino se firmou,

transformando-se na de um homem.

– Não vou me esconder para sempre. Um dia, com o sangue de Daithi e Sorcha, o

caçarei.

Eamon ergueu uma das mãos, pegou um punhado de ar, o girou e atirou – gentilmente

– na direção de uma árvore. Galhos balançaram e pássaros empoleirados alçaram voo.

– Eu só ficarei mais forte, não é? – murmurou, e entrou na cabana para alegrar

Ailish

com quatro peixes.

BRANNAUGH CUMPRIA COM SEUS DEVERES COMO FAZIA TODOS OS DIAS. Como todos os dias,

durante cinco anos, havia feito tudo o que lhe pediram. Cozinhava, limpava e cuidava dos

mais novos porque Ailish sempre parecia ter um bebê ao seio ou na barriga. Ajudava a

semear os campos e cuidar das plantações. Ajudava na colheita.

Um trabalho bom e honesto, é claro, e, a seu modo, gratificante. Ninguém podia ser

mais gentil que sua prima Ailish e o marido dela. Ambos eram bons e confiáveis,

pessoas da terra que ofereceram mais do que abrigo para três crianças órfãs.

Ofereceram uma família, e não havia bem mais precioso.

Sua mãe não soubera disso? Ela nunca teria enviado os três filhos para Ailish se não

fosse assim. Mesmo em sua hora mais sombria, Sorcha nunca teria entregado os amados

filhos para alguém que não fosse gentil e amoroso.

Mas, com 12 anos, Brannaugh não era mais uma criança. E o que crescia nela se

alastrava e despertava – sobretudo desde que começara a menstruar, um ano antes –, se

impunha.

Reprimir tanto, desviar os olhos daquela luz cada vez mais brilhante, se revelava

mais difícil e triste com o passar dos dias. Mas ela devia respeito a Ailish, e sua prima

temia a magia e o poder – até mesmo o dela própria.

Brannaugh fizera o que sua mãe lhe pediu naquela manhã terrível. Levara o irmão e a

irmã para o sul, para longe da casa deles, em Mayo. Ficara fora da estrada; trancara a

tristeza em seu coração onde só ela podia ouvir-lhe o lamento.

E naquele coração também existia necessidade de vingança, de abraçar o poder

dentro dela e aprender mais – aprender e se aperfeiçoar o suficiente para derrotar

Cabhan de uma vez por todas.

Mas Ailish só queria seu homem, seus filhos, sua fazenda. E por que não quereria?

Tinha direito ao lar, à vida e à terra, à paz de tudo isso. Não havia se arriscado

acolhendo os que tinham o sangue de Sorcha? Acolhendo o que Cabhan cobiçava e

caçava?

Ela merecia gratidão, lealdade e respeito.

Mas o que existia em Brannaugh ansiava por liberdade. Escolhas precisavam ser

feitas.

Brannaugh tinha visto o irmão voltar do rio com os peixes e o falcão. Sentiu-o testar

seu poder afastado da vista de quem estava na cabana – como fazia com frequência.

Como Teagan também fazia. Ailish, conversando sobre as geleias que haviam preparado

naquele dia, não sentiu nada. A prima bloqueava a maior parte do que possuía – o que

intrigava Brannaugh – e só usava o pouco que se permitia para adoçar geleias ou obter

ovos maiores das galinhas.

Brannaugh disse a si mesma que valia a pena o sacrifício, a espera para descobrir

mais, aprender mais, ser mais. Seu irmão e sua irmã estavam seguros ali – como sua mãe

queria. Teagan, cuja tristeza fora incalculável durante dias e semanas, ria e brincava. Ela

realizava suas tarefas alegremente, cuidava dos animais e cavalgava como uma guerreira

seu grande Alastar cinza.

Talvez algumas noites chorasse em seu sono, mas bastava Brannaugh se juntar a ela

para acalmá-la.

Exceto quando vinham os sonhos com Cabhan. Eles vinham para Teagan, Eamon e ela

própria. Agora com mais frequência e mais nítidos, tão nítidos que Brannaugh havia

começado a ouvir o eco da voz dele após acordar.

Escolhas deviam ser feitas. Essa espera, esse abrigo, de uma forma ou outra

poderiam precisar ter um fim.

Ao anoitecer, ela lavou e esfregou batatas recém-colhidas. Mexeu o ensopado que

cozinhava em fogo brando e acompanhou com batidinhas do pé enquanto o homem de sua

prima tocava a pequena harpa.

A cabana era quente e aconchegante, um lugar feliz repleto de cheiros bons, vozes

alegres e a risada de Ailish pondo a filha mais nova no quadril para dançar.

Família, pensou Brannaugh de novo. Bem alimentada e cuidada em uma cabana

quente e aconchegante com ervas secando na cozinha e bebês de bochechas rosadas.

Isso deveria contentá-la – como queria que contentasse!

Viu os olhos de Eamon, do mesmo azul vivo dos do pai, e sentiu o poder dele

estimular o seu. Eamon via demais, pensou. Demais se não se lembrasse de bloquear seu

poder.

Deu-lhe um cutucão nas costas – um aviso para cuidar de seus próprios assuntos. Do

modo como as irmãs faziam, sorriu quando ele se assustou.

Depois da refeição noturna houve panelas para serem lavadas e crianças para serem

postas na cama. Mabh, a mais velha, com sete anos, como sempre se queixou de que não

estava com sono. Seamus logo se acomodou com seu sorriso sonhador. Os gêmeos que

ela mesmo ajudara a trazer ao mundo chilravam um com o outro como passarinhos. A

jovem Brighid pôs seu reconfortante polegar na boca e dormiu antes que a mãe a

deitasse.

Brannaugh se perguntou se Ailish sabia que ela e o bebê de rosto angelical estariam

mortos não fosse a magia. O parto, tão doloroso, tão *errado*, os teria feito se esvair em

sangue sem o poder, a cura, o acompanhamento e as ações de Brannaugh.

Embora elas nunca falassem sobre isso, achava que Ailish sabia.

Ailish se aprumou, com uma das mãos nas costas e a outra sobre o próximo bebê em

seu útero.

– Boa noite e bons sonhos para todos. Brannaugh, você tomaria um pouco de chá

comigo? Estou precisando de seu chá calmante porque este aqui está chutando muito esta

noite.

– Claro. Vou fazer um pouco para você. – E acrescentar o feitiço, como sempre fazia,

para saúde e parto fácil. – Ele está bem e saudável e suponho que dará mais trabalho do

que os gêmeos juntos.

– Com certeza é um menino – disse Ailish enquanto elas desciam do sótão usado para

dormir. – Posso sentir isso. Até hoje ainda não errei.

– E não está errada desta vez. Precisa descansar mais, prima.

– Uma mulher com seis filhos e um a caminho não consegue descansar muito. Estou

bem o suficiente. – Seu olhar se fixou no de Brannaugh para confirmação.

– Certamente está, mas ainda assim precisa descansar mais.

– Você é de grande ajuda e conforto para mim, Brannaugh.

– Espero que sim.

Havia algo ali, pensou Brannaugh enquanto se ocupava do chá. Sentia o nervosismo

da prima, o que a deixava nervosa.

– Agora que estamos na estação da colheita você poderia se dedicar às suas costuras.

Isso é necessário e relaxante para você. Posso cuidar da cozinha. Teagan e Mabh

ajudarão. E, para falar a verdade, Mabh já é uma ótima cozinheira.

– Sim, claro que é. Estou muito orgulhosa dela.

– Com as garotas cuidando da cozinha, Eamon e eu poderemos ajudar nosso primo a

caçar. Sei que você prefere que eu não maneje o arco e a flecha, mas não é sensato cada

um de nós fazer o que faz bem?

O olhar de Ailish se desviou por um momento.

Sim, pensou Brannaugh, ela sabe. E, mais do que isso, sente o peso de nos pedir para

não sermos o que somos.

– Eu gostava muito da sua mãe.

– Ah, e ela gostava muito de você.

– Nós tínhamos nos vistos pouco nos últimos anos. Ainda assim sua mãe me enviava

mensagens, ao modo dela. Na noite em que Mabh nasceu, o pequeno cobertor que minha

filha ainda segura para dormir estava lá, bem no berço que Bardan fez para ela.

– Quando ela falava sobre você, era com amor.

– Ela os enviou para mim. Você, Eamon e Teagan. Ela me apareceu em um sonho e me

pediu para lhes dar um lar.

– Você nunca me contou – murmurou Brannaugh.

Levou o chá para a prima e se sentou com ela perto da lareira.

– Dois dias antes de vocês virem, ela me pediu isso.

Com as mãos juntas no colo sobre saias tão cinza quanto seus olhos, Brannaugh olhou

para o fogo e disse:

– Demoramos oito dias para chegar aqui. O espírito dela veio até você. Gostaria de

poder vê-la de novo, mas só a vejo em sonhos.

– Ela está com você. Eu a vejo em você. Em Eamon, em Teagan, mas principalmente

em você. A força e a beleza dela. O amor feroz pela família. Agora você é uma mulher.

Está em uma idade em que deve começar a pensar em constituir uma família.

– Eu tenho uma família. – rebateu Brannaugh.

– A sua, como sua mãe fez. Um lar, querida, um homem para trabalhar a terra para

você, bebês seus.

Ela bebericou chá enquanto Brannaugh continuava em silêncio.

– Fial é um homem gentil, um homem bom. Foi bom para a esposa enquanto ela

viveu, isso posso lhe garantir. Ele precisa de uma esposa, uma mãe para seus filhos. Tem

uma boa casa, muito maior do que a nossa. Fial a ofereceria para você e a abriria para

Eamon e Teagan.

– Como eu poderia me casar com Fial? Ele é... – *Velho* foi o primeiro pensamento

dela, mas se deu conta de que não era mais velho do que Bardan.

– Ele daria uma vida boa para você, Eamon e Teagan. – Ailish pegou sua costura,

ocupando as mãos. – Eu nunca falaria sobre isso com você se achasse que não a trataria

com gentileza, sempre. Fial é bonito, Brannaugh, e tem uma boa conduta. Você vai sair

com ele?

– Eu... Prima, não penso em Fial dessa forma.

– Talvez se sair com ele pense. – Ailish sorriu ao dizer isso, como se soubesse de um

segredo. – Uma mulher precisa de um homem que seja provedor, que a proteja e lhe dê

filhos. Um homem gentil com uma boa casa, um rosto agradável...

– Você se casou com Bardan porque ele era gentil?

– Eu não teria me casado com ele se não fosse. Apenas pense sobre isso. Nós

diremos a Fial que vamos esperar até depois do equinócio para falar com você a esse

respeito. Pense. Fará isso?

– Sim.

Brannaugh se levantou.

– Ele sabe quem eu sou?

Ailish baixou os olhos cansados.

– Você é a filha mais velha da minha prima.

– Ele sabe quem eu sou, Ailish?

O poder que Brannaugh possuía e reprimia se agitava nela. Incitado pelo orgulho. E a

luz que brincava em seu rosto não vinha só do brilho do fogo.

– Eu sou a filha mais velha da Bruxa da Noite de Mayo. E antes de ela sacrificar a

vida, sacrificou o próprio poder, passando-o para mim, Eamon e Teagan. Nós somos os

três. Somos bruxos da noite.

– Você é uma criança...

– Uma criança quando se trata de magia, poder. Mas uma mulher quando você fala em

casamento com Fial.

A verdade fez as bochechas de Ailish ficarem quentes e vermelhas.

– Brannaugh, minha querida, você não tem se sentido feliz aqui nesses últimos anos?

– Sim, tenho. E muito grata.

– Parentes se ajudam sem nenhuma necessidade de gratidão.

– Sim. Parentes se ajudam.

Pondo outra vez a costura de lado, Ailish segurou as mãos de Brannaugh.

– Você estaria segura, filha da minha prima. E se sentiria feliz. Acredito que seria

amada. Poderia desejar mais?

– Eu sou mais – disse Brannaugh em voz baixa, e subiu para o sótão.

MAS BRANNAUGH NÃO CONSEGUIU DORMIR. FICOU DEITADA QUIETA AO lado de Teagan,

esperando que as vozes baixas de Ailish e Bardan se calassem. Ambos falariam sobre

esse casamento, esse bom e sensato casamento. Eles se convenceriam de que a relutância

dela era apenas nervosismo juvenil.

Assim como tinham se convencido de que ela, Eamon e Teagan eram crianças como

quaisquer outras.

Brannaugh se levantou em silêncio, calçou as botas macias e se cobriu com o xale.

Precisava de ar. De ar, da noite e da lua.

Desceu do sótão e abriu a porta sem fazer barulho.

Kathel, o cão que dormia perto da lareira, se esticou e, sem hesitação, saiu na frente

dela.

Agora Brannaugh podia respirar, com o ar fresco da noite em seu rosto e o silêncio

apaziguando o caos dentro dela. Ali, enquanto pudesse conservá-la, estava a liberdade.

Ela e o fiel cão se esgueiraram como sombras por entre as árvores. Brannaugh ouviu

o murmúrio do rio e o suspiro do vento passando pelas árvores, sentiu o cheiro de terra e

viu a fumaça de turfa na lareira saindo pela chaminé da cabana.

Podia lançar o círculo, tentar evocar o espírito da mãe. Precisava dela esta noite.

Havia cinco anos não chorava, não se permitia uma única lágrima. Queria se sentar no

chão, com a cabeça no colo da mãe, e chorar.

Pôs uma das mãos sobre o amuleto que usava – a imagem do cão que a mãe conjurara

com amor, magia e sangue.

Permanecera fiel ao seu sangue, ao que existia nela? Abraçara as próprias

necessidades, vontades e paixões? Ou havia posto isso de lado como um

brinquedo

abandonado e feito o que garantiria a segurança e o futuro de seu irmão e sua irmã?

– Mãe – murmurou –, o que devo fazer? O que gostaria que eu fizesse? Você nos deu

a vida. Eu posso fazer menos?

Ela sentiu a expansão, a junção do poder como um entrelaçamento de dedos. Virando-

se, olhou para as sombras. Com o coração disparando, pensou: *Ma*.

Mas foi Eamon quem saiu para o luar, segurando a mão de Teagan.

A irritação causada pelo desapontamento tornou a voz de Brannaugh cortante como

uma lâmina.

– Vocês deviam estar na cama. No que estão pensando ao perambularem pela floresta

à noite?

– No mesmo que você – retrucou Eamon.

– Eu sou a mais velha.

– Eu sou o chefe da família.

– A coisa miúda entre suas pernas não o torna o chefe da família.

Teagan deu uma risadinha e depois correu e se atirou na irmã.

– Não fique zangada. Você precisava que nós viéssemos. Estava em meu sonho.

Chorava.

– Eu não estou chorando.

– Aqui. – Teagan tocou no coração de Brannaugh. Seus olhos escuros profundos, tão

parecidos com os da mãe, examinaram o rosto da irmã. – Por que está triste?

– Eu não estou triste. Só saí para pensar. Para ficar sozinha e pensar.

– Você pensa alto demais – murmurou Eamon, ainda aborrecido com o comentário

sobre a “coisa miúda”.

– E você deveria ter boas maneiras e não ouvir os pensamentos dos outros.

– Como posso evitar quando você os *grita*?

– Parem. Não vamos brigar. – Teagan podia ser a mais nova, mas não lhe faltava

determinação. – Não vamos brigar – repetiu. – Brannaugh está triste, Eamon está sendo

como um homem pisando em brasas e eu... estou me sentindo como me sinto quando

como pudim de mais.

– Está se sentindo mal? – A raiva de Brannaugh desapareceu. Ela olhou nos olhos de

Teagan.

– Não dessa maneira. Algo está... desequilibrado. Sinto isso. Acho que você sente. E

sente mesmo. Então não vamos brigar. Somos uma família. – Ainda segurando a mão de

Brannaugh, Teagan procurou a de Eamon. – Irmã, diga-nos por que está triste.

– Eu... quero lançar um círculo. Quero sentir a luz em mim. Quero lançar um círculo e

me sentar à sua luz com vocês. Vocês dois.

– Quase nunca fazemos isso – disse Teagan. – Porque Ailish prefere que não

façamos.

– E ela nos acolheu. Nós lhe devemos respeito na casa dela. Mas não estamos na

casa dela agora e ela não precisa saber. Preciso da luz. Preciso falar com vocês dentro

do nosso círculo, onde ninguém pode ouvir.

– Eu vou lançá-lo. Eu pratico – disse-lhe Teagan. – Quando saio montada em Alastar,

eu pratico.

Com um suspiro, Brannaugh passou a mão pelos cabelos claros da irmã.

– Isso é bom. Lance o círculo, *deifiúr bheag*, irmãzinha.



2

BRANNAUGH OBSERVOU O MODO COMO TEAGAN PUXAVA LUZ E FOGO para fora de si mesma

e agradecia à deusa enquanto formava o círculo. Um círculo grande o suficiente para

incluir Kathel, pensou, divertida e grata.

– Você se saiu bem. Eu teria lhe ensinado mais, só que...

– Respeitou Ailish.

– E também tem medo – interpôs Eamon – de que, se usarmos demais nosso poder,

com muita força, ele fique sabendo e venha.

– Sim. – Brannaugh se sentou no chão e pôs um dos braços ao redor de Kathel. – Ela

nos queria em segurança. Abriu mão de tudo por nós. De seu poder, sua vida. Acreditava

que o destruiria e ficaríamos seguros. Não tinha como saber que qualquer magia negra

que ele possa ter negociado seria capaz de fazê-lo ressurgir das cinzas.

– Mais fraco.

Ela olhou para Eamon e assentiu.

– Sim, mais fraco. Então. Ele... absorve poder, eu acho. Encontrará outros, o tirará

deles e se fortalecerá. Ela nos queria em segurança. – Brannaugh respirou fundo. – Fial

quer se casar comigo.

Eamon ficou boquiaberto.

– Fial? Mas ele é velho.

– Não mais do que Bardan.

– Velho!

Brannaugh riu e sentiu um pouco do aperto em seu peito diminuir.

– Parece que os homens querem esposas jovens. Para que possam lhes dar muitos

filhos e ainda querer se deitar com eles e cozinhar para eles.

– Você não vai se casar com Fial – disse Teagan, decidida.

– Ele é gentil, e não é feio. Tem uma casa e uma fazenda maior do que a de Ailish e

Bardan. Acolheria vocês dois.

– Você não vai se casar com Fial – repetiu Teagan. – Você não o ama.

– Eu não procuro amor e tampouco preciso dele.

– Deveria procurar, mas, mesmo se você fechar os olhos, ele a encontrará. Esqueceu-

se do amor entre nossos pais?

– Não me esqueci. Não acho que vou encontrar algo assim para mim mesma. Talvez

um dia você encontre. É tão bonita e inteligente!

– Ah, vou encontrar. – Teagan assentiu sabiamente. – Assim como você encontrará, e

Eamon também. E passaremos o que somos, o que possuímos, para aqueles que vierem

de nós. Nossa mãe queria isso. Queria que nós vivêssemos.

– Nós viveríamos, e bem, se eu me casasse com Fial. Eu sou a mais velha – lembrou-

os Brannaugh. – Cabe a mim decidir.

– Ela me encarregou de protegê-la. – Eamon cruzou os braços sobre o peito. – Eu

proíbo isso.

– Não vamos brigar. – Teagan segurou as mãos deles e as apertou com força. Chamas

surgiram por entre os dedos juntos. – E não vão tomar conta de mim. Não sou um bebê,

Brannaugh, estou com a mesma idade que você tinha quando deixamos nossa casa. Você

não vai se casar para me dar uma casa. Não vai negar o que você é, ignorar seu poder.

Você não é Ailish, mas Brannaugh, filha de Sorcha e Daithi. É uma bruxa da noite e

sempre será.

– Um dia nós o destruiremos – prometeu Eamon. – Um dia vingaremos nossos pais e

destruiremos até mesmo as cinzas em que o transformarmos. Nossa mãe me disse que

nós, ou aqueles que vierem de nós, o destruirão, mesmo que isso demore mil anos.

– Ela lhe disse?

– Hoje de manhã. Ela apareceu para mim enquanto eu estava no rio, na neblina e no

silêncio. Eu a encontro lá quando preciso dela.

– Ela aparece para mim apenas em sonhos. – Lágrimas não derramadas causaram um

nó na garganta de Brannaugh.

– Você reprime muito quem você é. – Para acalmá-la, Teagan acariciou os cabelos da

irmã. – Para não aborrecer Ailish, para nos proteger. Talvez só lhe permita aparecer em

sonhos.

– Ela aparece para você? – murmurou Brannaugh. – Não apenas em sonhos?

– Às vezes quando cavalgo Alastar, vamos bem para dentro da floresta e fico quieta,

muito quieta, ela aparece. Canta para mim como cantava quando eu era pequena. Foi

nossa mãe quem me disse que teremos amor, teremos filhos. E, por meio de nosso sangue,

derrotaremos Cabhan.

– Então devo me casar com Fial para ter uma criança, o descendente que dará fim a

ele?

– Não! – Pequenas chamas brilharam nas pontas dos dedos de Teagan antes de ela se

lembrar do controle. – Não existe amor. Primeiro vem o amor e depois a criança. É desse

modo.

– Esse não é o único modo.

– É o nosso modo. – Eamon segurou a mão de Brannaugh de novo. – Isso será do

nosso modo. Seremos o que temos de ser, faremos o que temos de fazer. Se não

tentarmos, eles terão se sacrificado por nós em vão. Morrido em vão. Você quer isso?

– Não. Não. Eu quero matá-lo. Quero o sangue dele, a morte dele. – Agitada,

Brannaugh apertou o rosto contra o pescoço de Kathel e se acalmou com o calor dele. –

Acho que parte de mim morreria se eu rejeitasse quem sou. Mas sei que minha totalidade

morreria se eu fizesse uma escolha que prejudicasse qualquer um de vocês.

– Nós escolheremos, todos nós – disse Eamon. – Um por três. Precisávamos deste

tempo. Nossa mãe nos enviou aqui para que o tivéssemos. Agora não somos mais

crianças. Acho que deixamos de ser quando saímos de casa naquela manhã sabendo que

nunca a veríamos de novo.

– Nós tínhamos poder. – Brannaugh respirou fundo e se aprumou. Embora fosse mais

jovem, um garoto, seu irmão falava a verdade. – Ela nos deu mais. Eu pedi a vocês dois

para não manifestarem o poder.

– Você estava certa em pedir, embora o despertássemos de vez em quando –

acrescentou Eamon com um sorriso. – Precisávamos do tempo aqui, mas esse tempo está

chegando a um fim. Sinto isso.

– Eu também – murmurou Brannaugh. – Então me perguntei se isso significava casar

com Fial. Mas não, vocês dois têm razão. Não fui feita para a fazenda. Não fui feita para

magia de cozinha e jogos de salão. Nós olharemos, aqui dentro do círculo. Olharemos,

veremos. E saberemos.

– Juntos? – O rosto de Teagan brilhou de alegria quando ela perguntou, e Brannaugh

soube que reprimira a si mesma, à sua irmã e ao seu irmão por tempo de mais.

– Juntos.

Brannaugh pôs as mãos em concha e trouxe o poder para cima, para fora. E

abaixando as mãos como água caindo, fez o fogo.

E ao usar aquela primeira habilidade aprendida, a pureza da magia fluiu através dela.

Parecia que tinha respirado profundamente pela primeira vez em cinco anos.

– Você possui mais agora – afirmou Teagan.

– Sim. O poder esperou. Eu esperei. Nós esperamos. Não esperaremos mais. Através

das chamas e da fumaça, nós o procuraremos, veremos onde ele se esconde. Você

enxerga mais longe – disse ela para Eamon. – Mas tenha cuidado. Se Cabhan souber que

procuramos por ele, nos verá.

– Sei o que fazer. Podemos atravessar o fogo, voar sobre a água e a terra, para onde

ele está. – Eamon pôs a mão na pequena espada do seu lado. – Podemos matá-lo.

– Isso exigirá mais do que sua espada. Com todo o poder que possuía, nossa mãe não

conseguiu destruí-lo. Isso exigirá mais, e encontraremos mais. No devido tempo. Por

enquanto, vamos apenas olhar.

– Nós podemos voar. Alastar e eu. Nós... – A voz de Teagan ficou fraca quando ela

viu o olhar penetrante de Brannaugh. – Isso só... aconteceu um dia.

– Somos o que somos. – Brannaugh balançou a cabeça. – Eu nunca devia ter me

esquecido disso. Agora vamos olhar. Através do fogo, através da fumaça, invisíveis,

como invocamos. Para procurar e encontrar, cegamos os olhos de Cabhan, que derramou

nosso sangue. Agora nosso poder aumenta, como um dilúvio. Que assim seja.

Eles se deram as mãos e juntaram sua luz.

Chamas se moveram; a fumaça se dissipou.

Lá, bebendo vinho de uma taça de prata, estava Cabhan. Seus cabelos escuros lhe

caíam até os ombros brilhando à luz das velas.

Brannaugh viu paredes de pedra cobertas de ricas tapeçarias e uma cama de dossel

com cortinas de veludo azul profundo.

À vontade, pensou ela. Cabhan havia encontrado conforto e riquezas – isso não a

surpreendia. Ele usava seus poderes para ganho próprio, prazer e morte. Para qualquer

que fosse seu objetivo.

Uma mulher entrou no quarto. Usava um manto suntuoso e tinha cabelos escuros como

a noite. Enfeitiçada, pensou Brannaugh ao ver o olhar cego dela.

E ainda assim... havia alguma força ali, um pouco, percebeu Brannaugh. Tentando

romper os grilhões que a aprisionavam.

Cabhan não falou, só apontou com a mão para a cama. A mulher se dirigiu para lá,

tirou o manto e ficou em pé por um momento, sua pele branca como o luar que brilhava.

Atrás daqueles olhos cegos, Brannaugh viu a batalha travada, a amargura, a luta para

se libertar. Fugir.

Por um momento Eamon perdeu o foco. Nunca vira uma mulher totalmente nua, não

uma com seios tão grandes. Do mesmo modo que suas irmãs, sentiu aquela força

aprisionada – como uma ave branca em uma caixa negra. Toda aquela pele despida,

aqueles seios generosos e macios, o triângulo fascinante de pelos entre as pernas dela.

Seriam como os cabelos na cabeça? Ele desejou desesperadamente tocar lá e saber.

Cabhan ergueu a cabeça como um lobo farejando o ar. Levantou-se tão rápido que

derrubou a taça de prata, derramando vinho vermelho como sangue.

Brannaugh torceu os dedos de Eamon de modo doloroso. Embora ele gritasse,

vermelho como o fogo, recuperou seu foco.

Ainda assim, por um momento, um terrível momento, os olhos de Cabhan pareceram

olhar diretamente nos dele.

Então Cabhan foi até a mulher. Agarrou, apertou e lhe torceu os seios. O rosto da

mulher revelou dor, mas ela não gritou.

Não podia gritar.

Ele lhe apertou os mamilos, torcendo-os até lágrimas rolarem pelo rosto da mulher e

lhe marcar a pele branca. Bateu-lhe e a jogou de barriga para cima na cama. Sangue

escorreu do canto da boca mulher, mas ela só olhou.

Com um movimento rápido da mão ele ficou nu, com o pênis ereto. O membro

pareceu brilhar, mas não com luz. Com escuridão. Eamon sentiu que era como gelo – frio,

cortante e horrível. E Cabhan o introduziu na mulher como uma lança enquanto lágrimas

escorriam pelo rosto e sangue pingava da boca da mulher.

Algo dentro de Eamon explodiu de indignação – uma fúria cruel ao ver uma mulher

ser tratada daquela maneira. Quase avançou através daquele fogo, daquela fumaça, mas

Brannaugh agarrou a mão do irmão com muita força.

E enquanto Cabhan a estuprava – porque era isso que estava fazendo –, Eamon sentiu

os pensamentos dele. Pensamentos em Sorcha e o terrível desejo por ela que nunca

reprimira. Pensamentos em... Brannaugh. Em Brannaugh, e como faria isso com ela, e

mais. E pior. Como a faria sofrer antes de lhe tirar o poder. Como lhe tiraria o poder

antes de lhe tirar a vida.

Brannaugh apagou o fogo depressa e pôs fim à visão. E igualmente rápido agarrou

Eamon pelos dois braços.

– Eu disse que nós não estávamos prontos. Acha que não o senti se preparando para

vir até nós?

– Ele machucou aquela mulher. Tomou sua força e seu corpo contra a vontade dela.

– Cabhan quase o encontrou. Sentiu algo tentando chegar até ele.

– Eu o mataria só pelos pensamentos dele. Cabhan nunca vai tocar em você como fez

com ela.

– Ele queria machucá-la. – A voz de Teagan era a de uma criança. – Mas estava

pensando na nossa mãe, não nela. Depois pensou em você.

– Os pensamentos de Cabhan não podem me machucar. – Mas em seu íntimo eles a

haviam abalado. – Ele nunca fará comigo ou com vocês o que fez com aquela pobre

mulher.

– Podíamos tê-la ajudado?

– Ah, Teagan, não sei.

– Nós não tentamos. – As palavras de Eamon foram de censura. – Você me manteve

aqui.

– Pela sua vida, pela nossa, por nosso objetivo. Acha que não sinto o que você sente?

– Até mesmo o medo secreto foi sufocado por uma onda gelada de raiva. – Não fazer

nada foi como levar mil punhaladas. Ele tem poder. Não o que tinha, mas diferente. Não

mais, na verdade menos, e ainda assim diferente. Não sei como combatê-lo. Ainda não.

Nós não sabemos, Eamon, e temos de saber.

– Ele está vindo. Não esta noite, não amanhã, mas virá. Ele sabe que você... – Eamon

corou de novo e desviou seu olhar.

– Ele sabe que posso ter filhos – completou Brannaugh. – Ele pensa em ter um filho

comigo. Nunca terá. Mas está vindo. Também sinto isso.

– Então devemos partir. – Teagan encostou a cabeça no flanco de Kathel. – Nunca

devemos trazê-lo aqui.

– Devemos partir – concordou Brannaugh. – Devemos ser o que somos.

– Para onde iremos?

– Para o sul. – Brannaugh olhou para Eamon buscando confirmação.

– Sim, o sul, porque ele ainda está no norte. Continua em Mayo.

– Nós encontraremos um lugar e lá aprenderemos mais, descobriremos mais. E um

dia voltaremos para casa.

Brannaugh se levantou, segurou as mãos de ambos de novo e deixou o poder faiscar

de uma para outra.

– Juro pelo nosso sangue que voltaremos para casa.

– Juro pelo nosso sangue que nós destruiremos, ou os que vierem de nós destruirão,

até mesmo a lembrança dele – disse Eamon.

– Juro pelo nosso sangue que nós somos os três e sempre seremos – disse Teagan.

– Agora vamos fechar o círculo, mas nunca mais reprimiremos quem somos, o que

possuímos, o que nos foi dado. – Brannaugh soltou as mãos deles. – Partiremos amanhã.

COM OS OLHOS LACRIMEJANTES, AILISH OBSERVOU BRANNAUGH GUARDAR o xale.

– Eu lhe imploro para ficar. Pense em Teagan. Ela é apenas uma criança.

– Tem a idade que eu tinha quando viemos para cá.

– Você era uma criança – disse Ailish.

– Eu era mais. Nós somos mais, e devemos ser quem somos.

– Eu a assustei falando em Fial. Você não pode pensar que a obrigaríamos a se casar.

– Não. Ah, não. – Então Brannaugh se virou e segurou as mãos da prima. – Vocês

nunca fariam isso. Não é por causa de Fial que estamos indo embora, prima.

Virando-se, Brannaugh guardou o resto de suas coisas.

– Sua mãe não desejaria isso para vocês.

– Minha mãe desejaria que fôssemos para casa, felizes e seguros com ela e nosso pai.

Mas não era para ser assim. Minha mãe deu a vida por nós e nos deu seu poder. Esse era

seu plano para nós. Devemos viver nossas vidas, abraçar nosso poder, realizar nosso

objetivo.

– Para onde vocês vão?

– Para Clare, eu acho. Por enquanto. Nós voltaremos. E iremos para casa. Sinto que

isso é tão real quanto a vida. Ele não virá aqui.

Ela se virou e encarou a prima com olhos enevoados.

– Ele não virá aqui ou fará mal a você ou a qualquer um dos seus. Isso eu lhe juro

pelo sangue da minha mãe.

– Como pode saber?

– Eu sou um dos três. Sou uma bruxa da noite de Mayo, a filha mais velha de Sorcha.

Ele não virá aqui machucar você ou os seus. Vocês estão protegidos por toda a vida. Eu

cuidei disso. Não os deixaria desprotegidos.

– Brannaugh...

– Você se preocupa. – Brannaugh pôs as mãos sobre as da prima, que repousavam na

barriga dela. – Eu não lhe disse que seu filho está bem e saudável? O parto será fácil e

rápido. Isso posso lhe garantir, e garanto. Mas...

– O quê? Você deve me contar.

– Como você me ama, ainda teme o que possuo. Mas deve confiar em mim. Seu filho,

esse por vir, deve ser o último. Ele será saudável e o parto correrá bem. Mas o próximo

não. Se houver um próximo, você não sobreviverá.

– Eu... Você não pode saber. Não posso negar ao meu marido o leito matrimonial. Ou

a mim mesma.

– Você não pode negar aos seus filhos a mãe deles. Perder a mãe é um sofrimento

terrível, Ailish.

– Deus decidirá.

– Deus lhe deu sete filhos, mas o preço de outro será sua vida e também a do

bebê.

Faça o que eu digo, porque a amo.

Ela tirou um frasco de seu bolso.

– Fiz isto para você. Só para você. Guarde-o. Uma vez por mês, no primeiro dia da

menstruação, tome apenas um gole. Você não conceberá nem mesmo depois de tomar o

último gole, porque estará feito. Você viverá. Seus filhos terão uma mãe. Você viverá

para acalentá-los.

Ailish pôs as mãos na barriga.

– Eu ficarei estéril.

– Você cantará para seus filhos e os filhos deles. Deitará com seu homem por prazer.

Vocês se alegrarão com as vidas preciosas que trouxeram ao mundo. A escolha é sua,

Ailish.

Ela fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, tinham ficado muito escuros.

– Você o chamará de Lughaidh. Ele terá pele e cabelos claros, e olhos azuis. Será um

garoto forte com um sorriso fácil e a voz de um anjo. Um dia viajará, andará sem destino

e usará a voz para ganhar a vida. Ele se apaixonará pela filha de um fazendeiro e voltará

para casa com ela para trabalhar a terra. E você ouvirá a voz de Lughaidh nos campos,

porque ele sempre será alegre.

Brannaugh deixou a visão se dissipar.

– Eu vi o que pode ser. Você deve escolher.

– Esse é o nome que eu escolhi para ele – murmurou Ailish. – Nunca contei para

ninguém. – Ela pegou o frasco. – Vou fazer o que você diz.

Contraindo os lábios, Ailish tirou uma sacolinha do bolso.

– Leve isto.

– Não vou aceitar suas moedas.

– Você *vai*. – Lágrimas rolavam, escorrendo-lhe pelo rosto como chuva. – Acha que

não sei que salvou a mim e Conall no parto? E que mesmo agora pensa em mim e nos

meus? Você me deu alegria. Trouxe Sorcha para mim quando senti falta dela, porque a vi

em você dia após dia. Aceitará as moedas e me jurará que ficarão seguros e voltarão.

Todos vocês, porque são meus como eu sou de vocês.

Compreendendo-a, Brannaugh enfiou a sacolinha no bolso de sua saia e depois beijou

os dois lados do rosto de Ailish.

– Eu juro.

Lá fora, Eamon fazia o possível para seus primos rirem. Eles lhe pediram para

não ir,

é claro, perguntaram por que tinha de fazer isso, tentaram negociar com ele. Então ele

contou histórias das grandes aventuras que teria, combatendo dragões e caçando sapos

mágicos. Viu Teagan caminhando com uma chorosa Mabh e a viu lhe dar uma boneca de

pano que fizera.

Desejou que Brannaugh se apressasse, porque a despedida era um tormento. Alastar

estava pronto. Eamon – afinal de contas o chefe da família – decidira que suas irmãs

iriam a cavalo e ele iria a pé.

Não aceitara discussões.

Bardan saiu do pequeno estábulo conduzindo Slaine – agora a velha Slaine, porque a

égua reprodutora passara do seu apogeu.

– Os dias dela como reprodutora acabaram – disse Bardan de seu modo cuidadoso. –

Mas ela é uma boa garota e lhes servirá bem.

– Ah, mas não posso tirá-la de você. Você precisa...

– Um homem precisa de um cavalo. – Bardan pôs a mão calosa no ombro de Eamon.

– Você fez o trabalho de um homem na fazenda, então leve-a. Eu daria Moon para

Brannaugh se pudesse abrir mão dele, mas você levará a velha Slaine aqui.

– Sou muito grato a você por Slaine e por todo o resto. Prometo que a tratarei como

uma rainha.

Por um momento Eamon se permitiu ser apenas um garoto e atirou os braços ao redor

do primo, o homem que fora um pai para ele durante metade de sua vida.

– Voltaremos um dia.

– Façam isso.

Quando tudo terminou – as despedidas, os votos de uma viagem segura e as lágrimas

–, ele montou a égua, com a espada e a bainha de seu pai firmes contra a sela. Brannaugh

montou atrás de Teagan e se abaixou para beijar Ailish uma última vez.

Eles cavalgaram para longe da fazenda que fora seu lar por cinco anos, para longe de

sua família e para o sul na direção do desconhecido.

Eamon olhou para trás, acenou quando eles acenaram e se viu mais abalado com a

partida do que havia esperado. Então Roibeard o chamou do alto e traçou um círculo no

céu antes de se lançar rumo ao sul.

Era para ser, concluiu Eamon. Esse era o momento.

Ele diminuiu um pouco seu ritmo e ergueu a cabeça para Teagan.

– Então, como a nossa Slaine está se sentindo sobre tudo isso?

Teagan abaixou os olhos para a égua e depois levantou a cabeça.

– Ah, sem dúvida é uma grande aventura para Slaine e ela nunca pensou em ter outra.

Está orgulhosa e grata. Será leal até o fim de seus dias e fará tudo o que puder por você.

– Também farei tudo o que puder por ela. Cavalgaremos durante a metade do dia

antes de pararmos para os cavalos descansarem e comermos o primeiro dos biscoitos de

aveia que Ailish enfardou para nós.

– É isso que vamos fazer? – perguntou Brannaugh.

Ele ergueu o queixo.

– Você é a mais velha, mas eu tenho a coisa, não importa quanto possa achá-la miúda,

o que de modo algum é. Roibeard mostrará o caminho e nós o seguiremos.

Brannaugh ergueu os olhos e observou o voo do falcão. Depois olhou para Kathel,

que se movia rapidamente ao lado de Alastar como se pudesse andar o dia inteiro e

durante toda a noite.

– Seu guia, o meu e o de Teagan. Sim. Nós o seguiremos. Ailish me deu algumas

moedas, mas não vamos gastá-las se não for preciso. Ganharemos as nossas próprias.

– E como faremos isso?

– Sendo quem somos. – Brannaugh ergueu a mão com a palma virada para cima e fez

surgir uma pequena bola de fogo nela. Depois a bola desapareceu. – Nossa mãe usou seu

dom, cuidou de nós e de sua cabana. Sem dúvida podemos usar nosso dom, cuidar de nós

mesmos e encontrar um lugar para fazer ambas as coisas.

– Ouvi dizer que Clare é um lugar selvagem.

– E que lugar é melhor do que um selvagem para pessoas como nós? – A pura alegria

da liberdade aumentava a cada passo. – Nós temos o livro de nossa mãe, estudaremos e

aprenderemos. Faremos poções e curas. Ela me disse que um curandeiro sempre é bem-

vindo.

– Quando Cabhan vier, precisaremos de mais do que poções e curas.

– Que seja – disse Brannaugh para o irmão. – Então aprenderemos. Ficamos seguros

durante cinco anos na fazenda. Se nossos guias nos levarem para Clare, como parece que

levarão, poderemos ter mais cinco anos seguros lá. Tempo suficiente para aprender,

planejar. Quando formos para casa de novo, estaremos mais fortes do que Cabhan

imagina.

Eles cavalgaram durante a metade do dia, sob chuva. Uma chuva suave e

constante

que caía de um céu arroxeado e triste. Pararam para os cavalos descansarem, lhes deram

água e dividiram biscoitos de aveia, separando alguns para Kathel.

Com a chuva veio o vento enquanto eles continuavam a jornada, passando por uma

pequena fazenda com uma cabana de cuja chaminé saía uma fumaça com cheiro de turfa.

Lá poderiam ser acolhidos e talvez dessem chá e um lugar ao fogo. Lá dentro estaria

quente e seco.

Mas Kathel continuou andando, Roibeard a voar em círculos e Alastar em momento

algum diminuiu o ritmo.

E até mesmo a luz fraca começou a morrer enquanto o dia se transformava em noite.

– Slaine está cansada – murmurou Teagan. – Ela não vai pedir para parar, mas está

cansada. Seus ossos doem. Não podemos deixá-la descansar um pouco, encontrar um

lugar seco e...

– Ali! – Eamon apontou para a frente.

Perto da trilha lamacenta estava o que podia ter sido um antigo lugar de adoração.

Agora sagrado, queimado até a pedra chamuscada por homens que não paravam de

destruir o que aqueles que subjugavam tinham construído.

Roibeard circundou o lugar, chamando, chamando, e Kathel saltou para a frente.

– Pararemos ali para passar a noite. Faremos uma fogueira e os animais descansarão,

assim como nós.

Brannaugh assentiu para o irmão.

– As paredes estão em pé... pelo menos a maior parte delas está. Devem nos proteger

do vento e nos permitir descansar. O dia já está quase terminando. Devemos agradecer a

Mordan, e a Magon, que veio dela.

Eles descobriram que uma das paredes tombara para dentro, mas as outras estavam

em pé. Como até mesmo alguns degraus, que Eamon imediatamente testou e subiam em

um círculo para o que havia sido um segundo nível. Qualquer madeira que tivesse sido

usada havia queimado até virar cinzas e sido soprada pelos ventos. Mas era um abrigo

razoável e, Brannaugh sentiu, o lugar certo.

Esse seria o lugar onde passariam a primeira noite, o equinócio, quando a luz e a

escuridão se equilibravam.

– Vou cuidar dos cavalos. – Teagan pegou as rédeas de ambos os animais. – Afinal de

contas, os cavalos são meus. Vou cuidar deles, se vocês arrumarem um lugar,

espero que

seco, e acenderem um bom fogo.

– É o que faremos. Agradeceremos e depois tomaremos chá e comeremos um pouco

da carne-seca de cervo antes de...

Ela se interrompeu quando Roibeard se precipitou para baixo, pousou em uma

estreita saliência na pedra e deixou cair uma gorda lebre aos pés de Eamon.

– Bem, agora teremos um banquete. Vou limpá-la enquanto Teagan cuida dos cavalos

e Brannaugh do fogo.

Um lugar seco, pensou Brannaugh. Colocando para trás o capuz de sua capa,

imaginou um. Evocou quem era, pensou na ausência de umidade e emitiu um calor tão

forte que quase queimou todos eles antes que pudesse diminuí-lo.

– Desculpem-me. Eu nunca tinha feito isso.

– É como tirar uma rolha de uma garrafa – concluiu Eamon. – O que continha saiu

rápido demais.

– Sim.

Brannaugh foi mais devagar, com muito cuidado. Ela não se importava com a

umidade, mas Teagan estava certa. Os ossos da velha égua doíam e até mesmo ela podia

sentir isso.

Reduziu a umidade, devagar, apenas um pouco, mais um pouco. A alegria disso a fez

vibrar. Estava solta, livre. Depois o fogo. Mágico esta noite. Em outras noites, como a

mãe deles lhes ensinara, alguém juntava a lenha e o produzia. Mas, esta noite, seria o

fogo de Brannaugh.

Ela o trouxe e manteve aceso.

– Alguns biscoitos de aveia e vinho – disse para os irmãos. – Uma oferenda de

agradecimento para os deuses pelo equilíbrio do dia com a noite e ciclo do

renascimento. E por este lugar de descanso.

– Atirem no fogo – disse-lhes. – Os biscoitos, e depois o vinho. Partilhamos essas

pequenas coisas convosco e, como vossos servos, vos agradecemos.

– Nesta hora em que o dia encontra a noite abraçamos a escuridão e a luz – continuou

Eamon, sem saber ao certo de onde tinham vindo essas palavras.

– Aprenderemos a resistir e lutar, a usar nossos dons para o que é certo e direito –

acrescentou Teagan.

– E neste lugar e nesta hora nós nos abrimos ao poder que recebemos. A partir de

agora e para sempre ele será livre. Como nós seremos. Que assim seja.

O fogo se ergueu em uma torre, vermelho, laranja e dourado, com um centro azul

ardente. Mil vozes sussurraram nele e o chão estremeceu. Então o mundo pareceu

suspirar.

O fogo estava contido em um círculo meticulosamente disposto no chão de pedra.

– Isso é quem somos – disse Brannaugh, ainda brilhando com o choque de energia. –

É o que temos. Agora as noites serão mais longas. A escuridão dominará a luz. Mas ele

não nos dominará.

Brannaugh sorriu, seu coração leve como não estivera desde a manhã em que eles

tinham ido embora de casa.

– Precisamos fazer um espeto para a lebre. Teremos um banquete esta noite, nosso

primeiro. E descansaremos quentes e secos até continuarmos nossa jornada.

EAMON SE ENCOLHEU PERTO DO FOGO, SUA BARRIGA CHEIA E SEU CORPO quente e seco. E

continuou a jornada.

Sentiu-se se erguer e voar. Para o norte. Para casa.

Como Roibeard, pairou sobre as colinas, os rios e os campos onde o gado mugia e as

ovelhas pastavam.

Áreas e mais áreas verdes na direção de casa com o sol surgindo discretamente entre

as nuvens.

Com o coração muito leve. Indo para casa.

Mas não o lar. Não o verdadeiro lar, percebeu quando se viu no chão de novo. A

floresta era tão familiar – mas não. Havia algo diferente. Até mesmo o ar era diferente e,

contudo, o mesmo.

Tudo isso o deixou tonto e fraco.

Começou a andar, assoviando para seu falcão. Seu guia. A luz mudou, diminuiu. A

noite estava vindo tão rápido?

Mas não era a noite, percebeu. Era a névoa.

E, com ele, o lobo que era Cabhan.

Escutou o uivo e estendeu a mão para pegar a espada do avô. Mas ela não estava ao

seu lado. Ele era um garoto, com os tornozelos afundados na névoa, desarmado, enquanto

o lobo com a pedra dourada brilhando no pescoço saía da névoa. E se tornava um

homem.

– Bem-vindo de volta, jovem Eamon. Tenho esperado por você.

– Você matou meu pai e minha mãe. Vim vingá-los.

Cabhan deu uma gargalhada ressonante que gelou a espinha de Eamon.

– Você tem humor e não há nada de errado com isso. Então venha vingá-los, seu pai

morto e a bruxa morta que o pariu. Eu terei o que você tem e depois possuirei suas irmãs.

– Você nunca tocará no que é meu.

Eamon caminhou em círculos, tentando pensar. A névoa foi aumentando e obscureceu

tudo, a floresta, a trilha e sua mente. Agarrou o ar e o arremessou, abrindo um caminho

frágil e estreito. Cabhan riu de novo.

– Mais perto. Venha para mais perto. Sinta quem sou.

Eamon sentiu a dor e o poder disso. E medo. Tentou produzir fogo, mas ele saiu fraco

e se transformou em cinzas. Quando Cabhan estendeu as mãos, Eamon ergueu seus punhos

para lutar.

Roibeard veio como uma flecha, com as garras e o bico rasgando aquelas mãos

estendidas. O sangue correu negro enquanto o homem uivava e se a transformava de novo

no lobo.

E outro homem saiu da névoa. Alto, com cabelos castanhos molhados da umidade e

olhos profundos e verdes cheios de poder e fúria.

– Corra – disse ele para Eamon.

– Não vou correr de alguém como ele. Não posso.

O lobo arranhou o chão e mostrou os dentes em um terrível sorriso.

– Segure a minha mão.

O homem agarrou a mão de Eamon. Luz explodiu como sóis, poder voou como mil

asas batendo. Cego e surdo, Eamon gritou. Só havia poder, cobrindo-o, preenchendo-o,

explodindo dele. Então, com um rugido estrondoso, a névoa se foi, o lobo se foi e só

ficou o homem que agarrava a mão dele.

O homem caiu de joelhos, ofegante, com o rosto pálido e os olhos cheios de magia.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Sou Eamon, filho de Daithi e Sorcha. Sou um dos três. Sou o Bruxo da Noite de

Mayo.

– Como eu. Eamon. – Com um sorriso trêmulo, o homem tocou os cabelos e o rosto

de Eamon. – Sou seu descendente. Você está fora do seu tempo, rapaz, está no meu. Eu

sou Connor, do clã O’Dwyer. Sou descendente de Sorcha e de você. Um dos três.

– Como posso saber se isso é verdade?

– Eu tenho o seu sangue e você tem o meu. Você sabe. – Connor tirou o amuleto e o

tocou, e era o mesmo que Eamon usava.

E o homem ergueu um braço. Roibeard pousou na luva de couro que ele usava.

Não Roibeard, percebeu Eamon. E, contudo...

– Meu falcão. Não o seu, mas com o mesmo nome. Peça-lhe o que quiser. Ele é tanto

seu quanto meu.

– Este não é... meu lugar.

– Sim, é, não no seu tempo, mas seu lugar. Sempre será.

Lágrimas fizeram os olhos de Eamon arder e a barriga dele estremeceu com uma

ânsia pior do que a fome.

– Nós voltamos para casa?

– Sim.

– Nós o derrotaremos, vingaremos nossos pais?

– Nós o derrotaremos. Nunca pararemos até isso ser feito. Eu lhe dou a minha

palavra.

– Eu gostaria de... Eu vou voltar. Sinto isso. Brannaugh está me chamando de volta.

Você me salvou de Cabhan.

– Penso que salvá-lo me salvou.

– Connor, dos O’Dwyer. Nunca me esquecerei.

E ele voou sobre as colinas de novo até o suave, suave amanhecer, e se sentou ao

lado do fogo de Brannaugh com as duas irmãs o sacudindo.

– Parem! Minha cabeça está girando sobre o resto de mim.

– Ele está tão pálido! – disse Teagan. – Aqui, aqui, vou lhe preparar um chá.

– Chá seria bom. Eu parti em uma jornada. Não sei como, mas fui para casa, mas

não

era o lar. Preciso refletir sobre isso. Mas sei de algo que não sabia. Algo que nós não

sabíamos.

Ele bebeu avidamente um pouco da água que Brannaugh lhe entregou e depois afastou

o odre de novo.

– Ele não pode sair de lá. Cabhan. Ele não pode sair, ou se afastar. Quanto mais

longe de casa, mais longe de onde ele negociou seus novos poderes e menores eles se

tornam. Se sair de lá, corre o risco de morrer. Não pode nos seguir.

– Como você sabe disso? – perguntou Brannaugh.

– Eu... vi isso na mente dele. Não sei como. Vi isso lá, esse ponto fraco. Conheci um

homem, ele é um dos nossos. Eu... – Eamon respirou fundo e fechou os olhos por um

momento. – Deixem-me beber um pouco de chá, está bem? Um pouco de chá e depois

tenho uma história para lhes contar. Ainda ficaremos aqui um pouco e eu lhes contarei

tudo. Então, sim, sim, vamos para o sul aprender, crescer e planejar. Porque ele não

poderá nos tocar. Não poderá tocar em vocês.

Qualquer que fosse o garoto que Eamon tinha sido, era um homem agora. E o poder

ainda fervilhava dentro dele.



3

OUTONO DE 2013

QUANDO CONNOR ACORDOU MAIS CEDO DO QUE GOSTAVA, NÃO esperava encontrar um

ancestral, ou o maior inimigo de seu sangue. E certamente não imaginava começar o dia

com uma explosão de magia que quase o derrubou no chão.

Mesmo assim, gostou do inesperado.

Com o dia nascendo, não havia nenhuma esperança de que sua irmã estivesse

ocupada na cozinha. E ele tinha amor de mais à própria pele para se arriscar a acordá-la

e sugerir que lhe preparasse o café da manhã.

Além disso, estranhamente não estava com fome, já que sempre acordava pronto para

quebrar o jejum. Em vez disso, sentia uma estranha energia, uma necessidade de sair e

caminhar.

Então assoviou para seu falcão e, tendo Roibeard como companhia, foi na direção da

névoa e das árvores.

E do silêncio.

Ele não era um homem que precisasse muito de silêncio. Na maior parte do tempo

preferia o barulho, as conversas e o calor de companhia. Mas nesse suave amanhecer o

chamado de seu falcão, o movimento do coelho no mato e o suspiro da brisa matinal

foram suficientes para ele.

Pensou em caminhar até Ashford Castle, deixar Roibeard pairar sobre o campo

aberto de lá – e isso seria emocionante para qualquer hóspede que acordasse cedo.

Emoções movimentavam os negócios, e ele tinha um para dirigir na escola de

falcoaria.

Seu objetivo era exatamente esse até sentir a agitação do poder, por dentro e por fora.

O seu próprio aumentando sem que o evocasse e a mancha escura do que era Cabhan

estragando a beleza dos pinheiros orvalhados.

E algo mais, algo mais.

Deveria ter chamado seu círculo – a irmã, o primo e os amigos, mas algo o fez seguir

em frente, pelo caminho, por entre as árvores, até se aproximar da sebe e da árvore

derrubada para além das quais estavam as ruínas da cabana que fora de Sorcha. Para

além de onde ele e seu círculo tinham lutado contra Cabhan na noite do solstício de

verão.

Ali a névoa se espalhou e o poder pulsou, o poder da escuridão contra o da luz. Ele

viu o garoto e pensou apenas em protegê-lo. Não poderia permitir que fosse feito mal a

um inocente.

Mas o garoto, embora inocente o bastante, tinha algo mais.

Agora que a névoa se fora levando com ela Cabhan e Connor voltara ao próprio

tempo e lugar, o garoto ficou onde estava – de joelhos no chão úmido, tentando recuperar

o fôlego.

Seus ouvidos ainda vibravam com o que soava como mundos explodindo. Seus olhos

ainda ardiam de uma luz mais brilhante do que dez sóis.

E o poder que surgiu com a junção das mãos zumbia através dele.

Levantou-se devagar, um homem alto e esguio com uma cabeleira castanha cacheada,

o rosto ainda pálido e os olhos profundos e verdes como musgo revelando o que ainda se

agitava dentro dele.

Melhor ir para casa, pensou. Voltar. Porque o que viera com o solstício e se

escondera até o equinócio ainda estava à espreita.

Ainda estava com as pernas um pouco bambas, percebeu, sem saber se devia achar

graça ou ficar constrangido. Seu falcão veio batendo as asas e pousou em um galho.

Pousou, observou e esperou.

– Vamos – disse Connor. – Acho que fizemos o que tínhamos de fazer esta manhã. E

agora... Deus, estou morrendo de fome.

O poder, pensou Connor começando a andar. A pura força dele o esgotara. Virando-

se na direção de casa, pressentiu o cão de sua irmã segundos antes de Kathel correr na

direção dele.

– Você também sentiu isso, não é? – Ele acariciou a grande cabeça preta de Kathel e

continuou. – Eu ficaria surpreso se toda Mayo não tivesse sentido seu impacto. Minha

pele ainda está zumbindo como se meus ossos estivessem cobertos de abelhas.

Mais firme, e com o cão e o falcão, Connor saiu das sombras da floresta para a

manhã perolada. Roibeard voava em círculos acima de sua cabeça enquanto ele seguia

pela estrada com Kathel na direção do chalé. Um segundo falcão gritou e Connor avistou

Merlin, de seu amigo Fin.

Então um bater de cascos quebrou o silêncio, e Connor parou, esperou e sentiu uma

nova agitação ao ver a prima Iona e seu amigo Boyle montados no grande Alastar cinza.

E Fin também, galopando com eles em seu Baru preto reluzente.

– Precisaremos de mais ovos – gritou ele, sorrindo. – E mais um ou dois pedaços de

bacon.

– O que aconteceu? – Iona, com seus cabelos curtos bagunçados pela noite de sono,

abaixou-se para tocar no rosto dele. – Eu sabia que você estava seguro, se não teríamos

vindo ainda mais rápido.

– Vocês quase voaram e nenhum de vocês está usando uma sela. Vou lhes contar lá

dentro. Eu poderia comer três porcos e uma vaca.

– Cabhan.

Fin, com seus cabelos pretos como o pelo de seu cavalo e seus olhos verde-escuros

como de Connor quando tomado pelo poder, virou-se para olhar para as árvores.

– Ele e mais. Mas Iona tem razão. Eu estou bem, só com muita fome enquanto estamos

aqui na estrada. Vocês sentiram isso – acrescentou quando recomeçou a andar.

– Se sentimos? – Boyle abaixou os olhos para Connor. – Isso me acordou de um sono

pesado e nem tenho o que vocês três têm. Não tenho magia em mim e ainda assim me

atingiu como uma flecha. – Ele apontou com a cabeça para o chalé. – E parece que Meara

também.

Connor olhou e viu Meara Quinn, sua amiga da vida inteira e a melhor amiga de sua

irmã andando a passos largos na direção deles – alta e exuberante como uma deusa em

suas calças de pijama de flanela e sua velha jaqueta, e com seus longos cabelos

castanhos emaranhados.

Ela parecia uma pintura, mas sempre parecera, pensou ele.

– Ela passou a noite aqui – disse Connor para os outros. – Ficou no seu quarto

enquanto você passava a noite na casa de Boyle, prima – explicou, dirigindo-se a Iona. –

Bom dia, Meara.

– Bom dia. Que diabos aconteceu?

– Vou contar para vocês todos. – Ele pôs um braço ao redor da cintura de Meara. –

Mas preciso comer.

– Branna disse que você precisaria, e já está cuidando disso. Ela está abalada, e

fingindo não estar. Pareceu um maldito terremoto, mas dentro de mim. Esse é um modo

horrível de acordar.

– Vou cuidar dos cavalos. – Boyle desmontou de Alastar. – Entre, ponha algo na sua

barriga.

– Obrigado.

Sorrindo de novo, Connor ergueu os braços para Iona poder descer do dorso de

Alastar. Então ela o abraçou.

– Você me assustou – murmurou ela.

– Não foi a única a se assustar.

Ele beijou o alto da cabeça da bela prima americana, a última dos três. E, dando-lhe

a mão, entrou no chalé.

O cheiro de bacon, café e pão quente atingiu sua barriga como um soco. Naquele

momento ele estava mais interessado em comer do que em viver – e precisava comer

para viver.

Kathel foi na frente para a cozinha, onde Branna trabalhava ao fogão. Ela havia

prendido os cabelos pretos e ainda usava as calças de pijama de flanela florida e a blusa

folgada com que dormira. Só isso já demonstrava seu amor, refletiu Connor, porque em

geral ela trocaria de roupa e se arrumaria um pouco sabendo que teriam companhia –

principalmente a de Finbar Burke.

Sem dizer nada, Branna deu as costas para o fogão e lhe entregou um prato com ovos

fritos e uma torrada.

– Obrigado, querida.

– Isso preencherá o pior do vazio. Estou fazendo mais. Você está frio – disse ela

em

voz baixa.

– Eu não havia notado, mas é verdade, estou. Um pouco frio.

Antes de Branna poder sacudir a mão na direção da lareira da cozinha, Fin fez isso e

o pequeno fogo se acendeu.

– Você está tremendo um pouco. Sente-se, pelo amor de Deus, e coma como um ser

humano – disse de forma enérgica Meara, que quase o empurrou para uma cadeira à

mesa.

– Não vou dispensar a preocupação e, para falar a verdade, eu morreria por um café.

– Vou buscar. – Iona dirigiu-se rapidamente ao bule.

– Ah, que homem pode se queixar com três mulheres lindas mimando-o? Obrigado,

mo chroi, minha querida – acrescentou quando Iona lhe deu o café.

– Você não será mimado por muito tempo, isso eu posso lhe garantir. Sentem-se,

todos vocês – ordenou Branna. – Já estou acabando de fritar o bacon. Quando a barriga

de Connor estiver cheia o suficiente para acalmá-lo, ele vai ter de explicar muito bem

por que não me chamou.

– Foi tudo muito rápido. Eu teria chamado você, todos vocês. Acho que eu não era o

alvo da maldade de Cabhan. Ele não veio por mim esta manhã.

– E então veio por quem, se nós estávamos dormindo?

Quando Branna ia erguer uma enorme travessa de comida para levar para a mesa, Fin

apenas a tirou dela.

– Sente-se e ouça. Sente-se – repetiu ele antes de Branna poder retrucar. – Você está

tão abalada quanto ele.

No minuto em que a bandeja tocou a mesa, Connor começou a pôr ovos, salsichas,

bacon, torradas e batatas no prato, formando uma pequena montanha.

– Eu acordei cedo e cheio de disposição – começou Connor, e contou tudo para eles

em meio a mordidas entusiasmadas.

– Eamon? – perguntou Branna. – O filho de Sorcha? Aqui e agora? Tem certeza?

– Tanto quanto de que conheço minha irmã. No início apenas pensei nele como um

garoto no caminho de Cabhan, mas, quando toquei em sua mão... Nunca senti nada igual,

nunca. Nem mesmo com você, Branna, ou com você e Iona juntas. Nem mesmo no

solstício quando o poder era gritante, tão grande, pleno e brilhante. Não consegui contê-

lo, não consegui controlá-lo. Passou por mim como um cometa. Pelo garoto também, mas

ele se agarrou a mim e ao poder. Ele é raro.

– E quanto a Cabhan? – perguntou Iona.

– Ele o atingiu – disse Fin. – Senti isso. – Distraído, ele pôs uma das mãos no ombro,

onde o sangue de Cabhan marcara sua carne. Seu coração. – Surpreendeu-o e o deixou

tão abalado quanto você ficou, isso posso lhe garantir.

– Então ele se arrastou para longe, como a cobra que é? – Boyle mexeu nos ovos em

seu prato.

– Sim – confirmou Connor. – Ele se foi, levando a névoa, e então só ficamos eu e o

garoto. Depois só eu. Mas... ele era eu, e eu era ele... Éramos partes de um. Isso eu soube

quando nos demos as mãos. Mais do que sangue. Não o mesmo, mas... mais do que

sangue. Por um momento, pude ver dentro dele, como um espelho.

– O que você viu? – perguntou Meara.

– Amor, sofrimento e coragem. Medo, mas disposição de enfrentá-lo por suas irmãs e

seus pais. De fato, por nós. Era apenas um garoto, eu diria, que com não mais de dez

anos. Mas naquele momento irradiava um poder que ainda não tinha aprendido a

controlar.

– Isso foi como quando eu visitei Vovó? – perguntou Iona, pensando em sua avó

nos

Estados Unidos. – Uma espécie de projeção astral? Mas não exatamente, não é? Com a

viagem no tempo, foi muito mais do que isso. A viagem no tempo que pode acontecer

perto da cabana de Sorcha. Você não estava perto da cabana de Sorcha, estava, Connor?

– Não, ainda estava do lado de fora da clareira. Mas perto – considerou ele. Talvez

perto o suficiente. Tudo isso é novo. Mas sei com certeza que não era o que Cabhan

esperava.

– Pode ter sido ele quem trouxe o garoto, Eamon – sugeriu Meara. – Arrastou-o de

seu próprio tempo para o nosso, tentando separá-lo de suas irmãs, lidar com um garoto

em vez de com um homem, como o maldito covarde que é. Do modo como você disse que

isso aconteceu, Connor, se não tivesse aparecido ele poderia ter matado o garoto, ou

certamente o ferido.

– Isso é verdade. Eamon foi corajoso, por Deus, ele foi. Não quis correr quando eu

lhe disse para fazer isso, mas estava confuso, com medo e ainda não era capaz de lutar

sozinho.

– Então você, que nunca sai de manhã de barriga vazia, acordou e saiu – disse

Branna. – Chamou seu falcão. O dia mal havia nascido? – Ela balançou a cabeça. – Algo

o chamou lá. A conexão entre você e Eamon, ou a própria Sorcha. Uma mãe ainda

protegendo seu filho.

– Sonhei com Teagan – lembrou-lhes Iona. – Com ela cavalgando Alastar até a

cabana, o túmulo da mãe, e enfrentando Cabhan lá, tirando sangue dele. Ela é minha,

como Eamon é de Connor.

Branna assentiu enquanto Iona olhava para ela.

– Sim, como Brannaugh e Branna. Sonho com Brannaugh com frequência. Mas não é

nada assim. Isso é útil, deve ser. Encontraremos um modo de usar o que aconteceu aqui, o

que sabemos. Ele se escondeu desde o solstício.

– Nós o ferimos – disse Boyle, examinando os outros com seus olhos castanho-

amarelados. – Naquela noite ele sangrou e se queimou, como nós. Até mais, eu acho.

– Ele teve o resto do verão para se curar, se recompor. E esta manhã tentou tirar o

poder do garoto e...

– Acabar com você – Fin interrompeu Branna. – Matar o garoto para Connor nunca

existir? É bem possível que seja isso. Mude o passado e mudará o presente.

– Bem, nisso ele fracassou por completo. – Connor terminou o bacon e suspirou. – E

eu me sinto não só humano de novo como muito bem. É uma pena não podermos

confrontar o desgraçado agora.

– Você precisa de mais do que uma frigideira de comida em sua barriga para

confrontá-lo. – Meara se levantou e recolheu os pratos. – Todos nós precisamos. Nós o

ferimos no solstício, e isso foi bom, mas não acabamos com ele. O que deixamos passar?

Não é disso que precisamos? O que não fizemos que temos de fazer?

– Ah, a mente prática.

– Alguém precisa ser prático – retrucou Meara.

– Ela está certa. Eu li com atenção o livro de Sorcha. – Branna balançou a cabeça. –

O que fizemos, o que tínhamos, como o planejamos, deveria ter funcionado.

– Ele mudou o campo de batalha – lembrou-lhe Boyle. – Voltou no tempo e mudou o

palco da guerra.

– E ainda assim não consigo descobrir o que poderíamos acrescentar a isso. – Branna

olhou na direção de Fin, por apenas um segundo. Ele balançou a cabeça sutilmente para

ela. – Então continuaremos a procurar.

– Não, sente-se. – Iona pegou mais pratos antes de Connor poder fazer isso. –

Considerando sua aventura ao amanhecer, você está dispensado do trabalho na cozinha.

Talvez eu não tivesse sido forte ou habilidosa o suficiente no verão passado.

– Você precisa ser lembrada do redemoinho que evocou? – perguntou-lhe Boyle.

– Isso foi mais instinto do que habilidade, mas estou aprendendo. – Ela relanceou os

olhos para Branna.

– Sim, você está muito bem. Não é o elo fraco, se é isso que está pensando, nunca foi.

Cabhan sabe mais do que nós e esse é o problema. Vive, ao modo dele, há centenas de

anos.

– Isso o torna mais velho – interpôs Meara –, não mais inteligente.

– Nós temos livros e lendas passados de geração para geração. Mas Cabhan viveu

isso tudo e, portanto, sendo mais inteligente ou não, sabe mais. E o que possui é profundo

e sombrio. Seu poder não tem regras como o nosso. Ele faz mal a quem bem entende.

Sendo quem somos, nunca poderíamos fazer isso.

– A fonte do poder de Cabhan, a pedra que usa pendurada no pescoço, como lobo ou

homem. Se for destruída ele será destruído. Eu sei disso – afirmou Fin, batendo com o

punho na mesa. – Sei que isso é verdade, mas não sei como pode ser feito. Ainda.

– Descobriremos como. Precisamos descobrir, e descobriremos – disse Connor.

Quando Connor estendeu o braço sobre a mesa para pôr sua mão sobre a de Branna,

Fin se ergueu e se juntou aos outros na cozinha em meio ao tilintar de pratos e ao som de

água na pia.

– Preocupar-se comigo não vai ajudar, e não é necessário. Eu não preciso olhar para

ver – acrescentou Connor.

– E se ele tivesse machucado você e o garoto, como ficaríamos?

– Bem, ele não machucou, não é? E, aqui, entre nós, lhe demos um belo chute no saco.

Estou aqui, Branna, como sempre. Esse é nosso objetivo, por isso estou aqui.

– Você é uma pedra no meu sapato. – Sua mão se virou sob a do irmão até os dedos

deles se entrelaçarem. – Mas estou acostumada com você. Tenha cuidado, Connor.

– Eu terei, é claro. Tenha você também.

– Todos nós precisamos ter.

CONNOR ACHOU GRAÇA E FICOU COMOVIDO QUANDO MEARA COMEÇOU A acompanhá-lo

assim que ele saiu de casa para a escola de falcoaria.

– Então vai deixar seu caminhão aqui?

– Vou. Quero caminhar depois daquele café da manhã.

– Você está me dando proteção física. – Ele pôs um dos braços ao redor dos ombros

dela e a puxou de modo a seus quadris se baterem.

Meara havia se vestido para o trabalho nos estábulos, com calças grosseiras e

jaqueta, botas resistentes, e seus cabelos trançados apareciam sob o boné surrado.

E ainda assim parecia uma pintura, pensou ele, a Meara de olhos escuros com sangue

cigano.

– Você pode se proteger sozinho. – Ela ergueu os olhos e viu os falcões traçarem

círculos no céu pesado. – E eles estão de olho em você.

– Ainda assim estou feliz com sua companhia. E isso lhe dará tempo para me dizer o

que está deixando você preocupada.

– Acho que um bruxo louco empenhado em nos destruir é o suficiente.

– Algo mais a levou até Branna na noite passada e a fez dormir lá. É um homem que

está fazendo você sofrer? Quer que eu acabe com ele para você?

Ele flexionou um dos braços, cerrou o punho e o balançou ferozmente para fazê-la rir.

Então ela torceu o nariz.

– Como se eu não pudesse acabar com quem quisesse sozinha.

Ele riu também, de puro prazer, e bateu de novo com o quadril no dela.

– Não tenho nenhuma dúvida disso. Então o que foi, querida? Posso ouvir o

zumbido

em sua cabeça como uma colmeia de vespas zangadas.

– Você poderia parar de ouvir. – Mas ela relaxou o suficiente para se apoiar em

Connor por um momento, fazendo com que ele sentisse o cheiro do seu próprio sabonete

na pele dela. Uma coisa estranhamente agradável.

– É só que minha mãe está me deixando meio louca, o que é normal em minha vida.

Donal arranjou uma namorada.

– Fiquei sabendo – disse Connor, pensando no irmão mais novo dela. – Sharon, não

é? Que se mudou para Cong na primavera passada? É uma boa garota, pelo que tenho

visto. Tem um rosto bonito e sorri muito. Você não gosta dela?

– Eu gosto, e mais ainda porque Donal está louco por ela. É muito bom vê-lo tão

apaixonado e feliz com isso, e ela se sente da mesma maneira.

– Então qual é o problema?

– Ele está querendo sair de casa e morar com Sharon.

Connor pensou sobre isso enquanto eles caminhavam na bela manhã na direção do

trabalho que ambos amavam.

– Quantos anos ele tem? Vinte e quatro?

– Vinte e cinco. E sim, passou da hora de sair de casa. Mas agora minha mãe e minha

irmã Maureen conversaram e chegaram à terrível conclusão de que eu deveria voltar a

morar com ela.

– Bem, isso não vai dar certo, nem por um minuto.

– Não vai. – O suspiro de Meara era de alívio, porque ele entendia a simples e pura

verdade. – Mas elas estão construindo isso como se fossem um muro de tijolos. A culpa,

a pressão, a *lógica* do sangue como elas a veem. Ah, Maureen está dizendo que nossa

mãe não pode ficar sozinha e como eu sou a única, por assim dizer, desimpedida, devo

assumir o comando. E minha mãe concorda com ela dizendo que tem um quarto para mim,

que isso faria eu economizar o aluguel e como ela se sente sozinha sem um filho por

perto.

Ela enfiou as duas mãos nos bolsos.

– Droga.

– Quer minha opinião ou apenas minhas condolências?

Meara olhou de esguelha para ele, seus olhos castanhos brilhantes ao mesmo tempo

desconfiados e curiosos.

– Vou aceitar a opinião, embora eu possa atirá-la de volta na sua cara.

– Então lá vai. Fique aqui, querida. Você nunca foi feliz, não de verdade, até sair

de

casa.

– É isso que eu quero e o que sei que deveria fazer por mim mesma e minha sanidade,

mas...

– Se sua mãe está preocupada em ficar sozinha e se Maureen está preocupada com

sua mãe, que também é mãe dela, não seria uma boa ideia sua mãe se mudar para a casa

de Maureen e da família dela? Não seria de grande ajuda para Maureen ter a companhia

da sua mãe, com as crianças e todo o resto para cuidar?

– Por que não pensei nisso? – Meara se afastou tempo suficiente para dar um soco no

ombro de Connor e fazer uma dancinha. – Por que eu não pensei nisso?

– Você não consegue ver além da culpa. – Seguindo um velho hábito, Connor puxou a

longa e grossa trança dela. – Maureen não tem nenhum direito de pressioná-la a desistir

de seu apartamento, mudar sua vida só porque seu irmão está mudando a dele.

– Eu sei disso, mas também sei que minha mãe está quase paralisada. Está assim

desde que meu pai nos deixou. Ela fez o que pôde em uma situação terrível, mas fica

nervosa de dia e se preocupa à noite morando sozinha.

– Você tem dois irmãos e duas irmãs – lembrou-lhe Connor. – São cinco para

ajudar a

cuidar de sua mãe.

– Os espertos foram embora, não é? Só ficamos eu e Donal. Mas posso plantar na

cabeça da minha mãe a semente da ideia de ir morar com Maureen. No mínimo isso

deveria assustar Maureen e fazê-la se calar por um tempo.

– Então faça isso.

Connor se virou, como ela, na direção dos estábulos.

Meara parou.

– Aonde você vai?

– Vou levá-la até o trabalho.

– Não preciso de proteção física, obrigada. Siga em frente. – Ela pôs um dedo no

peito dele e lhe deu um pequeno empurrão. – Você tem seu próprio trabalho para fazer.

Não havia nada de maléfico no dia – Connor não sentia nada. E depois do conflito do

início da manhã, achou que Cabhan estaria encolhido em alguma caverna escura, se

recuperando.

– Já temos cinco caminhadas para observação de falcões agendadas para hoje e

poderemos ter outras antes de o dia terminar. Talvez eu a veja nas trilhas.

– Talvez.

– Se você me enviar uma mensagem de texto quando terminar seu trabalho, eu a encontrarei aqui e a acompanharei até o chalé.

– Vamos ver o que acontece. Tome cuidado, Connor.

– Tomarei. Sempre tomo.

Como as sobrancelhas de Meara tinham se juntado, ele beijou o espaço entre elas e depois se afastou a passos largos. Parecendo, na opinião de Meara, um homem sem nenhuma preocupação no mundo em vez de um com o peso do mundo nos ombros.

Um otimista até os ossos, pensou ela, invejando-o um pouco.

Mas tirou seu telefone do bolso enquanto pegava o caminho para os estábulos e seu dia de trabalho.

– Bom dia, Mãe. – E, sorrindo para si mesma, se preparou para dar um chute no traseiro de sua irritante irmã.



4

CONNOR PASSOU PELO PORTÃO DOS FUNCIONÁRIOS, DIRIGINDO-SE à escola de falcoaria.

Como sempre, sentiu um estremecimento – um pouco como asas batendo – em seu coração, sua pele. Sempre havia sido o falcão para ele. Aquela conexão, como seu

poder, vinha do sangue.

Preferiria passar um tempo andando pelas áreas cercadas e pelo aviário,

cumprimentar os falcões e a grande coruja que chamavam de Brutus apenas para ver – e

ouvir – como todos eles estavam.

Mas o modo como começara seu dia significava que já estava alguns minutos

atrasados. Viu um de seus funcionários, Brian – magro como um mastro de bandeira e que

mal completara 18 anos – checando a comida e água das aves.

Então apenas olhou ao redor para se certificar de que tudo estava bem e se dirigiu

aos escritórios, passando pela área cercada onde sua assistente, Kyra, mantinha o bonito

spaniel dela na maioria dos dias.

– Como vai você hoje, Romeo?

Em resposta, o cão balançou todo o corpo, pegou com a boca uma bola azul roída e a

levou para a cerca, cheio de esperança.

– Isso vai ter de ficar para depois.

Connor entrou no escritório e encontrou Kyra, com seus cabelos curtos azul-safira,

ocupada no teclado.

– Você está atrasado.

Embora ela só medisse 1,57 metro, tinha uma voz como uma buzina de nevoeiro.

– Que bom que eu sou o patrão, não é?

– Fin é o patrão.

– Que bom que eu tomei o café da manhã com ele, e ele sabe onde eu estava. –

Connor bateu com o punho de leve no alto da cabeça de Kyra enquanto ia para uma

escrivaninha coberta de formulários, pranchetas, papéis, folhetos, uma luva

sobressalente, uma correia, uma tigela com pedrinhas e outros restos.

– Já temos outra reserva para esta manhã. Uma dupla. Pai e filho, e o garoto só tem

16 anos. Eu o escalei para essa porque você é melhor com adolescentes do que Brian ou

Pauline. Eles vão chegar às dez. Americanos.

Ela parou e lançou um olhar de reprovação para Connor com seu rosto redondo e

muito sardento.

– Dezesseis anos, e eu gostaria de saber por que não está na escola.

– Você complica tanto as coisas, Kyra. É instrutivo, não é? Viajar para outro país

para aprender sobre falcões?

– Isso não ensina a somar dois mais dois. Sean só vai chegar ao meio-dia, caso tenha

se esquecido. Ele vai levar a esposa ao médico.

Connor ergueu os olhos, porque tinha se esquecido.

– Está tudo bem com ela e o bebê?

– Sim. Ela quer que ele vá porque hoje podem descobrir se é menina ou menino.

Isso

coloca Brian no horário das nove com a mulher de Donegal, você às dez e Pauline às dez

e meia com um casal de Dublin em lua de mel.

Kyra digitou ruidosamente no teclado enquanto organizava a agenda da manhã.

Embora tendesse a ser mandona e enérgica, era perita em fazer uma dúzia de coisas ao

mesmo tempo.

E – o único problema para Connor – esperava que todos fizessem o mesmo.

– Eu o escalei para outra caminhada às duas da tarde – acrescentou ela. –

Americanos também, um casal de Boston. Eles acabaram de chegar de uma estada em

Dromoland, em Clare, e vão passar três dias em Ashford antes de seguir viagem. Estão

tirando três semanas de férias para comemorar o vigésimo quinto aniversário de

casamento.

– Então às dez e às duas.

– Eles estão casados desde que eu nasci. Isso é algo a considerar.

Ouvindo distraído, Connor se sentou para examinar a papelada que não podia deixar

a cargo dela.

– Seus pais estão casados há ainda mais tempo, considerando-se que você é a mais

nova.

– Pais são diferentes – disse Kyra, decidida, embora ele não pudesse ver de que

forma.

– Ah, e Brian está dizendo que esta manhã um terremoto quase o fez cair da cama.

Connor ergueu os olhos, seu rosto calmo.

– Um terremoto, é?

Kyra deu um sorriso afetado, ainda digitando, as unhas pintadas de cor-de-rosa forte

brilhante.

– Brian jura que toda a casa balançou. – Ela revirou os olhos, apertou a tecla

Imprimir e se virou para pegar uma prancheta. – E ele concluiu que foi alguma

conspiração, porque não foi houve nenhuma palavra sobre isso na TV. Apenas algumas

menções, segundo ele, na Internet. Brian passou de um terremoto para um teste nuclear de

uma potência estrangeira em um estalar de dedos. Ele vai fazer um estardalhaço sobre

isso com você como fez comigo.

– E sua cama não balançou?

Ela deu um sorriso.

– Não com um terremoto.

Connor riu e voltou à papelada.

– E como está Liam?

– Muito bem. Acho que eu poderia me casar com ele.

– É nesse ponto que estão as coisas?

– Poderia ser, porque em algum momento você tem de começar a contar aqueles

aniversários de casamento. Eu informarei Liam quando tiver me decidido.

Quando o telefone tocou estridentemente, ele deixou que Kyra atendesse e voltou a

arrumar parte de sua escrivaninha.

Então alguns sentiram, outros não, pensou. Alguns eram mais abertos a isso do que

outros. E alguns eram muito fechados.

Conhecia Kyra quase a vida inteira, refletiu, e ela sabia o que ele era – tinha de

saber. Mas Kyra nunca falava sobre isso. Apesar de seus cabelos azuis e da pequena

argola em sua sobrancelha esquerda, ela era fechada.

Connor trabalhou bastante concentrado até Brian entrar, conforme o previsto, cheio

de ideias sobre terremotos que provavelmente eram testes nucleares de alguma agência

governamental secreta ou talvez um sinal do apocalipse.

Ele deixou Brian e Kyra discutindo o assunto e foi escolher o falcão para a primeira

caminhada.

Como ninguém estava olhando, fez isso do modo rápido e simples. Apenas abriu o

aviário, olhou nos olhos do escolhido e ergueu seu braço enluvado.

O falcão veio e pousou, obediente como um cão bem treinado.

– Aqui está você, Thor. Pronto para trabalhar, não é? Se você se sair bem com Brian

esta manhã e mais tarde, e se eu puder, vou levá-lo para uma verdadeira caçada. O que

acha disso?

Depois de pôr a correia no falcão ele voltou para os escritórios, transferiu Thor para

o poleiro de espera e o prendeu lá.

Paciente, Thor fechou as asas e parou, vigilante.

– Acho que podemos nos molhar um pouco, mas não ficar ensopados – disse Connor

para Brian.

– O aquecimento global está deixando o clima estranho em todo o mundo. Isso pode

ter sido um terremoto.

– Terremoto não é clima – afirmou Kyra.

– Tudo está interligado – disse Brian em tom sombrio.

– Acho que você não verá mais do que chuva leve esta manhã. Se houver um

terremoto ou uma erupção vulcânica, traga Thor de volta. – Connor deu um tapinha no

ombro de Brian. – Lá estão seus clientes, no portão. Vá em frente, faça-os entrar e lhes

mostre o lugar. Levarei Roibeard e William na caminhada das dez, o que deixa Moose

para Pauline – disse ele para Kyra quando Brian se apressou a ir para o portão.

– Vou providenciar isso.

– Deixaremos Rex com Sean. Rex o respeita e ainda não tem o mesmo respeito por

Brian quando eles saem sozinhos. Levarei Merlin na caminhada das duas horas porque

ele não participa de uma há alguns dias.

– O falcão de Fin não está aqui.

– Ele está por perto – disse Connor. – E Pauline pode sair com Thor de novo esta

tarde. Brian ou Sean, quem você destinou para a última caminhada até agora, pode levar

Rex.

– E Nester?

– Ele não está bem disposto hoje. Vai tirar o dia de folga.

Ela apenas ergueu a sobrancelha com uma argola à avaliação que Connor fez do

falcão.

– Se você está dizendo...

– Estou.

O rosto redondo de Kyra perdeu seu sorriso e revelou preocupação.

– Ele precisa ser examinado?

– Não, não está doente, só mal-humorado. Mais tarde vou sair com ele, deixá-lo

voar

para melhorar seu estado de espírito.

Connor estava certo sobre a chuva, mas ela veio e se foi como frequentemente fazia.

Uma rápida pancada e um fino raio de sol através das nuvens.

Quando a dupla chegou, a chuva tinha passado, deixando o ar úmido e apenas um

pouco enevoado. Verdade fosse dita, pensou Connor passeando com pai e filho, isso

tornava o clima melhor para os americanos.

– Como você sabe qual é qual? – O garoto chamado Taylor, desengonçado, com

orelhas grandes e nós dos dedos proeminentes assumiu um ar leve de tédio.

– Os falcões de Harris são parecidos, mas cada um tem uma personalidade, um

estilo. Veja, lá está Moose. É grande, por isso recebeu esse nome, que significa alce. E

Rex, que está do lado dele e cujo nome significa rei, tem um ar majestoso.

– Por que eles não fogem quando você os leva para sair?

– Por que fariam isso? Eles têm uma vida boa aqui, na verdade uma vida ótima. E

também um trabalho bom e respeitável. Alguns nasceram aqui e este é o lar deles.

– Vocês os treinam aqui? – perguntou o pai.

– Sim, nós os treinamos desde filhotes. Eles nasceram para voar e caçar, não é? Com

treinamento adequado, recompensa, bondade e afeição podem ser treinados para fazer o

que nasceram para fazer e voltar para a luva.

– Por que vocês usam falcões de Harris para as caminhadas?

– Eles são sociáveis. E, mais do que isso, sua capacidade de manobra os torna uma

ótima escolha para esta região. Os falcões-peregrinos, está vendo? – Ele os levou até

uma grande ave cinza com marcas pretas e amarelas. – Eles sem dúvida são magníficos e

não há animal mais rápido no arremesso sobre a presa.

– Pensei que o mais rápido fosse a chita.

– O Apollo? – À menção do nome e associação sutil de Connor, o falcão abriu suas

grandes asas e impressionou o garoto o suficiente para ele ficar boquiaberto antes de dar

de ombros. – Ele pode ser mais rápido do que um felino, atingindo velocidades de 320

quilômetros por hora. Mas, apesar de toda a sua rapidez e beleza, o falcão-peregrino

precisa de espaço aberto, e o falcão de Harris é capaz de dançar entre as árvores. Está

vendo aqueles?

Ele os levou até lá.

– Eu mesmo só observei estes filhotes na última primavera e nós os treinamos na

escola até estarem prontos para voos livres. Um dos irmãos deles é William e estará com

vocês hoje, Sr. Leary.

– Tão jovem? Deve ter apenas cinco ou seis meses de idade.

– Nasceu para voar – disse Connor. Ele percebeu que perderia a atenção do garoto se

não apressasse as coisas. – Se vocês entrarem agora, encontrarão os falcões à sua

espera.

– Isso é uma experiência e tanto, Taylor. – O pai, que tinha 1,90 metro, pôs a mão no

ombro do filho.

– Que seja. Provavelmente vai chover de novo.

– Ah, acho que só ao entardecer. Então, Sr. Leary, tem parentes em Mayo?

– Pode me chamar de Tom. Ancestrais, segundo me disseram, mas que eu saiba

nenhum parente.

– Então são só você e seu filho?

– Não, minha esposa e minha filha foram fazer compras em Cong. – Ele sorriu e

revirou os olhos. – Isso pode ser um problema.

– Minha irmã tem uma loja em Cong. A Bruxa da Noite. Talvez elas entrem lá.

– Se tiver algo para vender, entrarão. Estamos pensando em fazer uma cavalgada

amanhã.

– Ah, vocês não poderiam ter uma ideia melhor. É um belo passeio. Diga-lhes que

Connor falou que será divertido.

Ele entrou e se virou para os poleiros.

– E aqui temos Roibeard e William. Roibeard é meu, mas será seu hoje, Taylor. Eu o

tenho desde que era um filhote. Tom, você pode assinar os formulários que Kyra

preparou enquanto apresento Roibeard a Taylor.

– Que tipo de nome é esse? – perguntou Taylor.

Ele não quer estar aqui, refletiu Connor. Preferiria estar em casa com seus amigos e

videogames.

– É o nome dele, um antigo. Ele descende de falcões que caçaram nesta mesma

floresta durante centenas de anos. Eis sua luva. Sem ela, por mais que Roibeard seja

esperto e habilidoso, as garras furariam sua pele. Você deve erguer seu braço assim, está

vendo? – Connor demonstrou, erguendo o braço esquerdo no ângulo certo. – E mantê-lo

parado enquanto caminhamos. Você só precisa erguê-lo para lhe assinalar para voar.

Primeiro eu o prenderei a uma correia até nós sairmos.

Connor sentiu o garoto tremer – nervosismo, excitação que tentava esconder – quando

fez o sinal para Roibeard pousar no braço enluvado.

– Como eu disse, o falcão de Harris é ágil, rápido e um caçador feroz. Mas, como

vamos levar estes pedaços de frango – ele deu um tapinha em sua bolsa –, ambos deixarão de lado qualquer ideia de perseguir pássaros ou coelhos. – E aqui para você,

Tom, está o jovem William. Ele é bonito e bem comportado. Gosta de poucas coisas mais

do que de uma chance de voar pela floresta e ganhar um pedaço de frango como recompensa pelo trabalho.

– Ele é lindo. Eles são lindos. – Tom riu. – Estou nervoso.

– Vai ser uma aventura. Como está sua estada no castelo? – começou Connor enquanto os conduzia para fora.

– Maravilhosa. Annie e eu pensávamos que essa seria a única visita à Irlanda em nossa vida inteira, mas já estamos falando em voltar.

– É claro que vocês não podem vir apenas uma vez.

Connor os conduziu tranquilamente, falando sobre amenidades, mas mantendo a cabeça e o coração nos falcões. Satisfeitos o suficiente, prontos o suficiente.

Ele os levou para longe da escola, por um caminho até a estrada pavimentada onde

havia uma clareira ladeada de árvores.

Lá soltou as correias.

– Se vocês erguerem apenas um pouco os braços, fazendo-os ir para cima, eles voarão.

E aquilo foi lindo, a subida no ar, o abrir de asas e quase silêncio. Quase. Um leve

suspiro do garoto, ainda tentando se agarrar ao seu tédio enquanto os dois falcões

pousavam em um galho, fechavam as asas e olhavam para baixo como deuses dourados.

– Pode me emprestar a câmera, Tom?

– Ah, é claro. Eu queria tirar algumas fotos de Taylor com o falcão. Com... Roibeard?

– Vou tirar. Vire-se de costas para eles e olhe por cima do seu ombro esquerdo para

lá, Taylor. – Embora Roibeard fosse atender sem o frango, Connor pôs um pedaço na

luva.

– É meio nojento.

– Não para a ave.

Connor se posicionou.

– Apenas erga o braço como fez da primeira vez e o mantenha parado.

– Que seja. – murmurou Taylor, mas obedeceu.

E o falcão, gracioso em seu voo, precipitou-se para baixo com as asas abertas e os

olhos brilhantes e pousou no braço do garoto.

Devorou o frango, parou e olhou nos olhos de Taylor.

Sabendo que aquele era o momento, Connor capturou o maravilhamento e a alegria no

rosto do garoto.

– Uau! Uau! Pai, você viu aquilo?

– Vi, sim. Ele não vai... – Tom olhou para Connor. – Bicar.

– Não há por que se preocupar, eu garanto. Espere um instante, Taylor.

Connor tirou outra foto, do garoto e do falcão olhando nos olhos um do outro, uma

que imaginou que seria colocada sobre um console de lareira ou uma escrivaninha nos

Estados Unidos.

– Agora você, Tom.

Ele repetiu o processo, tirou a foto e ouviu seus clientes conversarem em tons

maravilhados.

– Ainda não viram nada – garantiu-lhes. – Vamos entrar um pouco na floresta. Vocês

verão uma dança.

Aquilo nunca o cansava, nunca se tornava comum. O voo do falcão, o planar e a

descida por entre as árvores sempre o encantavam. Hoje a absoluta admiração do filho e

do pai contribuía ainda mais para o encantamento.

O ar úmido e pesado como uma esponja molhada, o brilho da luz se infiltrando por

entre as árvores e a brisa da chegada do outono tornavam o dia lindo, na opinião de

Connor, para passear pela floresta seguindo os falcões.

– Posso voltar? – Taylor foi para os portões da escola com Roibeard em seu

braço. –

Quero dizer, apenas para vê-los. Eles são muito legais, especialmente Roibeard.

– Pode, é claro. Eles ficarão felizes com um pouco de companhia.

– Faremos isso de novo antes de irmos embora – prometeu o pai.

– Prefiro isso a cavalgar.

– Ah, aposto que você também vai gostar da cavalgar. – Connor os conduziu para

dentro sem pressa. – É bom passear pela floresta no dorso de um bom cavalo. Dá uma

perspectiva diferente das coisas. E há ótimos guias nos estábulos.

– Você cavalga? – perguntou-lhe Tom.

– Sim, embora não tanto quanto gostaria. O melhor, é claro, é seguir os falcões

montado em um cavalo.

– Ah, caramba! Posso fazer isso?

– Não está no folheto, Taylor.

– É verdade – disse Connor transferindo Roibeard para um poleiro. – Não está, por

assim, dizer, no cardápio comum. Vou acertar as coisas com seu pai, se você quiser sair e

dar outra olhada nos falcões.

– Sim, está bem. – Ele observou Roibeard por mais um momento com os olhos cheios

de amor. – Obrigado. Obrigado, Connor. Isso foi incrível.

– Você é mais do que bem-vindo aqui. – Ele transferiu William enquanto Taylor

corria para fora. – Eu não quis dizer na frente do garoto, mas posso providenciar para ele

o que chamaríamos de cavalgada para observação de falcões. Preciso saber se Meara

pode conduzir sua família. Ela é falcoeira e também uma das guias nos estábulos. Se

você estiver interessado.

– Há meses não vejo Taylor animado assim com nada além de jogos de computador e

música. Se você puder conseguir isso, seria ótimo.

– Vou ver o que posso fazer, se me der um ou dois minutos.

Quando Tom saiu, Connor apoiou o quadril na escrivaninha e pegou seu telefone.

– Ah, Meara, minha querida, tenho um pedido especial a lhe fazer.

ERA BOM PROPORCIONAR A ALGUÉM O BRILHO PROLONGADO DAS LEMBRANÇAS. Connor se

esforçou ao máximo para fazer o mesmo com seu último cliente do dia, mas nada

alcançaria os níveis de Taylor e seu pai, dos Estados Unidos.

Entre as reservas, levou os falcões-peregrinos – inclusive Apollo – para além da

floresta, o espaço aberto para exercícios e caçada. Lá podia observar a descida com um

tipo de admiração que nunca perdia, sentir dentro de si mesmo a emoção daquele

mergulho rápido.

Ele era uma criatura sociável, assim como os falcões de Harris, e gostava das caminhadas para observações de falcões, mas aqueles momentos sozinho – apenas consigo mesmo, as aves e o ar – eram sua parte favorita do dia.

Apollo pegou uma gralha enquanto descia – um golpe perfeito. Eles podiam ser alimentados, pensou Connor se sentando em uma mureta de pedra com um saco de salgadinhos e uma maçã. Podiam ser treinados e cuidados, mas eram selvagens, e era da floresta selvagem que precisavam.

Então se sentou, satisfeito em esperar e observar enquanto as aves planavam, se precipitavam para baixo, caçavam e apreciavam a paz de uma tarde úmida.

Sem névoa ou sombras, pensou. Ainda não. Nunca haveria, porque ele e seu círculo encontrariam um modo de preservar a luz.

E onde você está, Cabhan? Não aqui, não agora, pensou examinando as colinas e a vegetação luxuriante. Não havia nada ali além da promessa de chuva que viria, iria e viria de novo.

Observou Apollo planar de novo e descer, pelo simples prazer daquilo, sentindo o próprio coração se elevar. E soube que por momentos como aquele enfrentaria e combateria a escuridão.

Levantou-se e chamou as aves de volta, uma a uma.

Quando todo o trabalho estava feito, deu uma última volta com os falcões verificou

se tudo estava em seu devido lugar. Depois guardou sua luva no bolso traseiro e trancou

o portão.

Então andou tranquilamente na direção dos estábulos.

Percebeu a presença Roibeard primeiro e vestiu de novo a luva. Ao erguer o braço,

percebeu a presença de Meara.

O falcão descreveu um círculo no ar, por puro prazer, e depois desceu e pousou no

braço enluvado de Connor.

– Então, foi uma aventura? Sem dúvida você proporcionou ao garoto um dia

inesquecível. – Connor esperou onde estava até Meara fazer a curva.

Passos largos e seguros – um homem tinha de admirar uma mulher com pernas longas

que se moviam com tamanha firmeza e confiança. Ele lhe deu um sorriso.

– E aí está ela. Como o garoto se saiu?

– Ele está apaixonado por Roibeard e expressou grande afeição por Batata, que lhe

proporcionou uma boa e firme cavalgada. Tive de parar uma vez e deixar a irmã

experimentar ou haveria uma briga brutal entre os dois. Ela gostou muito, mas não tanto

quanto o garoto. E nós não vamos lhes cobrar por esses poucos minutos.

– Não, não vamos. – Ele pegou a mão de Meara e a balançou enquanto caminhavam,

e beijou de leve os nós dos dedos dela antes de soltá-la. – Obrigado.

– Você vai me agradecer mais, porque o pai me deu cem euros de gorjeta.

– Cem euros? De gorjeta?

– Sim, porque me considerou honesta e perguntou se eu daria metade para você. Eu

lhe disse que isso não era necessário, claro, mas ele insistiu. E, naturalmente, não quis

ser grosseira e recusar de novo.

– Naturalmente – disse Connor com um sorriso, e depois balançou os dedos para ela.

Meara tirou euros de seu bolso e os contou.

– Bem, o que deveríamos fazer com essa sorte inesperada? O que você diz de uma

cerveja?

– Eu digo que de vez em quando você tem uma boa ideia. Deveríamos reunir os

outros? – perguntou ela.

– Poderíamos fazer isso. Envie uma mensagem de texto para Branna e eu uma

enviarei para Boyle. Vamos ver se alguém quer ir. Faria bem para Branna uma saída à

noite.

– Eu sei. Por que não envia uma mensagem para ela?

– É mais fácil dizer não para um irmão do que para uma amiga. – Ele encontrou os

olhos de Roibeard e andou em silêncio por um momento. E o falcão se ergueu e saiu

voando.

Como Connor, Meara observou o falcão por simples prazer.

– Aonde ele vai?

– Para casa. Eu o quero por perto, por isso voará para casa e ficará lá esta noite.

– Eu invejo isso – disse Meara pegando o telefone. – O modo como você fala com os

falcões, Iona, com os cavalos, Branna, com os cães e Fin, com todos os três quando quer.

Se eu tivesse o dom da magia, acho que era o que ia querer.

– Você tem. Eu a vi com os cavalos, os falcões e os cães.

– Isso é treinamento e afinidade. Mas não é o que vocês têm. – Ela enviou a

mensagem e guardou o telefone. – Mas eu só queria ter esse poder com os animais.

Enlouqueceria se pudesse ler e ouvir os pensamentos e sentimentos das pessoas, como

você. Faria isso sempre e depois provavelmente ficaria irritada com o que ouvisse.

– É melhor resistir a bisbilhotar.

Ela lhe deu uma cotovelada e um olhar de quem sabe das coisas com seus olhos cor

de chocolate.

– Sei muito bem que você bisbilhotaria se quisesse saber se uma garota aceitaria que

lhe pagasse uma cerveja e a levasse para casa.

– Esse pode ter sido o caso antes de eu alcançar minha maturidade.

Ela deu sua risada maravilhosa.

– Você ainda não alcançou sua maturidade.

– Estou a centímetros dela. Ah, e aqui está a resposta de Boyle: Iona está no chalé

treinando com Branna. Ele arrastará Fin em breve e verá se Iona fará o mesmo com

Branna.

– Gosto quando estamos todos juntos. Somos uma família.

Connor ouviu a melancolia em sua voz e pôs um dos braços sobre os ombros dela.

– Sim, somos uma família – concordou. – Isso é verdade.

– Você sente falta de seus pais desde que foram morar em Kerry?

– Às vezes sim, mas estão muito felizes lá, no lago, dirigindo a pousada deles e com

todas as irmãs da minha mãe comentando sobre isso. E estão loucos pelo FaceTime.

Quem diria? Então nós os vemos e ficamos sabendo das novidades.

Connor esfregou o ombro de Meara enquanto eles caminhavam pela estrada sinuosa

para Cong.

– E, verdade seja dita, por enquanto estou bastante feliz por eles estarem longe, no

sul.

– E eu ficaria mais do que feliz com minha mãe longe em algum lugar, e não por

motivos altruístas como os seus.

– Você vai superar isso. É apenas uma fase.

– Uma fase que dura quase 15 anos. Mas você está certo. – Ela sacudiu os ombros

como se estivesse se livrando de um pequeno peso. – Tem razão. Hoje enfiei na cabeça

da minha mãe a ideia de que ela poderia gostar de fazer uma longa visita à minha irmã e

aos netos. E isso é enfiar a mesma ideia goela abaixo de Maureen, o que ela merece. Se

não funcionar, estou planejando mandá-la de irmão para irmã e irmão na esperança de

que ela fique em algum lugar que a satisfaça. Não vou desistir do meu apartamento.

– Você ficaria totalmente louca se voltasse a morar com sua mãe, e que bem isso faria

para qualquer uma de vocês? Sem dúvida Donal foi bom para ela, assim como você.

Você lhe dedicou seu tempo, sua atenção e a ajudou no supermercado. Pagou o aluguel

dela.

Ele se limitou a erguer as sobrancelhas quando Meara se afastou e apertou os

olhos.

– Seja sensata, Meara. Fin é o senhorio dela, como eu não saberia? Estou dizendo

que você é uma boa filha e não tem nenhum motivo para se sentir egoísta.

– Querê-la em outro lugar parece egoísmo, mas não consigo parar de querer isso. E

Fin não cobra metade do que aquele pequeno chalé vale.

– Somos uma família – disse ele, e Meara suspirou.

– Quantas vezes você pode estar certo em uma caminhada até o pub? – Ela enfiou as

mãos nos bolsos da jaqueta de trabalho. – E chega de ficar amargurada e reclamando.

Estou desperdiçando meu bom dia no trabalho e os cinquenta euros de gorjeta em meu

bolso.

Eles passaram pela velha abadia por onde turistas ainda perambulavam, tirando

fotos.

– As pessoas sempre lhe dizem coisas. Por quê?

– Talvez porque eu goste de ouvi-las.

Meara balançou a cabeça, negando.

– Não, é porque você ouve, queira ou não. Me esqueço disso toda hora.

Connor enfiou a mão no bolso da jaqueta de Meara para apertar a mão dela.

– Juntos provavelmente estamos na média do gráfico da natureza humana.

Não, pensou Meara. Não mesmo. Connor O'Dwyer nunca estaria na média de nenhum

gráfico.

Então ela deixou de lado suas preocupações e entrou com ele no calor e alarido do

pub.

Foi Connor quem recebeu cumprimentos primeiro daqueles que o conheciam – a

maioria. Um olá alegre, um sorriso sedutor, uma rápida saudação. Ele era do tipo sempre

bem-vindo e à vontade onde punha os pés.

Qualidades boas e agradáveis, admitiu ela, e algo mais que invejava.

– Consiga uma mesa para nós e eu pagarei a primeira rodada – disse-lhe Connor.

Meara deu uma circulada e encontrou uma mesa grande o suficiente para seis.

Acomodando-se, pegou o telefone. Sabia que Connor demoraria um pouco conversando.

Primeiro enviou uma mensagem de texto para Branna.

Pare de se preocupar com seus cabelos. Já estamos aqui.

Depois deu uma olhada na agenda do dia seguinte. Uma aula no ringue de manhã, três

cavalgadas guiadas – sem falar no trabalho diário de remover esterco e alimentar e

cuidar de animais, além de atazanar Boyle para que ele cuidasse da papelada. Depois

haveria o supermercado que negligenciara – para si mesma e sua mãe. Roupas para lavar

que adiara.

Poderia lavar um pouco delas esta noite se não ficasse até tarde no pub.

Examinou o calendário, viu o lembrete do aniversário de seu irmão mais velho e

acrescentou a compra de um presente à agenda.

E Iona estava marcada para outra aula de esgrima. Estava se saindo bem, pensou

Meara, mas agora que Cabhan havia aparecido seria sensato voltarem ao treino regular.

– Largue isso e pare de trabalhar. – Connor pôs as cervejas deles na mesa. – O dia de

trabalho terminou.

– Eu estava dando uma olhada no de amanhã.

– Esse é o seu problema, Meara querida, está sempre ansiando pela próxima tarefa.

– E você está sempre ansiando pela próxima diversão.

Connor ergueu seu copo e sorriu.

– A vida é divertida se você a vive direito. – Ele fez um sinal afirmativo com a

cabeça quando avistou Boyle e Iona.– Família chegando.

Meara olhou ao redor. E pôs de lado o telefone.



5

UM BOM DIA DE TRABALHO, CERVEJA E AMIGOS COM QUEM BEBÊ-LA. Na opinião de Connor,

havia pouco mais a desejar. A não ser uma refeição quente e uma mulher receptiva.

Embora soubesse que a bela loira chamada Alice, que de vez em quando lhe lançava

olhares, seria receptiva o suficiente, contentava-se com a cerveja e os amigos.

– Estou pensando que, agora que Fin se juntou a nós, vocês poderiam considerar

combinar falcão com cavalo, como Meara e eu fizemos hoje para os americanos, como

uma opção regular.

Boyle franziu a testa.

– Precisaríamos de um falcoeiro experiente como guia, o que nos limita a Meara.

– Eu poderia fazer isso – disse Iona.

– Você só lidou com falcões umas poucas vezes – salientou Boyle. – E nunca sozinha.

– Mas eu adorei. E você disse que eu tinha um dom – lembrou ela a Connor.

– Você tem jeito, mas precisaria sair algumas vezes a cavalo. Até mesmo de

bicicleta, como quando exercitamos os falcões no inverno.

– Vou praticar.

– Você precisa praticar mais com a espada – disse-lhe Meara.

– Você sempre vence.

– Sim. – Meara sorriu olhando para sua cerveja. – Venço mesmo.

– Nossa garota aqui aprende rápido – comentou Fin. – E essa é uma ideia

interessante.

– Se cogitarmos isso... – Boyle bebericou sua cerveja e considerou. – Os clientes que

fechassem o pacote precisariam de um pouco de experiência em cavalgar. A última coisa

que queremos é um novato entrando em pânico quando um falcão pousar no braço dele e

assustando o cavalo.

– Concordo.

– Os cavalos não se assustarão se eu lhes disser para não se assustarem. – Iona

balançou sua cabeça e sorriu. – Aí está Branna.

Ela havia se preocupado com seus cabelos, era claro, e usava um cachecol vermelho

sobre uma jaqueta de um azul forte e profundo. As botas sem salto significavam que viera

a pé do chalé.

Branna passou a mão sobre o ombro de Meara e depois se deixou cair na cadeira ao

lado dela.

– Qual é a comemoração?

– Hoje Meara e eu rachamos uma boa gorjeta de um americano.

– Ótimo. Então você vai pagar uma cerveja para sua irmã, não é? Eu gostaria de uma

Harp.

– É a minha vez. – Meara se levantou.

– Ela está preocupada com a mãe – disse Connor quando Meara não podia mais ouvi-

lo. – Está precisando de uma noite festiva. Nós comeremos e a manteremos alegre. Eu

gostaria de peixe com batatas fritas.

– No estômago de quem você está pensando? – perguntou Branna.

– Ao meu estômago, à alegria dela. – Connor ergueu o copo. – E à boa companhia.

ERA EM BOA COMPANHIA QUE ELA PRETENDERA TOMAR UMA CERVEJA, FICAR um pouco e

depois ir para casa a lavar roupas e usar o que quer que tivesse sobrado na despensa

para fazer um rápido jantar. Agora havia começado a tomar uma segunda cerveja e a

comer torta de frango.

Deixaria sua picape onde estava, na casa de Branna, e voltaria para casa a pé do pub.

Poria algumas roupas na máquina de lavar e faria uma lista de supermercado – para si

mesma e sua mãe. Iria para cama cedo, e se acordasse cedo o suficiente poderia pôr mais

roupas na máquina e acabar com aquilo.

Ir ao supermercado em seu horário de almoço. Passar na casa da mãe depois do

trabalho – que Deus a ajudasse – e cumprir seu dever. Plantar mais algumas sementes

sobre a mãe ir morar com Maureen.

Connor a cutucou nas costelas.

– Você está pensando demais. Tente curtir o momento. Isso a surpreenderá.

– Uma torta de frango no pub é surpreendente?

– É boa, não é?

Ela deu outra mordida.

– É. E o que você fará em relação a Alice?

– Hmm?

– Alice Keenan, que está exibindo sua luxúria para todo o pub como uma daquelas

pessoas que seguram letreiros. – Ela moveu os braços para demonstrar.

– Um rosto bonito, com certeza. Mas não para mim.

Meara dirigiu um olhar de espanto a ele e ao redor da mesa.

– Vocês ouviram isso? Connor O'Dwyer dizendo que um rosto bonito não é para ele.

– Então Alice quer um anel, não é? – perguntou Fin, achando graça.

– Isso ela quer, e como é mais do que posso lhe dar, não é para mim. Mas é um rosto

bonito.

Ele se inclinou na direção de Meara.

– Se você me abraçar e beijar ela pensará: ah, ele está comprometido. E vai parar de

suspirar por mim.

– Ela vai continuar a suspirar, como outras mulheres tolas fazem. – Meara levou

mais

frango à boca. – No momento minha boca está ocupada.

– Ela foi minha uma vez.

– É mesmo? – Iona empurrou seu prato para o lado e se inclinou para a frente. –

Conte tudo.

– Eu só tinha 12 anos.

– Quase 13.

– Quase 13 é 12. – Ela fingiu espetá-lo com seu garfo. – E estava curiosa.

– Foi bom?

– Como eu podia saber? – retrucou Meara. – Foi meu primeiro beijo.

– Ohn. – Iona deu um longo suspiro. – Nunca nos esquecemos do primeiro.

– Não foi o primeiro dele.

Connor riu e puxou a trança de Meara.

– Não, não foi, mas eu nunca me esqueci, não é?

– O meu foi quando eu tinha 11 anos. Eu era precoce – disse Iona. – Ele se chamava

Jessie Lattimer. Foi suave. Decidi que um dia nos casaríamos, moraríamos em uma

fazenda e eu cavalgaria o dia inteiro.

– E o que aconteceu com esse Jessie Lattimer? – quis saber Boyle.

– Ele beijou outra e partiu meu coração. Então a família dele se mudou para Tucson,

ou Toledo. Algo com “T”. Agora vou me casar com um irlandês. – Ela se aproximou e

beijou Boyle. – E cavalgar o dia inteiro.

Os olhos de Iona brilharam quando Boyle entrelaçou os dedos nos dela.

– Em quem foi seu primeiro beijo, Branna?

No minuto em que Iona proferiu essas palavras o brilho se transformou em

arrependimento. Ela soube, é claro. Soube antes mesmo de Branna relancear os olhos

para Fin.

– Eu também tinha 12 anos. Não ia deixar minha melhor amiga se adiantar a mim, não

é? E, como Connor para Meara, Fin estava à mão.

– Isso ele estava – concordou Connor, alegre. – Porque fazia questão de estar por

perto em todos os seus minutos acordada.

– Não todos, porque não foi o primeiro beijo dele.

– Eu pratiquei um pouco. – Fin bateu na cadeira com sua cerveja. – Porque queria

que o seu fosse memorável. Nas sombras da floresta – murmurou –, em um dia agradável

de verão. Com o ar cheirando a chuva e rio. E a você.

Branna não olhava para Fin nem ele olhava para ela.

– Então um raio veio do céu direto para o chão – lembrou-se Branna. Ah, ela se

lembrava. – O ar tremeu com ele e com o trovão que se seguiu. Nós deveríamos saber.

– Nós éramos crianças.

– Não fomos por muito tempo.

– Eu a deixei triste – disse Iona em voz baixa. – Desculpe-me.

– Triste não. – Branna balançou a cabeça. – Um pouco nostálgica, porque a inocência

derrete mais rápido do que um floco de neve ao sol. Não podemos ser inocentes agora,

com o que está por vir. E virá de novo. Então... vamos pôr um pouco de uísque em nosso

chá e aproveitar o momento, como meu irmão gosta de dizer. Teremos um pouco de

música. O que me diz disso, Meara? Uma canção ou duas esta noite, porque só os deuses

sabem o que o amanhã trará.

– Vou buscar o violino do pub. – Connor se levantou e passou a mão pelos cabelos da

irmã enquanto deixava a mesa. E, sem dizer nada, lhe deu o conforto de que ela

precisava.

Meara ficou mais do que havia pretendido, bem mais do que um tempo razoável para

pensar em lavar roupas ou fazer listas de supermercado. Embora ela tentasse dissuadi-lo,

Connor insistiu em levá-la para casa.

– Isso é bobagem, você sabe. Não são nem cinco minutos de caminhada.

– Então não vai tomar muito do meu tempo. Foi bom você ter ficado porque

Branna

estava precisando.

– Ela faria o mesmo por mim. E isso também melhorou meu humor, embora eu não

tenha lavado as roupas.

Eles andaram pela rua silenciosa, subindo a ladeira. Os pubs ainda estavam

animados, mas as lojas havia muito tinham fechado e nenhum carro passava.

O vento havia aumentado, agitando o ar. Meara sentiu o cheiro de heliotrópios em um

canteiro de janela e viu pontinhos de estrelas por entre os filetes de nuvens.

– Já pensou em ir para outro lugar? – perguntou Meara. – Morar em outro lugar? Se

não tivesse de fazer o que precisa fazer aqui?

– Não, não pensei. Quero morar aqui. É isso que quero. E você?

– Não. Tenho amigos que foram para Dublin, Galway City, Cork City e até mesmo

para os Estados Unidos. Eu achava que também podia fazer isso. Enviar dinheiro para

minha mãe e partir para algum lugar, em uma aventura. Mas nunca quis isso mais do que

ficar.

– Lutar contra um bruxo de séculos atrás com poderes demoníacos seria uma aventura

para a maioria das pessoas.

– Mas não é nenhuma Grafton Street, é? – Meara riu e virou a esquina na direção de

seu apartamento. – Parte de mim nunca pensou que isso aconteceria. O tipo de coisa que

aconteceu naquela clareira no solstício. Então aconteceu, tudo tão feroz e terrível, e não

houve nenhum raciocínio.

– Você foi magnífica.

Ela riu de novo e balançou a cabeça.

– Não me lembro bem do que fiz. Luz, fogo e vento. Seus cabelos voando. Toda a luz.

Ao seu redor, em você. Eu nunca o tinha visto assim. Com seu poder como o do sol,

quase ofuscante.

– Foi o poder de todos nós. Não o teríamos repelido se não estivéssemos juntos.

– Eu sei. Senti isso. – Por um momento, ela apenas olhou para a noite, para a vila

onde havia morado durante toda a vida. – E ele ainda está vivo.

– Ele não vencerá. – Connor subiu a escada até a porta dela.

– Você não tem como saber, Connor.

– Preciso acreditar nisso. Se deixarmos a escuridão vencer, o que seremos? Qual

será o objetivo disso tudo se deixarmos a escuridão vencer? Então não deixaremos.

Meara parou por um momento ao lado de uma cesta com petúnias roxas e vermelhas.

– Eu gostaria que você deixasse Fin levá-lo em casa.

– Preciso caminhar para digerir o peixe e as batatas fritas.

– Tome cuidado, Connor. Não podemos vencer sem você. Além disso, estou

acostumada com você.

– Então terei de tomar cuidado. – Ele ergueu a mão, pareceu hesitar e depois deu um

puxão familiar na trança dela. – Tome também. Boa noite, Meara.

– Boa noite.

Connor esperou ela entrar, fechar e trancar a porta.

Percebeu que quase a havia beijado e não tinha muita certeza de que o beijo teria

sido... fraternal. Concluiu que devia ter dispensado o uísque em seu chá, se isso

embotava tanto seu raciocínio.

Ela era uma boa amiga, a melhor que tinha. Não faria nada que pusesse em risco esse

equilíbrio.

Mas agora se sentia tenso e insatisfeito. Talvez afinal de contas devesse ter dado uma

volta com Alice.

Com tantas coisas acontecendo, tanto em jogo, não se sentiria tranquilo deixando

Branna sozinha à noite, mesmo se Iona ficasse no chalé. E não se sentiria à vontade

levando uma mulher para casa com ele, especialmente dadas as circunstâncias.

Resumindo, aquilo era inconveniente, pensou enquanto deixava a vila para trás e

seguia a pé pela estrada sinuosa. E mais um motivo para mandar Cabhan gritando para o

inferno.

Ele gostava de mulheres. Gostava de conversar e flertar com elas. Gostava de uma

dança, uma caminhada, uma risada. E, por Deus, gostava de ir para a cama com elas.

Da suavidade e do calor, do cheiro e dos suspiros.

Mas esses prazeres estavam em uma pausa inconveniente.

Por mais quanto tempo, perguntou-se, já que Cabhan aparecera de novo.

No instante em que pensou nisso, Connor parou. Ficou imóvel e quieto, física e

mentalmente, na estrada escura que conhecia tão bem quanto as linhas de sua mão. E

ouviu, com tudo de si mesmo.

Ele está lá, está lá. Não longe, não longe o suficiente – não perto o suficiente para

encontrar, mas não longe o suficiente para a verdadeira segurança.

Connor tocou no amuleto sob seu suéter e sentiu sua forma e seu calor. Então abriu os

braços, e depois mais.

O ar ao redor sussurrou uma canção suave dançando através dos seus cabelos e

beijando sua pele enquanto o poder aumentava. E sua visão se ampliava.

Connor viu árvores e vegetação, ouviu o sussurro do ar através delas, os corações

pulsantes das criaturas noturnas se agitando e as pulsações mais rápidas da presa caçada.

Sentiu o cheiro e o som da água.

E acima disso uma espécie de sujeira – uma sombra se agarrando às sombras.

Enterrada nelas, impedindo-o de separar as formas ou a substância.

O rio. Sim, do outro lado do rio. Embora atravessá-lo cause dor. Atravessar a água o

desestabiliza. Posso senti-lo, senti-lo como lama fria escorrendo. Um dia encontrarei seu

covil. Um dia.

O choque queimou, apenas um pouco. Pouco mais do que uma rápida carga de

eletricidade estática. Connor se conteve, puxou o poder de volta. E sorriu.

– Você ainda está fraco. Ah, nós o machucamos, o garoto e eu. Faremos pior, seu

canalha, juro pelo meu sangue que faremos pior antes de terminarmos.

Não mais tão tenso nem tão insatisfeito, Connor foi para casa assoviando.

A CHUVA VEIO E FEZ UMA LONGA VISITA. AINDA ASSIM OS HÓSPEDES DO Castelo Ashford – a

maior parte de sua clientela – não desistiram de suas caminhadas para observações de

falcões.

Connor não se importava com a chuva e, como sempre, se admirou com os acessórios

dos turistas. Divertia-o vê-los marchar com galochas coloridas, várias capas de chuva

brilhantes, cachecóis, chapéus e luvas, tudo isso para um pouco de chuva fria de

setembro.

Mas, divertido ou não, ficou atento à névoa que girava ou rastejava – e não encontrou

nada nela além de umidade. Por enquanto.

Em uma noite úmida, depois do trabalho, ele se sentou na varanda do chalé com um

pouco de chá bom e forte e observou Meara treinar Iona. As espadas afiadas se

chocavam ruidosamente, embora Branna tivesse feito um feitiço para que ficassem moles

como macarrão se encontrassem carne.

Achava que sua prima estava se saindo bem, apesar de duvidar que algum dia se

igualaria a Meara Quinn em estilo e ferocidade.

Parecia que a mulher tinha nascido com uma espada na mão pelo modo como

manejava uma. Pela sua postura enquanto empunhava uma – alta e curvada como uma

deusa, com aqueles cabelos castanhos grossos presos em uma trança.

As botas de Meara, tão surradas quanto as dele, plantavam-se no chão encharcado e

depois dançavam enquanto ela fazia Iona recuar, sem dar trégua à aluna. E aqueles olhos

escuros – assim como a pele dourada um prêmio de sua herança cigana – brilhavam

ferozmente enquanto ela bloqueava um ataque.

Claro que ele poderia observá-la lutar o dia inteiro. Embora estremecesse em

solidariedade quando ela fazia sua pequena prima recuar e recuar em um ataque

implacável.

Branna saiu do chalé segurando uma grossa caneca de chá para ela mesma e se sentou

ao lado dele.

– Ela está melhorando.

– Hmm? Ah, Iona, sim. Eu estava pensando nisso.

Placidamente, Branna sorveu seu chá.

– Estava?

– Sim. Ela está mais forte do que quando veio até nós e mesmo naquela época não era

fraca. Forte o suficiente e mais segura de si. Mais segura também de seu dom. Um pouco

disso se deve a nós e um pouco a Boyle e ao que o amor faz pelo corpo e pela alma, mas

a maior parte sempre esteve dentro dela, apenas esperando para desabrochar.

Ele deu um tapinha no joelho de Branna.

– Nós dois temos sorte.

– Pensei isso uma ou duas vezes.

– Sorte por termos vindo de quem viemos. Sempre soubemos que éramos amados e

valorizados. E que aquilo que temos, que somos, realmente é um dom e não algo a ser

enterrado ou escondido. Aquelas duas lutando com espadas na chuva? Não têm tanta

sorte quanto nós. Iona teve e tem a avó, que é um tesouro. Mas, fora isso, as famílias

delas... bem, ferraram com elas, como gosta de dizer Meara.

– Nós somos a família delas.

– Eu sei disso, e elas também sabem. Mas essa ferida não pode ser curada por

completo, não é? Não ter todo o amor daqueles que o geraram. A indiferença dos pais de

Iona, a total confusão dos de Meara.

– O que você acha pior? Essa indiferença que está além da minha compreensão ou a

total confusão? O modo como o pai de Meara fugiu, levando todo o dinheiro que havia

restado depois que acabou com quase tudo o que eles tinham? Deixar uma esposa e cinco

filhos sozinhos, ou apenas nunca dar a mínima?

– Acho qualquer uma dessas situações arrasadoras. E olhe para elas. Tão fortes e

cheias de coragem.

Iona cambaleou para trás, escorregou e caiu sentada na relva molhada. Meara se

abaixou e lhe estendeu a mão, mas Iona balançou a cabeça e arreganhou os dentes. E

rolou para o lado, se ergueu de um pulo e brandiu a espada.

Connor sorriu e deu um tapinha na perna da irmã.

– Apesar de pequena, é perigosa!

– Como isso é verdade, eu o perdoarei por citar o bardo inglês quando tenho uma

panela de ensopado de carne com cerveja cozinhando em fogo brando.

A mente dele foi direto para a comida.

– Ensopado de carne com cerveja, é?

– Sim, e uma bela fornada de pão de massa lêveda com as sementes de papoula de

que você gosta.

Os olhos dele se iluminaram, e depois se estreitaram.

– E o que farei para merecer isso?

– Em seu próximo dia de folga preciso que trabalhe comigo.

– Trabalharei, é claro.

– A magia que fizemos para o solstício... Eu estava tão certa de que funcionaria! Mas

deixei passar alguma coisa, assim como Sorcha quando se sacrificou e envenenou

Cabhan tanto tempo atrás. Desde então cada um de nós deixou passar alguma coisa.

Precisamos descobrir o que foi.

– E descobriremos. Mas não pode nos deixar fora disso, Branna. Não foi você quem

deixou passar, fomos nós. Fin...

– Eu sei que tenho de trabalhar com ele, e trabalharei.

– Ajuda saber que ele sofre tanto quanto você?

– Um pouco. – Por um instante ela apoiou a cabeça no ombro do irmão. – O que é

mesquinho da minha parte.

– Eu diria que é humano. Uma bruxa é tão humana quanto qualquer pessoa, como

papai sempre nos disse.

– Sim, ele disse.

Por um momento eles ficaram sentados quietos, lado a lado, enquanto as espadas

tiniam.

– Cabhan está se curando, não é? – Branna disse em voz baixa, apenas para ele. –

Preparando-se para a próxima. Eu sinto... algo no ar.

– Eu também. – Connor observou, como ela, as sombras verdes profundas da floresta.

– Com o sangue dele, Fin sentiria mais. Há ensopado suficiente para todo mundo?

Ela suspirou de um modo que lhe disse que já havia pensado nisso.

– Acho que sim. Convide-os – disse enquanto se levantava –, e providenciarei para

que haja.

Connor pegou a mão dela e a beijou.

– Tão humana quanto qualquer pessoa, e mais corajosa do que a maioria. Essa é a

minha irmã.

– A ideia do ensopado de carne com cerveja o deixou sentimental. – Mas ela apertou

a mão do irmão antes de entrar.

Não era o ensopado, embora Deus soubesse quanto seria bom. Mas ele estava mais

preocupado com Branna do que ela imaginava.

Então Iona gingou para a esquerda, girou, atacou pela direita e foi Meara quem

cambaleou, escorregou e caiu sentada na relva molhada.

Iona imediatamente deu um grito entusiasmado e começou a pular em círculos com a

espada erguida.

– Muito bem, prima! – gritou Connor por cima da risada forte e gutural de Meara.

Iona fez uma mesura exagerada e depois gritou e se aprumou depressa quando a parte

plana da espada de Meara bateu em seu traseiro.

– Muito bem mesmo – disse-lhe Meara. – Mas eu podia ter aberto sua barriga

enquanto você fazia a dança da vitória. Da próxima vez acabe comigo.

– Entendi, mas só mais uma vez. – Ela gritou e pulou de novo. – Já chega. Vou pôr as

espadas de lado e me vangloriar para Branna.

– Bastante justo.

Iona pegou as espadas, as ergueu, fez outra mesura para Connor e depois

disparou

para dentro.

– Você a treinou bem – comentou Connor se levantando para ir oferecer a Meara o

que sobrara de seu chá.

– Um brinde a mim.

– Você a deixou derrubá-la?

– Não, embora eu tivesse pensado em fazer isso só para incentivá-la. Mas não foi

necessário. Iona sempre foi rápida, e agora está aprendendo a ser ardilosa.

Ela esfregou suas nádegas.

– E agora estou molhada onde não estava.

– Posso dar um jeito nisso. – Connor se aproximou um pouco mais, a abraçou e

passou as mãos de leve sobre a parte de trás das calças dela.

O calor atravessou o tecido e as mãos permaneceram onde estavam. Algo nos olhos

dela, algo naqueles olhos escuros e exóticos, pensou Connor. Ele estava a ponto de puxá-

la para si quando Meara recuou.

– Obrigada. – Ela terminou o chá de Connor. – E por isto também, embora me caísse

bem uma taça daquele vinho de que Branna gosta tanto.

– Então vamos entrar e tomar uma. Vou chamar os outros. Temos ensopado de carne

com Guinness e uma nova fornada de pão.

– Eu deveria ir embora. – Ela recuou e olhou na direção do seu lorry. – Estou praticamente morando aqui estes dias.

– Ela precisa do nosso círculo, Meara. Você me faria um favor se ficasse.

Meara olhou por cima do ombro, como se sentisse algo se esgueirando atrás.

– Ele já está vindo?

– Não sei dizer, não com certeza. Espero que Fin possa dizer mais. Então vamos entrar, tomar vinho, comer ensopado e nos reunir.

Os outros foram, como Connor sabia que sempre fariam. Então a cozinha se encheu de vozes e do calor dos amigos com Kathel esparramado na frente da pequena lareira e um bom e suculento ensopado.

Como já tomaria a cerveja do ensopado, Connor também optou por vinho. Bebendo-o, observou seu embevecido amigo sorrir quando Iona mais uma vez reencenou o momento da vitória.

Quem teria pensado que Boyle McGraff se apaixonaria tão completamente? Um homem que falava pouco e que em geral prestava mais atenção em seus cavalos do que nas mulheres. Um verdadeiro e leal amigo e um brigão sob controle autoimposto.

E lá estava o genioso Boyle de cicatrizes nos nós dos dedos deslumbrado com a

pequena bruxa que falava com os cavalos.

– Você aparentemente está entretido e satisfeito – comentou Meara.

– Estou gostando de ver Boyle parecendo um cachorrinho crescido quando olha para

Iona.

– Eles combinam e terão uma vida boa juntos. A maioria não tem.

– Ah, a maioria não. – Deu-lhe um aperto no coração ouvi-la dizer isso, saber como

ela se sentia. – O mundo precisa de amantes que combinem um com o outro, ou como

seguiríamos em frente? Ficar por conta própria durante toda a vida? Isso é uma vida

solitária.

– Ficar por conta própria significa poder ir aonde você quer e não ter de ser parte de

casal e depois acabar por conta própria de novo quando tudo vai para o inferno.

– Você é cínica, Meara.

– E convivo bem com isso. – Ela lhe lançou um olhar por sob suas sobrancelhas

arqueadas. – Você é romântico, Connor.

– E convivo bem com isso.

Ela deu uma risada rápida e sincera enquanto punha na mesa os guardanapos que

segurava.

– Branna disse que é para nos servirmos da panela no fogão, portanto é melhor você

entrar na fila.

– Entrarei.

Primeiro Connor levou vinho para a mesa a fim de ter um momento para se abrir um

pouco, testar o ar em busca de qualquer sensação ou sinal antes de eles se sentarem,

comerem e falarem sobre magia. Luz e escuridão.

O ensopado estava um pouco mágico, mas Branna tinha seu jeito de deixá-lo assim.

– Meu Deus, isto está ótimo! – Iona pegou mais com sua colher. – Preciso aprender a

cozinhar assim.

– Você está se saindo bem com os acompanhamentos – disse-lhe Branna. – E Boyle

sabe cozinhar. Ele pode se encarregar disso enquanto você luta.

– Talvez. Afinal de contas, eu derrubei Meara.

– Ela nunca vai se cansar de dizer isso? – perguntou Meara. – Agora percebo que

terei de derrubá-la umas dez vezes para diminuir seu brilho da vitória.

– Nem mesmo isso o diminuirá. – Iona riu e se sentou de novo. – Você não fez isso de

propósito, fez?

– Não, e desejaria ter feito para que todos nós pudéssemos ter pena de você.

– Então façamos um brinde. – Fin ergueu sua taça. – A você, *deifiúr bheag*, uma

guerreira a considerar, e a você, *dubheasa*, beleza morena, que a transformou em

uma –

disse ele para Meara.

– Isso foi fácil – murmurou Branna, e bebeu.

– Às vezes a verdade é fácil. Às vezes não.

– Fácil ou não, é da verdade que precisamos.

– Então eu lhes direi o que sei, embora seja pouco. Você o feriu – disse Fin para

Connor. – Você e o garoto, Eamon. Mas ele está se curando. E vocês, os três, sentem isso,

como eu.

– Cabhan está reunindo forças – disse Connor. – Reunindo a escuridão e as trevas ao

redor e dentro dele. Não sei dizer como ou se poderíamos encontrar um modo de impedir

isso e fazê-lo parar.

– A pedra vermelha. A fonte.

Fin assentiu para Iona.

– Sim, mas como Cabhan a obteve? Como foi imbuída de poder e como pode ser

tirada dele e destruída? Que preço pagou por ela? Só ele sabe as respostas e não consigo

encontrá-las, ou encontrá-lo.

– Do outro lado do rio. Até onde posso dizer – acrescentou Connor. – Mas por

enquanto Cabhan não está do nosso lado.

– Cabhan ficará lá até estar inteiro de novo. Se pudéssemos enfrentá-lo antes de

ele

recuperar o que você e o garoto lhe tiraram, acabaríamos com ele. Sei disso. Mas eu

procurei, e não consegui encontrar seu covil.

– Sozinho? – A voz de Branna revelou fúria. – Você saiu procurando por ele sozinho?

– Isso é um tapa no resto de nós, Fin. – A voz de Boyle podia estar calma, mas a

raiva fervia em fogo brando nela. – Não está certo.

– Eu segui meu sangue, como nenhum de vocês pode fazer.

– Nós somos um círculo. – Não havia raiva na voz ou no rosto de Iona, mas um

desapontamento que doía mais. – Somos uma família.

Por um momento a gratidão, o arrependimento e a ânsia de Fin se tornaram tão fortes

que Connor não conseguiu bloquear tudo. Captou apenas o nervosismo e isso foi

suficiente para fazê-lo falar.

– Somos as duas coisas e nada muda esse fato. Sozinho não é o modo certo, e,

contudo, eu mesmo pensei nisso. Como você – disse para Boyle. – Como todos nós em

um momento ou outro. Fin carrega a marca e não fez nada para que fosse posta lá. Qual

de nós pode dizer, com toda a sinceridade, que se estivesse no lugar dele não teria feito o

mesmo?

– Eu teria feito. Connor tem razão – acrescentou Meara. – Todos nós teríamos

feito o

mesmo.

– Ok – Mas Iona estendeu o braço para Fin. – Não faça isso de novo.

– Eu levaria você e sua espada comigo como proteção, mas não há nenhum sentido

nisso. Cabhan encontrou um modo de se esconder de mim, e ainda preciso descobrir

como.

– Trabalharemos por mais tempo e com mais afinco. – Branna pegou o vinho de novo.

– Todos nós precisamos de tempo depois do solstício, mas não nos escondemos no

escuro lambendo nossas feridas. Trabalharemos mais, juntos e sozinhos, para descobrir o

que deixamos passar.

– Deveríamos nos reunir assim mais vezes. – Boyle olhou ao redor da mesa e se

serviu de mais ensopado. – Não precisa ser aqui, embora Branna cozinhe muito melhor

do que eu. Mas também poderíamos nos reunir na casa de Fin.

– Não me importo de cozinhar – Branna apressou-se em dizer. – Eu gosto. E quase

sempre estou aqui ou na oficina, então isso é bastante fácil.

– Mais fácil do que se fosse planejado, e todos nós poderíamos ajudá-la – decidiu

Iona, e depois olhou ao redor como Boyle fizera. – Então, quando nós seis nos

reuniremos de novo?

– Isso, sim, é parafrasear o bardo inglês. – Branna revirou os olhos. – Toda a semana.

Pelo menos por enquanto. Com mais frequência se acharmos que deveríamos. Connor

trabalhará comigo em seus dias de folga, como você deveria fazer, Iona.

– Eu farei. Nos dias de folga, à noite, quando precisarmos.

Houve uma pausa apenas um pouquinho maior do que o normal, o suficiente para

produzir desconforto.

– E você, Fin. – Branna partiu ao meio o pão em que mal tocara e deu uma mordida.

– Quando puder.

– Manterei meu horário o mais flexível possível.

– E tudo isso, todos nós, será suficiente – concluiu Connor, voltando ao seu

ensopado.



CONNOR SONHOU COM O GAROTO, E SE SENTOU COM ELE À LUZ bruxuleante de uma

fogueira ladeada de pedras brutas. A lua estava cheia, uma bola branca nadando em um

mar de estrelas. Sentiu o cheiro de fumaça e terra – e de cavalo. Não do Alastar de antes

ou agora, mas de uma égua robusta com o apoio da garupa deslocado para um dos

membros enquanto cochilava.

Em um galho acima da égua, o falcão vigiava.

E Connor ouviu a noite, todos os sussurros dela no vento.

O garoto estava sentado com o queixo apoiado nos joelhos.

– Eu estava dormindo – disse.

– Eu também. Este é seu tempo ou o meu?

– Não sei. Mas esta é minha casa. É a sua?

Connor olhou na direção das ruínas da cabana até a pedra que marcava o túmulo de

Sorcha.

– É a nossa, como era a dela. O que você vê lá?

Eamon olhou na direção das ruínas.

– Nossa cabana, como a deixamos na manhã em que minha mãe nos mandou para

longe.

– Como a deixaram?

– Sim. Quero entrar, mas a porta não se abrirá para mim. Sei que minha mãe não está

lá, e levamos tudo o que ela nos disse para levar. Mas ainda assim quero entrar como se

ela estivesse lá, perto do fogo, à minha espera.

Eamon pegou um galho longo e atiçou o fogo, como os garotos frequentemente fazem.

– O que você vê?

Entristeceria o coração do garoto se lhe dissesse que via ruínas cobertas de mato. E

um túmulo.

– Vejo que você está em seu tempo e eu estou no meu. E, contudo... – Ele estendeu o

braço e tocou no ombro de Eamon. – Você sente a minha mão.

– Sim. Então estamos sonhando, mas não.

– O poder governa este lugar. O de sua mãe e, temo eu, também o de Cabhan. Nós o

ferimos, você e eu, por isso ele não traz nenhum poder para cá esta noite. Quanto tempo

faz que nos encontramos?

– Três semanas e cinco dias. Para você?

– Menos. Então o tempo é o mesmo. Você está bem, Eamon? E suas irmãs?

– Nós fomos para Clare e construímos uma pequena cabana na floresta. – Os olhos

dele brilharam enquanto olhava novamente na direção de sua casa. – Nós

usamos magia.

Também nossas mãos e costas, mas achamos que se usássemos magia ficaríamos mais

seguros. E mais secos – acrescentou esboçando um sorriso. – Brannaugh realizou

algumas curas enquanto viajávamos e agora que estamos lá. Temos uma galinha para

botar ovos, o que é bom, e podemos caçar, exceto Teagan, que não consegue flechar um

ser vivo. Parte-lhe o coração tentar, mas ela cuida dos cavalos e da galinha. Nós

negociamos um pouco: trabalho, cura e poções em troca de batatas, nabos, grãos e coisas

assim. Plantaremos os nossos próprios quando pudermos. Eu sei plantar, cuidar e colher.

– Se puder venha até mim quando precisar. Talvez eu possa lhe conseguir comida ou

cobertores, o que precisar.

Um pouco de conforto para um garoto triste tão longe de casa, pensou Connor.

– Obrigado, mas estamos bem o suficiente, e temos as moedas que Ailish e Bardan

nos deram. Mas...

– O quê? É só pedir.

– Eu poderia ter algo seu? Algo pequeno para levar comigo? Negociarei com você. –

Eamon ofereceu um seixo muito branco que segurava na palma da mão como se fosse um

ovo. – É só uma pedra que encontrei, mas é bonita.

– É sim. Eu não sei o que tenho.

Então ele soube e ergueu a mão para tirar a fina tira de couro com o cristal em forma

de lança que usava ao redor do pescoço.

– É um olho-de-tigre azul, mas também o chamamos de olho-de-falcão. Foi meu pai

quem me deu.

– Não posso aceitar.

– Pode sim. Ele é seu, como eu sou. Meu pai ficaria feliz se aceitasse. – Para

encerrar aquilo, Connor pôs a tira com o cristal ao redor do pescoço de Eamon. – Foi um

bom negócio.

Eamon segurou a pedra e a estudou à luz do fogo.

– Vou mostrar para minhas irmãs. Elas ficaram espantadas e cheias de perguntas

quando eu lhes contei que conheci você e como mandamos Cabhan embora. E também

ficaram com um pouco de inveja. Querem conhecê-lo.

– Também quero conhecê-las. Chegará o dia. Você sente Cabhan?

– Não desde aquele dia. Brannaugh disse que agora ele não pode nos alcançar. Não

pode ir além das próprias fronteiras, por isso não consegue nos alcançar em Clare.

Voltaremos quando estivermos crescidos, mais fortes. Voltarem para casa.

– Eu sei que sim, mas ficarão seguros onde estão até chegar a hora.

– Você o sente?

– Sim, mas não esta noite. Não aqui. Você deveria descansar – disse Connor quando

os olhos de Eamon se fecharam.

– Você vai ficar?

– Sim, enquanto puder.

Eamon se enroscou e se enrolou em sua curta capa.

– É música. Está ouvindo? Está ouvindo a música?

– Sim, estou.

– A música de Branna. Uma canção cheia de lágrimas do coração.

– É bonita – murmurou Eamon enquanto começava a adormecer. – Triste e bonita.

Quem a está tocando?

– O amor.

Connor deixou o garoto dormir e ficou olhando para o fogo até acordar na própria

cama com o sol entrando pela janela.

Quando abriu a mão, havia uma pedra branca lisa na palma.

Ele a mostrou para Branna quando ela desceu para a cozinha para tomar o café da

manhã. O atordoamento do sono desapareceu de seus olhos.

– A pedra voltou com você.

– Nós dois estávamos lá, tão solidamente quanto estamos eu e você aqui, mas cada

qual em seu próprio tempo. Eu lhe dei a pedra olho-de-falcão que papai me deu. Você se

lembra dela?

– É claro. Você costumava usá-la quando criança. Está pendurada na moldura do

espelho do seu quarto.

– Não mais. Eu não estava com ela quando fui para a cama na noite passada. Mas no

sonho ela estava ao redor do meu pescoço. Agora está ao redor do de Eamon.

– Cada qual em seu próprio tempo. – Branna foi abrir a porta para Kathel, que

voltara de sua corrida matinal. – Ainda assim vocês se sentaram juntos e conversaram. O

que ele lhe deu veio com você através do sonho. Temos de descobrir como usar isso.

Branna abriu a geladeira e Connor viu enquanto ela pegava manteiga, ovos e bacon

que a história, o quebra-cabeça que isso representava e a necessidade dela de unir as

peças lhe garantiria seu café da manhã.

– Nós a ouvimos tocando.

– Como?

– Na clareira. Nós a ouvimos. Eamon estava com muito sono e mal conseguia manter

os olhos abertos. E a música, sua música, chegou até nós. Ele adormeceu

ouvindo-a.

Você tocou na noite passada?

– Sim. Acordei agitada e toquei um pouco.

– Nós a ouvimos. A música chegou até lá vinda do seu quarto.

Ele viu a hesitação no rosto da irmã enquanto ela punha bacon para fritar.

– Então você não estava em seu quarto. Onde estava?

– Eu precisava de um pouco de ar, de ficar um pouco na noite. Só fui até o campo

atrás do chalé. Senti que não conseguia respirar sem o ar e a música.

– Espero que você encontre um modo de acertar as coisas com Fin.

– Connor, não. Por favor.

– Eu amo vocês dois. Por enquanto só vou dizer isso. – Ele andou pela cozinha

esfregando a pequena pedra. – O campo é longe demais da clareira para a música chegar

até lá pelos meios normais.

Ele circundou a cozinha enquanto Branna fatiava pão de soda e quebrava ovos na

frigideira.

– Nós estamos ligados. Nós três, aqueles três. Eamon ouviu sua música. É a segunda

vez que falo com ele. Iona viu Teagan.

– E eu não vi nem ouvi nenhum deles.

Connor parou para pegar seu café.

– Eamon mencionou que as irmãs dele também sentiam inveja.

– Eu não sinto inveja. Bem, admito que um pouco. Mas é mais frustração e talvez

também um pouco de sentimento de rejeição.

– Ele levou sua música para os sonhos e sorriu enquanto dormia mesmo estando

triste.

– Então vou levar isso em consideração. – Branna pôs os ovos fritos com bacon em

um prato e o passou para ele.

– Não vai querer um pouco?

– Só café e torrada.

– Bem, obrigado pelo trabalho.

– Você pode retribuir com outro favor. – Branna tirou torradas da torradeira, pôs uma

no prato de Connor e outra em um prato menor. – Leve a pedra que ele lhe deu.

– Isto? – Ele já a pusera em seu bolso, e a pegou.

– Carregue-a com você, Connor, como usa o amuleto. Há poder nela.

Branna levou a torrada e o café para a mesa, esperando que Connor fosse se sentar

com ela.

– Eu não sei, não posso ter certeza de que é suspeita, intuição ou um real

conhecimento, mas há poder nela. Magia boa, considerando-se de onde veio, quando

veio e de quem veio.

– Certo. Espero que o olho-do-falcão faça o mesmo por Eamon e as irmãs dele.

NEM TUDO ERAM CAMINHADAS PARA OBSERVAÇÃO DE FALCÕES COM TURISTAS ansiosos ou

visitas guiadas para grupos escolares. Parte essencial da escola envolvia cuidados e

treinamento. Gaiolas limpas, água limpa para banhos, pesagens, dieta variada e

alpendres resistentes para que as aves pudessem sentir e cheirar o ar. Connor se

orgulhava da saúde, do comportamento e da confiabilidade de suas aves – das que

ajudara a criar desde filhotes e das que tinham sido resgatadas.

Não se importava de limpar fezes, com o tempo que levava para secar com cuidado

as asas molhadas de uma ave ou as horas de treinamento.

A parte mais difícil do trabalho era, e sempre seria, vender para outro falcoeiro uma

ave que treinara.

Conforme o combinado, ele se encontraria com o cliente em um campo a cerca de dez

quilômetros da escola. O fazendeiro que conhecia bem lhe permitia levar para aquele

espaço aberto os falcões mais novos treinados para caçar.

Chamou a bonita fêmea Sally e a prendeu com a correia à sua luva para caminhar e

falar com o animal:

– Agora Fin encontrou essa moça e que você seja dela, até mesmo viu seu novo lar

caso vocês duas se deem bem. Ela está vindo de Clare. E eu soube que tem uma boa casa

lá e uma boa gaiola. Terminou o treinamento dela assim como você terminou o seu. Você

será a primeira ave dela.

Sobre o punho dele, Sally o observou com seus olhos dourados e alisou as penas com

o bico.

Connor viu o elegante BMW vir pela estrada e parar atrás da picape dele.

– Ela chegou. Espero que você seja gentil e cause uma boa impressão.

Ele assumiu uma expressão neutra, embora suas sobrancelhas tenham se erguido um

pouco quando a loira esbelta com um rosto de estrela de cinema saiu do carro.

– Srta. Stanley?

– Megan Stanley. Connor O'Dwyer?

A segunda surpresa foi o sotaque americano. Fin também não havia mencionado isso.

– Prazer em conhecê-la.

Sally, conforme lhe fora recomendado, comportou-se bem, apenas ficou quieta e

observou.

– Eu não sabia que você era americana.

– A culpa foi minha. – Ela sorriu enquanto ia na direção de Connor e ganhou um

ou

dois pontos analisando o falcão primeiro. – Embora eu more na Irlanda há quase cinco

anos e pretendesse dizer. Ela é linda.

– É mesmo.

– Fin me disse que você a criou e treinou pessoalmente.

– Ela nasceu na escola, na primavera. É inteligente, isso tenho de dizer. Foi treinada

em um piscar de olhos. Pousou direto na luva e me deu um olhar que dizia, “Bem, e

agora?”. Tenho o arquivo dela comigo: saúde, peso, alimentação, treinamento. Vocês

lidam com falcões nos Estados Unidos?

– Não. Meu marido e eu nos mudamos para Clare, perto de Ennis, e um vizinho tinha

dois falcões de Harris. Sou uma fotógrafa, comecei a fotografá-los e fiquei cada vez mais

interessada. Então ele me treinou e me ajudou a projetar as gaiolas e a área ao ar livre, e

a comprar suprimentos. Mas, segundo as regras dele, eu não devia pensar em ter uma ave

enquanto não passasse pelo menos um ano me preparando para isso.

– É o melhor para todos.

– Demorei mais de dois anos e houve uma interrupção quando meu marido voltou

para os Estados Unidos e nós nos separamos.

– Isso... com certeza foi difícil.

– Não tanto quanto poderia ter sido. Eu encontrei meu lugar em Clare e outra paixão

na falcoaria. Pesquisei muito antes de entrar em contato com Finbar Burke. Você e seu

sócio têm uma ótima reputação com sua escola.

– Ele é meu patrão, mas...

– Não é o que ele diz. Quando se trata de falcões ou aves de rapina, você quer o

olho, o ouvido, a mão e o coração de Connor O'Dwyer. – Ela sorriu de novo e o rosto de

estrela de cinema se iluminou. – Estou bastante certa de que essas foram as palavras

dele. Eu adoraria vê-la voar.

– Estamos aqui para isso. Eu a chamo de Sally, mas se vocês se entenderem, chame-a

como preferir.

– Sem sinos e transmissor?

– Ela não precisa deles aqui, porque conhece estes campos – disse Connor enquanto

soltava os piós. – Mas precisará em Clare.

Connor mal moveu seu braço e Sally se ergueu, abriu as asas e voou.

Ele viu a reação que queria e esperara nos olhos de Meagan. A admiração que era

uma espécie de amor.

– Estou vendo que você trouxe luvas. Ponha-as e a chame.

– Eu não trouxe a bolsa de iscas.

– Ela não precisa de iscas. Se decidir lhe dar uma chance, virá.

– Agora estou nervosa. – Sua risada demonstrou esse sentimento enquanto ela tirava

as luvas do bolso da jaqueta e as vestia. – Desde quando você faz isso?

– Desde sempre. – Ele observou o voo da ave e lhe transmitiu seus pensamentos. *Se*

você quiser, vá até ela.

Sally descreveu um círculo, mergulhou e pousou encantadoramente na luva de Megan.

– Ah, você é linda. Fin tinha razão. Não vou para casa sem ela.

E, pensou Connor, Sally nunca mais voltaria para ele.

– Quer vê-la caçar?

– Sim, é claro.

– Apenas a faça saber que pode. Não fala com as aves, Srta. Stanley?

– Pode me chamar de Megan. E sim, falo. – Seu sorriso se tornou curioso enquanto

ela observava Connor. – Isso não é algo que admito para a maioria. Tudo bem, Sally, ela

continuará a ser Sally. Cace.

O falcão voou e descreveu um círculo no alto. Connor começou a andar pelo campo

com Meagan, acompanhando o voo.

– Então, o que a trouxe para a Irlanda e Clare? – perguntou-lhe.

– Uma tentativa fracassada de salvar um casamento. Mas acho que me salvou e estou

feliz com isso. Então somos apenas eu e Bruno, e agora Sally.

– Bruno?

– Meu cão. Um doce e pequeno vira-lata que apareceu na minha porta alguns anos

atrás. Sarnento, mancando e meio morto de fome. Nós nos adotamos um ao outro. Ele está

acostumado com falcões. Não fica incomodado com os do meu vizinho.

– Um cão é útil em uma caçada. Não que ela precise de um.

Enquanto ele falava, Sally mergulhou, rápida como a bala. Quando as garras

brilharam, Megan deixou escapar um pequeno silvo.

– Isso sempre me emociona. É o que eles fazem, precisam fazer. Deus, o mundo, ou

no que quer que você acredite, os fez para caçar e se alimentar. Mas também sempre

sinto um pouco de pena. Demorei algum tempo para parar de me sentir mal em relação a

alimentá-los durante a muda, mas superei isso. Você sempre morou em Mayo?

– Sim, sempre.

Eles conversaram sobre trivialidades – sobre o tempo, falcoaria, um pub em Ennis

que Connor conhecia bem – enquanto Sally se banqueteava com um pequeno coelho que

abatera.

– Já estou meio apaixonada por ela. – Meagan ergueu o braço e Sally respondeu,

voando para pousar. – Um pouco disso é apenas entusiasmo e expectativa, mas acho que

faremos o acordo do qual você falou. Vai me deixar ficar com ela?

– Você fez arranjos com Fin – começou Connor.

– Sim, fiz, mas ele disse que a decisão caberia a você.

– Ela já é sua, Megan. – Connor olhou do falcão para a mulher. – Se não fosse, não

teria ido até você depois de se alimentar. Você quer levá-la para casa.

– Sim, sim. Eu trouxe tudo, cruzando os dedos para ter sorte. Quase trouxe Bruno,

mas achei que eles deveriam se conhecer melhor antes de uma viagem de carro.

Ela olhou para Sally e riu.

– Eu tenho um falcão.

– E ela tem você.

– E ela me tem. E acho que sempre terá você, então se importaria de eu tirar uma foto

de vocês juntos?

– Ah, claro, se você quiser.

– A câmera está no carro.

Ela transferiu Sally para Connor, foi depressa para até o carro e voltou com uma

grande Nikon.

– Essa é uma câmera e tanto.

– E sou boa com ela. Visite meu website e veja por si mesmo. Tirarei algumas, ok? –

continuou Meagan enquanto verificava a regulagem e a luz. – Apenas relaxe. Não quero

uma pose estudada. Teremos o jovem deus irlandês com Sally, a rainha dos falcões.

E quando Connor riu, ela tirou rapidamente três fotos.

– Perfeito. Apenas mais uma de você olhando para ela.

Ele laçou um olhar amável para Sally. *Você será feliz com ela,* disse para o falcão.

Ela estava à sua espera.

– Ótimo. Obrigada. – Meagan pendurou a câmera no pescoço. – Eu lhe mandarei por

e-mail as melhores, se você quiser.

– Claro, eu gostaria muito. – Connor tirou um dos cartões de visita que se lembrara

de pôr no bolso traseiro.

– E aqui está o meu. Meu site está nele. E escrevi meu e-mail pessoal atrás quando

peguei minha câmera, no caso de você querer fazer quaisquer perguntas ou

acompanhamentos sobre... Sally.

– Isso é ótimo.

– Ele enfiou o cartão no bolso.

Logo depois de ajudar Meagan a pôr Sally em sua caixa de transporte, Connor subiu

de novo em seu caminhão.

– Isso é ótimo? É só o que tem a dizer? – Ele olhou para o céu enquanto dirigia. – O

que deu em você, O'Dwyer? A mulher era maravilhosa, solteira, inteligente e uma

falcoeira entusiasmada. E lhe abriu uma porta de um quilômetro de largura. Mas você

passou por ela? Não, não passou. Só disse "isso é ótimo" e deixou aquela porta aberta

lá.

Aquilo era simplesmente distração, o peso de saber o que teria de ser feito e não

saber quando poderia ou seria feito? Mas isso sempre existira, não era, no fundo de

tudo? E nunca interferira em sua vida romântica.

Tudo havia mudado tanto depois do solstício? Ele sabia que nunca tinha sentido tanto

medo como quando viu as mãos de Boyle em chamas e Iona no chão, machucada e

sangrando. Quando percebeu que a vida de todos dependia deles.

Ah, bem, pensou, talvez fosse melhor deixar aquela vida romântica de molho. Não

havia nenhum motivo para não entrar por aquela porta aberta em um encontro posterior.

Mas por enquanto precisava passar pelos grandes estábulos e avisar a Fin que o

negócio fora fechado. Depois sua irmã o esperava, porque teoricamente esse era seu dia

de folga.

Connor parou nos estábulos, onde Fin construíra seu lar na elegante casa de pedra.

Havia uma piscina de água quente grande como um lago no terraço dos fundos e um

quarto no segundo andar onde ele guardava armas mágicas, livros e tudo o mais de que

um bruxo poderia precisar – especialmente um determinado a destruir um bruxo do mal

de seu próprio sangue.

Ao lado da casa havia a garagem com o apartamento onde Boyle morava – e onde

Iona moraria. E o celeiro com estábulo anexo para os cavalos – alguns para reprodução e

outros para uso nos não muito distantes estábulos de trabalho.

Alguns dos cavalos pastavam no padoque para além do destinado a aulas e treinos de

salto.

Connor avistou Meara, que o surpreendeu conduzindo um cavalo para fora.

Ele saltou do caminhão para cumprimentar Besouro, o alegre vira-lata que fizera do

celeiro seu lar, e depois a cumprimentou.

– Eu esperava ver Fin, mas não você.

– Vim buscar Rufus. Caesar estava escalado para guias hoje, mas Iona disse que ele

está com uma pequena distensão na perna dianteira esquerda.

– Nada sério, eu espero.

– Ela disse que não. – Meara enrolou a rédea de Rufus na cerca. – Mas nós

concordamos em lhe dar um pouco de descanso e ficar de olho nele. Fin está por aí em

algum lugar. Pensei que hoje era seu dia de folga.

– É, mas tive de me encontrar com uma cliente na fazenda de Mulligan. Ela comprou

Sally, da ninhada da última primavera.

– E você ficou um pouco chateado.

– Não estou chateado.

– Um pouco – disse Meara, e se inclinou para acariciar Besouro. – É difícil criar um

ser vivo, estabelecer uma conexão e um laço com ele e depois entregá-lo para outra

pessoa. Mas você não pode ficar com todos.

– Eu sei – disse Connor, embora desejasse o contrário. – E foi uma boa combinação.

Sally se deu imediatamente bem com ela, pude ver isso.

– Ela?

– Uma americana que se mudou para cá alguns anos atrás e pretende ficar, mesmo

depois que o marido, agora ex, voltou para os Estados Unidos.

Meara curvou os lábios e ergueu as sobrancelhas.

– Ela é bonita?

– Sim. Por quê?

– Por nada, só que deu para saber pela sua voz. Ela mora aqui perto?

– Não, em Clare. Ainda se sente mal com a caçada, mas tem jeito e sensibilidade

para lidar com falcões. Pensei em avisar ao Fin que fechamos o negócio e depois ir para

casa trabalhar com Branna, como prometi.

– Também estou de folga. – Ela desenrolou a rédea. – Já que você vai falar com

Branna antes de mim, diga-lhe que Iona pretende ir em breve para Galway City procurar

um vestido de noiva.

– Ainda faltam meses.

– Só seis, e uma noiva quer encontrar seu vestido antes de cuidar de todo o resto.

– Você acha que eles vão morar lá?

Meara parou no ato de montar e olhou na direção dos aposentos de Boyle em cima da

garagem.

– Onde mais morariam? Não os vejo tentando se espremer por muito tempo no quarto

de Iona no chalé.

Connor percebeu que sentiria falta dela, ou delas, como era agora. De conversarem

no café da manhã e antes de dormir quando as duas ficavam no chalé.

– A casa de Boyle tem mais de um quarto, mas com certeza não é grande o suficiente

se somarmos as crianças.

– Você está se adiantando alguns passos – observou Meara.

– Não no caso de Boyle e Iona. – Ele acariciou devagar o cavalo enquanto estudava o

que Fin construíra para si mesmo, e também para os outros. – Iona e Boyle vão querer

uma casa deles, não é? Não aposentos em cima de uma garagem.

– Eu não havia pensado nisso. Eles vão dar um jeito. – Ela se virou para Rufus. – Por

enquanto Iona está pensando em vestidos e buquês de noiva, como deveria ser. Lá está

Fin, com Aine.

Ele olhou para a bela potra branca que Fin conduzia para fora do celeiro com

estábulo anexo.

– Logo ela será a noiva, quando a cruzarmos com Alastar.

– Ela não terá um vestido branco e buquê.

– Mas terá o garanhão, e para algumas isso é suficiente.

Meara foi embora enquanto Connor ria. E antes de ir ao encontro de Fin, ele a

viu pôr

Rufus em um galope suave.

Seu amigo se agachou para acariciar Besouro, sorrindo enquanto o cão abanava o

rabo e emitia sons guturais.

Connor sabia que Fin estava falando com o cão, como ele mesmo fazia com os

falcões, Iona com os cavalos e Branna com os cães. O que quer que fosse que corresse

no sangue de Fin significava que ele podia falar com todos.

– Então, do que ele está se queixando? – perguntou Connor.

– Ele só está esperando que eu não tenha me esquecido disto.

Fin tirou um pequeno biscoito para cães do bolso do casaco de couro. Besouro se

sentou e olhou para cima com olhos expressivos.

– Você é um bom garoto e aqui está sua recompensa.

O cão pegou o biscoito delicadamente antes de se afastar saltitando triunfante.

– Ele se satisfaz com pouco – comentou Connor.

– Bem, ele adora a vida que tem e não escolheria outra. Um homem seria sortudo se

sentisse o mesmo.

– Você é sortudo, Fin?

– Em alguns dias. Mas é preciso mais do que um biscoito duro e uma cama em um

celeiro para me satisfazer. E eu tenho mais – acrescentou, acariciando o pescoço

de

Aine.

– Com certeza ela é a potra mais bonita que já vi na vida.

– E ela sabe muito bem disso. Mas a modéstia feminina costuma ser falsa. Estou

querendo levá-la até Alastar, deixá-los darem uma olhada um no outro. Então, o que você

achou de Megan?

– Sem dúvida outra beldade. Ela e Sally se deram bem. Meagan me pagou ali mesmo.

– Achei que iam se dar. – Ele assentiu e não olhou para o cheque que Connor lhe

entregou, limitando-se a enfiá-lo no bolso. – Ela voltará daqui a um ou dois meses.

Connor sorriu.

– Pensei o mesmo.

– E você? Vai viajar até Clare para visitá-las?

– Isso passou pela minha cabeça. Acho que não, e talvez só pense dessa forma

porque há coisas de mais em minha mente. – Connor passou os dedos por seus cabelos

despenteados pelo vento. – Todas as manhãs eu acordo pensando nisso, e nele. Antes

nunca acordava.

– Nós o machucamos, mas ele também nos machucou. Quase não encontramos Iona a

tempo. Nenhum de nós se esquecerá disso. Tudo o que tínhamos juntos não foi

suficiente.

Ele não se esquecerá disso.

– Teremos mais da próxima vez. Vou trabalhar com Branna. – Ele tocou de leve no

braço de Fin. – Você deveria vir comigo.

– Não hoje. Ela não vai me querer por perto se está pensando que serão apenas vocês

dois.

– Branna não deixará seus sentimentos interferirem no que deve ser feito.

– Essa é a pura verdade – concordou Fin, pulando para a sela. Ele deixou Aine

dançar um pouco. – Nós temos de viver, Connor. Apesar disso, por causa disso, em torno

disso, através disso. Temos de viver o melhor que pudermos.

– Você acha que ele nos vencerá?

– Não. Ele não vencerá vocês.

Deliberadamente, Connor segurou a rédea de Aine e olhou nos olhos verdes

tempestuosos de Fin. – Nós. Somos nós, Fin, e sempre seremos.

Fin assentiu.

– Ele não vencerá. Mas, antes da batalha, da ferocidade e do sangue que sem dúvida

rolará, temos de viver. Talvez eu escolhesse outra vida se pudesse, mas tirarei o máximo

proveito da que tenho. Vou ao chalé em breve.

Ele foi embora fazendo barulho, deixando-se levar por Aine.

Com seu humor confuso e instável, Connor foi direto para o chalé. A luz entrava

pelas janelas da oficina de Branna e incidia sobre os frascos coloridos de cremes,

loções, soros e poções. Sua coleção de pilões e moedores, suas ferramentas, velas e

plantas, estavam dispostas exatamente para isso.

E Kathel estava esparramado diante do balcão de trabalho da frente como um guarda

enquanto ela ficava sentada com o nariz no grosso livro que Connor sabia ter sido de

Sorcha.

O fogo na lareira estava brando, como o do fogão sobre o qual havia algo em uma

panela.

Outra beldade, pensou Connor – parecia que estava cercado delas –, com seus

cabelos escuros afastados do rosto e as mangas do suéter enroladas. Seus olhos, cinza

como a fumaça que saía pela chaminé, se ergueram para encontrar os dele.

– Aí está você. Pensei que chegaria antes. Metade do dia já se foi.

– Eu tinha coisas para resolver, como deixei bem claro.

– Que bicho te mordeu?

– Neste momento, você.

Não, seu humor não estava confuso, percebeu Connor. Estava péssimo. Irritado, foi

até o jarro no balcão atrás do fogão. Lá sempre havia biscoitos e se acalmou um pouco

ao encontrar os macios e com consistência de caramelo que ela passava em canela e

açúcar.

– Vim quando pude. Tive de resolver a venda do falcão.

– Que era um dos seus favoritos... Não importa, todos são. Você tem de ser realista,

Connor.

– Eu sou muito realista. Vendi o falcão e a compradora era bonita e estava disponível

e interessada. Sou realista o bastante para saber que tinha de voltar aqui para você, caso

contrário estaria tendo uma boa transa.

– Se uma transa é tão importante, vá em frente – retrucou Branna, com seus olhos

apertados. – Prefiro trabalhar sozinha a vê-lo andando de um lado para outro com tesão

encubado e amargo.

– É isso *não ser* tão importante, não ser tão importante desde antes do solstício que

me preocupa. – Ele enfiou um dos biscoitos na boca e brandiu o outro no ar.

– Vou fazer um pouco de chá.

– Não quero chá. Sim, quero. – Ele se deixou cair em um dos bancos ao longo balcão

de trabalho e acariciou Kathel quando o cão pôs a grande cabeça em sua perna. – Não é a

transa, a mulher ou o falcão. É tudo isso. Tudo. Eu me deixei morder por tudo isso.

– Há dias em que tenho vontade de subir no telhado e gritar. Gritar para todos e tudo

–confessou Branna.

Mais calmo, Connor mordeu o segundo biscoito.

– Mas você não faz isso.

– Até agora não fiz, mas posso acabar fazendo. Vamos tomar um pouco de chá e

depois trabalharemos.

Ele assentiu.

– Obrigado.

Branna passou os dedos pelas costas do irmão ao circundá-lo a caminho do fogão.

– Teremos bons e maus dias até isso terminar, mas por enquanto temos de viver o

melhor que pudermos.

Ele olhou para a parte de trás da cabeça da irmã enquanto ela punha a chaleira no

fogo, e decidiu não lhe contar que Fin dissera o mesmo.



7

ELE PENSOU EM IR PARA O PUB. ESTAVA CANSADO DE MAGIA,

FEITIÇOS E de misturar poções.

Queria um pouco de luz, música e conversas cujo tema central não fosse magia branca ou

negra ou o fim de tudo o que ele conhecia.

O fim de tudo o que ele amava.

E talvez, apenas talvez, se Alice estivesse lá, visse se ainda estava disposta a sair

com ele.

Um homem precisava de distração quando seu mundo dependia do equilíbrio das

coisas, não era? De um pouco de diversão e calor humano. Do som adorável de uma

mulher gemendo sob ele.

Acima de tudo, um homem precisava de uma fuga quando as três mulheres mais

importantes de sua vida tinham decidido fazer uma festa de despedida de solteira e

planejamento do casamento na casa dele.

Mas Connor não havia feito mais do que ir lá para fora quando percebeu que não

queria o pub, a multidão ou Alice. Então pegou o telefone e enviou uma mensagem de

texto para Fin enquanto ia para o caminhão.

Casa cheia de mulheres falando sobre o casamento. Se você estiver em casa, vou praí.

Ele havia acabado de ligar o motor quando Fin lhe respondeu.

Venha, seu pobre coitado.

Com uma meia risada, Connor se afastou do chalé.

Concluiu que faria bem para ele, depois de um dia debruçado com sua irmã sobre

livros de feitiços e magia de sangue, estar na casa de um homem, em companhia

masculina. Certamente também conseguiriam arrastar Boyle, tomar algumas cerveja e que

sabe jogar um pouco de sinuca no que considerava a sala de diversão de Fin.

O antídoto para um dia longo e não muito satisfatório.

Pegou a estrada secundária, serpenteando por entre a densa floresta verde em uma

anoitecer suave. Viu uma raposa se esgueirando para o mato, um borrão vermelho com a

presa ainda se contorcendo em sua boca.

A natureza era cheia de crueldade, assim como de beleza. Ele sabia disso muito bem.

Para a raposa sobreviver, o rato do campo tinha de morrer. As coisas eram assim.

Para eles sobreviverem, Cabhan tinha de morrer. Então ele, que nunca entrava em uma

briga se pudesse evitar e nunca machucara ninguém de propósito, mataria sem hesitação

ou culpa. Mataria com um prazer terrível, admitiu.

Mas esta noite não pensaria em Cabhan, matar ou sobreviver. Esta noite só queria

seus amigos, uma cerveja e talvez um pouco de sinuca.

A menos de meio quilômetro da casa de Fin, o motor engasgou e morreu

totalmente.

– Droga.

Não era falta de gasolina, porque enchera o tanque na véspera. E fizera uma boa

revisão no caminhão – do motor ao escapamento – menos de um mês antes.

O veículo deveria estar rodando suave como seda.

Resmungando, pegou uma lanterna no porta-luvas e saiu para levantar o capô.

Entendia um pouco de motores – como entendia um pouco de hidráulica, carpintaria,

construção e serviços elétricos. Se os falcões não tivessem dominado seu coração e sua

mente, podia ter começado o próprio negócio como faz-tudo.

Contudo, essas habilidades vinham a calhar em momentos como aquele.

Ele iluminou o motor, verificou a conexão da bateria e o carburador, fez um

movimento com a mão para a chave girar na ignição e estudou o motor que tentava pegar

com um rangido desagradável e intrigante.

Não conseguiu ver nada errado.

É claro que podia ter resolvido aquilo tudo com outro movimento de mão e estar em

seu caminho para os amigos, a cerveja e talvez sinuca.

Mas aquilo era uma questão de orgulho.

Então verificou as conexões na bomba de combustível e de novo a conexão da bateria

e não notou a névoa deslizando pelo chão.

– Bem, isso é um grande mistério.

Começou a espalmar as mãos sobre o motor, fazer uma espécie de exame – uma

última tentativa antes de desistir.

E sentiu a fumaça suja no ar.

Virou-se lentamente e viu que estava afundado até os tornozelos na névoa, que ficou

gelada com seu movimento. Sombras surgiram, cortinas escuras que bloquearam as

árvores, a estrada, o mundo. Até mesmo o céu desapareceu por trás delas.

Ele veio como um homem, com a pedra vermelha ao redor do pescoço brilhando

contra a cerrada e súbita escuridão.

– Sozinho, jovem Connor.

– Como você.

Cabhan espalmou as mãos e apenas sorriu.

– Estou curioso. Você não precisa de uma máquina para viajar no tempo. Só precisa...

Cabhan estendeu e ergueu os braços. E se aproximou uns cinquenta centímetros sem

qualquer movimento perceptível.

– Como respeitamos nosso dom, nossa habilidade, não a usamos para fins

insignificantes. Tenho pernas para caminhar ou, se necessário, usar um caminhão ou

cavalo.

– Mas está aqui, sozinho na estrada.

– Tenho amigos e parentes perto. – Embora, ao testar, tenha descoberto que não podia

alcançá-los, atravessar a grossa parede de névoa. – O que você tem, Cabhan?

– Poder. – Ele pronunciou a palavra com uma espécie de ávida reverência. – Poder

além do seu alcance.

– E um covil do outro lado do rio onde se esconder, sozinho no escuro. Eu terei uma

lareira quente, a luz dela e uma cerveja com esses amigos e parentes.

– Vocês são os últimos. – O desprezo gotejou como chuva sombria. – Você sabe

disso, como eles sabem. São bons para uma risada e trabalho. Mas os últimos dos três.

Seu pai sabia o suficiente para passar o amuleto para sua irmã, uma garota, em vez de

para o único filho dele.

– Você acha que isso me torna inferior?

– Eu sei que sim. O que você usa? Dado por uma tia, como consolação. Até mesmo

sua prima que veio de longe tem mais do que você. Você tem menos, é menos, uma

espécie de bobo da corte, um servo daqueles que chama de amigos e parentes. Seu

grande *amigo* Finbar prefere um sócio sem poder a você, enquanto você trabalha

em

troca de um salário para satisfazer os caprichos dele. Você não é nada, e tem menos.

Ele se aproximou enquanto falava e a pedra vermelha pulsou.

– Eu sou mais do que você sabe – respondeu Connor.

– O que você é, garoto?

– Sou Connor, dos O'Dwyer. Sou um dos três. Sou um bruxo da noite de Mayo. –

Connor olhou bem dentro dos olhos pretos e viu a intenção. – Eu tenho fogo. – Ele

estendeu a mão direita, segurando uma bola de fogo que girava. – E ar. – Ergueu um

dedo, o girou e criou um pequeno ciclone. – Terra – disse enquanto o chão tremia. –

Água. – Chuva desabou, quente o suficiente para produzir um chiado no chão. – E falcão.

Com um grito agudo, Roibeard mergulhou para baixo e pousou suave como uma

pluma no ombro de Connor.

– Truques baratos e animais de estimação. – Cabhan ergueu os braços alto, com os

dedos abertos. A gema vermelha brilhou como sangue.

Um raio atingiu o chão a centímetros das botas de Connor, trazendo o cheiro acre de

enxofre.

– Eu poderia matá-lo com um pensamento. – A voz de Cabhan se fez ouvir por

cima

do ribombar do trovão.

Acho que não, decidiu Connor, e apenas ergueu a cabeça e sorriu.

– Truques baratos e animais de estimação? Eu trago fogo, água, terra e ar. Teste meus

poderes se tiver coragem. O falcão é meu para sempre. Ele e eu, como parte dos três,

cumpriremos nosso destino. A luz é minha espada, a justiça é meu escudo e meu caminho

foi revelado muito tempo atrás. Eu o aceito de bom grado.

Então Connor avançou com a espada formada pela bola de fogo e cortou o ar entre

eles. Sentiu a ardência – uma faísca, uma lâmina queimar seu bíceps esquerdo.

Ignorando isso, avançou com os cabelos voando no ciclone e a espada brilhando na

escuridão.

E quando a cortou, Cabhan se foi.

As sombras desapareceram e a névoa se dissipou.

– Que assim seja – murmurou Connor.

Ele deixou o ar sair de seus pulmões, inspirou de novo e saboreou a noite – doce,

úmida e verde. Ouviu uma coruja piar em um tom longo e questionador e o farfalhar de

algo correndo no mato.

– Tudo bem. – Por um momento Roibeard se inclinou e seus rostos se tocaram. –

Aquilo foi interessante. Quer apostar que o caminhão vai pegar facilmente? Vou para a

casa de Fin, então você pode ir comigo e visitar Merlin ou voltar. A escolha é sua, *mo*

dearthair, meu irmão.

Com você. Connor ouviu a resposta tanto em seu coração quanto em sua cabeça.

Sempre com você.

Roibeard se ergueu no ar e voou.

Ainda pulsando com os ecos do poder – luz e escuridão –, Connor voltou para o

caminhão. O veículo pegou com facilidade, roncou e seguiu suavemente pelo resto do

caminho até a casa de Fin.

Connor entrou direto. Um fogo crepitava na lareira, o que era providencial, mas não

havia ninguém esparramado no sofá com uma cerveja na mão.

Tão à vontade quanto em seu próprio chalé, ele foi até os fundos e ouviu vozes.

– Se você quiser refeições quentes, Boyle, case-se com alguém que as faça.

– Por que eu faria isso se tenho você tão à mão?

– Eu estava feliz em minha própria casa me virando com um sanduíche e salgadinhos.

– E eu tenho um bom pedaço de carne de porco na geladeira.

– Por que comprou um bom pedaço de carne de porco se não tem a mínima ideia de

como prepará-lo?

– Por que eu faria isso, quando tenho você tão à mão?

Embora sua cabeça doesse um pouco como um dente prestes a dar problemas, a

conversa fez Connor rir enquanto seguia para os fundos.

Estranhamente, sentiu que já tomara aquela cerveja. Muita cerveja, porque parecia

estar flutuando, mas em um chão inclinado apenas um pouco para o lado.

Entrou na cozinha, onde as luzes eram tão fortes que ele piscou e sua cabeça latejou

em vez de doer.

– Um pedaço de carne de porco viria a calhar.

– Aí, está vendo? – Sorrindo, Fin se virou e o sorriso desapareceu de novo. – O que

aconteceu?

– Tive um pequeno confronto. Meu Deus, está quente aqui.

Connor tirou sua jaqueta, se contorcendo um pouco, e depois olhou para o braço

esquerdo.

– Vejam isso. Meu braço está fumegando.

Quando ele se inclinou para a frente, seus amigos se apressaram a segurá-lo.

– Que diabo é isso? – perguntou Boyle. – Ele está queimando.

– Está quente aqui – insistiu Connor.

– Não. É Cabhan – disse Fin por entre os dentes. – Posso sentir seu cheiro.

– Deixe-me tirar a camisa dele.

– As garotas sempre me dizem isso.

Impaciente, Fin apenas fez um movimento da direção de Connor e o deixou sem

camisa.

Connor olhou para seu braço, a enorme queimadura preta e a pele com bolhas e

descascando. Sentiu-se extremamente desligado daquilo tudo, como se olhasse para uma

pequena maravilha por trás de um vidro.

– Pode dar uma olhada nisso? – disse ele, e desmaiou.

Fin pressionou as mãos sobre o ferimento. Apesar da dor que sentiu, as manteve lá.

Conteve a queimadura.

– Diga-me o que fazer – pediu-lhe Boyle.

– Pegue água para ele. Posso parar isso, impedir que se espalhe, mas... Precisamos

de Branna.

– Vou buscá-la.

– Vai demorar muito. Pegue água para ele.

Fin fechou os olhos e transmitiu a mensagem.

Connor está ferido. Venha. Venha rápido.

– Água não vai ajudar. – Ainda assim, Boyle se ajoelhou. – Nenhum de vocês. Isso

está queimando suas mãos. Eu sei como é.

– E sabe que pode ser curado. – O suor pingava do rosto de Fin e corria em um

fino

rio por suas costas. – Não sei até onde isso pode levá-lo se eu não o contiver.

– Gelo? Ele está pegando fogo, Fin. Podemos colocá-lo em uma banheira com gelo.

– Meios naturais não ajudarão. Em minha oficina. Pegue... Não precisa – disse ele

aliviado quando Branna e Iona entraram na cozinha, com uma Meara de olhos

arregalados entre elas.

Branna se deixou cair ao lado de Connor.

– O que aconteceu?

– Eu não sei. Com certeza Cabhan, mas é só isso que sei. Ele está febril e delirando

um pouco. A queimadura debaixo das minhas mãos é preta e profunda, e está tentando se

espalhar. Eu a estou contendo.

– Deixe-me vê-la. Deixe-me fazer isso.

– Eu a estou contendo, Branna. Eu poderia fazer mais, mas acho que não tudo. Você

pode. – Ele cerrou os dentes por causa da dor. – Não vou soltá-lo, nem mesmo para

você.

– Está bem. Está bem. Mas eu preciso ver isso, sentir, saber. – Branna fechou os

olhos, evocou tudo o que tinha e pôs as mãos sobre as de Fin.

Abriu os olhos de novo, cheios de lágrimas, porque a dor sob suas mãos era

indizível.

– Olhe para mim – murmurou ela para Fin. – Connor não pode olhar, por isso olhe

por ele. Seja por ele. Sinta por ele. Cure por ele. Olhe para mim. – Seus olhos se

tornaram do tom de cinza da água do lago, calmos, muito calmos.

– Iona, ponha suas mãos sobre as minhas, dê-me o que puder.

– Tudo o que eu tenho.

– Está frio, você sente o frio? – perguntou Branna para Fin.

– Sim.

– Frio e claro. Este poder de cura extingue o fogo e afasta a escuridão.

Quando Connor começou a tremer e gemer, Meara se sentou e pôs a cabeça dele em

seu colo.

– Shh. – Com muita suavidade, acariciou-lhe os cabelos e o rosto. – Shh. Estamos

aqui com você.

O suor escorria pelo rosto de Connor – e pelo de Fin.

A respiração de Branna se tornou rasa enquanto ela absorvia um pouco do calor, da

dor.

– Eu o estou contendo – disse Fin por entre os dentes.

– Você não está sozinho. A cura dói. Esse é o preço dela. Olhe para mim e deixe isso

ir comigo. Para fora dele a quem ambos amamos, devagar, calmamente, para dentro de

você, dentro de mim. Para fora dele, para dentro de você, dentro de mim. Para fora dele,

para dentro de você, dentro de mim.

Ela quase o hipnotizou. Aquele rosto, aqueles olhos, aquela voz. E o

desaparecimento gradual da dor, o esfriamento da queimadura.

– Para fora dele – continuou Branna, balançando, balançando. – Para dentro de você,

dentro de mim. E para longe. Longe.

– Olhe para mim – disse-lhe Fin quando sentiu as mãos de Branna tremerem sobre as

dele. – Estamos quase lá. Boyle, em meu escritório, um frasco de remédio marrom com

uma tampa verde, na prateleira de cima atrás da minha bancada.

Suavemente, tirou a mão para que eles pudessem ver o ferimento. A queimadura,

agora vermelha e em carne viva, não era maior do que um punho.

– Ele está mais frio – disse Meara, acariciando-o. – Úmido, só que mais frio e com a

respiração normal.

– Não há nada sombrio embaixo, nenhum veneno. – Iona olhou de Branna para Fin e

Branna de novo para ter certeza.

– Não, agora é só uma queimadura feia. Vou acabar com isso. – Branna pôs as mãos

sobre o ferimento e suspirou. – Apenas uma queimadura, se curando bem.

– Isto? – Boyle entrou correndo com o frasco.

– Sim. – Fin o pegou e abriu para que Branna o cheirasse.

– Sim, sim, está bom. Perfeito. – Branna afastou as mãos para que Fin despejasse o

bálsamo nelas.

– Aqui, *mo chroi*. – Suas mãos se aproximaram de novo do ferimento e, muito

suavemente, ela esfregou o bálsamo na queimadura cor-de-rosa, já melhorando.

Enquanto Branna esfregava e sussurrava, Connor abriu os olhos para se deparar com

o rosto pálido e os olhos lacrimejantes de Meara.

– O quê? Por que estou no chão? Ainda não fiquei bêbado. – Ele ergueu a mão e

enxugou uma lágrima do rosto de Meara. – Não chore, querida. Tentou se sentar e

cambaleou um pouco. – Bem, aqui estamos todos nós, sentados no chão da cozinha de

Fin. Se vamos abrir a garrafa, quero ser quem a esvaziará primeiro.

– Água. – Boyle a entregou para ele.

Connor bebeu como um camelo e depois a devolveu.

– Eu gostaria de algo mais forte. Meu braço – lembrou-se. – Foi meu braço. Parece

bom agora.

E, vendo o rosto de Branna, abriu os braços para ela.

– Você cuidou de mim.

– Depois que você me fez perder cinco vidas de tanto medo. – Branna o abraçou com

força até se recompor. – O que aconteceu?

– Vou contar, mas... Obrigado. – Ele pegou o copo que Boyle lhe ofereceu, bebeu e

fez uma careta. – Meu Deus, isto é conhaque. Um homem não pode tomar um uísque?

– É conhaque para desmaio – insistiu Boyle.

– Eu não desmaiei. – Ao mesmo tempo mortificado e ofendido, Connor empurrou o

copo de volta para Boyle. – Fiquei inconsciente por causa dos meus ferimentos, e isso é

bem diferente. Prefiro um uísque.

– Vou buscar. – Meara se levantou enquanto Iona se inclinava e dava um beijo no

rosto de Connor.

– Sua cor está voltando. Você estava muito pálido e quente. Por favor, nunca mais

faça isso.

– Prometo fazer o possível para nunca repetir essa experiência.

– Qual foi a experiência? – perguntou Branna.

– Vou contar tudo, mas juro pela minha vida que estou morrendo de fome. Não quero

ser acusado de desmaiar de novo se perder a consciência por isso. Na verdade, a

fome

está me deixando tonto.

– Tenho um pedaço de carne de porco. Crua – começou Fin.

– Vocês não fizeram nada para jantar? – Branna se levantou.

– Eu achei que Boyle faria, e então Connor chegou. Desde então ficamos um pouco

ocupados.

– Você não pode cozinhar porco com um estalar de dedos.

Fin tentou sorrir.

– Você pode.

– Ah, guarde sua droga de porco e me traga uma travessa.

– Esse tipo de coisa está no... – Fin apontou para uma grande área de jantar fora da

cozinha, com aparadores imensos e armários contendo porcelanas e travessas.

Branna foi até lá e abriu algumas gavetas. Encontrou uma grande travessa Belleek.

Depois de mover um belo arranjo de lírios de estufa, pôs a travessa no centro da mesa.

– Esse é um uso frívolo do poder, mas não posso deixar meu irmão morrer de fome. E

já tinha assado frango com batatas e cenouras esta noite. Então...

Ela apontou os dedos para a travessa. E o ar se encheu dos cheiros de frango assado

e sálvia.

– Obrigada a todos os deuses e deusas. – Com isso, Connor meteu a mão na travessa

e arrancou uma coxa.

– Connor O’Dwyer!

– Morrendo de fome – disse ele com a boca cheia enquanto Branna colocava as mãos

nos quadris. – Estou falando sério. O que os outros vão comer?

– Alguém ponha a mesa, pelo amor de Deus. Preciso lavar as mãos e o rosto. – Ela se

virou para Fin. – Você tem um lavabo?

– Vou lhe mostrar.

Branna nunca tinha estado na casa dele, pensou Fin. Nem uma única vez concordara

em passar pela porta. Foi preciso o irmão precisar de ajuda para fazê-la pôr os pés lá.

Ele lhe mostrou o lovabo perfeitamente embutido sob a escada.

– Deixe-me ver suas mãos. – Branna se manteve muito reta enquanto vozes e risadas

fáceis vinham da cozinha.

Fin as estendeu, com as costas para cima. Com um suspiro de impaciência, ela as

agarrou e virou.

Palmas com bolhas e vergões nos dedos.

– O bálsamo cuidará disso.

– Pare.

Branna pôs as palmas das suas mãos nas palmas das dele e seus dedos nos dele.

– Quero lhe agradecer. Sei que você não quer ou não precisa de agradecimentos. Sei

que ele é seu irmão tanto quanto meu. O irmão do seu coração, seu espírito. Mas ele tem

o meu sangue, por isso preciso lhe agradecer.

Lágrimas surgiram nos olhos Branna de novo, um brilho sobre a fumaça. Então ela as

conteve.

– Isso foi muito ruim. Não sei ao certo quão pior podia ter sido se você não tivesse

feito o que fez.

– Eu o amo.

– Eu sei. – Ela estudou as mãos de Fin, agora curadas, e depois deu um momento para

ambos. Ergueu as mãos dele e as levou aos lábios. – Eu sei – repetiu, e entrou no toalete.

Por mais que o amor dele por Connor fosse profundo e verdadeiro, não era nada

perto do que sentia por ela. Resignado, Fin voltou para a cozinha e observou seu círculo

se preparar para a primeira refeição, todos juntos, em sua casa.

– POR QUE VOCÊ NÃO NOS CHAMOU? – PERGUNTOU BRANNA QUANDO ELES se sentaram para

comer e ouvir a história de Connor.

– Eu chamei... ou tentei. Havia algo diferente nas sombras, na névoa. Aquilo

foi...

como estar fechado em uma caixa apertada, de modo que não havia mais nada, nem

mesmo o céu. Não sei como Roibeard me ouviu ou alcançou, a não ser que já estivesse,

por assim dizer, dentro da caixa. A pedra que Cabhan usava pulsava como um coração e

as pulsações se aceleraram quando apelei para os elementos.

– Em sintonia com ele? – perguntou Fin. – Mostrando entusiasmo, irritação e medo?

– Acho que medo não, porque ele me considera muito inferior.

– Besteira. – Meara espetou uma cenoura. – Ele estava ferrando sua mente para você

se sentir inferior.

– Ela tem razão – concordou Boyle. – Tentando irritá-lo. Enfraquecer suas defesas.

Isso é uma tática comum em uma briga.

– Eu o vi brigar uma vez – lembrou-se Iona, e sorriu. – Você não falou muito.

– Porque estava socando o idiota. Mas se você acha que seu oponente tem

habilidades, talvez até mesmo melhores do que as suas, ferrar com a mente, como disse

nossa Meara, é uma boa tática.

– Eu não ligo para o que o desgraçado pensa de mim. – Satisfeito o bastante, Connor

comeu um bocado de batatas. – Confesso que o raio me abalou.

– Não o atingiu porque você estava com o amuleto, e isso é proteção – considerou

Branna. – E porque ele deseja mais do que sua morte. Tentou minar sua confiança e jogá-

lo contra mim e Fin.

– Ele fracassou nos dois casos. E o fato é que quando o ataquei a pedra brilhou mais,

mas então senti algo queimar, nada como o que veio a ser, mas uma rápida ardência. E a

gema brilhou menos depois disso. O brilho diminuiu consideravelmente quando eu o

ataquei de novo, logo antes de Cabhan desaparecer levando as sombras com ele.

– O que Cabhan fez com você exigiu muito dele. – Branna passou a mão pelo braço

de Connor. – Cercá-lo, fazer-lhe mal e... bem, se exibir para você, teve um preço para

ele.

– Se eu tivesse conseguido chamar você, se todos nós estivéssemos lá...

– Eu não sei – refletiu Branna.

– Nós sabemos que ele não estava querendo arriscar isso. Não está pronto para

encarar todos nós de novo, ou não tem coragem para isso. – Fin olhou ao redor da mesa.

– E há uma vitória.

– Devo dizer que Cabhan não estava fraco. Pude sentir isso. A escuridão e a ânsia.

Não o vi atacar e teria jurado que em nenhum momento me tocou. Contudo, senti aquela

queimadura.

– Nem sua jaqueta nem sua camisa foram queimadas. Mas sua camisa? – Boyle

gesticulou com seu garfo. – Saía fumaça dela no ponto onde seu braço queimava.

Contudo, você a está usando agora e não há nenhuma marca nela.

– Isso é ótimo, porque gosto muito desta camisa.

– Cabhan permaneceu como um homem – acrescentou Meara. – Por que não usou o

poder para se transformar? Ele precisava de tudo o que tinha para ferir Connor. Se Fin

não tivesse impedido que aquilo se espalhasse até Branna chegar, teria sido muito pior,

não é?

– Muito pior – confirmou Branna.

– E pior, muito pior, teria tirado mais de você, dos três. De um modo ou de outro

Cabhan estudou vocês durante suas vidas inteiras, por isso sabia que Branna viria e

usaria tudo o que tinha para curar Connor, e que Iona acrescentaria o que pudesse. Mas

esse “muito pior” poderia ter derrubado Connor por um ou dois dias, esgotado vocês

três. Ele queria isso e arriscou. Mas não contava com Fin – explicou Meara.

– Eu estava quase aqui – salientou Connor. – Ele devia saber que eu viria para

cá.

Impaciente, Branna balançou a cabeça.

– Cabhan o observou e estudou, mas não conhece nem um pouco o Fin. Nem um pouco. Não pode ver além do sangue que partilham. Sim, podia saber que eu seria

chamada, mas que Fin aceitaria a dor, o risco, a queimadura para impedir que se espalhasse? Cabhan não o conhece nem um pouco – disse ela para Fin. – Nunca conhecerá. No final, isso pode ser a ruína dele.

– Cabhan não sabe o que é uma família, e por isso não a respeita. Não vencerá a nossa – disse Connor, e se serviu de mais batatas.

DEPOIS DA REFEIÇÃO E LIMPEZA, CONNOR LEVOU BRANNA EM CASA, E MEARA foi com eles.

– Você vai ficar? – perguntou para Meara.

– Não, a não ser que você queira – disse ela para Branna. – Sei que tínhamos planejado nos divertir até tarde da noite.

– Vá dormir em sua própria cama. Nós nos divertiremos até tarde da noite e planejaremos o casamento em outra ocasião. Connor a levará para casa.

– Eu vim a pé dos estábulos. – Meara se inclinou para a frente a fim de olhar para

Connor. – Você pode apenas me deixar lá.

– Vou levá-la para casa. Está tarde, e esta noite foi no mínimo perturbadora.

– Isso eu não vou discutir.

Então ele deixou Branna em casa e esperou que ela entrasse, embora duvidasse que

Cabhan conseguisse fazer algo mais naquela noite.

– Ela só quer você – disse Meara em voz baixa.

– Você é sempre bem-vinda entre nós.

– Eu sei, mas ela quer apenas você esta noite. Nunca a vi tão assustada. Estávamos na

cozinha, com Branna tirando o frango do forno e rindo de algo que não consigo me

lembrar. Então ela ficou pálida como a morte. Era Fin chamando-a, embora eu não

soubesse o que ele tinha dito.

Recompondo-se, Meara parou por um momento.

– Mas ela disse apenas: “Connor está ferido. Na casa de Fin.” E agarrou meu braço.

Iona agarrou o outro. E eu voei. Por um piscar de olhos ou uma hora, não saberia dizer.

Em todos esses anos em que conheço você e Branna nunca soube como era isso. Logo

depois estávamos na cozinha de Fin, com você no chão, mais pálido ainda do que

Branna. Achei que estava morto.

– É preciso mais do que um pouco de magia negra para acabar comigo.

– Pare o caminhão.

– O quê? Ah, você está enjoada. Sinto muito. – Ele foi para o acostamento e

parou. –

Eu não deveria estar brincando quando...

As palavras, os pensamentos, tudo na mente de Connor caiu em um vácuo quando

Meara se lançou para ele, o abraçou e beijou como louca.

Como uma mulher apaixonada, louca e desesperada.

Antes de ele conseguir agir, reagir ou pensar, ela se afastou de novo.

– O que... O que foi aquilo tudo? E onde foi?

– Achei que você estivesse morto – repetiu Meara, e lhe deu mais uma vez um beijo

apaixonado, louco e desesperado.

Dessa vez ele reagiu, agarrando-a, tentando fazê-la se virar para segurá-la melhor,

obter um ângulo melhor. O tempo todo o sabor dela o estimulou como uma droga, uma

droga nunca exprimentada, uma da qual queria mais. Queria tudo.

– Meara. Deixe-me...

Ela se afastou de novo.

– Não. Não. Nós não vamos fazer isso. Não podemos fazer isso.

– Já fizemos.

– Só isso... – Ela agitou suas mãos no ar. – Isso é tudo.

– Na verdade, há muito mais, se você apenas...

– Não. – Meara estendeu o braço e pôs a mão no peito dele para fazê-lo parar. –

Dirija, dirija, dirija.

– Estou dirigindo. – Connor voltou para a estrada e percebeu que estava tão instável

quanto depois do ataque de Cabhan. – Nós deveríamos falar sobre isso.

– Nós não vamos falar sobre isso, porque não há nada sobre o que falar. Achei que

você estava morto e isso me abalou mais do que eu me dei conta, porque não quero que

você morra.

Como Connor podia sentir o caos dentro dela, tentou relaxar e se acalmar para contê-

lo.

– Claro que fico feliz por você não me querer morto, e porque não estou. Mas...

– Sempre há um “mas”. E chega.

Meara saltou do caminhão quase antes de ele parar na frente de seu apartamento.

– Vá para a casa de Branna – ordenou. – Ela precisa de você.

Se Meara não tivesse dito a última frase, ele teria ido direto para o apartamento dela,

entraria à força se necessário. Então eles teriam visto no que aquilo dava.

Mas, como Meara estava certa, esperou até ela entrar e fechar a porta. Depois dirigiu

para casa, mais confuso do que jamais ficara com uma mulher.

E mais agitado do que podia se lembrar.



8

MEARA DISSE A SI MESMA PARA SE ESQUECER DAQUILO. PARA considerar como um

momento de insanidade causado por estresse extremo. Não era todo dia que duas boas

amigas a agarravam e levavam voando de um lugar para outro em um piscar de olhos,

era?

Que você olhava para um homem de quem gostava desde pequena e achava que ele

estava morto.

Algumas mulheres teriam saído correndo e gritando, pensou enquanto voltava para os

estábulos. Outras teriam ficado histéricas.

Ela apenas beijara um homem que não estava de modo algum morto.

– Eu já o beijei antes, não foi? – murmurou, atirando feno sujo no carrinho de mão. –

Você não pode conhecer um homem quase desde que nasceu, ser o tempo todo parte da

família, a melhor amiga da irmã dele, e não beijá-lo. Isso não foi nada. Absolutamente

nada.

Ah, meu Deus!

Ela fechou os olhos com força e se apoiou no forcado.

Claro que já o beijara antes, e ele a beijara.

Mas não assim. Não, não daquela forma. Não tão apaixonada e intensamente, com

línguas e dentes e o coração disparando.

O que ele devia ter pensado? O que ela pensou?

E mais, que diabo faria na próxima vez em que o visse?

– Ok. – Iona entrou na baia atrás dela e se apoiou no próprio forcado. – Pelos meus

cálculos eu lhe dei 32 minutos. Esse é meu limite. O que está acontecendo?

– Acontecendo? – Desconcertada, Meara puxou a aba de seu boné para baixo e atirou

mais sujeira no carrinho de mão. – Estou tirando cocô de cavalo, como você.

– Meara, você mal olhou para mim, muito menos falou comigo quando chegamos hoje

de manhã. E está sussurrando. Se eu fiz algo que a irritou...

– Não! É claro que não.

– Achei que não, mas algo a fez sussurrar, se curvar e desviar os olhos.

– Talvez seja minha menstruação.

– Talvez?

– Não consegui pensar rápido o suficiente sobre se fiquei irritada recentemente,

quando menstruei. Minha mãe...

Iona apontou um dedo para fazê-la parar.

– Também não pensou rápido o suficiente dessa vez. Quando é sua mãe, você conta

logo. Você não está contando, está escondendo.

– Não estou.

Ofendida, Meara se virou para o outro lado.

– Só estou me dando um tempo para pensar.

– Sobre a noite passada?

Meara se aprumou como um mastro de bandeira.

– O que tem a noite passada?

– Connor. A queimadura causada pela magia negra.

– Ah. Bem, sim, é claro. É claro, é isso.

Examinando-a com olhos desconfiados, Iona traçou um círculo com o dedo no ar.

– E?

– E isso deveria bastar para qualquer um. Mandaria a maioria das pessoas para o

hospital com um colapso nervoso.

– Você não é a maioria das pessoas. – Então Iona se aproximou, enchendo o espaço. –

O que aconteceu depois que saiu da casa de Fin?

– Por que teria acontecido alguma coisa?

– Aí! – Iona apontou. – Você olhou para o chão. Algo aconteceu e você está se

esquivando.

Ah, por que, por que ela mentia tão mal quando isso era importante?

– Estou olhando para o cocô de cavalo que não estou removendo.

– Pensei que fôssemos amigas.

– Ah, ah, isso é golpe baixo. – Foi a vez de Meara se virar para apontar um dedo

acusador. – Esse olhar triste, o pequeno tremor em sua voz.

– É – admitiu Iona com um sorriso rápido. – Mas ainda assim é verdade.

Ao perceber que tinha perdido a batalha, Meara se apoiou em seu forcado de novo.

– Não sei o que dizer sobre isso, ou fazer.

– É por esse motivo que você conta para sua amiga. Você é amiga íntima de Branna, e

não digo isso como um golpe baixo. Se puder falar com ela, eu lhe darei cobertura

enquanto vai lá.

– Você daria – disse Meara com um suspiro. – Está muito claro que terei de falar com

ela. Não sei bem como. Talvez fosse melhor falar primeiro com uma prima em vez de

uma irmã. Como uma espécie de trampolim. É só que...

Ela foi até a porta da baia e olhou de um lado para outro para se certificar de que

Boyle, Mick ou os empregados dos estábulos não estavam por perto.

– A noite passada foi assustadora. E eu estava confusa depois de ter sido

magicamente levada de uma cozinha para outra em um piscar de olhos.

– Você nunca havia voado? Ah, meu Deus, Meara, é claro que está confusa. Acho que

presumi que Branna a levava para voar com ela de vez em quando. Para... bem, diversão.

– Não é que ela não use o poder para um pouco de diversão de vez em quando. Mas é

muito responsável em relação a isso.

– Você não precisa me dizer.

– Então nós estávamos lá, para onde tínhamos ido, e Connor... Naquele primeiro

momento, achei que ele estava morto.

– Ah, Meara. – Instintivamente, Iona estendeu os braços para abraçá-la. – Eu sabia

que ele não estava... Aquela conexão entre os três... E quase perdi o controle.

– Achei que nós o tínhamos... *perdido*, e já estava tonta e de estômago embrulhado.

Então Branna e Fin fizeram aquilo, e você também. E eu não pude fazer nada.

– Não é verdade. – Iona chegou para trás e deu uma pequena sacudida em Meara. –

Isso exigiu de todos nós. Exigiu de nosso círculo, da nossa família.

– Ainda assim eu me senti inútil, mas não importa. Foi um grande alívio quando

Connor voltou a si, e tão ele mesmo. E achei que eu me acalmaria e me estabilizaria. Mas

quando ele me levou em casa, aquilo começou a se revirar dentro de mim de novo, e

antes que eu me desse conta, antes de poder pensar direito, eu lhe disse para

parar.

– Você estava enjoada? Sinto muito.

– Não, não, e ele também achou isso. Mas então fiquei um pouco louca.

Simplesmente parti para cima dele, bem ali no caminhão.

O choque deixou Iona boquiaberta enquanto ela dava um brusco passo para trás.

– Você... Você bateu nele?

– Não! Não seja idiota. Eu o beijei. E não como uma irmã ou amiga, ou alguém que

você recebe com alegria de volta à vida.

– Aaaah. – Iona prolongou a sílaba.

– Ah – ecoou Meara, andando em círculos pela baia. – Então, como se isso não

bastasse, eu me afastei. Você diria que pus minha cabeça no lugar, mas não, fiz tudo de

novo. E, sendo homem, ele não fez nenhuma objeção e teríamos ido em frente se eu não

tivesse recuperado minha sanidade.

– Eu não deveria me surpreender. Não estou surpresa de verdade. Achei que havia

algo... Mas quando cheguei aqui pela primeira vez neste inverno, pensei que era entre

você e Boyle.

– Ah, Deus. – Exausta, Meara cobriu o rosto com as mãos.

– Sei que nunca houve nada, nada além de família e amizade. Então concluí que o

algo que pensei ter sentido entre você e Connor era o mesmo.

– É! É claro que é. Isso foi um resultado de trauma.

– Coma é o resultado de trauma. Dar uns amassos em uma picape... um caminhão... é

o resultado de algo totalmente diferente.

– Isso não foi dar uns amassos, mas apenas alguns beijos.

– De língua?

– Ah, droga. – Ela tirou o boné, o jogou no chão e o pisoteou.

– Isso ajuda? – perguntou Iona.

– Não. – Desgostosa, Meara pegou o boné e o bateu na coxa. – Como posso contar

para Branna que dei beijos de língua no irmão dela, no caminhão dele, no acostamento

como uma adolescente?

– Do mesmo modo como me contou. Que tal...

– Vocês duas pretendem ficar aí a manhã inteira ou vão levar aquele esterco para

fora? – Boyle entrou na baia e lançou um olhar carrancudo para elas.

– Estamos quase acabando – disse-lhe Iona. – E há algo que temos de discutir.

– Discutam mais tarde e levem o esterco para fora.

– Vá embora.

– Eu sou o chefe.

Ela apenas o olhou até ele enfiar as mãos nos bolsos e se afastar a passos largos.

– Não se preocupe, não contarei nada para ele.

– Ah, não faz diferença. – Novamente mortificada, Meara removeu mais esterco. –

Connor com certeza contará. Os homens são piores do que as mulheres em relação a

essas coisas.

– O que você disse para Connor? Depois.

– Eu lhe disse que era só isso e não falaria a respeito.

– Certo. – Iona conseguiu conter a gargalhada, mas não o sorriso. – Isso vai

funcionar.

– Não podemos deixar que um impulso momentâneo louco deturpe tudo. Temos

coisas mais importantes com que nos preocupar, de forma geral.

Por um momento Iona não disse nada. Depois se aproximou e deu outro abraço em

Meara.

– Eu entendo. Se quiser eu te acompanho quando for falar com Branna.

– Obrigada, mas é melhor eu ir sozinha.

– Vá esta manhã, tire isso da sua mente. Eu lhe darei cobertura.

– Seria bom resolver isso logo, não é? – E talvez assim seu estômago parasse de se

revirar, pensou Meara pressionando-o com uma das mãos. – Vou terminar as coisas aqui

e dou um pulo lá. Depois de conversar com Branna, poderei me esquecer desse assunto e

me concentrar no que precisa ser feito sem que isso fique me incomodando.

– Vou tranquilizar Boyle.

– Diga-lhe que estou menstruada ou com algum outro problema feminino. Isso sempre

o faz calar a boca.

– Eu sei – disse Iona com uma risada, e voltou para sua própria baia.

SEJA RÁPIDA, ORDENOU MEARA PARA SI MESMA ENQUANTO ANDAVA A PASSOS largos pela

floresta. Acabe com isso. Branna dificilmente ficaria com raiva – o mais provável era

que risse e considerasse uma boa piada.

Isso seria ótimo, e então ela mesma poderia considerar uma boa piada.

Imagine Meara Quinn desejando Connor O'Dwyer. E ela podia admitir a existência

de pequenos focos de desejo ardendo em pontos desconfortáveis.

Mas uma conversa com Branna acabaria com tudo isso e as coisas voltariam a ser

como deveriam.

Talvez tivesse se sentido um pouco atraída por ele de vez em quando ao longo dos

anos. Que mulher não se sentiria atraída por alguém como Connor O'Dwyer?

O homem era uma pintura, não era? Alto e esguio e com aquela cabeleira cacheada,

aquele rosto bonito e sorriso malicioso. Além disso, era tão atencioso quanto belo.

Um pouco irritável, é claro, mas de longe muito menos que ela. Verdade fosse dita,

quase nada comparado a ela. E tinha uma visão muito mais otimista e equilibrada da vida

do que a maioria das pessoas, inclusive ela própria.

Apesar de tudo o que ele enfrentara durante toda a vida, mantinha aquele otimismo,

aquele jeito atencioso. Acrescentando-se a isso o poder – porque era algo maravilhoso a

ser contemplado mesmo por alguém que havia conhecido e visto aquilo tudo desde

sempre –, o pacote completo tinha um grande peso.

E, na opinião de Meara, Connor também sabia disso e o usava em mais do que uma

cota justa de mulheres.

Não que pudesse culpá-lo. Por que não colher as flores pelo caminho?

Porque ela, por bom senso e lógica, continuaria sendo amiga de Connor em vez de

parte de um buquê.

Meara suspirou e encolheu os ombros enquanto o ar esfriava. Teria de falar com ele

sobre isso – fora tolice dizer a si mesma o contrário. Mas depois de contar para Branna e

elas darem uma boa risada.

Depois de contar para Branna, poderia falar com Connor, transformar aquilo tudo em

uma boa piada.

Procurou as luvas no bolso enquanto o vento aumentava. E pensar que a previsão fora

de manhã clara, pensou ela enquanto as nuvens encobriam o sol.

E ouviu seu nome no vento.

Meara parou, olhou na direção da voz e viu que chegara à grande árvore derrubada,

perto das grossas trepadeiras. Ao lugar para além do qual havia as ruínas da cabana de

Sorcha, e o lugar que podia viajar no tempo segundo os caprichos de Cabhan.

Ele nunca a havia chamado, se incomodado com ela. Por que faria isso? Ela não tinha

nenhum poder, não era uma ameaça. Mas agora a chamava e a voz que emanava sedução

mexeu com algo dentro dela.

Meara conhecia os perigos, todos os avisos e riscos. Contudo, viu-se diante da

parede de trepadeiras sem perceber que andara até elas. Flagrou-se estendendo o braço.

Só ia dar uma olhada, uma rápida olhada.

Sua mão tocou nas trepadeiras e o toque produziu um calor de sonho. Sorrindo,

Meara as afastou enquanto a névoa se infiltrava pelo emaranhado de plantas.

O falcão gritou ao mergulhar. Abriu caminho entre as trepadeiras, fazendo Meara

cambalear para trás tremendo muito enquanto a névoa chegava quase à altura de seus

joelhos.

Roibeard pousou na árvore derrubada e a olhou com olhos brilhantes e ferozes.

– Eu ia entrar, dar uma olhada. Também consegue ouvi-lo? É meu nome que ele está

chamando. Só quero ver.

Quando Meara estendeu o braço de novo, Roibeard abriu as asas para alertá-la.

Atrás dela o cão de Branna deu um latido suave.

– Venha comigo se quiser. Por que não vem comigo?

Kathel agarrou a barra da jaqueta dela com os dentes e a puxou para trás.

– Pare com isso! O que há de errado com você? O que... O que há de errado *comigo*?

– murmurou Meara, oscilando, com os joelhos fracos e a cabeça zonza. – Dane-se. – Ela

pôs a mão trêmula na grande cabeça de Kathel. – Bom cão, inteligente e bom. Vamos sair

daqui. – Olhou para trás, para Roibeard e as sombras que diminuíam de novo enquanto o

sol tentava penetrar na névoa. – Vamos todos sair daqui.

Meara manteve a mão em Kathel, andando rápido enquanto o falcão arremetia e

deslizava acima de sua cabeça. Nunca em sua vida ficou tão feliz em ver a floresta ficar

para trás e a casa da Bruxa da Noite tão próxima.

Não teve vergonha de correr ou entrar, ofegante, na oficina de Branna, logo à frente

do cão.

No ato de despejar algo com cheiro de biscoito de açúcar do pequeno barril para a

garrafa, Branna ergueu os olhos. Imediatamente pôs o recipiente de lado.

– O que foi? Você está tremendo. Aqui, aqui, venha para perto do fogo.

– Ele me chamou – conseguiu dizer Meara enquanto Branna contornava depressa o

balcão de trabalho. – Ele chamou meu nome.

– Cabhan. – Pondo um dos braços ao redor de Meara, Branna a puxou para perto do

fogo e a fez se sentar em uma cadeira. – Nos estábulos?

– Não, não, na floresta. Eu estava vindo para cá. No lugar... Fora da casa de Sorcha.

Branna, ele me chamou, e eu estava indo. Queria entrar, ir para ele. Eu queria.

– Tudo bem. Você está aqui. – Ela esfregou as mãos nas bochechas frias de Meara e

as aqueceu.

– Eu queria ir.

– Ele é astucioso. Faz você querer. Mas agora você está aqui.

– Podia não estar, se não fosse por Roibeard que surgiu do nada para me impedir e

depois Kathel que veio também e agarrou minha jaqueta para me puxar de volta.

– Eles a amam, como eu a amo. – Branna se curvou a fim de encostar o rosto na

cabeça de Kathel e abraçá-lo por um momento. – Vou fazer um pouco de chá.

Não

discuta. Você precisa disso, e eu também.

Primeiro ela pegou um biscoito para Kathel e depois saiu da oficina.

Para agradecer ao cão, pensou Meara. Fazê-lo saber que tudo estava bem e se sentia

grata. Branna sempre reconhecia a lealdade.

Também para agradecer e para se confortar, Meara saiu da cadeira e abraçou Kathel.

– Forte, corajoso e fiel – sussurrou. – Não há nenhum cão no mundo melhor do que

nosso Kathel.

– Nenhum. Sente-se e respire. – Ao voltar para dentro, Branna se ocupou do chá.

– Por que ele me chamaria? O que ia querer comigo?

– Você é uma de nós.

– Eu não tenho nenhum poder mágico.

– Não ser uma bruxa não significa que não tem nenhum poder mágico. Você tem um

coração e um espírito. É tão forte, corajosa e fiel quanto Kathel.

– Nunca senti nada assim. Foi como se tudo tivesse desaparecido e só houvesse a voz

de Cabhan e minha própria necessidade terrível de atender ao seu chamado.

– Vou lhe fazer um amuleto para que carregue sempre com você.

Com calor, Meara tirou sua jaqueta.

– Você já me fez amuletos.

– Farei outro, digamos que mais forte e mais específico. – Ela trouxe o chá. – Conte-

me tudo, com o máximo de detalhes que puder.

Quando acabou de contar, Meara se recostou.

– Agora percebo que só levou um ou dois minutos. Tudo pareceu muito lento, como

em um sonho. Por que ele simplesmente não acabou comigo?

– Um desperdício de uma bela donzela.

– Já faz algum tempo que não sou uma donzela. – Ela estremeceu de novo. – E ah, que

pensamento horrível. O pior é que eu podia ter querido.

– Estar enfeitiçada não é querer. Só posso acreditar que Cabhan a teria usado se você

tivesse atravessado a parede de trepadeiras, a levado para outro tempo e feito o que

pudesse para que trocasse de lado.

– Cabhan não poderia fazer isso com nenhum feitiço. Nenhum.

– Não poderia. Não, isso não. Mas como você disse sobre Fin, ele não sabe o que é

uma família e o amor. – Branna pegou a mão de Meara e a levou ao rosto. – Ele a teria

ferido, Meara, e isso teria ferido todos nós. Carregue o amuleto que vou preparar para

você.

– É claro que carregarei.

– Precisamos contar para os outros. Boyle também terá de tomar mais cuidado. Mas

ele tem Iona e Fin. Você deveria ficar aqui, com Connor e eu.

– Não posso.

– Eu sei que você valoriza seu próprio espaço, ninguém a entende melhor do que eu,

mas até decidirmos o que fazer, é melhor...

– Eu o beijei.

– O quê? O quê? – Chocada, Branna chegou para trás depressa. – Você beijou

Cabhan? Mas você disse que não tinha atravessado. Que...

– Connor. Eu beijei Connor. Na noite passada. Praticamente o violentei no

acostamento da estrada. Por um minuto perdi a cabeça, só isso. O voo, vê-lo deitado no

chão da cozinha de Fin, toda a dor no rosto dele quando a cura começou. Pensei que ele

estivesse morto, mas não estava, depois ele ficou tremendo e queimando, e então

arrancou e mordeu uma coxa de galinha antes mesmo de vestir a camisa de novo. Tudo

isso fez meu cérebro entrar em ebulição até que eu me atirei em cima dele e o beijei.

– Bem – disse Branna depois que Meara recuperou o fôlego.

– Mas você precisa saber que eu parei... Depois da segunda vez eu parei.

Embora a boca de Branna tivesse se curvado nos cantos, seu tom continuou

totalmente calmo.

– Da segunda vez?

– Eu... isso... ele... Foi uma reação louca à noite.

– E ele também teve uma reação louca... à noite?

– Pensando bem, eu diria que na primeira vez o peguei desprevenido, e quem poderia

imaginar? E na segunda... Afinal de contas, ele é um homem.

– Ele é mesmo.

– Mas não foi nada além disso. Quero que fique claro para você. Eu o obriguei a me

deixar em casa e ir embora. Não foi além.

– Por quê?

– Por quê? – Pasma, Meara apenas olhou para ela. – Ele me deixou em casa, como eu

disse.

– Por que ele não entrou com você?

– Comigo? Ele precisava voltar para casa, para você.

– Ah, isso é besteira, Meara. – A contrariedade foi visível. – Não vou ser usada

como desculpa.

– Eu não quis dizer isso, de forma alguma. Eu... achei que você ficaria irritada ou

acharia engraçado, ou no mínimo intrigada. Mas você não está nada disso.

– Não, não estou nada disso, e nem um pouco surpresa. Eu me perguntava por

que

demorou tanto para vocês dois chegarem a isso.

– Chegarem a o quê?

– Ficar juntos.

– Juntos? – O choque fez Meara se levantar. – Eu, Connor. Não, não pode ser.

– Por que não?

– Porque somos amigos.

Meara bebericou seu chá e olhou para o fogo.

– Quando penso em um amante que tocaria mais do que no meu corpo, penso em um

amigo. Ter somente o calor sem a ternura? Seria satisfatório, e é, mas só isso. E o que

acontece com o amigo quando já não é amante?

– Não sei. Vejo nossos pais, meus e de Connor, ainda felizes. Não em todos os

segundos de todos os dias, porque quem conseguiria isso? Mas felizes, e em sintonia

durante a maior parte do tempo.

– E eu vejo os meus.

– Eu sei. – Branna estendeu o braço para cima, pegou a mão de Meara e a puxou para

que se sentasse de novo. – Aqueles que nos geraram nos fizeram ter opiniões diferentes,

não é? Eu quero, quando me permitir querer, essa felicidade, essa sintonia. E você não se

permitirá querer porque vê a ruína, o sofrimento e o egoísmo sob tudo isso.

– Ele significa muito para mim para arriscar a ruína. E temos muito pelo que lutar,

como o passado e presente mostraram, para complicar nosso círculo com sexo.

– Acho que Iona e Boyle fazem sexo sempre que podem.

Meara riu.

– É diferente, porque eles estão loucamente apaixonados e preparados para isso.

– Cabe a você decidir, é claro, e a Connor. – E Connor, pensou Branna

provavelmente teria algo a dizer a esse respeito. – Mas saiba que eu não faço nenhuma

objeção, se isso era uma preocupação para você. Por que faria? Amo os dois. Também

devo dizer que o sexo tem uma magia própria poderosa.

– Então eu deveria dormir com Connor para ajudar a causa?

– Você deveria fazer o que a deixasse feliz.

– Neste momento é um pouco confuso ter certeza do que me deixará feliz ou não. Mas

o que preciso fazer é voltar ao trabalho antes que Boyle me demita.

– Primeiro farei o amuleto, e Kathel e Roibeard a acompanharão. Fique longe da

cabana de Sorcha, Meara.

– Pode acreditar, eu ficarei.

– Conte para Iona e Boyle o que aconteceu. Boyle contará para Fin e eu falarei com

Connor. Cabhan está ficando audacioso de novo, por isso é melhor todos nós ficarmos

atentos.

BRANNA NÃO PRECISOU CONTAR PARA CONNOR, PORQUE FIN PASSOU NA escola à tarde e o

chamou para uma conversa particular.

– Ela está bem? Tem certeza?

– Eu a vi menos de uma hora atrás. Ela está bem e em forma como sempre.

– Eu estive ocupado – disse Connor. – Mal notei a ausência de Roibeard, e quando

notei soube que ele estava nos estábulos. Roibeard gosta de lá, de ficar com os cavalos.

Com Meara. Então não estranhei nada e em momento algum Roibeard me enviou um

alarme.

– Porque ele e Kathel eram tudo de que Meara precisava. Branna fez um amuleto para

ela. Um forte, pedi para Meara me mostrar. E ela também é forte. Ainda assim, está na

hora de todos nós termos um pouco mais de cuidado.

Connor ficou andando de um lado para outro, suas botas esmagando o cascalho.

– Ele a teria estuprado. Forte ou não, ela não poderia tê-lo impedido. Eu vi o que

Cabhan faz com as mulheres no tempo dele.

– Ele não tocou nela, Connor, e nem tocará. Todos nós garantiremos isso.

– Estou preocupado com Branna. Ele quer poder, e ela tem muito. Seu nome é uma

homenagem à primogênita de Sorcha, e é a primeira dos três no presente para quem foi

passado o amuleto. E..

– A mulher que eu amo, e que me ama mesmo que não me queira. Você não é o único

preocupado.

– E Meara é como uma irmã para Branna. Isso poderia torná-la mais atraente para ele

– considerou Connor.

– Atingir Branna através de Meara. – Fin assentiu. – Isso seria bem do estilo dele.

– Seria. E depois da última noite...

– Depois do que ele fez com você? O que isso tem a ver com Meara?

– Nada. Bem, indiretamente. – Um homem não deveria mentir ou dar respostas

evasivas para os amigos. Em todo caso, havia mais em jogo do que discrição. – Meara e

eu tivemos um momento, depois que deixamos Branna no chalé. Um ou dois momentos no

caminhão, no acostamento.

Fin ergueu uma sobrancelha.

– Você avançou para cima de Meara?

– Foi o contrário. – Distraído, Connor girou um dedo. – Ela avançou em mim. E com

muito entusiasmo. Depois parou, disse que era só isso e para eu levá-la em casa. Eu

adoro as mulheres, Fin. Adoro-as da cabeça aos dedos dos pés, adoro suas mentes, seus

corações e seus corpos. Seios. O que há nos seios de uma mulher?

– Quanto tempo nós temos para discutir esse assunto?

Connor riu.

– Tem razão. Poderíamos passar horas apenas falando sobre seios. Eu adoro as

mulheres, Fin, mas juro pela minha vida que há muito nelas que é impossível de entender.

– E essa discussão demoraria dias e nunca seria concluída. – Obviamente intrigado,

Fin estudou o rosto de Connor. – Diga-me uma coisa: você queria que fosse só isso?

– Depois que eu parei de me perguntar onde tudo isso estava escondido de nós dois

durante nossas vidas, não, não queria. Não quero.

– Então, *mo dearthair* – Fin deu um tapinha no ombro de Connor –, cabe a você

tomar uma atitude.

– Estou pensando nisso. E me pergunto se aqueles momentos no acostamento

poderiam ser o motivo do interesse de Cabhan por ela hoje. Isso não é maluquice.

– Não, não é. Ele o feriu na noite passada. Pode ter tentado feri-lo de novo hoje,

através de Meara. Então tomem cuidado, vocês dois.

– Eu tomarei e farei com que ela tome também. Ah, lá estão os clientes das três horas.

Um casal de Gales. Quer ir? Vou buscar uma mochila e luvas para você.

Fin começou a dizer que não, e então percebeu que havia muito tempo que não fazia

uma caminhada para observação de falcões com Connor.

– Tudo bem, mas vou buscar meu equipamento.

Connor ergueu os olhos e avistou Merlin no céu.

– Vai levá-lo? Confiá-lo a um deles?

– Merlin também vai gostar do passeio.

– Então será um pouco como nos velhos tempos.

Quando Fin foi buscar o equipamento, Connor verificou as horas. Assim que pudesse,

procuraria Meara. Eles tinham muito sobre o que conversar, gostasse disso ou não.



9

COMO SE SEU DIA NÃO TIVESSE SIDO TENSO O SUFICIENTE, MEARA recebeu um telefonema

desesperado e choroso da mãe, e isso a fez procurar Boyle.

Ele estava sentado no escritório, com a testa franzida como costumava ficar quando

cuidava da papelada.

– Boyle.

– Por que os números nunca estão certos na primeira vez em que você faz os

cálculos? Por quê?

– Eu não saberia dizer, Boyle. Desculpe-me por pedir, mas preciso sair. Houve um

incêndio na casa da minha mãe.

– Um incêndio? – Boyle se ergueu de um pulo da escrivaninha, como se ele próprio

fosse apagá-lo.

– Um incêndio na cozinha, eu acho. Foi difícil arrancar alguma coisa dela, porque

estava quase histérica. Mas consegui descobrir que não está ferida e que o lugar não foi

consumido pelo fogo. Ainda assim, não sei a gravidade da situação, por isso...

– Vá. Ande. – Ele circundou a escrivaninha, pegou o braço de Meara e a puxou para

fora do escritório. – Dê notícias assim que puder.

– Darei. Obrigada. Farei horas extras amanhã para compensar isso.

– Apenas vá, pelo amor de Deus.

– Estou indo.

Ela pulou para dentro de seu caminhão.

Não devia ser nada, disse para si mesma. A menos que fosse. Com Colleen Quinn,

nunca se sabia.

E sua mãe fora quase incoerente, chorando em um segundo e falando sem parar no

próximo. Sobre fumaça, a cozinha queimando.

Talvez estivesse ferida.

A imagem de Connor, a queimadura preta com bolhas no braço dele, surgiu em sua

mente.

Queimando.

Cabhan. Meara foi dominada pelo medo à ideia de que ele podia ter tido algum papel

nisso. Ele fora atrás da mãe dela porque ela resistira ao seu chamado?

Meara pisou com força no acelerador, fez curvas como um foguete e seguiu em alta

velocidade com o coração a galope para a pequena casa de boneca aninhada entre um

punhado de outras nos limites de Cong.

A casa estava em pé – não havia nenhum dano visível às paredes brancas, ao telhado

cinza e ao bem-cuidado jardim da frente. Realmente muito bem-cuidado, porque os

pequenos jardins da frente e dos fundos eram o único verdadeiro interesse da mãe.

Meara abriu o portão – que ela mesma pintara na primavera anterior – e correu pelo

caminho, procurando suas chaves, já que a mãe insistia em trancar as portas dia e noite

temendo ladrões, estupradores ou espionagem alienígena.

Mas Colleen saiu correndo com as mãos juntas na altura do peito como se em oração.

– Ah, Meara, graças a Deus você veio! O que vou fazer? O que vou fazer?

Ela se atirou nos braços de Meara chorando e tremendo, desesperada.

– Você não está ferida? Tem certeza? Deixe-me ver se não está ferida.

– Queimei meus dedos. – Como uma criança, ela estendeu a mão para mostrar o

ferimento.

E Meara viu com alívio que não era nada que um pouco de unguento não resolvesse.

– Então está tudo bem, tudo bem. – Para acalmá-la, Meara beijou de leve a pequena

queimadura. – Isso é o mais importante.

– Isso é terrível! – insistiu Colleen. – A cozinha está arruinada. O que vou fazer? Ah,

Meara, o que vou fazer?

– Vamos dar uma olhada e depois veremos, não é?

Foi fácil virar Colleen e levá-la para dentro. Meara tinha herdado a altura do pai há

muito ausente. Colleen viera em um pequeno e bonito pacote – delicada, esguia e sempre

perfeitamente arrumada, um fato da vida que com frequência fazia Meara se sentir como

um urso desajeitado conduzindo um poodle com um pedigree perfeito.

Nenhum dano à sala da frente, outro alívio, embora Meara sentisse cheiro de fumaça

e visse um filete dela.

Fumaça, pensou com mais alívio, não névoa.

Três passos a levaram para a cozinha compacta onde a fumaça fina pairava.

Não uma ruína, mas uma bagunça. E não do tipo causada por um bruxo maligno,

concluiu, mas por uma mulher inapta e descuidada.

Mantendo um braço ao redor da mãe chorosa, ela avaliou a situação.

Uma assadeira com um pernil queimado no chão ao lado de um pano de prato

chamuscado e molhado contavam a história.

– Você queimou o pernil – disse Meara com delicadeza.

– Pensei em assar um pouco de cordeiro, porque Donal e a namorada vêm jantar mais

tarde. Não aprovo que ele vá morar com Sharon antes do casamento, mas ainda assim sou

mãe dele.

– Assando um pernil – murmurou Meara.

– Como você sabe, Donal gosta de um bom pernil. Eu só saí por instante. Há lesmas

no jardim ali e fui trocar a cerveja.

Aflita, Colleen agitou as mãos à porta da cozinha como se Meara pudesse ter se

esquecido de onde o jardim ficava.

– Elas vieram atrás das marias-sem-vergonha, e então tive de cuidar disso.

– Certo. – Meara começou a abrir as janelas que Colleen não abrira.

– Não me ausentei por muito tempo, mas pensei que já que estava lá fora podia

colher algumas flores para um belo arranjo de mesa. Você precisa de flores frescas

quando tem companhia para jantar.

– Humm – murmurou Meara pegando as flores espalhadas no chão molhado.

– Eu entrei e a cozinha estava cheia de fumaça. – Ainda agitando as mãos, Colleen

lançou um olhar choroso ao redor. – Corri para o fogão e o cordeiro estava queimando,

por isso peguei aquele pano para tirá-lo de lá.

– Estou vendo. – Meara encontrou um pano limpo e pegou a assadeira e o pernil

carbonizado.

– E de algum modo o pano pegou fogo. Tive de largar tudo e pegar a panela ali, onde

tinha água para as batatas.

Enquanto a mãe torcia as mãos, Meara pegou as batatas e as jogou na pia para lidar

com elas depois.

– Está tudo arruinado, Meara, arruinado! O que vou fazer?

A mistura já conhecida de contrariedade, resignação e frustração se apoderou dela.

Aceitando-a como sua sina, enxugou as mãos em suas calças de trabalho.

– A primeira coisa a fazer é abrir as janelas da sala da frente enquanto eu limpo

isto.

– A fumaça vai manchar a pintura, não é, Meara? E está vendo o chão ali? Foi

queimado pelo pano em chamas. Não ouso contar para o senhorio ou ele vai me despejar.

– Ele não fará nada desse tipo, mãe. Se a pintura está manchada, daremos um jeito

nisso. Se o chão está danificado, daremos um jeito também. Abra as janelas e depois

passe um pouco do unguento de Branna em seus dedos.

Mas Colleen apenas ficou parada com as mãos cruzadas, seus belos olhos azuis

úmidos.

– Donal e a namorada vêm às sete.

– Uma coisa de cada vez, mãe – disse Meara enquanto limpava.

– Eu não podia telefonar para ele e lhe contar sobre o desastre aqui. Ele estava no

trabalho.

Mas você telefonou para mim, pensou Meara, porque nunca entendeu que uma mulher

pode trabalhar, trabalhar de verdade, e querer ou precisar trabalhar do mesmo modo que

um homem.

– As janelas – foi tudo o que disse.

Não havia nenhum traço de maldade nela, lembrou Meara a si mesma enquanto

limpava o chão – de modo algum queimado, mas apenas sujo das cinzas do

pano. Nem

mesmo egoísmo do modo usual, apenas desamparo e dependência.

E isso de fato era culpa da mãe, tendo sido cuidada e protegida durante toda a vida?

Por seus pais, depois pelo marido e agora pelos filhos.

Ela nunca havia sido ensinada a lutar. Ou, pensou Meara olhando de modo

reprovador para a assadeira, nem mesmo a preparar um maldito pernil.

Depois de torcer o esfregão, Meara parou por um momento para enviar uma

mensagem de texto para Boyle. Não havia nenhum motivo para mantê-lo preocupado.

Não um incêndio, mas um pernil de cordeiro queimado e uma bagunça completa. Sem danos.

Meara levou a carne queimada para fora a fim de colocá-la na lixeira, esfregou as

batatas e as pôs para secar. Ainda estavam cruas porque felizmente a mãe se esquecera

de acender o fogo sob elas.

Pôs a assadeira de molho na pia e a chaleira de chá para ferver enquanto Colleen se

desesperava com a possibilidade de ser despejada.

– Sente-se, Ma.

– Não consigo ficar sentada, estou muito aflita.

– Sente-se. Você vai tomar um pouco de chá.

– Mas Donal. O que vou fazer? Eu arruinei a cozinha e eles vêm para o jantar. E

o

senhorio, isso com certeza o deixará nervoso.

Meara começou a multiplicar mentalmente – por sete, o que sempre a confundia. Isso

a impediu de gritar quando se virou para a mãe.

– Primeiro, olhe ao redor. A cozinha não está arruinada, está?

– Mas eu... – Como se vendo a cozinha pela primeira vez, Colleen andou ao redor. –

Ah, está bem limpa, não é?

– Sim, está.

– Ainda sinto cheiro de fumaça.

– Mantenha as janelas abertas mais um pouco, e não sentirá. Na pior das hipóteses,

esfregaremos as paredes.

Meara fez o chá e pôs alguns biscoitos em um dos pratos elegantes da mãe – e porque

era sua mãe, acrescentou um guardanapo de linho branco.

– Sente-se e tome seu chá. Vamos dar uma olhada em seus dedos.

– Estão muito melhores. – Sorrindo, Colleen os estendeu. – Branna tem jeito para

fazer as coisas, não é? Loções, cremes, velas e assim por diante. Adoro fazer compras na

Bruxa da Noite. Sempre encontro uma ou outra coisinha bonita. É uma lojinha

encantadora.

– É, sim.

– E Branna vem aqui de vez em quando, me traz amostras para experimentar.

– Eu sei. – Meara também sabia que assim Colleen podia ter suas coisinhas bonitas

sem gastar muito.

– Branna é uma moça adorável e está sempre muito elegante.

– Sim – concordou Meara, sabendo que Colleen desejava que sua filha usasse roupas

elegantes em vez de roupas para trabalhar nos estábulos.

Teremos de continuar decepcionadas uma com a outra, não é, mãe?, pensou ela, mas

não disse mais nada.

– A cozinha está bem limpa mesmo, Meara, obrigada. Mas não tenho nada pronto nem

tempo para fazer um bom jantar para Donal e a namorada. O que Sharon vai pensar de

mim?

– Ela vai pensar que você se atrapalhou um pouco na cozinha, por isso telefonou para

o Ryan’s Hotel e fez uma reserva para três.

– Ah, mas...

– Vou providenciar isso, e eles colocarão na minha conta. Vocês terão um bom jantar

e voltarão para cá para tomar chá e comer a sobremesa, que buscarei no Monk’s Cafe

daqui a alguns minutos. Você servirá tudo em seu jogo de chá de porcelana e se sentirá

bem com isso. Todos terão uma bela noite.

As bochechas de Colleen ficaram coradas de prazer.

– Isso parece ótimo.

– Mãe, você se lembre do modo adequado de lidar com um incêndio na cozinha?

– Jogar água no fogo. Eu fiz isso.

– É melhor abafá-lo. Há um extintor no quartinho onde está o esfregão. Lembra? Fin o

trouxe e Donal fixou os suportes para ficar sempre ali, na parede do quartinho.

– Ah, mas eu estava tão transtornada que não pensei nisso. E como me lembraria do

modo de usá-lo?

Esse era um ponto a considerar, pensou Meara.

– Se isso não der certo, você pode jogar bicarbonato de sódio no fogo, ou melhor, em

tudo ao redor, e pôr uma tampa de panela em cima para bloquear o ar. O ideal é não sair

da cozinha quando estiver cozinhando. Mas você pode regular o timer do forno para não

ficar presa na cozinha quando estiver assando algo.

– Eu queria ter feito isso.

– Eu sei que sim.

– Sinto muito pelo incômodo, Meara, de verdade.

– Eu sei, e tudo está resolvido agora, não está? – Ela pôs sua mão de leve sobre a de

Colleen. – Mãe, você não seria mais feliz morando perto dos seus netos?

Meara passou algum tempo regando a semente que plantara e depois foi à cafeteria,

comprou um bonito bolo, alguns pães e doces. Passou pelo restaurante, tomou as

providências com o gerente, um amigo desde os tempos de escola, e voltou para a casa

da mãe.

Como estava com dor de cabeça, de lá foi direto para casa e telefonou para sua irmã.

– Maureen, é a sua vez de ficar um pouco com a mamãe.

Depois de uma hora de discussão, negociação, gritos, risos e comiseração, ela pegou

os comprimidos para dor de cabeça e os engoliu com a água da pia do banheiro.

E se olhou por um bom tempo no espelho. O pouco tempo de sono deixara olheiras.

Fadiga em todos os níveis possíveis acrescentava tensão ao redor dos olhos e uma ruga

entre as sobrancelhas que ela esfregou, aborrecida.

Outro dia como esse, concluiu, e precisaria de todos os cremes e loções de Branna –

e também de um feitiço – para não parecer uma velha.

Precisava se esquecer de tudo aquilo por uma noite, disse para si mesma. De Connor,

Cabhan, sua mãe, toda a sua família. Precisava de uma noite tranquila, decidiu, de pijama

– com uma grossa camada de um dos cremes de Branna no rosto. E também de uma

cerveja, salgadinhos ou qualquer comida pronta que tivesse à mão, e de TV.

Não queria mais do que isso.

Optou por começar pela cerveja – não seria a primeira vez que levava uma cerveja

gelada para acompanhar um banho quente e terminar o dia – e estava indo na direção da

cozinha quando alguém bateu à porta.

– Seja quem for, vá embora – murmurou. – E nunca mais volte.

E quem quer que fosse bateu novamente, e ela teria ignorado mais uma vez, mas a

pessoa disse:

– Abra, Meara. Sei muito bem que você está aí.

Connor. Ela olhou para o teto, mas se dirigiu à porta.

Abriu-a.

– Estou querendo um pouco de sossego, então vá para outro lugar.

– Que história é essa de incêndio na casa da sua mãe?

– Não foi nada. Agora vá.

Connor apertou os olhos para ela.

– Você parece péssima.

– Isso é tudo de que eu preciso para terminar meu maldito dia. Obrigada.

Meara começou a fechar a porta na cara de Connor, mas ele a escorou com um dos

ombros. Por um estúpido momento um empurrou o outro. Ela tendia a se esquecer de que

o homem era mais forte do que parecia.

– Certo, certo, então entre. De qualquer modo o dia foi uma droga mesmo.

– Você está com dor de cabeça, cansada e irritada com isso.

Antes de Meara poder se esquivar, ele pôs as mãos na cabeça dela e as desceu até a

base do crânio.

E a dor latejante desapareceu.

– Eu já havia tomado um analgésico.

– Isso funciona mais rápido. – Ele acrescentou uma leve massagem nos ombros de

Meara que desfez todos os nós musculares. – Sente-se e tire suas botas. Vou lhe trazer

uma cerveja.

– Eu não o convidei para uma cerveja e um bate-papo.

O mau humor em sua voz depois que ele lhe tirou todas aquelas dores latejantes a

envergonhou. E a vergonha só aumentou o mau humor.

Connor ergueu a cabeça, cheio de paciência e solidariedade. Ela teve vontade de lhe

dar um soco por isso.

Queria pôr a cabeça no ombro dele e apenas respirar.

– Você não comeu, não é?

– Acabei de chegar em casa.

– Sente-se.

Ele foi para a cozinha – se é que podia chamar assim. O fogão de duas bocas, a

pequena geladeira, a pia ínfima e o balcão socado razoavelmente organizado no canto da

sala de estar e supria as necessidades dela.

Meara grunhiu palavras rudes baixinho, mas se sentou e tirou as botas enquanto o

observava olhar ao redor.

– O que você está procurando aí?

– A pizza congelada que você nunca deixa de estocar será mais rápido, e me cairia

bem porque também não comi.

Connor a tirou da embalagem e a pôs no forno. E, ao contrário da mãe dela, lembrou-

se de regular o timer. Ele pegou algumas garrafas de Harp, as abriu e voltou.

Entregou-lhe uma cerveja, sentou-se ao lado dela e pôs os pés na mesinha de centro,

como um homem em casa.

– Vamos começar pelo fim. Sua mãe. Um incêndio na cozinha, certo?

– Nem isso. Ela queimou um pernil de cordeiro e pela sua reação você diria que

tinha começado um inferno que arrasou a vila.

– Bem, sua mãe nunca foi uma boa cozinheira.

Meara riu e bebeu um pouco de cerveja.

– Ela é péssima. Não sei por que enfiou na cabeça que faria um pequeno jantar para

Donal e a namorada. Porque isso é apropriado – respondeu a si mesma imediatamente. –

No mundo da minha mãe, isso é apropriado, e ela deve fazer o que é apropriado. Ela tem

peças de Belleek, Royal Tara e Waterford espalhadas por toda parte e cortinas finas de

renda irlandesa nas janelas. E juro que se veste para cuidar do jardim ou ir ao

supermercado como se estivesse indo almoçar em um restaurante cinco estrelas. Nunca

tem um fio de cabelo fora do lugar ou os lábios borrados. E não consegue cozinhar uma

batata sem provocar um desastre.

Quando Meara parou e bebeu, Connor lhe deu um tapinha na perna e não disse nada.

– Minha mãe está morando em uma casa alugada pouco maior do que o barracão do

jardim da casa onde morava com meu pai, a mantém trancada como um cofre para se

proteger contra os bandos de ladrões e vilões que imagina estarem à espera e não

consegue pensar em abrir uma maldita janela quando a casa está cheia de fumaça.

– Então ela telefonou para você.

– Para mim, é claro. Não podia telefonar para Donal porque ele estava no trabalho, e

eu só estava brincando com os cavalos. Desocupada. – Então Meara suspirou. – Sei que

ela não acha isso, mas é o que *sente*. Nunca teve um emprego. Casou-se com meu pai

quando ainda era uma garota. Ele a levou, lhe deu uma bela casa com empregados para

cuidar e a encheu de luxos. Tudo o que ela tinha de fazer era ser um belo ornamento e

criar os filhos. Receber convidados, é claro, mas isso também era ser um belo ornamento

e havia a Sra. Hannigan para cozinhar e empregados para fazer o resto.

Cansada de novo, Meara baixou os olhos para sua cerveja. Depois continuou:

– Então o mundo da minha mãe desabou ao redor dela. Não admira que não saiba

fazer as coisas mais práticas.

– Seu mundo também desabou.

– Foi diferente. Eu era jovem o bastante para me adaptar às coisas e não senti a

vergonha que minha mãe sentiu. Eu tinha Branna, você, Boyle e Fin. Ela o amava. Amava

Joseph Quinn.

– Você não, Meara?

– O amor pode morrer. – Meara bebeu de novo. – O dela não morreu. Minha mãe

mantém a foto dele em um porta-retratos no quarto. Sempre que o vejo, tenho vontade de

gritar. Meu pai nunca vai voltar para ela, e por que ela o aceitaria se voltasse? Mas ela

aceitaria.

– Não é o seu coração, mas o dela.

– Minha mãe se agarra a uma ilusão, não à realidade. Mas você está certo. É o

coração dela, não o meu.

Meara inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Você a deixou bem de novo?

– Eu arrumei a bagunça. Ela havia enchido o chão da cozinha de água e batatas.

Felizmente se esqueceu de acender o fogo da panela com batatas, por isso não tive de

lidar com o desastre resultante. Agora ela está jantando no Ryan’s Hotel com Donal e a

namorada dele.

Connor esfregou a mão na coxa de Meara, acalmando-a.

– Por sua conta.

– O dinheiro é o menos importante. Eu telefonei para Maureen e contei toda a

história. É a vez dela, dane-se. Mary Clare mora muito longe. Mas da casa de Maureen

mamãe poderia visitar Mary Clare e os filhos dela assim como vir aqui. E meu irmão... A

esposa dele é ótima, mas acho que seria mais fácil para minha mãe morar com a própria

filha do que com a esposa do filho. E Maureen tem um quarto e um marido doce e

complacente.

– O que sua mãe quer?

– Ela quer meu pai e a vida que tinha de volta, mas como isso não vai acontecer,

ficará feliz com as crianças. Ela é boa com crianças, as adora e tem uma paciência

infinita com elas. No final Maureen aceitou pelo menos tentar. Eu acredito, e juro que é

verdade, que isso será bom para todos. Minha mãe ajudará muito Maureen com as

crianças e elas a adoram. Será feliz morando lá, em uma casa maior e melhor, e longe

daqui onde há lembranças de mais do passado.

– Acho que você tem razão, se isso faz diferença.

Meara suspirou de novo e bebeu.

– Faz. Minha mãe não é uma pessoa que pode viver feliz e tranquila sozinha. Donal

precisa começar a própria vida. Eu preciso ter a minha. Maureen é a solução para isso e

só se beneficiará tendo a mãe cuidando das crianças quando ela quiser sair.

– Esse é um plano bom. – Connor deu um tapinha na mão dela e se levantou ao ouvir

o alarme do timer. – Agora é hora da pizza e você pode me contar tudo sobre Cabhan.

Não era a noite que Meara havia imaginado, mas apesar de tudo ela se viu relaxando.

A pizza comida no sofá da sala de estar encheu o buraco em sua barriga que não

percebera que estava lá até a primeira mordida. E a segunda cerveja desceu fácil.

– Como eu contei para Branna, foi tudo suave como em um sonho. Agora entendo o

que Iona quis dizer quando isso aconteceu com ela no último inverno. É um pouco como

flutuar e não estar totalmente dentro de si mesma. O frio – murmurou. – Eu havia me

esquecido disso.

– O frio?

– Antes, logo antes. De repente esfriou. Cheguei a tirar as luvas do bolso. E o vento

ficou forte. A luz mudou. Era uma manhã clara, como disseram que seria, mas ficou

cinzenta e sombria. Nuvens encobrindo o sol, pensei, mas...

Com a mente mais clara, Meara tentou se lembrar de como acontecera.

– Sombras. Havia sombras. Como poderia haver sombras sem sol? Eu tinha me

esquecido, não contei para Branna. Acho que estava muito tensa.

– Tudo bem. Você está me contando agora.

– As sombras se moveram comigo e dentro delas estava calor, mas na verdade não

estava, Connor. Eu estava congelando, mas *pensei* que estava quente. Isso tudo faz

sentido?

– Se quer saber se eu entendo, sim. A magia dele é tão fria quanto negra. O calor foi

um truque da sua mente, assim como o desejo.

– O resto foi como eu lhe contei. Ele chamando meu nome, eu em pé lá com a mão

prestes a afastar as trepadeiras, querendo muito entrar, atender ao chamado. E Roibeard e

Kathel vindo me salvar.

– Se você voltar a pé do trabalho para o chalé, ou quando guiar seus clientes, fique o

mais longe possível daquela área.

– Ficarei, é claro. É o hábito que me leva a passar por lá, e os hábitos podem ser

mudados. De qualquer modo, Branna me fez um amuleto. Como Iona, e depois Fin me

empurrou mais outro.

Connor pôs a mão no bolso e pegou um saquinho.

– Eu também.

– Nesse ritmo meus bolsos vão ficar cheios de saquinhos mágicos.

– Faça isto: mantenha um perto da sua porta aqui, um em seu caminhão, um perto de

sua cama. O sono é vulnerável. E um em seu bolso. – Connor pôs o saquinho na mão de

Meara e fechou os dedos dela sobre o amuleto. – Sempre, Meara.

– Está bem. Esse é um bom plano.

– E use isto. – Ele tirou do bolso uma tira de couro longa e fina com contas polidas.

– É bonito. Por que devo usá-lo?

– Eu o fiz quando não tinha mais que 16 anos. É calcedônia azul, um pouco de jaspe e

jade. A calcedônia é uma boa proteção contra magia negra e o jade ajuda a proteger

contra ataque físico, o que você acabou de experimentar. O jaspe é bom como uma pedra

protetora em todos os aspectos. Então use isto, está bem?

– Está bem. – Ela o passou pela cabeça. – Você pode pegá-lo de volta quando

acabarmos com isso. É muito bem-feito – acrescentou, estudando-o. – Mas você sempre

foi habilidoso com as mãos.

No mesmo instante em que aquelas palavras saíram, ela estremeceu por dentro.

– Bem, agora você sabe dos altos e baixos do meu dia, e estou grata pela pizza,

mesmo tendo vindo da minha própria geladeira.

Meara começou a se levantar e tirar os pratos, mas ele pôs a mão no braço dela e a

fez se sentar de novo.

– Ainda não terminamos, porque começamos pelo fim. E isso nos leva à noite

passada.

– Eu já lhe disse que aquilo não significou nada.

– O que você me disse foi besteira.

O tom tranquilo e quase alegre da voz de Connor a fez querer discutir com ele, por

isso manteve deliberadamente seu tom equilibrado.

– Já tive confusão de mais para um dia, Connor.

– Claro que também poderíamos acabar com isso tudo. Somos amigos, não é, Meara?

– Somos, e é exatamente isso que quero dizer.

– O beijo que você me deu não foi de uma amiga, nem mesmo de uma amiga tensa e

abalada. Como o beijo que lhe dei quando superei a primeira surpresa não foi de um

amigo.

Meara deu de ombros para mostrar o quão pouco aquilo tudo significava e desejou

que seu estômago parasse de se agitar. Parecia que ela havia engolido um bloco de gelo

em vez de uma pizza congelada.

– Se eu soubesse que você ia ficar tão perturbado com um beijo, isso não teria

acontecido.

– Para um homem não ficar perturbado com um beijo como aquele teria de estar

morto há seis meses. E aposto que ainda sentiria uma excitação.

– O que só significa que eu sou boa nisso.

Connor sorriu.

– Eu não discutiria sua habilidade. Estou dizendo que não foi um beijo de amigos,

provocado pela aflição. Não foi só isso.

– Então também houve um pouco de curiosidade e desejo. Isso não é nenhuma

surpresa, é? Somos adultos, humanos, e estamos na mais estranha das situações. Demos

um beijo rápido e quente, só isso.

Ele assentiu como se pensando no que ela dissera.

– Eu também não discutiria isso, exceto por uma coisa.

– Que coisa?

Connor saiu tão rápido de sua posição relaxada que Meara não teve nem um segundo

para se preparar. Ele a puxou para cima, a fez mudar de posição também e a beijou.

Foi outro beijo rápido, quente, profundo e fatal para os sentidos. Uma parte da mente

de Meara disse para ela lhe dar um soco e acertar as coisas, mas o resto dela estava

ocupado demais apreciando avidamente o que ele lhe dava.

Então Connor puxou sua trança – um gesto antigo e afetuoso, de modo que os lábios

se separaram mas os rostos ficaram próximos. Tão próximos que os olhos que ela

conhecia tão bem quanto os seus próprios assumiram tons de verde mais escuros e

profundos com pequenos brilhos dourados.

– Essa coisa.

– Isso é apenas... – Dessa vez ela não conseguiu resistir a se aproximar e sentiu o

coração de Connor disparar contra o seu. – Atração física.

– É?

– É. – Ela se forçou a se afastar e achou que estava um pouco mais segura a certa

distância. – E além disso, Connor, nós dois precisamos pensar. Somos amigos, e sempre

fomos. E parte de um círculo que não pode ser posto em risco.

– Qual é o risco?

– Nós transarmos...

– Uma ótima ideia. Eu topo.

Embora Meara balançasse a cabeça, teve de rir.

– Você toparia de hora em hora. Mas somos eu e você agora. E se houver

complicações e o tipo de tensões que podem ocorrer e *de fato* ocorrem quando há sexo

envolvido?

– Quando é bem-feito, o sexo alivia as tensões.

– Por um momento. – Embora pensar nisso, com ele, causasse muitas. – Mas

poderíamos causar mais, para nós mesmos e para os outros, quando menos pudéssemos

nos permitir isso.

Calmo como sempre, Connor pegou sua cerveja para terminá-la.

– Isso é seu cérebro ocupado, sempre pensando no que virá depois e impedindo o

resto de você de aproveitar o momento.

– Depois de um momento vem outro.

– Exatamente. Então qual é o motivo para não aproveitá-lo antes que termine?

– O motivo é ver com clareza e estar pronto para o próximo momento e o seguinte. E

precisamos pensar muito bem sobre tudo isso. Não podemos apenas pular na cama

porque temos vontade. Gosto demais de você e de todos os outros para isso.

– Não há nada que você possa fazer que abale minha amizade. Nem mesmo dizer não

a isso quando eu quero que diga sim mais do que... bem, mais do que eu desejaria.

Connor também se levantou.

– Então vamos pensar sobre isso, dar um tempo para ver como nos sentimos.

– É melhor, não é? É apenas uma questão de dar um tempo para que as coisas se

acalmem e pensar com clareza para não seguirmos um impulso do qual poderíamos nos

arrepender. Nós dois somos inteligentes e equilibrados o suficiente para fazer isso.

– Então é o que faremos.

Ele estendeu a mão para selar o acordo. Meara a pegou e apertou.

Então ambos apenas ficaram em pé, nenhum dos dois se movendo para trás ou para a

frente, ou se soltando.

– Ah, droga. Nós não vamos pensar em nada, não é?

Connor apenas sorriu.

– Não esta noite.

Eles se lançaram um para o outro.



10

AGARRAR NÃO ERA SEU MODO NORMAL DE AGIR, MAS ERA ALGO TÃO... explosivo que

Connor perdeu seu ritmo e estilo. Agarrou o que pôde, pegou tudo o que podia pegar. E

havia muito dela – sua amiga alta e cheia de curvas.

Connor quase rasgou a blusa de Meara para pegar mais.

Nenhum deles podia mais parar, porque havia necessidades e desejos muito além do

pensamento criterioso e racional. Havia o momento, e o próximo e o seguinte teriam de

esperar.

Essa nova e clara ânsia por ela, apenas ela, devia ser satisfeita.

Mas não na sala de estar dela ou rolando no chão, percebeu Connor.

Ele a pegou no colo.

– Ah, meu Deus. Não tente me carregar. Você vai quebrar a coluna.

– Minha coluna é forte o suficiente. – Ele virou a cabeça para beijá-la enquanto a

levava para o quarto.

Loucos, pensou Meara. Ambos tinham ficado totalmente loucos. E ela não dava a

mínima para isso. Connor a carregou, e embora seu objetivo – e o dela – fosse rapidez,

aquilo foi muito romântico.

Se Connor tropeçasse... bem, eles terminariam as coisas onde aterrissassem.

Mas Connor não tropeçou. Caiu na cama com ela fazendo as velhas molas gritarem de

surpresa e rangerem para acomodá-los em uma parte afundada de colchão e roupas de

cama.

E aquelas mãos, aquelas mãos mágicas, eram ativas e bonitas.

Meara usou as suas próprias para tirar camadas de roupas até finalmente – Deus seja

louvado – encontrar a pele dele. Quente, suave – com os bons e firmes músculos de um

homem que os usava.

Ela rolou com Connor, tentando tanto quanto ele afastar todas as barreiras.

– Malditas camadas – murmurou Connor, e a fez rir enquanto ela lutava com a

fivela

do cinto dele.

– Nós dois estávamos preparados para trabalhar ao ar livre.

– Ainda bem que vale a pena nos despirmos. E aí está você – murmurou Connor

enchendo as mãos com os seios nus dela.

Firmes, macios e generosos. Lindos, fartos. Ele poderia escrever uma ode à beleza

daqueles seios. Mas no momento só queria tocá-los, saboreá-los. E sentir como o

coração de Meara ia do trote ao galope ao roçar dos dedos, dos lábios e da língua dele.

Tudo o que estava faltando era...

Ele trouxe luz para a escuridão, dourada, pálida e suave como a pele dela. Quando os

olhos de Meara encontraram os dele, Connor sorriu.

– Quero vê-la. Bela Meara. Olhos de uma cigana, corpo de uma deusa.

Ele a tocou enquanto falava. Não a agarrando; apesar de tudo encontrara seu ritmo.

Por que apressar algo tão prazeroso quando poderia se demorar? Poderia se deleitar com

os seios de Meara durante metade da vida. E havia os lábios, cheios e macios – e tão

ansiosos quanto os dele. Os ombros, fortes e capazes. A base surpreendentemente suave

do pescoço. Sensibilidade ali, logo abaixo do maxilar, fazendo-a estremecer quando a

ele beijou.

Adorava o modo como Meara reagia – um tremor, um prender de respiração, um

gemido gutural – enquanto ele conhecia o corpo adorável dela, centímetro a centímetro.

Lá fora alguém meio bêbado gritou um cumprimento, ao qual se seguiu uma grande

risada.

Mas ali, no ninho da cama, só havia suspiros, murmúrios e o leve rangido das molas

sob eles.

Connor havia pegado as rédeas, percebeu Meara. Não sabia como isso tinha

acontecido, porque nunca as entregara para mais ninguém. Mas em algum ponto entre a

pressa e a paciência, entregara-as a ele.

Connor deslizou as mãos sobre ela como se tivesse séculos para acariciar e mantê-

las lá. Fogos foram atiçados ao longo do caminho até o corpo de Meara parecer reluzir

no calor, brilhar sob sua pele como a luz que ele conjurara.

Meara adorou sentir o corpo de Connor, as costas largas, os quadris estreitos, as

palmas das mãos rijas de um trabalhador. Ele cheirava a floresta, terra e liberdade, e o

sabor – dos lábios, da pele – era o mesmo.

Ele tinha gosto de lar.

Connor tocou onde ela ansiava por ser tocada, saboreou-a onde queria os lábios dele.

E encontrou outros lugares secretos que ela não sabia que ansiavam por atenção. A parte

interna do cotovelo e da cintura, a parte de trás do joelho. Murmurou-lhe palavras doces

que chegaram ao coração dela. Outra luz para brilhar.

Connor parecia saber onde o brilho se tornava uma pulsação, e a pulsação se tornava

um latejo de necessidade. Então satisfez essa necessidade, aumentando cada vez mais o

prazer até que transbordasse em alívio.

Fraca em virtude disso, atordoada com o fluxo e a inundação, Meara se agarrou a

Connor, tentando se recompor.

– Um momento. Me dê um momento.

– É agora – disse ele. – Tem que ser agora.

E escorregou para dentro dela. Tomou-lhe a boca como a tomou, devagar e

profundamente.

Tem que ser agora, pensou ele de novo. Porque ela estava aberta para que a

preenchesse. Quente e úmida para ele.

O gemido dela era como um som de boas-vindas; os braços eram como cordas fortes

para mantê-lo perto.

Meara se ergueu para ele, envolveu-o com suas pernas longas. Moveu-se com

ele

como se tivessem ficado juntos assim, exatamente assim, durante centenas de vidas. À luz

que Connor produzira, à luz que irradiava do que eles tinham feito juntos, Connor a

observou.

Dubheasa. Beleza morena.

Observou-a até aquilo que tinham feito subjugá-lo e o prazer se aprofundar,

misterioso como os olhos dela. Na escuridão e na luz, Connor se rendeu a Meara como

ela se rendera a ele. E a deixou levá-lo com ela.

MEARA FICOU DEITADA, REGOZIJANDO-SE. HAVIA ESPERADO – DEPOIS DE aceitar fazer sexo

com Connor – um agarramento animado. Em vez disso fora... cuidada, satisfeita, até

mesmo seduzida, e com um toque delicado.

E não tinha nada do que se queixar.

Agora seu corpo estava todo solto, mole e fraco do mais agradável dos modos.

Ela sabia que Connor seria bom nisso – Deus sabia que ele tinha prática –, mas não

sabia que seria absolutamente brilhante.

Então agora podia suspirar de total satisfação – com sua mão repousando nas belas

nádegas dele.

Ao suspirar, ocorreu-lhe que poderia não ter estado à altura de Connor. Tinha sido

pega de surpresa, pensou, e certamente fizera, por assim dizer, o melhor que pôde.

Era por isso que Connor estava deitado sobre ela como um morto?

Meara moveu a mão, sem saber ao certo o que fazer ou dizer.

Ele se mexeu.

– Acho que você quer que eu saia de cima de você.

– Ah... bem.

Connor rolou para o lado e ficou deitado de barriga para cima. Quando não disse

nada, Meara pigarreou.

– E agora?

– Estou pensando que depois de uma pequena pausa para respirar, podemos fazer

tudo isso de novo – disse ele.

– Eu posso fazer melhor.

– Melhor do que o quê?

– Do que fiz. Fui pega de surpresa.

Connor passou um dedo preguiçoso pela lateral do corpo dela.

– Se você tivesse feito melhor, eu poderia precisar de semanas de pausa.

Sem saber exatamente o que aquilo poderia significar, Meara se ergueu o suficiente

para ver o rosto dele. E como sabia qual era a aparência de um homem satisfeito, relaxou

de novo.

– Então foi bom para você.

Connor abriu os olhos e a encarou.

– Estou pensando em como responder a isso, porque se eu falar a verdade você pode

dizer: já que foi tudo bom, basta por esta noite. E eu a quero de novo antes mesmo de

recuperar o fôlego.

Connor passou um braço por baixo dela, a puxou e aconchegou de modo que eles

ficassem nariz a nariz.

– E foi bom para você?

– Estou pensando em como responder a isso – disse ela, fazendo-o rir.

– Senti falta de vê-la nua.

– Você nunca me viu nua até esta noite.

– Esqueceu-se da noite em que você, eu, Branna, Boyle e Fin escapulimos para nadar

no rio?

– Nós nunca... Ah, isso. – Satisfeita, Meara entrelaçou as pernas nas dele. – Eu não

tinha mais que nove anos, seu bobo.

– Mas estava nua do mesmo jeito. Eu diria que você cresceu muito bem. – Ele passou

uma das mãos pelas costas e pelas nádegas dela, e a deixou lá. – Muito bem

mesmo.

– E se não me falha a memória, você parecia um graveto. Também se saiu bem. Nós

nos divertimos naquela noite – lembrou-se Meara – Todos nós congelamos nossos

traseiros, mas foi ótimo. Éramos inocentes e não tínhamos nenhuma preocupação no

mundo. Mas ele nos observava mesmo naquela época.

– Não. – Connor encostou um dedo nos lábios dela. – Não o traga para cá. Não esta

noite.

– Tem razão. – Ela lhe acariciou os cabelos. – Quantas pessoas você acha que estão

onde nós estamos esta noite tendo tantos anos e tantas lembranças entre elas?

– Acho que não muitas.

– Não podemos perder isso, Connor. Não podemos perder o que significamos um

para o outro, para Branna, para todos. Temos de jurar isso. Aconteça o que acontecer,

não perderemos nem um pingo da nossa amizade.

– Então jurarei para você e você jurará para mim. – Ele segurou a mão de Meara e

entrelaçou seus dedos nos dela. – É um juramento sagrado, que nunca será quebrado.

Amigos como sempre fomos e sempre seremos.

Meara viu a luz brilhando através dos dedos juntos deles e sentiu o calor.

– Eu juro para você.

– E eu juro para você. – Connor beijou os dedos, depois o rosto e os lábios dela. –

Eu deveria lhe dizer outra coisa.

– O que é?

– Recuperei o fôlego.

E quando Meara riu, ele rolou para cima dela de novo.

MEARA JÁ TINHA TOMADO CAFÉ COM ELE ANTES. INÚMERAS VEZES. MAS NUNCA à pequena

mesa em seu apartamento – e nunca depois de tomarem um banho juntos.

Connor poderia se considerar sortudo, concluiu Meara, por ela ter trazido alguns

ótimos croissants da cafeteria quando comprou a sobremesa para sua mãe.

Também preparou seu costumeiro prato emergencial – mingau de aveia – enquanto

Connor se encarregava do chá, porque ela não tinha nenhum café na despensa.

– Vamos nos reunir esta noite – lembrou-lhe ele, mordendo um croissant. – São

ótimos.

– São. Não vou muito à cafeteria porque compro muito de tudo. Irei direto dos

estábulos para o chalé – acrescentou. – E ajudarei Branna na cozinha, se puder. É bom

passarmos a ter reuniões regulares, embora eu nunca saiba se alguém acabou de ter uma

ideia genial sobre exatamente o que fazer, e quando.

– Bem, estamos pensando juntos, então surgirá alguma.

Connor acreditava nisso e os croissants só ajudaram a lhe aumentar o otimismo.

– Por que não a busco nos estábulos em meu caminho para lá, quando ambos

terminarmos? Assim você economizaria gasolina. Parece tolice cada um de nós ir em seu

próprio caminhão.

– Então você teria de me trazer para casa depois.

– Essa foi a parte inteligente do plano. – Ele ergueu seu chá como se fazendo um

brinde a si mesmo. – Eu a trarei de volta e ficarei com você de novo, se concordar. Ou

você poderá ficar no chalé.

Meara abaixou o chá que ele fizera, forte o suficiente para quebrar pedras.

– O que Branna pensará disso?

– Logo descobriremos. Nenhum de nós esconderia dela, mesmo se pudesse. O que

não podemos – acrescentou ele, dando de ombros com calma –, porque ela saberá.

– Todos precisam saber. – Não havia nenhum sentido, concluiu Meara, guardarem

segredo em relação àquilo tudo. – É o certo. Não só porque somos amigos e uma família,

mas também porque somos um círculo. O que somos um para o outro... é o círculo, não é?

Ele examinou o rosto de Meara enquanto ela mexia o mingau de aveia em sua tigela.

– Isso não deveria preocupá-la, Meara. Temos o direito de estar um com o outro

dessa maneira enquanto nós dois quisermos. Ninguém que gosta de nós pensaria ou

sentiria o contrário.

– Tem razão. Mas com relação à minha outra família, meus parentes de sangue, eu

preferiria que não soubessem.

– Cabe a você decidir.

– Não é que eu me envergonhe do que fizemos, Connor, você não deve pensar isso.

– Eu não penso. – Ele ergueu as sobrancelhas enquanto erguia uma colher de mingau

e a levava à boca de Meara. – Eu a conheço, não é? Por que pensaria, conhecendo-a?

– Isso é uma vantagem entre nós. É que minha mãe começaria a se alvoroçar e o

convidaria para jantar. Eu não aguentaria outro desastre na cozinha logo após o último, e

minhas finanças não suportariam mais uma conta no Ryan’s Hotel. Em todo caso, ela em

breve partirá para a casa de Maureen, e a menos que haja um novo desastre será uma

mudança permanente.

– Você sentirá falta dela.

– Eu gostaria de ter a chance de sentir. – Meara bufou, mas comeu um pouco do

mingau antes que ele tivesse a ideia de alimentá-la de novo. – E isso parece

mesquinho,

mas é a pura verdade. Acho que eu me daria melhor com ela se houvesse um pouco de

distância. E...

– E?

– Ontem houve um momento, enquanto eu corria para lá, em que não soube ao certo o

que encontraria. De repente pensei: e se Cabhan tivesse estado na casa dela, como

estivera comigo? Foi tolice, porque ele não tem nenhuma razão para isso e nem nunca

teve. Mas também pensei no que você disse sobre se sentir melhor sabendo que seus pais

estão longe. Descansarei mais tranquila sabendo o mesmo em relação à minha mãe. Nós

é que temos de cuidar disso.

– E cuidaremos.

ELE A DEIXOU NOS ESTÁBULOS E DEPOIS DEU A VOLTA PARA IR PARA CASA trocar as roupas de

trabalho da véspera.

Encontrou Branna já acordada – ainda não vestida para o dia, mas tomando seu café

com o livro de feitiços de Sorcha novamente aberto diante de si.

– Bem... bom dia, Connor.

– Bom dia, Branna.

Ela o observou por cima da borda de sua caneca.

– E como está Meara nesta bela manhã?

– Ela está bem. Acabei de deixá-la nos estábulos, mas queria trocar de roupa antes

de ir trabalhar. E também ver como você estava.

– Estou bem e em forma, embora possa dizer que você parece ainda melhor e mais

em forma. Devo supor que já tomou seu café da manhã?

– Sim, tomei. – Mas ele gostou da aparência das maçãs verdes que Branna pusera em

uma tigela, e pegou uma. – Isso a incomoda? Meara e eu?

– Por que me incomodaria se amo vocês dois e os vi evitarem durante anos o que

meu cérebro brilhante deduz que ocorreu na noite passada?

– Eu nunca pensei nela assim... antes.

– Pensou, mas disse a si mesmo para não pensar, o que é totalmente diferente. Você

nunca a magoaria.

– É claro que não.

– E ela nunca ia querer magoá-lo. – O que, pensou Branna, era outra coisa bem

diferente. – O sexo é poderoso e acho que só aumentará a força e o poder do círculo.

– É óbvio que nós deveríamos ter pulado na cama antes.

Branna apenas sorriu.

– Vocês dois tinham de estar dispostos. Sexo apenas para obter poder? É um ato egoísta, e acaba sendo danoso.

– Posso lhe garantir que nós dois estávamos dispostos. – Ele mordeu a maçã, que estava tão ácida e crocante quanto parecia. – E está me ocorrendo que eu a deixei sozinha na noite passada.

– Não me insulte. – Branna rejeitou esse pensamento. – Posso muito bem cuidar de mim mesma e de nossa casa, como você sabe.

– Eu sei. – Ele pegou o bule para encher novamente a caneca dela. – E ainda assim não gosto de deixá-la sozinha.

– Aprendi a tolerar uma casa cheia de gente, e até mesmo a gostar disso. Mas, como sabe, aprecio estar sozinha em uma casa silenciosa.

– Como eu não usaria as palavras *aprecio* e *tolerar,* às vezes é de admirar que tenhamos vindo dos mesmos pais.

– Talvez tenhamos sido deixados na soleira da porta e acolhidos por piedade. Mas é bom ter uma pessoa habilidosa como você por perto quando há uma torneira pingando ou uma porta rangendo.

Connor puxou o cabelo da irmã e mastigou a maçã.

– Ainda assim, até isso terminar você não pode nos pedir para lhe proporcionarmos

esse silêncio e essa solidão com muita frequência.

– Claro que não. Estou pensando em fazer *boeuf bourguignon* para todos esta noite.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Sofisticado.

– Estou com vontade de fazer algo sofisticado, e providencie para que alguém traga

um bom vinho tinto, e bastante.

– Farei isso. – Connor atirou o miolo da maçã no balde de lixo orgânico e se

aproximou e beijou o alto da cabeça dela. – Eu te amo, Branna.

– Eu sei. Vá trocar de roupa para não chegar atrasado no trabalho.

Quando ele saiu, Branna ficou sentada olhando pela janela. Queria a felicidade dele,

ainda mais do que a sua própria. Contudo, saber que ele estava a caminho de encontrar o

que ainda não sabia que queria a fez se sentir dolorosamente só.

Sentindo isso, Kathel se levantou de debaixo da mesa e pôs a cabeça no colo dela.

Então Branna ficou sentada, acariciando o cão, e voltou a se debruçar sobre o livro de

feitiços.

IONA ENTROU NA SALA DE EQUIPAMENTOS, ONDE MEARA ESTAVA organizando o necessário

para sua primeira cavalgada guiada da manhã.

– Está na hora de outra boa checagem de tudo o que há aqui – disse Meara, alegre. –

Vou sair com um grupo de quatro pessoas, dois irmãos e as esposas, que se hospedaram

em Ashford para um grande casamento de família neste fim de semana. A sobrinha deles

vai se casar em Ballintubber Abbey, onde você e Boyle se casarão na primavera, e

depois eles voltarão para Ashford, onde todos se encontrarão para a recepção.

– Você e Connor fizeram sexo.

Meara ergueu os olhos e, piscando de modo dramático, começou a dar tapinhas em si

mesma.

– Então estou usando um letreiro?

– Você ficou sorrindo e cantando durante toda a manhã.

– Sou conhecida por sorrir e cantar sem ter transado.

– Você não canta o tempo todo em que está tirando esterco dos estábulos. E parece

muito, *muito* relaxada, o que não parecia, sem sexo, depois de um dia como o que teve

ontem. Como beijou Connor, transou com ele.

– Algumas pessoas são conhecidas por beijar sem fazer sexo. E você não tem uma

aula agora no ringue?

– Faltam cinco minutos e essa é a primeira vez em que consegui ficar a sós com

você.

A menos que queira que Boyle saiba. Foi bom, maravilhoso, ou você não pareceria tão

feliz.

– Foi maravilhoso, e isso não é nenhum segredo. Connor e eu concordamos em que,

como somos um círculo e algo assim pode mudar as coisas, mesmo que não vá mudar,

todos devem saber que estamos juntos dessa maneira. Agora. – Ela pegou rédeas, freio,

sela e manta. – Então sim, estamos.

– Vocês ficam bem juntos... Você está feliz – acrescentou Iona, pegando ela mesma

mais equipamentos e saindo com Meara. – Então estão bem. Por que disse agora?

– Porque é agora. Quem sabe o que pode acontecer amanhã? Você e Boyle podem

olhar para a frente. Ambos foram feitos assim. – Ela entrou na baia de Maggie, a égua

que escolhera para uma das mulheres. – No que diz respeito a essas questões, eu vivo um

dia de cada vez.

– E Connor?

– Que eu saiba ele não é diferente em relação a nada. Isto é para Caesar. Pode deixar

aí que eu cuido do resto. Você tem uma aula.

– Pelo menos me conte: foi romântico?

– Você é sentimental, Iona, mas posso lhe dizer que foi. Foi inesperado e adorável. –

Por um momento, apenas um momento, ela apoiou o rosto no pescoço suave de Maggie. –

Quando ficou claro que íamos em frente, pensei: bem... será apenas um agarramento. Mas

ele fez o quarto brilhar. E me fez brilhar também.

– Isso é lindo. – Iona se aproximou e deu um forte abraço em Meara. – Simplesmente

lindo. Também estou feliz.

Iona conduziu Alastar, seu grande e belo cavalo cinza já selado e esperando fora de

sua baia, na direção do ringue. Sorriu ao ouvir Meara cantando de novo.

– Ela está apaixonada – murmurou para o cavalo, e acariciou o pescoço forte dele. –

Só que ainda não sabe disso. – Quando Alastar esfregou o focinho nela, Iona riu. – Eu

sei, ela ainda está brilhando um pouco. Também vi isso.

Meara passou a cantarolar enquanto conduzia os cavalos para o padoque e enrolava

as rédeas na cerca. Virou-se a fim de voltar para buscar o último e avistou Boyle

trazendo Rufus.

– Obrigada. Como Iona tinha uma aula no ringue, vou conduzir um pouco o grupo ao

redor do padoque antes de começarmos, ver se eles são experientes como dizem.

Ela ergueu os olhos.

– O dia está lindo dia, não é? Que bom que reservamos uma hora inteira.

– E acabamos de receber um telefonema de reserva para outro grupo de quatro, ao

meio-dia. Esse casamento está trazendo bastante gente.

– Também posso pegar esse. – Ela tinha energia suficiente para cavalgar, remover

esterco e cuidar dos cavalos durante metade do dia e da noite. – Estou lhe devendo isso

por ter me ausentado por tanto tempo ontem.

– Não vamos começar com essa história de estar devendo – disse ele –, mas isso

ajudaria porque Iona tem duas pessoas às dez e meia e Mick uma aula às onze, e com

Patty no dentista esta manhã e Deborah com uma reserva para uma da tarde, estamos com

o horário um pouco apertado. Ainda assim, eu mesmo poderia fazer isso.

– Você odeia guiar cavalgadas e eu não me importo nem um pouco.

Ela lhe deu um tapinha na bochecha, o que o fez olhá-la fixamente.

– Você parece muito feliz esta manhã.

– E por que não estaria? – perguntou Meara enquanto quatro pessoas andavam a

passos largos na direção dos estábulos. – Enfim o dia está ensolarado, minha mãe partirá

em uma longa visita com grande potencial de mudança permanente para a casa

de

Maureen e eu fiz sexo ardente e maravilhoso com Connor na noite passada.

– É bom sua mãe visitar... O quê?

Meara teve de conter uma risada ao ver Boyle boquiaberto.

– Transei com Connor na noite passada, e nesta manhã também.

– Você... – Sua voz ficou fraca e ele enfiou as mãos nos bolsos, tão absolutamente

Boyle que ela teve de lhe dar outro tapinha na bochecha.

– Acho que Connor também está feliz, mas você pode lhe perguntar na primeira

oportunidade. McKinnons? – gritou Meara sorrindo ao ir encontro de seu grupo da

manhã.

Logo, com a papelada pronta e ignorando os olhares indagadores de Boyle, seu grupo

estava equipado e montado.

– Bem, vejo que todos vocês sabem o que fazer – disse Meara enquanto eles

andavam e trotavam ao redor do padoque. – Ela abriu o portão para o grupo e montou

Abelha-Rainha. – Escolheram uma bela manhã e não há modo melhor de ver o que verão

do que do dorso de um cavalo. E estão gostando da sua estada em Ashford? – começou

ela, puxando conversa enquanto os levava para longe dos estábulos.

Meara respondeu a perguntas e os deixou conversar entre si, de vez em quando

se

virando na sela apenas para ver como estavam se saindo – e fazê-los saber que tinham

sua atenção.

Era ótimo, pensou, cavalgar pela floresta com o céu azul e os perfumes terrosos do

outono trazidos pela brisa suave e agradável. Os cheiros a fizeram se lembrar de Connor,

e seu sorriso aumentou.

Então o viu com o próprio grupo em uma caminhada para observação de falcões. Ele

usava roupas de trabalho, mas estava sem boné, com os cabelos dançando ao redor do

rosto agitados por aquela brisa suave e agradável. Connor sorriu-lhe enquanto punha

iscas na luva de seu cliente e a esposa dele preparava a câmera.

– São seus parentes? – perguntou Meara quando seu grupo e o de Connor gritaram um

para o outro.

– Primos de nossos maridos. – A mulher, Deidre, aproximou-se para cavalgar por um

momento ao lado de Meara. – Nós falamos para eles sobre a caminhada para observação

de falcões.

– Claro, e fizeram muito bem. É uma experiência maravilhosa para ter na memória.

– Todos os falcoeiros se parecem com aquele?

– Ah, aquele é o Connor, que dirige a escola. E ele é único. – Eu transei com ele

antes do café da manhã, pensou, retribuindo o sorriso de Connor enquanto avançava com

seu grupo.

– Connor – ouviu a mulher dizer enquanto voltava para trás. – Jack, todos nós

deveríamos fazer aquela caminhada.

Naquelas circunstâncias, Meara não podia culpá-la.

Ela os conduziu ao longo do rio, apreciando a companhia e a cavalgada. Adentrou a

floresta, onde as sombras eram mais densas, e voltou a sair, onde o céu azul brilhava

acima das árvores.

Quando começou a retornar com eles, viu o lobo.

Apenas uma sombra nas sombras, com as patas afundadas na névoa. A pedra ao redor

do pescoço brilhou como um olho mesmo quando o próprio lobo pareceu se mover como

vapor.

Sua égua estremeceu sob ela.

– Calma – murmurou Meara, mantendo seu olhar no lobo enquanto acariciava o

pescoço de Abelha-Rainha. – Fique calma e o resto seguirá sua liderança. Lembre-se de

que você é a rainha.

O lobo os acompanhou, sem se aproximar mais.

Pássaros pararam de cantar; esquilos pararam de correr pelos galhos.

Meara tirou de debaixo de seu suéter o colar que Connor lhe dera e o estendeu um

pouco para as pedras captarem a luz.

Atrás dela, o grupo conversava distraidamente.

O lobo mostrou os caninos; Meara pôs a mão na faca em seu cinto. Se ele viesse, ela

lutaria. Protegeria as pessoas que guiava, os cavalos e a si mesma.

Ela lutaria.

O falcão mergulhou – do azul, no verde.

Em um piscar de olhos a sombra do lobo desapareceu.

– Ah, lá está um dos falcões! – Deidre apontou para o galho onde a ave estava

pousada agora, com as asas fechadas. – Ele fugiu?

– Não, de modo algum. – Meara se acalmou e pôs seu sorriso de novo no lugar

enquanto se virava na sela. – Aquele é Roibeard, o falcão de Connor, divertindo-se um

pouco antes de voltar para a escola.

Ela segurou o colar de novo e cavalgou tranquilamente para fora da floresta.



11

NO MINUTO EM QUE CONSEGUIU ESCAPAR, CONNOR FOI PARA OS

estábulos. Pessoas de mais

com quem falar, decidiu, mas com Meara conversando com um grupo que acabara de

guiar pelo menos sabia onde ela estava, e fazendo o quê.

Encontrou Boyle nos estábulos, massageando Caesar.

– Dias movimentados – disse Boyle. – Esse casamento trouxe todos os clientes com

que podemos lidar.

– Para nós também. Estamos fazendo nossas duas últimas caminhadas do dia para

observação de falcões.

– Temos dois grupos lá fora, embora Meara deva voltar a qualquer momento.

– Ela acabou de voltar. – Connor acariciou distraidamente o grande cavalo castrado

enquanto Boyle o escovava. – Você pode liberá-la, ou ainda precisa dela hoje?

– Falta a alimentação da noite e Iona está dando uma aula nos grandes estábulos.

– Então pode mantê-la por aqui? Vou voltar e fechar meu próprio negócio. Fin está

com Iona?

– Ele está em casa, se é isso que você quer dizer, e pronto para levá-la para sua casa

quando ambos terminarem. – O tom de Connor fez Boyle pôr a almofaça de lado. – Você

está preocupado. O que foi?

– Cabhan. Ele apareceu hoje, seguindo Meara em sua cavalgada guiada. E a mim

mesmo um pouco. Mas não deu em nada – disse Connor quando Boyle praguejou. – E ele

não estava bem lá, não de um modo totalmente físico.

– Ele estava lá ou não? – perguntou Boyle.

– Estava, mas mais como uma sombra. Isso é uma coisa nova, e algo para discutirmos

esta noite quando estivermos todos juntos. Mas eu me sentirei mais tranquilo sabendo que

Meara ficará com você enquanto eu termino.

– Vou mantê-la comigo. – Boyle pegou o telefone. – E me certificar de que Fin fará o

mesmo com Iona. E Branna?

– Roibeard está de olho em tudo, e Merlin está com ele. De qualquer forma ficarei

mais feliz quando nós seis estivermos juntos em casa.

ELE DEMOROU QUASE UMA HORA PARA PREPARAR AS AVES PARA A NOITE E cuidar da papelada

que Kyra deixara em sua mesa. Levou ainda mais tempo para lançar outra camada de

proteção em torno da escola de falcoaria. Cabhan havia entrado nos estábulos uma vez.

Poderia tentar chegar aos falcões.

Depois de cuidar de tudo, ergueu os olhos e a luz do dia desaparecera. Apenas dias

mais curtos, pensou, parando por um momento e se tornando receptivo. Não sentiu

nenhuma ameaça, nenhuma presença vigilante. Permitiu-se estender o braço para

Roibeard, se juntar ao falcão – e viu claramente através dos olhos de seu falcão os

estábulos, a floresta e o chalé em paz lá embaixo.

Viu Mick, atarracado como uma vela de ignição, entrando em seu caminhão e

acenando pela janela para Patti, enquanto a garota subia em sua bicicleta.

E lá, espalhados abaixo dele, estavam a majestosa casa de pedra de Fin, os campos e

os padoques. Iona saltando um obstáculo com Alastar.

Um breve deslizar pairando no vento e viu Branna lá embaixo colhendo ervas em sua

horta. Ela se aprumou e olhou, ao que pareceu, direto nos olhos dele.

E sorriu e lhe acenou antes de levar as ervas para dentro.

Está tudo bem, disse Connor para si mesmo e, embora isso sempre lhe causasse um

pouco de tristeza, voltou para a terra. Satisfeito, entrou no caminhão.

Dirigiu para os estábulos e sentiu um calor vibrando em seu sangue quando viu

Meara sair com Boyle. Sem dúvida ela era uma beldade, pensou, uma terrena com

jaqueta surrada, calças de trabalho e botas que provavelmente tinham visto centenas de

quilômetros no chão e no dorso de um cavalo.

Mais tarde teria o prazer de tirar aquelas botas gastas, aquelas calças de montaria. E

de desfazer a grossa trança para poder se cercar de ondas de cabelos castanhos.

– Boyle, quer uma carona? – gritou ele pela janela aberta.

– Não, obrigado. Vou logo atrás de você.

Então ele se inclinou para a esquerda e abriu a porta para Meara.

Ela pulou para dentro, cheirando a cavalos, grãos e sabão para couro.

– Meu Deus, este foi um dia e meio espremido em um só. A festa dos MacKinsons

não vai deixar pedra sobre pedra. Temos grupos deles vindo amanhã às duas da tarde, e

pelo que eu soube o casamento será às cinco.

– Para nós também foi.

Como Meara não fez nenhum movimento, ele pôs a mão em sua nuca e a puxou para

um beijo.

– Boa noite para você.

– Para você também. – Ela curvou os lábios. – Eu estava me perguntando se você se

sentiria um pouco fora de prumo depois de pensar sobre isso por um dia.

– Não há muito sobre o que pensar, mas estou me sentindo ótimo e equilibrado.

Ele fez a curva com o caminhão e se afastou dos estábulos, com Boyle atrás.

– Você viu o lobo? – perguntou-lhe Connor.

– Sim, vi. Boyle não conseguiu falar muito, porque os funcionários ficaram por perto

até agora, mas ele disse que você também o viu. Mas como aconteceu comigo, Cabhan

era mais como uma sombra.

Ela se virou para olhar para Connor, e franziu a testa.

– Ainda assim, não só uma sombra, porque ele mostrou os caninos e eu os vi com

clareza, como também vi a pedra vermelha. Você enviou Roibeard?

– Não precisei enviar; ele foi até você por conta própria. Mas eu soube por ele que o

lobo apenas a acompanhou por um ou dois minutos.

– O suficiente para os cavalos o sentirem. Para falar a verdade, minha maior

preocupação foi os cavalos se assustarem. O que poderia ter acontecido, mas meu grupo

tinha experiência em cavalgar. E eles? Eles não viram nem sentiram nada.

– Estive pensando nos “porquês” e “comos” disso. Quero ver o que Branna, Fin e

Iona têm a dizer. E quero lhe pedir para passar a noite no chalé.

– Eu não trouxe minhas coisas – começou ela.

– Você tem coisas suficientes lá. Pense nisso como um revezamento. Fique esta noite,

Meara. Durma na minha cama.

– Você está me pedindo isso porque quer que eu durma na sua cama ou porque teme

que eu fique sozinha?

– As duas coisas, mas, se você não ficar, dormirei na sua cama.

– Essa é uma boa resposta – decidiu ela. – Funciona bem para mim. Ficarei esta

noite.

Quando parou o caminhão na frente do chalé, Connor pegou a mão de Meara e se

inclinou para ela. E pôde sentir o beijo se movendo através dele antes de suas bocas se

tocarem.

O caminhão balançou como se por causa de um terremoto, sacolejando quando o lobo

o atacou.

Ele rosnou, os olhos e a pedra com um brilho vermelho. Depois, com um uivo de

triunfo ecoante, pulou para longe. E desapareceu.

– Meu Deus! – conseguiu dizer Meara um instante antes de Connor sair do

caminhão.

– Espere, espere. Ele ainda pode estar lá fora. – Puxou e empurrou a própria porta, mas

ela não se abriu.

– Droga, Connor. Droga, deixe-me sair.

Ele só lhe lançou um olhar enquanto Roibeard pousava leve como uma pluma em seu

ombro.

Naquele momento, naquele olhar, foi como se Meara visse um estranho que irradiava

poder e raiva. Luz girou ao redor dele, como uma corrente que daria choque se tocada.

Ela o conhecia sua vida inteira, pensou Meara com a respiração presa em seus

pulmões, mas nunca o vira real e plenamente até aquele momento, quando toda a força e

raiva do que corria em seu sangue se revelavam.

Então Branna saiu correndo de casa com Kathel, que vinha junto dela fazendo

barulho. Seus cabelos muito pretos esvoaçavam. Ela trazia uma espada curta em uma das

mãos e uma bola de fogo azul estava se formando na outra.

Meara viu os olhos deles se encontrarem e se fixarem. E percebeu que nessa troca de

olhares havia um vínculo que nunca poderia ter, nunca poderia experimentar de fato. Não

só de poder e magia, mas de sangue, objetivo e conhecimento.

Viu um laço que era mais profundo e amplo até mesmo que o amor.

Antes de ela recuperar o fôlego, o carro luxuoso de Fin chegou. Ele e Iona saíram um

de cada lado. Então os quatro ficaram em pé, unidos, formando um círculo em que a luz

ondulou e se espalhou até ferir os olhos de Meara.

A luz desapareceu e só restaram seus amigos e seu namorado em pé na frente do

bonito chalé resplandecente de flores.

Ao empurrar a porta, ela se abriu – e Meara saiu.

Foi direto para Connor e o empurrou com força suficiente para fazê-lo dar um passo

para trás.

– Nunca mais me tranque. Não serei trancada e mantida longe como alguém indefeso.

– Sinto muito. Eu não estava pensando com clareza. Foi errado da minha parte e peço

desculpas.

– Você não tem nenhum direito, nenhum, de me deixar fora disso.

– Ou deixar a mim – disse Boyle, seu rosto enfurecido quando foi para o lado dela. –

Agradeça-me por eu não quebrar sua cabeça.

– Eu lhe agradeço, e também lhe peço desculpas.

Meara viu pela primeira vez que Alastar viera – devia ter voado dos estábulos. Então

lá estavam o cavalo, o falcão e o cão; os três bruxos da noite; e o descendente de Cabhan

com seu próprio falcão agora perto de Roibeard no galho de uma árvore próxima.

E lá estavam ela e Boyle.

– Ou somos um círculo, ou não somos.

– Nós somos. – Connor segurou as mãos de Meara e, quando ela tentou soltá-las, ele

as apertou com mais força. – Nós somos. Isso foi errado da minha parte. Parti direto para

a violência, e o que também foi errado. E tolo. Eu a deixei fora disso, deixei vocês dois

fora disso, o que não foi respeitoso. Mais uma vez, peço desculpas.

– Então está bem. – Boyle passou as mãos por seus cabelos. – Eu adoraria uma

cerveja.

– Entre – disse-lhe Branna, e olhou para os outros. – Sirvam-se do que quiserem.

Preciso de um momento com Meara. Um momento com Meara – repetiu quando Connor

continuou a segurar as mãos dela. – Entre, tome uma cerveja e abra o vinho que Fin deve

ter trazido.

– Eu trouxe.

Fin foi para o carro e pegou três garrafas.

– Venha, Connor. Depois deste dia, uma bebida faria bem a todos nós.

– Sim.

– Com alguma relutância, Connor soltou as mãos de Meara e entrou com seus amigos.

– Eu tenho toda a noite para ficar irritada – começou Meara, e viu suas mãos serem

seguradas de novo.

– Sim, você tem, mas não apenas com Connor. Preciso lhe dizer que, quando corri

para fora, soube na mesma hora o que ele havia feito e fiquei aliviada. Desculpe-me por

isso, mas não posso permitir que ele leve toda a culpa.

Pasma e profundamente magoada, Meara olhou para Branna.

– Você acha que porque Boyle e eu não temos o que vocês têm, não somos o que

vocês são, não podemos lutar com vocês?

– Não acho nada disso, e Connor também não. Ou Iona, e imagino que ela fará essa

mesma confissão para Boyle. – Quando Branna suspirou, o som foi de pesar.

– Foi o momento, Meara, e fraqueza da nossa parte, não da sua. Você lutou conosco

no solstício e não quero pensar no que teria acontecido sem você e Boyle. Mas por um

momento, na pressa, só pensei, ah, eles ficarão seguros. Essa foi minha fraqueza. Não se

repetirá.

– Ainda estou com muita raiva.

– Não a culpo nem um pouco por isso. Mas entre, vamos tomar um pouco de vinho e

falar sobre tudo o que aconteceu.

– Não houve nenhuma fraqueza em vocês quatro – disse Meara, mas começou a entrar

com Branna. – O poder de vocês juntos era ofuscante. E Connor sozinho, antes de você

vir... Eu o vi no solstício, mas isso foi uma mistura de medo, ação e violência. Nunca o

vi como ele ficou dessa vez. Sozinho, com o falcão em seu ombro e tão como ele é...

Acho que a palavra é *brilhante*, embora pareça suave demais para descrevê-lo. Pensei

que me queimaria se o tocasse.

– Como você sabe, nosso Connor demora a sentir raiva. Quando sente, é feroz, mas

nunca brutal.

Antes de fechar a porta, Branna deu uma última e longa olhada na floresta, na estrada

e no brilho das flores nos arredores de seu chalé. Então foi com Meara para a cozinha,

onde o vinho estava aberto e o ar cheirava ao delicado e saboroso molho que passara

boa parte do dia fazendo.

– Está quase pronto – anunciou, pegando o vinho que Fin lhe serviu. – Então todos

vocês podem ajudar pondo a mesa.

– Está com um cheiro ótimo – comentou Iona.

– Porque está ótimo. Podemos falar sobre tudo isso enquanto nos banqueteamos.

Connor, o pão está embrulhado naquele pano ali.

Ele o pegou, desembrulhou e se virou para Meara.

– Estou perdoado?

– Ainda não cheguei a esse ponto. Mas estou quase lá.

– Fico grato por isso.

Branna serviu o *boeuf bourguignon* em uma longa travessa com os vegetais e as

ervas no molho escuro, cercados de batatas assadas e enfeitados com ramos de alecrim.

– De fato é um banquete – disse Iona, maravilhada. – Você deve ter demorado horas

para fazer isso.

– Demorei, portanto ninguém tem permissão para comer depressa. – Antes de se

sentar, Branna usou uma concha para pôr o ensopado em suas bonitas tigelas rasas. – E

então, todos nós tivemos um ou dois dias difíceis. – Ela abriu seu guardanapo sobre o

colo antes de provar a primeira colherada. – Meara, você deveria começar.

– Bem, acho que todos nós sabemos em que ponto estávamos antes desta manhã, mas

não nos reunimos para falar sobre hoje. Eu estava guiando um grupo de quatro pessoas, e

passamos por Connor, que estava com o grupo dele. Conduzi o grupo pelo caminho mais

longo, e até mesmo os deixei trotar, porque todos eram bons cavaleiros. Foi quando

estávamos voltando e passando pela floresta, pela trilha estreita, que vi o lobo entre as

árvores, à espreita, me acompanhando. Mas...

Ela procurou as palavras e prosseguiu:

– Ele era como as sombras que se movem lá quando o sol penetra por entre as folhas.

Uma forma um pouco mais sólida do que isso, mas não totalmente. Eu senti que quase

podia ver através dele, embora não pudesse. Os cavalos o viram ou sentiram, não saberia

dizer, mas os cavaleiros atrás de mim não. Eles continuaram a conversar, e até mesmo rir.

Aquilo não durou mais que um minuto, e Roibeard veio voando. O lobo não fugiu, mas

desapareceu.

– Uma projeção – sugeriu Fin.

– Não como de costume. – Connor balançou a cabeça enquanto comia. – Porque vi

também. Uma sombra próxima. Minha sensação foi de algo que não era de todo daqui

nem de lá. Não como ele era fora daqui, não uma coisa com peso e totalmente formado,

mas mesmo assim com poder.

– Algo novo então – considerou Fin. – Equilibrando-se entre dois planos, ou

passando de um para outro, como viaja no tempo na cabana de Sorcha.

– Mas isso exige muito dele. Se observarmos a pedra, sua fonte de poder, há um fluxo

e refluxo. – Meara olhou para Connor em busca de confirmação.

– É verdade, mas como ocorre com qualquer habilidade, o poder se aperfeiçoa com a

prática.

– Os McKinnons, as pessoas que guiei – continuou Meara –, não viram nada.

– Para elas Cabhan era uma sombra – disse Fin. – Nada mais.

– Um feitiço da sombra – considerou Branna. – Vi uma ou duas coisas no livro de

Sorcha que poderiam ser úteis.

– E você também aprendeu a fazer isto no livro dela? – perguntou Fin enquanto

comia. – Porque é mágico. Comi esse prato em um restaurante da moda em Paris, e não

chegou aos pés do seu.

– Ficou bom.

– Esplêndido – disse Boyle.

– Sim – concordou Branna com uma risada. – Demora uma eternidade para ficar

pronto porque o molho é difícil, e não é algo que farei com frequência. Mas hoje me deu

tempo para refletir. Ele está perseguindo Meara, como fez com Iona. Testando o limite

das coisas, poderíamos dizer. E acho que está fazendo isso com Meara porque na

verdade quer atingir Connor.

– Ele procurou o garoto primeiro. – Fin bebericou seu vinho enquanto pensava. – Um

garoto, que poderia considerar um alvo fácil. Mas, juntos, Connor e o garoto o feriram e

afugentaram de novo. E isso foi... desapontador.

– Então ele está em busca de vingança – continuou Boyle. – E provou seu gosto

quando enfrentou Connor. Mas foi apenas uma pequena prova. E agora o alvo é Meara.

– Depois que ela e Connor tiveram seu momento ardente no caminhão – salientou

Iona. – O poder de um beijo.

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou Meara.

– É verdade. – Por debaixo da mesa, Connor deslizou a mão pela coxa de Meara. – E

quando as coisas progridem como tem acontecido, ele vem de novo. Com um feitiço da

sombra.

– Ele poderia causar dano naquela forma que não é uma forma? – perguntou Meara.

– Acho que sim. Um equilíbrio delicado, pelo que sei – acrescentou Branna. – E

quem conjurou o feitiço teria de ser capaz de mudar de forma depressa sem

perder esse

equilíbrio.

– Se ele pode fazer isso, por que não veio até mim hoje? Eu tinha uma faca, e não sou

indefesa, mas acho que ele estaria em vantagem.

– Ele quer assustá-la mais do que lhe causar mal – disse Fin para ela. – É claro que

isso lhe daria prazer, porque ele se alimenta do mal. Mas você tem mais valor para

Cabhan em outra área.

– Ele quer você – disse Connor sem rodeios, fervendo daquela pura raiva que Meara

vira reverberando –, porque eu a quero. Ele pensa em seduzi-la, enfeitiçá-la ou abalá-la

o suficiente para você não lutar, mas correr ou implorar...

Os olhos de Meara brilharam como sóis negros.

– Nada disso acontecerá.

– Não vamos subestimá-lo – retrucou Connor. – É isso que ele está tentando fazer,

para poder possuí-la. E possuí-la dessa forma faria mal a todos nós. Ele entende que

estamos ligados, mas vê isso apenas como uma união por poder. Possuí-la romperia

nosso círculo. Fique grata por ele não entender que isso não é apenas uma união por

poder, mas uma de amor e lealdade. Se entendesse, se entendesse o poder disso, a

perseguiria sem parar.

– Você atraiu a atenção de Cabhan – acrescentou Fin – porque ele conhece muito bem

o sexo, embora não conheça nenhum de seus verdadeiros prazeres ou sua profundidade.

Esse é outro tipo de poder para ele, e deseja muito obtê-lo.

– Então os últimos dias foram uma espécie de... dança do acasalamento?

– Quase isso – disse Branna para Meara. – Sorcha escreveu sobre as muitas semanas

em que Cabhan tentou seduzi-la, suborná-la, ameaçá-la, enfraquecer sua mente e seu

espírito. Sem dúvida ele queria seu poder, mas também seu corpo, e acho que queria ter

um filho com ela.

– Eu cortaria meu pescoço antes de deixá-lo me estuprar.

– Não diga isso. – A raiva fervente explodiu quando Connor se virou para ela. –

Nunca mais diga uma coisa dessas.

– Não diga – repetiu Iona baixinho antes de Meara poder retrucar. – Connor está

certo. Não diga isso. Nós a protegeremos. Somos um círculo e protegemos uns aos

outros. Você se protegerá, mas precisa acreditar que a protegeremos.

– Vou dizer uma coisa. – Antes de falar, Boyle se serviu de outra porção de

ensopado. – Vocês quatro não conseguem entender totalmente como isso funciona para

mim e Meara. Temos nossos punhos, nossa inteligência, uma espada, instintos e

estratégias. Mas essas são coisas comuns. Não quero cutucar uma ferida, mas quando um

pensamento de vocês é capaz de nos trancar no carro, nos manter longe, só temos essas

coisas comuns.

– Boyle, você tem de saber...

Fin fez Iona parar com um leve toque em seu braço.

– E eu vou dizer algo sobre isso, como alguém de fora. Dê um passo atrás – insistiu

ele enquanto Iona lançava-lhe um olhar triste. – Nós não somos os três, mas estamos com

os três. Outro equilíbrio delicado, poderíamos dizer. O que trazemos para o círculo é tão

vital quanto o outro lado da balança. De vez em quando os três poderiam pensar de um

modo diferente, e alguns com os três também, mas todos nós devemos nos lembrar de que

é assim que as coisas são e respeitar isso.

– Você está comendo à minha mesa – disse Branna em voz baixa. – A comida que eu

fiz. Eu o respeito.

– Sim, e lhe sou grato por isso. Mas está na hora de você abrir a porta de novo,

Branna, e me deixar trabalhar com vocês sem que eu tenha de forçar essa abertura. É de

Meara que estamos falando, e de tudo o que contribui para esse equilíbrio.

Branna apertou o pé de sua taça de vinho e depois relaxou de novo.

– Tem razão, e peço desculpas. Percebo que Cabhan nos abalou. Isso é uma vitória

para ele, e termina aqui.

– Não conseguimos entender o que é não ser o que somos. Acho que Iona entende –

continuou Connor – porque o que ela é e possui foi contido por muito tempo. Mas acho

que você e Fin não entendem que para mim e Branna vocês estarem conosco exige mais

coragem do que continuarmos com isso, como nós dois, e agora Iona, temos de fazer.

Seria mais fácil para Fin voltar para seu belo restaurante em Paris. E Meara e você não

têm poder, mas também estão conosco. Não nos esquecemos disso. Nunca pensem que

nos esquecemos. É a nossa obrigação, mas vocês se juntaram a nós por escolha. Nunca

pensem que nos esquecemos disso.

– Nós não queremos gratidão – começou Boyle.

– Bem, queiram ou não, vocês a têm. E têm também nossa admiração, mesmo se

houve momentos, e haverá de novo, em que não a demonstramos.

Branna se levantou, pegou outra garrafa de vinho e o serviu para todos ao redor.

– Pelo amor de Deus, vocês acham que passei horas preparando uma refeição como

esta só para mim? Eu me satisfaço com um sanduíche de bacon. Então vamos parar de

sentir pena de nós mesmos, ou uns dos outros, e apenas viver.

Muito deliberadamente, Meara se serviu de mais ensopado.

– Está ótimo, Branna.

– Sim, e a menos que todos vocês não queiram nada além de sanduíche de bacon na

próxima vez em que vierem, vamos deixar tudo isso de lado. Por que acham que Cabhan

pulou no capô do caminhão de Connor?

– Posso estar me arriscando àquele sanduíche de bacon, embora seja muito saboroso

– disse Fin –, mas acho que responder a isso me faz merecer outro prato.

– Responda. – Branna agitou sua mão no ar. – Eu é que vou decidir se você comerá

alguma coisa na próxima vez.

– Ele queria ver o que aconteceria. Estava totalmente formado.

– Sim – concordou Meara. – Com músculos, ossos e sangue. – E ele foi rápido. Deu

um pulo sem aviso, quando Connor e eu não esperávamos e estávamos perto daqui.

Depois recuou, esperando o momento propício. Mas, com essa espera, o que ele

aprendeu?

– Não estou acompanhando seu raciocínio – disse Boyle.

– O que ele viu Connor fazer? Sair para enfrentá-lo sozinho... deliberadamente

sozinho, porque deixou você e Meara fora disso. Protegeu-os. E viu Branna sair correndo

armada, mas também sozinha, para acudir o irmão. E depois Iona e você – acrescentou

Meara.

– Ele já tinha ido embora quando eu cheguei, quando formamos o círculo. Estava nos

observando? – Fin encolheu os ombros. – Não sei dizer com certeza, mas não o senti.

– Nem eu – disse Connor quando Fin olhou para ele.

– Então isso lhe mostrou que o primeiro instinto de Connor é proteger. Sua mulher...

Ah, não seja tão sensível – disse Fin quando Meara esboçou um protesto. – Sua mulher,

sua amiga. Afaste o risco e a proteção. Branna deve ir para o lado de Connor, porque ele

iria para o lado dela. Mas ela também protege, porque não fez nada para soltar Meara ou

Boyle a fim de aumentar os números.

– Isso também foi errado da minha parte, e já pedi desculpas para Meara. Agora peço

também para você, Boyle.

– Nós já falamos sobre isso, e está esquecido.

– Cabhan não esquecerá. – Iona olhou ao redor, entendendo. – E usará o que sabe,

tentará tirar algum proveito disso.

– Então encontraremos um modo de usar contra Cabhan o que ele sabe, ou pensa que

sabe. – Satisfeita com essa ideia, Meara sorriu. – Como me usar como isca?

– Nós não vamos fazer isso. – Connor rejeitou firmemente a ideia. – Tentamos isso

com Iona, não foi? E não funcionou, quase a perdemos para ele.

– Se você não é bem-sucedido da primeira vez...

– Dane-se e tente outra coisa – completou Connor.

– A escolha é minha. Lembre-se de suas próprias belas palavras. Eu lhe pergunto –

disse ela para Fin. – Há um modo de me usar para atraí-lo?

– Não posso dizer, e não porque não quero brigar com Connor e, se for o caso, com

Branna. Mas porque todos nós precisamos de tempo para pensar com cuidado. Como

Connor, não estou nem um pouco disposto a correr o risco que corremos com Iona no

solstício.

– Não tenho nenhum argumento contra isso.

– Pensaremos a esse respeito, e no fim todos devem concordar. – Ele olhou para

Connor, que assentiu. – E vamos trabalhar nisso, usar o que sabemos, aperfeiçoar o que

temos, porque quase deu certo.

– Sim, como o veneno de Sorcha. Mas não acabamos com ele. Não consigo descobrir

o que deixamos passar. E sim, deveríamos trabalhar juntos. Você tem uma boa mão para

poções e feitiços. Temos até Samhain.

– Por que Samhain? – perguntou-lhe Connor.

– O começo do inverno, e a véspera do ano-novo para nós, os celtas. Pensei nisso

enquanto preparava esta refeição. Nós pensamos no dia mais longo, em que a luz vence a

escuridão, mas acho que estávamos errados. Talvez isso seja algo que deixamos passar.

Samhain, porque precisamos de um pouco de tempo, mas, como Cabhan está vindo atrás

de nós ostensivamente, não podemos esperar muito.

– Na noite em que o Véu é mais fino – considerou Connor. – Em que dizem que não

se precisa de senha para ir de uma esfera para outra. Essa poderia ser uma das coisas

que deixamos passar. Para ele isso é tão fácil quanto andar pela sala. Nessa noite, talvez

possamos fazer o mesmo sem primeiro tentar descobrir onde, ou quando.

– A noite em que os mortos vêm em busca do calor da fogueira de Samhain e do

conforto de seus parentes.

– Os mortos... agora fantasmas? – perguntou Meara. – Bruxos já não bastam para nós.

– Sorcha – disse Branna.

– Ah. Você acha que ela poderia vir, aumentar o poder. Sorcha, e também os três?

– É nisso que pensaremos e trabalharemos. Se todos vocês concordarem.

– Gosto disso. – Boyle ergueu sua taça para Branna. – É o Dia das Bruxas.

– Se conseguirmos mantê-lo longe até lá e aprendermos o suficiente – disse Branna.

– Conseguiremos. Conseguiremos – disse Connor, decidido. – Sempre tive uma

predileção por Samhain, e não apenas pelos doces. Uma vez tive uma boa conversa com

minha bisavó sobre Samhain.

– Que estava morta na época, eu suponho.

Ele piscou para Meara.

– Ah, ela morreu anos antes de eu nascer. Quando o Véu fica mais fino consigo ver

melhor através dele do que em outras ocasiões. E como todos nós achamos que Cabhan

está me testando em particular, talvez eu seja a isca que procuramos. E você, pense nisso

– disse ele para Fin.

– Isso passou pela minha cabeça. Vou pensar mais, discutir esse assunto e trabalhar

cuidadosamente. Posso lhe dar todo o tempo de que precisa, Branna. A qualquer momento.

– Nada a declarar? – perguntou ela em tom despreocupado.

– Nada que não possa ser adiado. Ficarei aqui até isso terminar.

– E depois?

Ele a olhou e, por um longo momento, não disse nada.

– Depois veremos o que acontece.

– Ele só nos tornou mais fortes. – Iona segurou a mão de Boyle. – Famílias brigam e cometem erros. Mas podem se fortalecer com isso. Como nós.

– Então às brigas e aos erros.

Connor ergueu sua taça, os outros fizeram o mesmo e, com um tilintar musical, brindaram.



12

ELE SABIA QUE AQUILO ERA UM SONHO. COM O OLHO DE SUA MENTE, podia se ver quente e nu deitado na cama com Meara e, se flutuasse para trás, sentir o coração dela bater de modo lento e regular contra o seu.

Segura e quente na cama, pensou.

Mas ao andar pela floresta, o ar noturno era frio e as nuvens que flertavam com a

lua

crescente intensificavam as sombras escuras.

– O que estamos procurando? – perguntou-lhe Meara.

– Não saberei enquanto não encontrar. Você não deveria estar aqui. – Ele parou para

pôr as mãos no rosto dela. – Fique na cama, durma em segurança.

– Você não vai me trancar ou me deixar de fora. – Meara agarrou firmemente os

pulsos dele. – Você me prometeu. E esse sonho é tanto meu quanto seu.

Ele podia fazê-la voltar, para sonhos de que não se lembraria. Mas isso seria o

mesmo que mentir.

– Então fique perto de mim. Não sei como são as coisas aqui.

– Nós não estamos em casa.

– Não.

Meara ergueu a espada que carregava, fazendo a lâmina captar o luar.

– Você me entregou a espada ou eu mesmo a trouxe?

– Também não sei. – Algo brilhou sobre a pele de Connor e lhe aguçou os sentidos. –

Há algo no ar.

– Fumaça.

– Sim, e mais. – Ele ergueu a mão, segurando uma bola de luz. Usou-a como uma

espécie de tocha, afastando as sombras para enxergar o caminho.

Um cervo surgiu na trilha acidentada, seus chifres uma coroa prateada, seu pelo

dourado brilhante. Ficou lá por um momento, parado como uma estátua, como se lhes

permitindo admirar sua beleza. Depois se virou e atravessou majestosamente o

torvelinho de névoa.

– Devemos seguir o cervo? – perguntou Meara. – Como na canção e na história?

– Sim.

Mas Connor manteve a luz brilhando. As árvores se tornaram mais grossas e havia

cheiro de mato, terra e fumaça enquanto o cervo andava com graciosa tranquilidade.

– Isso acontece sempre com você? Esse tipo de sonho?

– Não, mas este não é o primeiro, embora seja o primeiro em que tenho companhia.

Está vendo? Outra luz lá na frente.

– Muito pouco, mas sim. Pode ser uma armadilha. Você pode senti-lo, Connor? Ele

está aqui conosco?

– O ar está cheio de magia. – Tão cheio que Connor se perguntou como ela não

estava sentindo. – O preto e o branco, a luz e a escuridão. Eles pulsam.

– E causam arrepios.

Então ela podia sentir.

– Quer voltar?

– Não, não quero. – Mas Meara ficou perto dele enquanto seguiam o cervo na direção

da luz.

Connor se projetou para a frente, se permitiu ver. E distinguiu a forma e depois o

rosto à meia-luz.

– É Eamon.

– O garoto? O filho de Sorcha? Voltamos séculos no tempo.

– É o que parece. Ele está mais velho. Ainda é um garoto, mas está mais velho. –

Então Connor se projetou de novo, dessa vez falando de mente para mente. *Sou Connor,*

dos O'Dwyer. Seu sangue, seu amigo.

Ele sentiu o garoto relaxar – um pouco. *Então venha, seja bem-vindo. Mas você não*

está sozinho.

Eu trouxe minha amiga, e ela é sua amiga também.

O cervo desapareceu na escuridão quando as luzes se fundiram. Connor viu a cabana,

um pequeno telheiro para os cavalos e uma bem-cuidada horta de ervas e plantas

medicinais.

Eles, os três filhos de Sorcha, construíram uma vida aqui, pensou. E uma vida boa.

– Seja bem-vindo – repetiu Eamon, e pôs sua luz de lado para segurar a mão de

Connor. – Seja bem-vinda também – disse para Meara. – Pensei que nunca mais veria

você.

– Nunca mais?

O garoto se aproximou e a encarou com seus olhos azuis como a pedra olho-de-

falcão que usava ao redor do pescoço.

– Você não é Aine?

– A deusa? – Meara riu. – Não.

– Não a deusa, mas a cigana que tem o nome dela. Você é muito parecida com Aine,

mas vejo que não é ela.

– Esta é Meara, minha amiga, e ela é sua amiga também. É do nosso círculo. Diga-

me, faz quanto tempo que nos vimos pela última vez?

– Três anos. Mas eu sabia que o veria de novo. A cigana me disse, e eu vi que ela

tinha o dom. Ela veio fazer negócios em uma manhã de primavera e me disse que havia

seguido a magia e os presságios até sua porta. Depois disse que eu tinha parentes em

outro tempo e nos encontraríamos de novo, dentro e fora dos sonhos.

– Dentro e fora – considerou Connor.

– Disse que voltaríamos para casa e cumpriríamos nosso destino. Você, moça, tem o

rosto e o porte dela. Veio dela, que se chama Aine. Então eu lhe agradecerei, como

agradeci a ela, por me dar esperança quando eu precisava.

Ele olhou para Connor.

– Isso foi depois do nosso primeiro inverno aqui, e a escuridão parecia não ter fim.

Eu sentia saudades de casa, estava desesperado por vê-la de novo.

Ele havia se tornado alto e confiante, observou Connor.

– Vocês construíram um lar aqui.

– Nós vivemos e aprendemos. A terra é boa e a natureza selvagem é um atrativo. Mas

nós, os três, devemos voltar para casa antes de podermos construir a nossa própria casa,

e mantê-la.

– Mas ainda não chegou a hora, não é? Acredito que você saberá quando chegar. Suas

irmãs estão bem?

– Estão, e graças a você. Espero que sua irmã também esteja.

– Está. Somos seis. Os três e mais três, e também estamos aprendendo. Ele tem algo

novo. Um feitiço da sombra, um modo de se equilibrar entre mundos e formas. Sua mãe

escreveu algo sobre sombras, e minha irmã Branna está estudando o livro dela.

– Minha irmã também. Falarei com ela sobre isso. Ou entre. Vou acordar Brannaugh e

Teagan, porque elas ficarão felizes em conhecer vocês dois.

Eamon começou a se virar para a porta da cabana.

Para Meara, tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Connor girou e Eamon girou com ele, como se fossem uma só forma. O grande cavalo

cinzento – e ela se sobressaltou ao ver Alastar, igual ao garanhão que conhecia – sair do

telheiro. Quase ao mesmo tempo, Roibeard mergulhou e Kathel pulou.

Antes de Meara poder se virar, Connor a puxou para trás de si quando o lobo surgiu.

Ele veio do nada, silencioso como um fantasma, rápido como uma cobra.

Muito depressa, esquivou-se dos cascos brilhantes de Alastar e se lançou para a

frente. Direto para o garoto, percebeu Meara. E, sem pensar, ela empurrou Eamon para o

lado e brandiu sua espada.

Golpeou o ar, mas mesmo isso fez seus braços vibrarem até os ombros. Então o lobo

a atingiu com toda a força, fazendo-a voar. Ela sentiu dor, um choque e um frio cortante

na lateral do corpo. O instinto de sobrevivência a fez pôr as mãos ao redor do pescoço

do lobo para evitar suas mordidas.

E, mais uma vez, tudo aconteceu ao mesmo tempo.

O cão atacou, a luz explodiu com tanta força que o ar ficou vermelho. Gritos e

rosnados rasgaram aquela cortina abrasadora enquanto os músculos de Meara tremiam

com o esforço de conter as mandíbulas. Ela se ouviu gritar e não sentiu nenhuma

vergonha, enquanto o lobo gritava também.

Meara viu uma raiva louca e assassina nos olhos dele antes de o lobo estremecer e

desaparecer, da forma como veio. Do nada.

Ouviu seu nome, Connor repetindo-o sem parar. Ela não conseguia respirar,

simplesmente não conseguia inalar o ar que fedia a enxofre.

Sentiu mãos quentes na lateral de seu corpo, lábios quentes em seus lábios.

– Deixe-me ver. Deixe-me ver. Ah, meu Deus! Não se preocupe, *aghra*, meu amor,

vou dar um jeito nisso. Fique deitada quieta.

– Posso ajudá-lo.

Meara ouviu a voz e viu o rosto. O rosto de Branna, mas mais jovem. Lembrava-se

daquele rosto, pensou em meio à dor e ao leve atordoamento que lhe causava. Lembrava-

se dele de sua própria juventude.

– Você se parecerá com ela daqui a alguns anos. Nossa Branna é de uma rara beleza.

– Fique quieta, moça. Teagan, busque... Ah, bem, ela já é. Minha irmã buscará o resto

de que preciso. Sou habilidosa, primo – disse ela para Connor. – Pode me deixar cuidar

disso?

– Sim. – Mas ele segurou a mão de Meara. – Aqui, querida, *mo chroi*, olhe para mim.

Para mim, para dentro de mim.

Então Meara foi sonhando para dentro daqueles olhos verdes, fora da dor, fora de

tudo exceto ele. E Connor lhe murmurando palavras doces como quando eles faziam

amor.

Então Iona – não, Teagan, a mais nova – levou uma xícara aos seus lábios e o sabor

em sua língua e garganta foi delicioso.

Agora, respirando real e profundamente, o sabor era o mesmo – de verde e terra,

lareira de turfa e ervas vicejando próximas.

– Estou bem.

– Mais um momento, apenas mais um momento. Como Cabhan pôde vir aqui? –

perguntou Brannaugh para Connor. – Estamos fora do alcance dele aqui.

– Mas eu não estou. De algum modo eu o trouxe, lhe dei acesso. Afinal de contas,

isso foi uma armadilha. Usar-me para chegar a você, Eamon, e a suas irmãs. Eu o conduzi

para cá, permiti-lhe fazer isso.

– Não, ele usou nós dois, nossos sonhos.

– E também nos atraiu – disse Brannaugh. – Não há nada do lado sombrio dele em

você, moça. Consegue se sentar agora, com calma e devagar?

– Estou bem. Melhor do que antes de ser ferida. Você tem a habilidade dela, ou

ela

tem a sua.

– Você defendeu meu irmão. Se não tivesse se arriscado, ele estaria ferido, ou morto,

porque Cabhan queria o sangue e a morte dele.

– Sua espada. – Teagan a colocou sobre as pernas de Meara.

– Há sangue nela. Pensei que não o tinha atingido.

– Você o golpeou de verdade.

– Isso é magia negra – afirmou Brannaugh.

– Sim – concordou Connor. – Enquanto eu estiver aqui, ele pode voltar. Eu lhes farei

mais mal do que bem ficando.

– Pode levar isto, por favor? – Teagan lhe estendeu o broto de uma flor. – E quando

puder a plante perto do túmulo da nossa mãe. Ela adorava campânulas.

– Sim, assim que puder, plantarei. Preciso ir, preciso levar Meara de volta.

– Estou bem – disse ela.

– Eu não. Tenham cuidado, todos vocês. – Ele pôs os braços firmemente ao redor

Meara e apertou o rosto contra os cabelos dela.

Meara acordou na cama, sentando-se com os braços de Connor ao seu redor, com ele

a embalando como se ela fosse um bebê.

– Eu tive um sonho.

– Não um sonho, ou não apenas um sonho. Shh, me dê um momento.

Connor pressionou lenta e deliberadamente os lábios contra os cabelos, as têmporas

e as bochechas de Meara.

– Deixe-me ver.

– Está bom. Eu estou bem – insistiu Meara enquanto ele a virava e passava as mãos

sobre ela. – Na verdade, eu me sinto como se alguém tivesse me dado um elixir mágico.

E suponho que foi exatamente isso. Como tudo aconteceu?

– Eamon sonhou comigo e eu sonhei com ele. Atraiu-me para ele e eu a levei comigo.

Cabhan deve ter armado tudo isso.

As mãos de Connor se fecharam sobre os cabelos dela até ele voltar a relaxá-las.

– Para me usar, usar meu sonho para atacar Eamon.

– Você me empurrou para trás de você.

– E você fez o mesmo com Eamon. Nós fazemos o que fazemos. – Com um suspiro,

Connor encostou sua testa na de Meara. – Sua espada atingiu a lateral do corpo de

Cabhan e as garras dele atingiram você, mas parte de Cabhan ainda estava na sombra de

modo que a lâmina lhe tirou sangue, mas não o fez parar. Essa é a minha teoria.

– Ele surgiu do ar, Connor. Como podemos lutar contra o que vem do ar?

– Como fizemos. A luz o levou de volta, a minha e a de Eamon juntos, e depois a das

garotas.

– Ele gritou – lembrou-se Meara. – Não pareceu o som de um animal, mas o de um

homem.

– Equilibrado entre mundos e formas. Isso o domina quando ele passa de um para

outro, eu acho. Está quase amanhecendo. Vai ser arriscado, mas acordarei Branna.

Deixarei a seu cargo telefonar para os outros. Temos de contar isso para todos

imediatamente.

Mas primeiro Connor pôs as mãos no rosto de Meara como fizera no sonho.

– Não seja tão corajosa da próxima vez, porque isso poderia me matar.

– Ele era apenas um garoto, Connor, e estava bem no caminho. E se parece com você,

ou você se parece com ele. O formato do rosto – acrescentou Meara –, a boca, o nariz e

até mesmo a postura.

– Tanto assim?

– Acho que é mais difícil para você perceber, mas sim. Vou telefonar para Iona e ela

se encarregará de acordar Boyle, que pode acordar Fin.

– Está bem. – Connor passou as mãos pelos cabelos dela, longos e revoltos porque

lhe soltara a trança na noite anterior. – Quem chegar lá embaixo primeiro fará o maldito

café.

– Combinado. – Como ainda podia ver a preocupação nos olhos dele, Meara se

inclinou para a frente e o beijou. – Vá, o pior trabalho é o seu, de acordar Branna quando

o dia mal nasceu.

– Estou com o kit de primeiros socorros pronto. – Ele rolou para fora da cama e

vestiu suas calças.

Quando Connor saiu, Meara estendeu a mão para seu telefone e viu a campânula.

Pensando em Teagan, tão parecida com a garota que Iona devia ter sido, levantou-se,

pegou um copo de água no banheiro e pôs a muda nele.

Para Sorcha, pensou, e depois telefonou para Iona.

Meara desceu primeiro e cumpriu seu dever de fazer o café. Pensou em fazer mingau

de aveia, o único prato matinal que sabia preparar. E Connor quase sempre queimava os

ovos quando preparava o café da manhã.

Ela foi poupada disso quando Branna entrou. Sua amiga usava calças de pijama de

flanela listradas de azul e verde com uma blusa verde fina. Havia vestido um pequeno

suéter azul por cima e isso de algum modo combinava com as meias grossas em

seus pés.

Com os cabelos soltos lhe chegando à cintura, Branna foi direto para o café.

– Não fale comigo, nenhuma palavra, antes de eu tomar meu café. Ponha algumas

batatas para ferver e quando estiverem macias o suficiente corte-as para fritar.

Branna tomou café puro em vez de lhe acrescentar uma boa dose de creme, como de

costume.

– Eu juro que em breve passarei um mês longe de qualquer fogão.

– Você merece isso. Não estou falando para ninguém em particular – disse Meara tão

rapidamente quanto escovava as batatas na pia. – Só estou fazendo observações gerais.

– Maldito Cabhan – murmurou Branna enquanto tirava coisas da geladeira. – Eu juro

que o matarei com minhas próprias mãos por me forçar a ver tantas vezes o sol nascer.

Os ovos serão mexidos e quem não gostar que não os coma.

Sabiamente, Meara não disse nada, mas pôs as batatas para ferver.

Resmungando o tempo todo, Branna acrescentou salsichas, começou a fritar o bacon e

fatiou mais pão para pôr na torradeira.

Depois tomou mais café.

– Quero ver a lateral do seu corpo.

Meara parou de dizer que estava bem e apenas levantou a blusa.

Branna pôs os dedos na ferida. Como sabia o ponto exato? Ela a examinou e Meara

sentiu calor deslizando para dentro e saindo de novo.

Então Branna a olhou nos olhos, chegou mais perto e a abraçou com força.

– Está curado. Droga, Meara. Droga.

– Não comece. Já basta o Connor. Parece até que eu fui estripada em vez de

arranhada.

– O que você acha que Cabhan queria se não estripá-la?

Mas Branna deu um passo para trás, apertou a parte inferior da palma das mãos

contra os olhos, respirou fundo e abaixou as mãos de novo.

– Então está bem. Vamos continuar a preparar esta maldita refeição. Connor Sean

Michael O'Dwyer! Desça e faça algo para este café da manhã em vez de apenas comê-lo.

Quando Connor apareceu, segundos depois, ficou claro que ele estivera esperando

ela se acalmar.

– O que você quiser. Posso fazer os ovos.

– Não toque neles. Ponha a mesa porque parece que cozinharei para seis pelo resto

da minha vida. E quando acabar, pode começar a fazer as torradas.

As batatas estavam fritando quando os outros chegaram.

– Você está bem? – Iona foi direto para Meara. – Tem certeza?

– Estou. Mais do que bem, porque a poção que me deram me encheu de energia.

– Vamos ver isso. – Fin empurrou levemente Iona para o lado.

– Terei de levantar minha blusa para todos? – Mas Meara a levantou, franzindo um

pouco a testa quando Fin a tocou. – Branna já me cutucou.

– Cabhan tem meu sangue. Se houver algum traço dele eu saberei. E não há nenhum. –

Com gentileza, Fin, pôs a blusa dela no lugar. – Eu não ia querer vê-la ferida, *mo deifiúr.*

– Eu sei disso. Claro que houve um momento em que me feri, e não gostaria de passar

por isso de novo, mas o resto foi fascinante. Você levou Iona uma vez – disse ela para

Boyle.

– Sim, por isso conheço a sensação. É como sonhar, mas mais como andar, falar e

agir enquanto você dorme. Isso nos deixa um pouco zonzos.

– Você deveria se sentar – decidiu Iona. – Apenas se sente. Vou ajudar Branna a

terminar o café da manhã.

– Não vai, não – disse Branna em tom definitivo. – Boyle, você é o único que não é

desastrado na cozinha. Por favor mexa os ovos, porque estou quase terminando o resto.

Boyle foi para o fogão ficar ao lado dela e despejou os ovos mexidos da tigela

em

uma frigideira em que Branna derretera manteiga.

– Está tudo bem? – perguntou.

Branna se apoiou nele por um momento.

– Vai ficar.

Ela desligou o fogo sob as batatas e começou a tirá-las com uma escumadeira e a pô-

las para escorrer sobre toalhas de papel.

– Por que não senti nada disso? – perguntou. – Dormi durante esse tempo todo e não

percebi nada.

– Por que eu não senti, ou Iona? – contrapôs Fin de detrás dela. – O sonho não era

nosso; não tivemos nenhuma participação nele.

– Eu estava na mesma casa, apenas em outro cômodo. Deveria ter sentido alguma

coisa.

– Posso ver que como você é o centro deste mundo tem direito a participar de tudo.

Quando Branna se virou para ele com os olhos apertados e flamejantes, Iona se

adiantou.

– Parem, parem vocês dois. Estão se culpando, e isso é estupidez. Nenhum de vocês

é responsável. O único responsável é Cabhan, então parem com isso. Meu

sangue, meu

irmão – acrescentou ela antes de eles poderem falar. – Blá-blá-blá. E daí? Estamos todos

juntos nisso. Por que não descobrimos exatamente o que aconteceu antes de começarmos

a dividir a culpa?

– Você vai se casar com uma mulher mandona, *mo dearthair* – disse Fin para Boyle.

– E sensata. Sente-se Iona, e Meara também. Vou buscar o café de vocês.

Iona se sentou e cruzou as mãos comportadamente sobre a mesa.

– Seria ótimo.

– Não o entorne – disse Meara, e se juntou a ela.

Na direção de Branna, Boyle empilhava ovos na travessa com salsichas, bacon,

batatas, tomates fritos e morcela.

Ele levou a travessa para a mesa enquanto Fin servia o café e Connor, o suco.

– Conte-nos o que aconteceu – disse Fin para Connor.

– Começou como de costume, como se eu estivesse ao mesmo tempo totalmente

desperto, consciente e em outro lugar. Estávamos em Clare, embora no início eu não

soubesse. Em Clare, no tempo de Eamon.

Connor contou a história enquanto todos se serviam da enorme travessa.

– Um cervo? – interrompeu-o Branna. – Era real ou você o levou para o sonho?

– Eu não teria pensado nisso. Se quisesse um guia, chamaria Roibeard. Era um

cervo

grande e magnífico. Majestoso e com o pelo mais dourado do que castanho.

– E olhos azuis – acrescentou Meara.

– Tem razão. Pensando sobre isso, eram destemidos e azuis, como os de Eamon.

– Ou os do pai dele – salientou Branna. – No livro de Sorcha ela escreveu que os

olhos do filho eram da mesma cor dos do pai.

– Você acha que foi Daithi – considerou Connor –, ou que o estava representando. Ele

pode ter adquirido essa forma para ficar perto dos filhos, protegê-los o máximo possível.

– Espero que isso seja verdade – disse Iona em voz baixa. – Ele foi morto

cavalgando para casa a fim de protegê-los.

– O cervo que podia ter sido o espírito de Daithi nos guiou na direção da luz, e a luz

era Eamon. No tempo dele faz três anos que nos vimos pela última vez. Eamon estava

mais alto e com o rosto mais fino, como acontece quando se está saindo da infância. Ele

é um rapaz bonito.

Ele sorria para Meara.

– Ele diria isso, como eu lhe disse que eles protegem uns aos outros. Sem dúvida a

cor é diferente, mas dá para saber que são parentes.

– Eamon pensou que Meara era Aine, uma cigana que havia passado por lá

algum

tempo antes e lhes dito que veriam a casa deles de novo – explicou Connor.

– Isso é interessante. Você tem sangue cigano – salientou Iona.

– Sim.

– E Fin deu o nome de Aine à égua que escolheu para Alastar.

– Pensei nisso, e não significa que eu me pareço com uma égua.

– De grande beleza e espírito – salientou Fin. – O nome era dela. Nunca pensei em

outro. Era dela desde o momento que a vi. Sem dúvida as conexões e coincidências são

interessantes.

– Mas eu não senti nada enquanto nós conversávamos do lado de fora da cabana.

Eamon também não – considerou Connor. – Perguntamos por nossas famílias. Eu lhe falei

sobre o feitiço da sombra. E foi quando Eamon nos convidou para entrar que aquilo

aconteceu. Em um minuto eu não senti nada e depois o senti ali. Um instante antes de o

lobo pular do ar. E Eamon também sentiu.

– Vocês giraram juntos, como uma só pessoa – acrescentou Meara. – Connor me

empurrou para trás dele, mas Cabhan não me queria, queria o garoto.

– E então Meara empurrou Eamon para o lado, se expôs e brandiu a espada. Não

houve tempo para nenhum tipo de bloqueio, nem mesmo um segundo. Ele a atacou,

cravou as garras nela. O sangue dela e o dele no ar. O cão veio. Eamon e eu nos juntamos

e as garotas saíram da cabana correndo. Foram elas que fizeram o bloqueio lançando o

que tinham nele e me impedindo de avançar. Então eu me juntei a elas porque naqueles

poucos segundos não havia mais nada a fazer. O que tínhamos foi suficiente para causar

dor a Cabhan, e Kathel, Roibeard e Alastar partiram para cima dele conosco. Cabhan

gritou como uma mulher.

– Ei!

Ele sorriu para Iona.

– Sem querer ofender. Entre nós e Kathel, os cascos de Alastar e as garras de

Roibeard, ele se foi. Foi embora, desapareceu, deixando apenas o fedor do inferno atrás

dele. E Meara sangrando no chão. E agora, com calma, percebo que não demorou nem

dois minutos.

– Todos os ataques foram breves, não foram? Algo a considerar – disse Branna. –

Talvez com esse feitiço Cabhan só tenha poder suficiente para esses breves ataques.

– Por enquanto – acrescentou Fin.

– Por enquanto é o que temos. Ele penetrou no sonho de Connor para tentar pegar o

garoto, ou uma das irmãs se elas tivessem ido cumprimentá-lo, Connor. Ele não pode

entrar na casa, mas em um sonho, quando você se afasta de sua proteção... posso ver isso.

Ele não pode alcançá-los naquele tempo e lugar, mas pode entrar no sonho para ir até lá.

– Onde o garoto seria vulnerável – acrescentou Fin – no meio mundo do sonho. Então

Cabhan espera nos limites dele, espera para atacar, até vocês lhe darem as costas.

– Maldito covarde – murmurou Boyle.

– Você disse que Meara derramou o sangue dele. Onde está sua espada? – perguntou

Branna.

– Em casa. Nunca a trouxe para cá. No sonho, estava na minha mão.

– Vou buscá-la – disse Fin. – Onde está?

– No meu quarto, na prateleira do armário. Vou pegar a chave do apartamento. –

Quando Fin apenas sorriu, ela se recostou de novo. – Da qual você não precisa, não é? O

que nunca tinha me ocorrido. Qualquer um de vocês quatro pode entrar lá quando quiser.

– Vou buscá-la. Não vai demorar mais do que alguns minutos.

– Agradeço o respeito, porque você sabe que não aprovo o caminho mais fácil

quando um pouco de esforço e tempo dão conta do recado. – Branna suspirou. – Mas

estamos além disso e é tolice você dirigir até a vila e voltar.

Fin apenas assentiu. Ergueu a mão e, em um piscar de olhos, estava segurando a

espada de Meara.

Meara se sobressaltou e depois riu um pouco.

– Bem, isso é brilhante, e é tão raro ver qualquer um de vocês fazer esse tipo de

coisa que às vezes me esqueço de que podem.

– Fin é um pouco mais liberal em relação a isso do que Branna – salientou Boyle.

– Nós não temos os mesmos limites. – Fin virou a espada. – Há sangue nela, e está

fresco.

– Não quero sangue ou espadas na minha mesa. – Branna se levantou e a tirou dele. –

Isso é suficiente para o trabalho. Ainda tenho um pouco do solstício. Mas, como você

disse, o sangue está fresco e é de Cabhan, de quando foi ferido durante um feitiço da

sombra.

– Vou voltar e trabalhar com você assim que conseguir escapar – disse-lhe Connor.

– Eu também – acrescentou Iona. – Estamos com muito movimento esta manhã, mas

acho que meus patrões podem flexibilizar um pouco nosso horário à tarde.

Boyle passou a mão pelos cabelos de Iona.

– Talvez eles precisem ser persuadidos. Também trarei Meara de volta, se formos

úteis para você. No mínimo podemos trazer comida.

– Isso já é muito. – Branna continuou a analisar a espada. – Porque não há o

suficiente do sofisticado ensopado francês para uma segunda rodada.

– Então eu e Meara faremos isso e voltaremos assim que terminarmos nos estábulos.

Eu liberarei Iona assim que puder.

– Eu vou buscá-la – disse Connor. – Acho melhor ninguém andar por aí sozinho, pelo

menos durante algum tempo. Posso reorganizar meu horário e estar livre às três, se isso

for conveniente para você.

– É bastante conveniente.

– Eu vou ficar. – Houve um instante de silêncio quando Fin falou. – Se *isso* for

conveniente para você.

– É. – Branna abaixou a espada. – Vocês todos podem arrumar minha cozinha. Estarei

na oficina quando você terminar – disse ela para Fin, e saiu.



13

MEARA PASSOU A MAIOR PARTE DE SEU DIA SEGUINTE DE FOLGA NA casa da mãe ajudando

a empacotar as últimas coisas para o que todos estavam chamando de A Longa Visita. E

como isso exigia tomar decisões – o que levar, o que deixar para trás, o que dar ou

simplesmente jogar fora –, passou a maior parte do dia de folga com uma dor de cabeça

latejante.

Ela sabia muito bem que decisões deixavam Colleen Quinn muito nervosa e ansiosa.

A simples decisão sobre se deveria levar seu querido trio de violetas africanas quase a

levou às lágrimas.

– Bem, é claro que você vai levar. – Meara tentou se equilibrar em uma linha tênue

entre bom humor e firmeza.

– Se eu não levar, você e Donal terão de regá-las e adubá-las, e se vocês se

esquecerem...

– Prometo não me esquecer. – Porque as levaria direto para Branna, que saberia

como cuidar delas. – Mas elas deveriam ficar com você.

– Maureen talvez não as queira na casa dela.

– Por que não ia querer? – Equilibrando-se naquela linha tênue, Meara pôs um

sorriso determinado no rosto enquanto erguia uma das plantas de folhas penugentas cheia

de botões roxos. – Elas são lindas.

– Bem, é a casa *dela*, não é?

– E você é a mãe dela, e as plantas são suas.

Decisão tomada, graças a Deus, Meara as colocou cuidadosamente em caixas que

pedira no supermercado.

– Ah, mas...

– Elas viajarão seguras aqui. – *Sete vezes sete é igual a quarenta e nove.* – E você

não disse que as plantas são seres vivos e reagem a música, conversas e afeição? As

violetas sentiriam sua falta e provavelmente murchariam, por mais que eu cuidasse delas.

Inspirada, Meara cantou *On the Road Again* enquanto colocava papel amassado ao

redor dos vasos. Pelo menos isso fez Colleen esboçar um sorriso.

– Você tem uma voz muito bonita.

– Herdei da minha mãe, não foi?

– Seu pai também tinha uma voz boa e forte.

– Hum – foi a resposta de Meara enquanto fazia multiplicações mentais. – Bem, você

vai querer algumas das suas fotos, não é? Para pôr em seu quarto.

– Ah. – Colleen imediatamente cruzou os dedos como fazia quando não sabia se

devia virar à esquerda ou direita. – Não sei, e como escolheria quais? E...

– Eu vou escolher, assim você terá uma bela surpresa quando desempacotar suas

coisas. Sabe, eu gostaria de um pouco de chá.

– Ah. Vou fazer.

– Isso seria ótimo. – E lhe daria cinco minutos de paz.

Com Colleen na cozinha, Meara pegou fotos emolduradas – momentos do passado, de

sua infância, de suas irmãs e, embora isso não parecesse muito adequado, de seus pais

juntos.

Ela examinou uma das fotos de seus pais sorrindo, cercados pelos jardins viçosos da

grande casa que tiveram um dia. Um rosto bonito, pensou, analisando seu pai. Um homem

forte e elegante com todo charme do mundo.

E sem nenhuma força de vontade.

Ela embrulhou a foto para proteger o vidro da moldura e a colocou dentro da caixa.

Achava que sua mãe ficaria melhor sem a lembrança constante de como havia sido, mas a

vida era dela.

E nesse momento essa vida cabia em duas malas, uma sacola de viagem e três caixas

de supermercado.

Haveria mais se a mudança se tornasse permanente – uma palavra que Colleen não

estava pronta para ouvir. Mais coisas para empacotar, mas, mais do que isso, Meara

tinha certeza, mais vida para ser vivida.

Considerando o trabalho feito – ou quase feito –, Meara foi para a cozinha e

encontrou a mãe sentada à pequena mesa com o rosto entre as mãos, chorando baixinho.

– Ah, Ma!

– Sinto muito, sinto muito. Não fiz o chá. Estou confusa, Meara. Vivi em Cong e seus

arredores durante minha vida inteira. E agora...

– Galway não é longe. Você não ficará longe. – Meara se sentou e segurou as mãos

dela. – A casa de Maureen não fica nem a uma hora de distância.

Colleen ergueu seus olhos marejados de lágrimas.

– Mas não vou ver você ou Donal como faço.

– É só uma visita, Ma.

– Talvez eu nunca mais volte aqui. É isso que vocês todos estão pensando.

Sem opções, Meara deixou a culpa de lado.

– É isso que todos nós estamos pensando que você vai querer depois que passar

algum tempo lá. Se você ficar em Galway com Maureen, Sean e as crianças, nós a

visitaremos. É claro que visitaremos. E se você não se sentir feliz lá, e só voltar. Eu não

disse que tomarei conta do chalé para você?

– Eu odeio este lugar. Odeio tudo neste lugar.

Meara abriu a boca, chocada, e depois a fechou de novo sem ter a menor ideia do que

dizer.

– Não, não, isso não está certo, não é verdade. – Balançando para a frente e para trás,

Colleen apertou as mãos contra o rosto. – Eu adoro os jardins. Adoro. Adoro vê-los, o

da frente e o de trás, e trabalhar neles. E estou grata pelo chalé, porque é lindo.

Colleen tirou um lenço de papel do bolso e enxugou as lágrimas.

– Sou grata a Finbar Burke por alugá-lo para mim por muito menos do que um preço

justo, e a você por pagar por ele. Também a Donal, por ficar comigo por tanto tempo. A

todos vocês por me ligarem todos os dias para ver como eu estou. Por me levarem para

passar em pequenos feriados. Sei que todos vocês conspiraram para eu ir morar em

Galway com Maureen para o meu próprio bem. Não sou totalmente estúpida.

– Você não é nem um pouco estúpida.

– Eu tenho 59 anos e não consigo assar um pernil de cordeiro.

Como aquilo trouxe outro ataque de choro, Meara tentou outra tática.

– É verdade que você é péssima cozinheira. Quando eu voltava para casa da escola e

sentia o cheiro de carne assada, perguntava a Deus o que tinha feito para merecer

tamanho castigo.

Colleen arregalou os olhos por um minuto, as lágrimas brilhando em seu rosto.

Depois riu. O som foi um pouco histérico, mas ainda assim o de uma risada.

– Minha mãe era pior.

– Isso é possível?

– Por que você acha que seu avô contratou uma cozinheira? Para não morrermos de

fome. E, Deus a abençoe, Maureen não é muito melhor.

– Foi por isso que inventaram as quentinhas. – Esperando não provocar mais

lágrimas, Meara se levantou para pôr a chaleira no fogo. – Eu nunca soube que você

odiava viver aqui.

– Não odeio. Isso foi errado, e ingrato da minha parte. Tenho um teto sobre a minha

cabeça e um jardim do qual me orgulho. Tenho bons vizinhos e você e Donal próximos.

Odeio isso ser tudo o que tenho, uma casa de outra pessoa pela qual minha filha paga o

aluguel para me ter por perto.

– Isso não é tudo o que você tem. – Como fora cega, pensou Meara, não vendo que

feria o orgulho da mãe morar em uma casa alugada pela qual sua filha pagava. – É só

uma casa, mãe. Só uma casa. Você tem seus filhos e netos que a amam o suficiente para

conspirar para sua felicidade. Tem a si mesma, uma péssima cozinheira, mas uma

jardineira brilhante. Você será uma dádiva para aqueles netos.

– Serei?

– Sim. Será paciente com eles e se interessará de verdade pelo que fazem e pensam.

Pais são diferentes. Eles têm de estar sempre pensando em se devem dizer sim ou não,

agora ou depois. Têm de disciplinar e impor regras, assim como amar e cuidar. Você só

terá de amar e eles absorverão tudo isso como esponjas.

– Realmente sinto falta de tê-los mais perto, ter tempo para mimá-los.

– Então essa é sua chance.

– E se Maureen não quiser que eu os mime?

– Eu irei a Galway para chutar o traseiro dela.

Colleen sorriu de novo enquanto Meara fazia o chá.

– Você sempre foi minha guerreira. Tão intensa e corajosa. Espero um dia ter netos

vindos de você para mimar.

– Ah, bem.

– Eu soube que você e Connor O’Dwyer estão se vendo.

– Eu vi Connor O’Dwyer durante minha vida inteira.

– Meara.

Não evitaria aquilo, pensou Meara, e levou o chá para a pequena mesa.

– Sim, estamos.

– Gosto muito dele. É um bom homem e também muito bonito. Tem um bom coração e

uma natureza gentil. De vez em quando ele vem me ver só para saber como eu estou e

perguntar se há alguma pequena coisa que ele possa fazer na casa.

– Eu não sabia disso, mas é cara dele.

– Ele é carismático, e sei como as coisas são hoje em dia, mas não posso aprovar...

bem, o sexo antes do casamento.

Santa Maria, rezou Meara, tenha piedade de mim e me poupe da conversa sobre sexo.

– Entendi.

– Sinto o mesmo em relação a Donal e Sharon, mas... afinal de contas ele é homem e

os homens querem essas coisas com ou sem o sagrado matrimônio.

– Como as mulheres, mãe, e detesto lhe dizer isso, mas sou adulta.

– Mesmo assim ainda é minha filha – disse Colleen, recatada. – E apesar do que a

Igreja diz sobre essas questões, espero que você se cuide.

– Quanto a isso pode ficar tranquila.

– Vou ficar tranquila quando você estiver casada, feliz e começando uma família em

uma casa sua. Como eu disse, gosto do Connor, mas a verdade é que ele aprecia as

mulheres. Então se cuide, Meara.

Quando ouviu a porta da frente se abrir, Meara se sentiu extremamente grata.

– E aqui está Donal para levá-la para Galway – disse ela, alegre. – Vou pegar uma

xícara de chá para ele.

ELA PENSOU EM IR PARA CASA OLHAR PARA AS PAREDES ATÉ SE SENTIR MENOS cansada,

culpada e mal-humorada. Mas acabou indo direto para a casa de Branna.

No minuto em que se precipitou para a cozinha, viu que cometera um erro.

Branna e Fin estavam em pé juntos no balcão de trabalho, com as mãos pairando

sobre uma tigela de prata. Qualquer que fosse a mistura nela, emitia uma luz cor de

laranja forte e brilhante que se erguia em uma fina espiral de fumaça.

Branna ergueu um dedo de sua mão livre, fazendo um sinal para Meara esperar.

– Seu e dos seus e meu e dos meus, vida e morte entrelaçadas. Que lágrimas e sangue

derramados se juntem em uma mistura grossa e vermelha. Que o fogo e a fumaça ardam e

selem seu destino com esta mistura borbulhante.

A mistura borbulhou formando uma virulenta espuma cor de laranja.

– Droga! – Branna deu um passo para trás e pôs as mãos nos quadris. – Isso ainda

não está certo. Deveria ficar vermelho, cor de sangue. Vermelho grosso e sanguinolento.

Ainda estamos deixando passar alguma coisa.

– Com certeza não é meu sangue – disse Fin. – Eu já lhe dei um litro.

– Apenas algumas gotas. Não seja infantil. – Obviamente frustrada, Branna passou a

mão pelos cabelos presos no alto de sua cabeça. – Eu também usei o meu, o de Connor e

o de Iona, não foi?

– E são três de vocês para um meu.

– Além do sangue de Cabhan da ampola que temos do solstício, e do da espada.

– Podem usar o meu se precisarem – ofereceu Meara. – Caso contrário parecerá que

só estou atrapalhando.

– Você não está. Talvez seja bom termos outra visão e opinião sobre isso. Mas

faremos um intervalo para que eu possa refletir – decidiu Branna. – Vamos tomar um

pouco de chá.

– Você está angustiada – disse Fin para Meara enquanto Branna limpava o balcão. –

Viu sua mãe ir para Galway hoje.

– Sim, há pouco tempo, e com muito choro e ranger de dentes.

– Sinto muito. – Branna veio imediatamente de detrás do balcão e esfregou o braço

de Meara. – Eu estava concentrada em minhas próprias frustrações e não pensei nas suas.

Isso foi difícil.

– De alguns modos mais e de outros menos do que eu esperava. Mas de um modo

geral desgastante.

– Tenho coisas para fazer e posso deixar vocês duas a sós para conversarem.

– Não, não vá embora por minha causa. E isso me dá a chance de falar com você

sobre o aluguel.

– Você não precisa se preocupar com nada. Como eu lhe disse, posso esperar até sua

mãe decidir o que quer fazer. Ela mora lá há quase dez anos.

– Isso é gentil da sua parte, Fin. De verdade.

Sem dizer nada, Branna foi fazer o chá.

– Acho que ela não vai voltar, não para morar – disse Meara. – Acho que ficará

animada com a mudança. Sobretudo os netos, porque morará com alguns e ficará mais

perto do resto. Além disso, Sean, o marido de Maureen, vai lhe dar atenção porque

sempre gostou dela. E o fato é que minha mãe não está feliz sozinha. Precisa de alguém

não só para conversar como também para orientá-la, e Maureen fará as duas coisas.

– Então pare de se sentir culpada – aconselhou-a Fin.

– Eu me sinto um pouco. – Meara apertou os olhos com os dedos. – Minha mãe

chorou e disse coisas que eu não sabia que estavam em sua mente ou seu coração. Ela é

grata a você, Fin, pelo chalé, pelo aluguel ridiculamente baixo que lhe cobrou durante

esses anos todos, e nunca pensei que ela fazia ideia disso. Mas fazia e é grata, como eu

também sou.

– Isso não é nada, Meara.

– É, para ela e para mim. Mesmo com Donal contribuindo, eu não poderia ter pagado

meu próprio aluguel e o dela, e com certeza teria cometido um assassinato. Então você

manteve minha mãe viva e a mim fora da prisão, por isso muito obrigada.

– Não há de quê. – Então ele foi até Meara e a abraçou, porque ela começara a

chorar. – Agora chega, querida.

– É só que minha mãe começou a chorar de novo quando Donal e eu pusemos as

coisas dela no caminhão, e se agarrou a mim com se eu estivesse indo para a guerra. O

que eu acho que estou, mas ela não sabe. Juro que durante todos esses anos ela fez vista

grossa ao que três dos meus melhores amigos são e agora só está um pouco preocupada

com Connor e eu termos transado fora do sagrado matrimônio.

Embora não pudesse evitar o sorriso, Fin lhe esfregou as costas.

– Parece que você teve um dia bem cheio.

– Que terminou comigo chutando minha mãe para fora da casa dela.

– Você não fez isso. Você a ajudou a quebrar uma corrente que a mantinha presa aqui;

ela será mais feliz em uma casa cheia de parentes. Aposto que vai lhe agradecer por isso

antes de o ano terminar. Aqui, *dubheasa*, seque os olhos.

Ele deu um passo para trás, procurou em seus bolsos e pegou um lenço em um espiral

de cores que a fez rir.

– O que é isso?

– Sempre há um arco-íris depois da tempestade. – Depois tirou uma enorme

margarida cor-de-rosa dos cabelos dela. – E flores depois da chuva.

– Você ganharia uma fortuna em festas de aniversário.

– Vou me lembrar disso.

– E eu sou uma idiota.

– De modo algum. – Ele lhe deu outro abraço. – Na melhor das hipóteses, apenas um

pouco.

Fin viu o olhar de Branna por cima da cabeça de Meara. E o sorriso que ela lhe deu o

atingiu direto no coração.

MEARA TOMOU SEU CHÁ, COMEU TRÊS DOS BISCOITOS DE LIMÃO DE BRANNA e, embora não

soubesse nada sobre escrever feitiços ou fazer poções, tentou ajudar.

Moeu ervas – sálvia, pulicária e alecrim para banimento – usando um pilão.

Mediu

pó de cristal de fluorita preto esmagado e cortou pedaços de fio de cobre trançado,

marcando precisamente todas as quantidades no diário de Branna.

Quando Connor chegou trazendo Iona e Boyle, todos os ingredientes que Branna e Fin

tinham escolhido estavam prontos.

– Nós erramos a poção duas vezes hoje – disse-lhes Branna –, portanto espero que

acertemos na terceira. Além do mais, dessa vez Meara ajudou, para dar sorte.

– Você é uma aprendiz de feiticeira? – Connor foi até Meara para lhe dar um beijo.

– Dificilmente, mas sou capaz de moer e medir.

– Você estava com sua mãe quando ela foi embora?

– Sim, e ela chorou baldes de lágrimas que enxuguei. Depois vim para cá e chorei

baldes de lágrimas que Fin enxugou.

– Fique feliz. – Dessa vez Connor a beijou na testa. – Porque ela ficará.

– Estou mais perto de acreditar nisso porque menos de uma hora atrás Donal me

enviou uma mensagem dizendo que a família de Maureen a recebeu como uma rainha,

com serpentina e flores, bolo e até mesmo champanhe. Posso estar um pouco

envergonhada por não ter pensado que Maureen se daria esse trabalho, mas vou superar

isso na primeira vez em que ela me irritar. Donal disse que ela está alegre como uma

adolescente. Minha mãe, não Maureen, portanto essa nuvem saiu de cima da minha

cabeça.

– Vamos a Galway levá-la para jantar fora, assim que pudermos dar uma fugida.

Um bom coração, sua mãe dissera, e uma natureza gentil.

– Você se arriscaria porque está transando com a filha dela fora do sagrado

matrimônio.

– O quê?

– Explico depois. Acho que Branna quer seu sangue.

– O sangue de todos – retrucou Branna. – Como usamos no feitiço antes do solstício.

– Que não acabou com ele. – Boyle olhou para a tigela com a testa franzida enquanto

Branna acrescentava ingredientes com cuidado. – Por que agora deveria acabar?

– Nós temos o sangue dele, do chão e da lâmina – disse Fin. – Isso aumenta o poder

do feitiço e a escuridão, e usaremos a escuridão contra ele.

– Cubra a oficina, Connor. – Branna mediu sal e o pôs na tigela. – Iona, as velas, se

puder. Como estamos todos aqui, desta vez faremos tudo juntos, e dentro de um círculo.

– Dentro e fora – começou ela –, fora e dentro, tramamos o fim do demônio. –

Pegando um pouco de cobre, torceu-o na forma de um homem. – Nas sombras ele se

esconde, nas sombras aguardaremos e prenderemos sua verdadeira forma. Para que ele

queime até virar cinzas, lançamos este feitiço.

Ela pôs a figura de cobre na bandeja de prata com ampolas, uma grande esfera de

cristal e seu atame mais antigo.

– Lancemos o círculo.

Meara havia visto o ritual várias vezes, mas isso sempre fizera sua pele formigar. O

modo como um movimento de mão acendia o grande círculo de velas brancas e o ar

parecia calmo e parado dentro dele.

E depois se agitava.

Os três e Fin ficaram nos quatro pontos cardeais e cada qual evocou os elementos, o

deus e as deusas, seus guias.

E o fogo que Iona conjurou ardeu branco a uns trinta centímetros do chão com a tigela

de prata suspensa sobre ele.

Ervas, cristais e água benta despejada pela mão de Branna agitaram o ar evocado por

Connor. Terra preta espremida pela mão de Fin e umedecida pelas lágrimas derramadas

por uma bruxa.

E sangue.

– De um coração corajoso e fiel. – Com sua faca ritualística Iona cortou a palma da

mão de Boyle. – Para misturar com o meu como um de dois.

Ela cortou a palma da própria mão e a apertou contra a dele.

– Vida e luz ardente e brilhante – disse Iona enquanto deixava o sangue misturado

escorrer para a tigela.

Connor pegou a mão de Meara e beijou a palma.

– De um coração leal e forte. – Ele cortou a palma da mão dela. – Junte-se ao meu

para consertar o que está errado. Vida e luz ardente e brilhante.

Branna se virou para Fin e começou a pegar a mão dele, mas Fin a puxou e abaixou o

ombro de sua camisa.

– Tire da marca.

Quando Branna fez que não com a cabeça, ele agarrou o punho da mão dela que

segurava a faca.

– Da marca.

– Como quiser.

Branna pôs a lâmina no pentagrama, a maldição e herança dele.

– Sangue que escorre desta marca, misture-se com o meu. Branco e negro.

Quando ela pôs sua mão cortada no ombro de Fin, carne contra carne e sangue contra

sangue, as chamas das velas se elevaram e o ar tremeu.

– Branco e negro, poder e força, vida e luz ardente e brilhante.

O sangue escorreu em um fino rio pela mão de Branna para a tigela. A poção

borbulhou e se agitou, produzindo fumaça.

– Em nome de Sorcha, de todos os que vieram antes e depois, juntamos nosso poder

para essa luta. Nós te lançamos da sombra para a luz.

Ela atirou a figura de cobre na poção borbulhante, onde produziu uma chama cor de

laranja, dourada e vermelha e um rugido como o de um ciclone, milhares de vozes

clamando através dele.

E depois um silêncio tão profundo que vibrou.

Branna olhou para dentro da tigela e deu um suspiro.

– Está certo. Está certo. Isto pode acabar com ele.

– Devo abaixar o fogo?

– Vamos deixar a poção ferver em fogo brando por uma hora e depois curar com o

fogo apagado durante a noite. E no Samhain vamos sufocá-lo com isso.

– Então por enquanto está pronto? – perguntou Meara.

– Pronto o suficiente, por isso quero clarear minha mente e tomar uma boa taça de

vinho.

– Bem, então voltaremos daqui a um minuto. Só preciso... – Ela já estava puxando

Connor para fora da oficina. – Só preciso de Connor por um momento.

– O que foi? – perguntou Connor, preocupado, porque ela havia agarrado a mão dele

enquanto o puxava para os fundos da oficina através da cozinha. – Você está perturbada?

Sei que o ritual foi intenso, mas...

– Foi. Foi. Foi. – Ela quase cantarolou isso ao arrastá-lo pela sala de estar e escada

acima.

– Foi o sangue? Sei que isso pode parecer desagradável, mas eu lhe garanto que é

necessário para fazer a poção, o feitiço.

– Não. Sim. Meu Deus. Foi tudo! – Ofegante, ela o empurrou para o quarto dele e

depois contra a porta para fechá-la.

Então o beijou, quase fundindo os lábios deles com o calor dos seus.

– Ah – conseguiu dizer ele, enfim entendendo quando Meara lhe tirou o suéter pela

cabeça.

– Apenas transe comigo. Transe comigo.

Connor teria preferido ir mais devagar – um pouco –, mas ela já estava desafivelando

o cinto dele, e o que um homem poderia fazer?

Ele começou a puxar o suéter de Meara – despir uma mulher era um dos maiores prazeres da vida – e se atrapalhou com as mãos muito ocupadas dela. Pensou em simplesmente rasgá-lo, então...

– Ah, que se dane tudo.

A próxima coisa que Meara soube era que estava nua, e ele estava nu.

– Sim, sim, sim. – Ela agarrou os cabelos de Connor, atacou-lhe a boca e gemeu de

prazer quando ele se apoderou de seus seios.

Meara nunca sentira um desejo tão selvagem, uma necessidade tão forte e perturbadora. Talvez algo no ar agitado, na vibração do fogo e na surpreendente intensificação e fusão de poderes e magia a tivesse afetado.

Tudo o que ela sabia era que tinha de tê-lo ou ficaria louca.

Connor ainda estava com aquele sabor exótico de magia – forte, sedutor e quase obscuro. Meara sentiu seus efeitos ainda nele, não totalmente contidos.

E quis isso, quis Connor, quis tudo.

As mãos dele não estavam pacientes, mas ávidas, rudes e rápidas. Ela quis isso também, ansiou por ser tocada e possuída como se a vida dele dependesse disso.

Parecia que a dela dependia.

Connor a virou e forçou as costas dela contra a porta. Meara teve um instante para

olhar nos olhos dele – ardentes e selvagens – antes que a penetrasse.

Ela tinha achado que ficaria louca se ele não a possuísse, mas agora, sendo possuída,

ficou louca.

Seus quadris se moveram para a frente, desafiando-o a acompanhar seu ritmo feroz.

Suas unhas se cravaram nele – nas costas, nos ombros – e seus dentes mordiscaram e

arranharam. Pequenas dores, rápidas e quentes que provocaram um prazer louco que o

subjugou. O sangue de Connor pulsou violentamente sob a pele fazendo-o penetrá-la com

mais força, mais rápido e mais fundo em um ritmo brutal de tirar o fôlego.

Meara gritou, e foi um som que combinou choque e avidez. E de novo, dessa vez o

nome dele com uma espécie de espanto. Quando Connor lhe agarrou os quadris e a

ergueu, ela pôs as pernas ao redor da cintura dele.

Connor lhe beijou o pescoço, enchendo-se do sabor dela enquanto a enchia do desejo

dele até o último frágil freio se partir.

Ele cedeu e jurou que sentiu o próprio ar se estilhaçar como vidro quando Meara o

apertou com mais força e o grito final dela morreu com um trêmulo suspiro.

Sem forças, eles deslizaram para o chão em uma profusão de membros suados.

– Deus! Meu bom Deus! – Meara respirou como uma mulher que estava se afogando e

voltara à tona.

Tentando tomar fôlego, Connor conseguiu dar um grunhido e depois saiu de cima dela

e ficou deitado de barriga para cima no chão com os olhos fechados e o peito subindo e

descendo.

– O chão está tremendo?

– Acho que não. – Connor abriu os olhos e encarou o teto. Talvez. – Não – decidiu. –

Acho que estamos... o que você poderia chamar de vibrando. Dizem que há abalos

secundários depois de um terremoto.

Ele estendeu o braço cegamente para acariciá-la e pousou a mão no seio dela. Um

bom lugar.

– Você está bem?

– Eu não estou bem. Estou maravilhosa, e maravilhada. Sinto-me como se tivesse

voado de novo. Foi o modo como você pareceu, como se estivesse aceso por dentro, com

os cabelos esvoaçando ao vento que produziu e o poder disso tudo vibrando como em

tambores tribais. Eu não pude evitar. Sinto muito, mas não pude me controlar.

– Você está perdoada. Sou o tipo de homem que perdoa.

Meara deu uma risada e pôs uma das mãos sobre a dele.

– E aqui estamos nós, nus e exaustos no chão, e como sempre seu quarto está um

desastre de tanta bagunça.

Connor virou a cabeça e olhou ao redor. Não exatamente um desastre, avaliou. Era

verdade que havia sapatos, botas, roupas e livros espalhados. E nunca havia entendido o

sentido de arrumar uma cama quando você se deitaria nela de novo – um grande motivo

de discussão entre ele e sua irmã.

Para agradar Meara, Connor sacudiu a mão e fez os sapatos, as botas, as roupas e os

livros – e o que mais havia no chão – se empilharem em um canto. Teria de arrumar

aquilo tudo – em algum momento.

Mas por enquanto sacudiu a mão de novo e produziu uma chuva de pétalas de rosa.

Meara riu, pegou um punhado no ar e as espalhou sobre os cabelos dele.

– Você é um bobo romântico, Connor.

– Não há nada de bobo no romance. – Ele a puxou e apoiou a cabeça dela no ombro.

– Assim está muito melhor.

Isso era indiscutível, contudo Meara disse:

– Deveríamos descer. Eles devem estar se perguntando o que estamos fazendo.

– Ah, aposto que eles sabem muito bem o que estamos fazendo. Então vamos esperar

um pouco.

Um pouco, decidiu ela.

– Vou precisar das minhas roupas de novo, onde quer que elas estejam.

– Eu as trarei de volta para você. Mas ainda não.

Ela se permitiu ficar satisfeita com sua cabeça no ombro dele e o ar cheio de pétalas

de rosas.



14

ENQUANTO SETEMBRO CAMINHAVA PARA OUTUBRO, BRANNA FEZ Connor e Iona ajudarem

na colheita dos vegetais na horta dos fundos. Encarregou Iona das gordas vagens de

ervilha e Connor de cavar batatas, enquanto ela arrancava da terra cenouras e nabos.

– Que cheiro bom! – Iona cheirou o ar. – Na primavera, quando plantamos, tudo

cheirava a fresco e novo, e isso foi maravilhoso. E agora cheira a maduro e pronto, que

também é maravilhoso, de um modo diferente.

Connor a olhou de cara feia enquanto cavava com a pá.

– Diga isso quando ela a fizer escovar tudo, escaldar ou ferver, o que quer que seja.

– Não reclame porque você come o que eu preparo durante todo o inverno com os

vegetais que conservo ou congelo. Na verdade... – Ela colheu um tomate da trepadeira e

o cheirou. – Estou com vontade de fazer minha sopa de queijo azul e tomate hoje à noite.

Sabendo quanto Connor gostava daquela sopa, Branna sorriu quando ele a olhou e

disse:

– Esse é um modo esperto de me manter trabalhando.

– Eu sou esperta.

A colheita a deixava de bom humor. Podia colher uma coisa ou outra no verão, mas a

fartura do que era possível conservar para o inverno que se aproximava lhe

proporcionava um agradável sentimento de realização.

E no que dizia respeito a Branna, o trabalho só o aumentava.

– Iona, você pode colher um bom par de pepinos. Vou fazer alguns cremes de beleza

mais tarde, e precisarei deles.

– Não sei como você consegue fazer tantas coisas. Cuidar da casa, da horta, cozinhar,

produzir todo o estoque da loja, dirigir um negócio. Planejar destruir o mal.

– Talvez seja mágica. – Apreciando o cheiro e a sensação dos tomates em sua mão,

Branna colocou mais no cesto. – Mas a verdade é que eu adoro o que faço, por isso na

maioria das vezes não parece trabalho.

– Diga isso para o homem com a pá – queixou-se Connor, e foi ignorado.

– Você também faz muitas tarefas – disse Branna para Iona. – Não parece se importar

em passar todos os dias removendo esterco de cavalo, carregando fardos de feno e palha

e cavalgando pela floresta conversando com turistas que provavelmente sempre fazem as

mesmas perguntas. Sem contar com todos os estudos e treinos da arte desde o último

inverno, quando mal conseguia acender um pavio de vela.

– Também adoro isso tudo. Tenho uma casa e um lar, um objetivo. Uma família e um

homem que me ama. – Iona ergueu o rosto para o céu e respirou fundo. – E poderes

mágicos. Eu só tinha sinais disso, e só tinha minha Vovó como minha verdadeira família

antes de vir para cá. – Ela se dirigiu aos pepinos e escolheu dois. – E adoraria ser capaz

de cultivar uma pequena horta. Se aprendesse a fazer conservas, sentiria que tinha feito

minha parte mesmo que Boyle acabe cozinhando quase tudo.

– Há espaço suficiente para uma na casa de Boyle. Vocês planejam continuar lá

quando se casarem?

– Ah, por enquanto sim. Está mais do que bom para nós dois, e é perto de tudo e

todos de quem queremos estar. Mas... queremos começar uma família, em breve.

Branna ajeitou o chapéu de palha que usava mais por tradição do que para bloquear o

sol que espiava e se escondia atrás de gordas nuvens brancas em um dia que parecia

mais de verão do que de outono.

– Então vocês vão querer uma casa, não apenas aposentos em cima da garagem de

Fin.

– Estamos pensando nisso, mas nenhum de nós quer abrir mão de estar perto de todos

vocês ou dos estábulos, então só estamos pensando. – Voltando ao trabalho, Iona pegou

uma grande abóbora amarela – Primeiro temos de planejar o casamento, e ainda nem

escolhi meu vestido ou as flores.

– Mas você tem uma ideia do que quer.

– Tenho uma espécie de visão do vestido que quero. Acho... Connor, devo avisá-lo

de que essa conversa vai deixá-lo mortalmente entediado.

– As batatas já fizeram isso. – Ele as tirou da terra revolvida e as pôs no balde.

– De qualquer maneira, quero um vestido branco longo, mas acho que mais em um

estilo *vintage* do que algo vistoso e moderno. Sem cauda ou véu, mais simples, mas

ainda assim lindo. Algo como sua avó poderia ter usado, mas um pouco mais atual. Vovó

me daria o dela, mas é marfim e eu quero branco, ela é mais alta e, bem, não é isso, por

mais que eu fosse adorar usar um vestido de família.

Ela pegou um tomate-cereja e o pôs quente na boca.

– Deus, está gostoso. Seja como for, tenho procurado na internet para ter uma ideia, e

depois de Samhain espero que você e Meara possam ir comigo em uma verdadeira

caçada.

– Eu adoraria. E as flores?

– Pensei muito nisso também e depois percebi... quero suas flores.

– As minhas?

– Quer dizer, a aparência das suas flores, dos seus jardins.

Iona se aprumou de novo e apontou para a alegre combinação de zínias, dedaleiras,

begônias e nastúrcios.

– Não de cores ou tipos específicos. Todas elas. Toda essa cor e alegria, exatamente

do modo como você consegue plantá-las que as faz parecer tão naturais e felizes e ao

mesmo tempo impressionantes.

– Então você quer Lola.

– Lola?

– Uma florista que tem um ponto nos limites de Galway City. É uma cliente

minha. Eu

lhe envio um monte de cremes, porque mexer com flores acaba com as mãos. E com

frequência ela encomenda grandes quantidades de velas para pôr em seus arranjos de

casamento. Eu lhe garanto que Lola é uma artista com as flores. Se quiser, eu lhe darei o

telefone dela.

– Eu quero. Ela parece perfeita.

Iona olhou de relance para Connor. Ele estava agachado analisando uma batata como

se ela tivesse todas as respostas impressas em sua casca.

– Eu o avisei de que você ficaria mortalmente entediado.

– Não, não é isso. É que essa conversa me fez pensar em família, jardins e flores. E

na campânula que Teagan me pediu para plantar no túmulo da mãe dela. Ainda não

plantei.

– É arriscado demais ir à cabana de Sorcha agora – lembrou-o Branna.

– Eu sei. Mas foi só isso que Teagan pediu. Ela ajudou a curar Meara e só pediu para

eu plantar a flor.

Branna pousou o balde, foi até Connor e se agachou, para que eles ficassem frente a

frente.

– E nós faremos isso. Plantaremos a campânula, um hectare de campânulas se você

quiser. Honraremos a mãe dela, que também é nossa mãe. Mas nenhum de nós deve se

aproximar do túmulo de Sorcha até depois do Samhain. Prometa-me que não irá lá.

– Eu não me arriscaria, e se fosse estaria pondo todos em rico. Mas isso está pesando

sobre mim, Branna. Ela era apenas uma garota. E parecida com você, Iona. E eu estou

olhando para você – disse ele para Branna – exatamente como olhei para a Brannaugh de

Sorcha e pude ver como ela seria dali a dez anos, e como você era na idade dela. Havia

muita tristeza e responsabilidade nos olhos de Brannaugh, como costuma haver nos seus.

– Quando acabarmos o que juramos fazer, a tristeza e responsabilidade terminarão. –

Ela apertou a mão encardida de Connor. – Eles saberão disso assim como nós

saberemos. Tenho certeza.

– Por que não podemos ver, nós dois juntos? E, com Iona, nós três? Por que não

podemos ver como isso termina?

– Você sabe a resposta. Enquanto há escolha, o fim nunca é determinado. O que

Cabhan possui e tudo o que aconteceu antes toldam a visão, Connor.

– Nós somos a luz. – Iona se levantou com seu balde de vagens e seus jeans sujos de

terra nos joelhos. E com o anel que Boyle lhe dera brilhando em seu dedo. –

Independentemente de como ele se apresente e venha, nós lutaremos. E venceremos. Eu

acredito nisso. E acredito porque você acredita – disse ela para Connor. – Porque com

sua vida inteira levando a isso, sabendo disso, você acredita. Ele é um canalha

intimidador escondido atrás do poder que negociou com um demônio. O que nós somos?

– Ela pôs a mão em seu coração. – O que possuímos vem do sangue e da luz. Nós o

mataremos com essa luz e o mandaremos para o inferno. Sei disso.

– Bem dito. E ei. – Branna cutucou Connor. – Esse é o discurso do dia de São

Crispim da nossa Iona.

– Foi muito bem dito. Isso é só mau humor por causa de uma promessa ainda não

cumprida.

– Mas que será – disse Branna. – E não é só isso e cavar batatas que o fez ficar com

esse mau humor que não é raro em você. Você e Meara brigaram?

– De modo algum. Está tudo ótimo. Eu só estou preocupado com Cabhan estar muito

interessado nela. Quando é em um de nós, temos armas para combater armas, magia para

combater magia. Ela só tem inteligência, coragem e uma espada, se a estiver carregando.

– Uma espada que lhe serve bem, e ela usa suas pedras protetoras e carrega os

amuletos que preparamos. Isso é tudo o que podemos fazer.

– Eu tive o sangue dela em minhas mãos. – Ele olhou para as mãos e viu o vermelho

molhado do sangue de Meara em vez de a boa terra escura. – Acho que não consigo

superar isso e então arranjo uma desculpa boba para lhe enviar mensagens de texto seis

vezes por dia só para me certificar de que está segura.

– Ela lhe daria um soco por isso.

– Eu sei.

– Também me preocupo com Boyle. E Cabhan não prestou atenção nele de fato. É

natural que nos preocupemos com as duas pessoas que amamos e não têm o mesmo

arsenal que nós – acrescentou Iona. Ela olhou para Branna. – Você também se preocupa.

– Sim, eu me preocupo. Mesmo sabendo que não há nada que possamos fazer ou não

tenhamos feito, eu me preocupo.

– Se isso ajuda, prometo que ficarei muito com ela durante o horário de trabalho.

Tambei entrelacei um amuleto na crina da égua dela de Meara. Fiz isso quando soube que

o lobo a seguiu.

Connor sorriu.

– Você fez isso?

– Ela me mima, e Boyle também. Tenho feito isso com todos os cavalos, sempre que

posso. Faz com que eu me sinta melhor quando tenho de deixá-los à noite.

– Outro dia eu dei uma loção para Meara e lhe pedi para usá-la todos os dias, testá-la

para mim. – Branna sorriu. – Estava enfeitiçada.

– A com cheiro de damasco e mel? É deliciosa. – Connor beijou as bochechas de

Branna. – Então isto é um agradecimento em um nível mágico e romântico. Eu deveria

saber que vocês duas tomariam precauções. Por mim, ela nunca sairia do campo de visão

de Roibeard, a menos que entrasse no meu.

– Bem, deixe-a aos cuidados de Merlin por uma hora. Fin iria gostar disso. E vá

fazer sua caminhada para observação de falcões. – Branna pôs uma das mãos no ombro

dele para se apoiar e se levantou. – Ponha as batatas na pequena adega e leve seu falcão

para passear um pouco. Espero que vocês dois aproveitem bem o tempo.

– E quanto a escaldar, ferver e o resto?

– Você está dispensado.

– E a sopa?

Ela riu e lhe deu um soquinho na cabeça.

– Eis a minha ideia. Diga a Boyle que preciso de Meara aqui às... – Branna olhou

para o sol radiante e calculou o tempo. – Três horas está bom. O resto de vocês deve

chegar às seis e meia. Teremos sua sopa e uma salada de rúcula que pedirei para Iona

colher, pão integral e bolo.

– Bolo? Qual é a ocasião?

– Vamos dançar *céili*. Há tempos não fazemos uma festa.

Connor se levantou, esfregando as mãos nas calças.

– Vejo que preciso ficar de mau humor com mais frequência.

– Isso não vai funcionar uma segunda vez. Vá guardar aquelas batatas e encontrar seu

falcão, e esteja de volta às seis e meia.

– Vou fazer tudo isso. Obrigado.

Branna voltou, pegou mais tomates porque faria a sopa para seis e relanceou os olhos

para Iona depois que Connor foi embora.

– Ele ainda não sabe – disse Iona. – Ele lhe diria se soubesse. Diria para você,

mesmo se não dissesse para mais ninguém. Então ele ainda não sabe que está apaixonado

por ela.

– Ele ainda não sabe, mas vai descobrir. É claro que a amou durante toda a vida,

então perceber que esse é um amor diferente do que o que se permitia sentir demora

algum tempo.

Branna olhou na direção do chalé, pensando nele e em Meara.

– Ela é a única com quem ele vai querer passar a vida inteira. Outras podem ter

tocado seu coração, mas só Meara pode parti-lo.

– Ela nunca faria isso.

– Ela o ama, e sempre o amou. E ele é o único com quem ela vai querer passar a vida

inteira. Mas ela não tem a fé dele no amor e seu poder. Se conseguir acreditar em si

mesma e em Connor, eles se completarão. Se não conseguir, partirá o coração dele e o

seu próprio.

– Eu acredito no amor e seu poder. E acredito que, podendo escolher, Meara o

buscará, o manterá e valorizará.

– Eu espero, mais do que quase tudo, que você esteja certa. – Branna deu um suspiro.

– Por enquanto os dois ainda não descobriram por que ninguém mais no mundo nunca os

fez se sentirem dessa forma. O coração é uma coisa ardente e misteriosa. Vamos levar

tudo isto para dentro, limpo. Vou lhe mostrar como começar a preparar a sopa e depois

veremos quantas conservas conseguimos fazer antes de Meara chegar.

ELA CHEGOU NA HORA, E IRRITADA.

Depois de andar apressada pela cozinha, pôs as mãos nos quadris e franziu a testa ao

ver os vidros com vegetais coloridos brilhantes esfriando sobre o balcão e a sopa

cozinhando em fogo brando.

– O que é tudo isso? Se vocês me chamaram aqui para trabalhar na cozinha, vão ficar

muito desapontadas. Já trabalhei demais por hoje.

– Nós quase terminamos – disse Branna amigavelmente.

– Vou tomar uma cerveja. – Meara foi até a geladeira e pegou uma garrafa de

Smithwick’s.

– Está tudo bem nos estábulos?

Meara cerrou os dentes para Iona.

– Tudo bem? Ah, é claro que está mais do que bem: um dia de verão em pleno outono

e todas as benditas almas em um raio de cinquenta quilômetros decidindo que nada seria

melhor do que uma cavalgada. Quando eu não estava conduzindo um grupo, estava

massageando cavalos ou carregando selas de um lado para outro.

Ela brandiu a cerveja no ar antes de abri-la.

– E Caesar enfiou na cabeça de morder Rufus no traseiro, e isso depois de eu ter dito

à espanhola montada nele para dar um pouco de espaço para os cavalos. Então tive de

lidar com uma mulher histérica, e mal entendia o que ela estava dizendo, porque estava

histérica *em espanhol* e se comunicava durante a metade do tempo com as mãos, de

modo que as rédeas voaram, o que fez Caesar achar que ela queria um belo galope.

– Ah, meu Deus! – Iona estragou a tentativa de parecer preocupada ao conter o riso.

– Ah, claro que você está achando engraçado.

– Apenas um pouco, porque sei que ficou tudo bem, e você não a teria feito montar

Caesar se ela não tivesse experiência.

– Apesar de toda a histeria, ela cavalgou como um maldito conquistador e desconfio

de que queria o galope o tempo todo. Felizmente eu estava em seu Alastar e a

acompanhei com facilidade. Ela tinha um sorriso largo, embora tentasse esconder isso

quando eu peguei a rédea de Caesar e o fiz parar. E juro para você...

Ela estava com o rosto lívido virado para Iona.

– Juro para você que os dois cavalos riram muito disso tudo. – Ela engoliu sua

cerveja. – E depois dessa cavalgada tive uma com cinco adolescentes. Cinco garotas

adolescentes. E sobre isso nem vou falar se não eu mesma posso ter um ataque histérico.

E você... – Ela apontou de novo para Iona, dessa vez de um modo acusador. – Você teve

um dia livre para brincar nos jardins porque está dormindo com o patrão.

– Eu sou uma vadia.

– Bem, é isso aí. – Meara bebeu de novo. – E é por esse motivo que não vou

trabalhar na cozinha ou na horta, e se vocês fizerem feitiços ou encantamentos, no mínimo

vou precisar de outra cerveja.

Branna olhou na direção dos vidros quando ouviu três pequenos estalos – um sinal de

que as tampas estavam seladas.

– Esse é um som bom. Não há nenhum trabalho para ser feito. Estamos tirando o dia

de folga.

Dessa vez Meara bebeu devagar.

– Branna foi enfeitiçada? – perguntou para Iona. – Ou bebeu uísque?

– Nem uma coisa nem outra, mas deve haver uísque depois. Vamos dançar *céili*.

– *Céili*?

– Acabei de fazer minha primeira colheita e também as conservas. Tivemos um dia

de verão no outono. – Branna enxugou as mãos e pôs o pano de lado. – Então prepare sua

voz, Meara, e ponha seus sapatos de dança. Estou com vontade de festejar.

– Tem certeza de que isso não é um feitiço?

– Nós trabalhamos e nos preocupamos, planejamos e tramamos. Está na hora de

termos uma noite de folga. Vamos esperar que ele ouça nossa música, e que ela lhe

queime os ouvidos.

– Isso eu não vou discutir. – De modo mais contemplativo, Meara tomou outro gole

de cerveja. – Detesto estragar essa rara vontade, mas devo lhe dizer que vi Cabhan duas

vezes hoje, a sombra. Primeiro como homem, depois como lobo. Só observando, não

mais do que isso. Mas com certeza é o suficiente para deixar qualquer um nervoso.

– Esse é o objetivo dele, então lhe mostraremos que não pode nos impedir de viver.

E falando nisso, vou precisar de vocês duas no andar de cima.

– Você é cheia de surpresas e mistérios – concluiu Meara. – Os outros sabem que

quer dar uma festa? – perguntou quando elas começara a subir a escada.

– Connor vai avisar.

Branna as levou para o quarto dela que, ao contrário do de Connor, estava

perfeitamente arrumado.

O espaço era maior, construído segundo suas especificações quando ela e Connor

ampliaram o chalé. Branna havia pintado as paredes em um tom verde-floresta intenso, e

com os acabamentos escuros de casca de árvore ela frequentemente tinha a impressão de

que estava dormindo nas profundezas da floresta. Escolhera a arte com cuidado, seguindo

a fantasia com pinturas de sereias e fadas, dragões e elfos.

Caprichara na cama, com um nó da trindade entalhado na cabeceira alta e na

extremidade oposta. Havia um jardim de travesseiros empilhados sobre o grosso

edredom branco. Uma arca, construída e pintada por seu avô, estava nos pés da cama e

continha as ferramentas mais preciosas de sua arte.

Ela pegou um longo gancho em seu armário e, encaixando-o na pequena ranhura no

teto, puxou para baixo a porta e escada do sótão.

– Preciso pegar uma coisa. Volto em um minuto.

– Sempre parece tão tranquilo aqui! – Iona foi até as janelas com vista para os

campos, a floresta e, mais além, as colinas verdes.

– Branna e Connor fizeram um bom trabalho. Eu invejo o banheiro da suíte dela com

aquela bancada de um hectare. É claro que se tivesse uma bancada desse tamanho em

meu banheiro eu a encheria de coisas. E a dela tem...

Meara foi até a porta e espiou.

– Um bonito vaso de copos-de-leite, sabonetes decorativos em uma saboneteira, três

velas de sebo brancas em suntuosos castiçais de prata. Eu diria que isso era bruxaria,

mas ela simplesmente é muito organizada.

– Eu gostaria que um pouco disso tivesse sido transmitido para mim – disse Iona

quando Branna desceu a escada com uma grande caixa branca. – Ah, deixe-me ajudá-la.

– Não precisa, não está pesada. – Ela pôs a caixa branca sobre o edredom branco. –

Quando nós falamos sobre casamentos, vestidos, flores e tudo isso, tive esta ideia.

Após abrir a caixa, Branna afastou camadas e mais camadas de papel de seda e

depois ergueu um vestido branco longo.

A boca aberta de Iona não foi exatamente a reação que ela havia esperado.

– Ah, é lindo. Deslumbrante.

– Sim, é. É o vestido de casamento da minha bisavó e achei que poderia usar no seu.

Com os olhos arregalados, Iona deu um rápido passo para trás.

– Eu não poderia, Branna. Não poderia, você é que deveria usá-lo. Foi da sua

bisavó.

– E você tem o sangue dela tanto quanto eu. Não ficaria bem em mim. Não faz meu

estilo. E ela era baixa, como você.

Com a cabeça erguida, Branna segurou o vestido na frente de Iona.

– Eu vou lhe pedir para experimentá-lo, faça isso por mim. Se não ficar bom ou não

for do seu gosto, não haverá nenhum problema.

– Então o experimente, Iona. Você está louca para fazer isso.

– Está bem, está bem! Ah, isso é divertido. – Ela começou a se despir, quase

dançando enquanto fazia isso. – Eu nunca pensei que experimentaria um vestido de

casamento hoje.

– Você está pronta para uma lua de mel. – Meara ergueu as sobrancelhas ao ver o

sutiã de renda azul-claro de Iona e a calcinha combinando.

– Eu comprei um estoque todo novo. Isso provou ser um ótimo investimento. – Ela riu

quando Branna a ajudou a entrar no vestido.

– Pode abotoar as costas, Meara? – pediu Branna enquanto Iona enfiava com cuidado

os braços dentro das mangas de renda fina.

– Tem um milhão de pérolas lindas e pequeninas.

– Ela era Siobhan O'Ryan, que se casou com Colm O'Dwyer, e se não me engano era

tia da sua avó. O comprimento está bom porque imagino que você vá usar saltos altos. –

Branna afofou as camadas de tule com barra de renda.

– Parece que foi feito para você. – Meara continuou a abotoar o vestido.

– Ah, é tão lindo! – Sorrindo para si mesma diante do longo espelho de Branna, Iona

passou a ponta dos dedos pelo corpete de renda e pelas camadas da saia.

– Pronto. Acabei – disse Meara quando terminou de abotoar o vestido na base da

nuca de Iona. – Você parece uma pintura, Iona.

– Pareço. Pareço mesmo.

– Acho que a saia está perfeita. – Assentindo com a cabeça, Branna andou ao redor

de Iona enquanto sua prima girava de um lado para outro para fazer a saia rodar. – Suave,

romântico, detalhes suficientes, mas não excessivos. Mas acho que poderíamos mudar um

pouco o corpete. É antiquado e recatado demais. *Vintage* é uma coisa, cobrir você até o

queixo é outra.

– Ah, não podemos mudar o vestido. Você o guardou durante esses anos todos.

– Depois podemos voltar a como era antes. Vire-se para cá. – Ela mesma virou Iona,

pondo-a de costas para o espelho. – Isto deve sair. – Branna passou as mãos pelas luvas,

fazendo-as desaparecer. Depois olhou para Meara.

– Já está bem melhor. E as costas aqui? Você não acha...

Branna franziu os lábios enquanto Meara traçava um longo “v”. Depois assentiu e ela

mesma o traçou para abrir as costas logo acima da cintura.

– Sim, ela tem costas fortes e lindas e deveria mostrá-las. Agora o corpete.

Com a cabeça virada na direção do corpete, Branna andou em um círculo ao redor de

Iona.

– Talvez isto... – Ela o deixou terminando em uma linha logo acima dos seios, e com

alças finas.

Meara cruzou os braços.

– Gostei!

– Hum, ainda não está totalmente certo. – Pensando e imaginando, Branna tentou um

estilo tomara que caia com mangas que só cobriam uma pequena parte do ombro. Deu um

passo para trás para estudá-lo com Meara.

E ambas balançaram as cabeças.

– Posso apenas...

– Não! – disseram ambas enquanto Iona começava a espiar por cima do ombro.

– A primeira mudança que você fez estava muito melhor.

– Estava, mas... – Branna fechou os olhos por um momento até a imagem se formar.

Depois os abriu e sacudiu as mãos devagar sobre o corpete.

– Isso! – Meara pôs uma das mãos no ombro de Branna. – Não mude mais. Deixe-a

olhar agora.

– Certo. Se você não gostar, é só dizer. Vire-se e dê uma olhada.

E a olhada disse tudo. Não havia apenas um sorriso satisfeito como também uma

expressão de estupefação seguida de uma alegria radiante.

O corpete tomara que caia de renda branca tinha um decote em coração. Da cintura

justa, tule com barra de renda caía em camadas suaves e românticas.

– Ela gostou – disse Meara com uma risada.

– Não, não. Eu adorei mais do que posso dizer. Ah, Branna. – Lágrimas brilharam

quando ela encontrou os olhos da prima no espelho.

– As costas foram ideia minha – lembrou-a Meara, fazendo Iona se virar para olhar.

– Nossa! Nossa, Meara. Está fabuloso. Maravilhoso. É o vestido mais bonito do

mundo.

Ela girou e riu em meio às lágrimas.

– Eu sou uma noiva.

– Quase. Vamos brincar um pouco mais.

– Ah, por favor. – Como se para protegê-lo, Iona cruzou os braços sobre o corpete. –

Branna, eu adorei exatamente como está.

– Não com o vestido, porque não poderia estar mais perfeito para você. Sem véu,

como disse, e eu concordo. Mas que tal algo assim?

Ela passou um dedo sobre os cabelos loiros de Iona fazendo surgir sobre eles um

arco-íris de pequenos botões de rosa sobre uma faixa brilhante.

– Acho que isso combina com o vestido, e com você. E agora algo para as orelhas.

Sua avó pode ter a coisa certa, mas por enquanto... – Ela acrescentou pequenas estrelas

de diamantes.

– Assim está bom.

Um vestido apropriado para raios de luz solar e o brilho da lua. Apropriado para um

dia de amor e promessas e uma noite de alegria, pensou Branna.

– Não tenho palavras para lhe agradecer. Não é só o vestido, a beleza dele, que está

além do que eu esperava. Mas é um vestido de família.

– Você é da minha família – disse-lhe Branna. – Como Boyle também. Ela pôs um dos

braços ao redor da cintura de Meara. – Da nossa.

– Também somos um círculo, nós três. – Meara segurou a mão de Iona. – É

importante saber disso, e valorizá-lo. Além de todo o resto, também somos um círculo.

– E isso está além de tudo o que eu esperava. No dia em que eu me casar com Boyle,

meu dia mais feliz, vocês duas estarão comigo. Os três e todos os seis. Nada pode

estragar isso.

– Não pode e nem vai – concordou Branna.

– E agora entendo por que você decidiu festejar. Que se dane a espanhola histérica –

anunciou Meara. – Estou com vontade de cantar e calçar meus sapatos de dança.



15

A COZINHA CHEIRAVA A COMIDA E TURFA NA LAREIRA. ESTAVA iluminada, empurrando o

brilho festivo para a escuridão que se espremia contra as janelas. O cão estava

esparramado ao lado da lareira, a grande cabeça sobre as grandes patas, observando a

família com um olhar divertido.

Música repleta de instrumentos de sopro e corda saía do pequeno iPod na cozinha

onde eram dados os últimos toques na refeição. Vozes, canções e conversas se

combinavam e misturavam quando Connor tirou Iona para uma rápida dança.

– Ainda estou muito desajeitada!

– Não está não – disse-lhe Connor. – Você só precisa praticar mais. – Ele a girou uma

vez e outra quando Iona riu, e depois a passou suavemente para Boyle. – Faça-a girar,

homem. Eu a preparei para você.

– E vou quebrar os pés dela quando pisar neles.

– Você pisa leve o bastante quando está disposto a dançar.

Boyle apenas sorriu e ergueu sua cerveja.

– Ainda não bebi o suficiente.

– Também cuidaremos disso. – Connor agarrou a mão de Meara, lhe lançou uma

piscadela e depois executou um passo rápido e complicado, com as botas batendo no

chão brilhante de madeira.

E Meara inclinou a cabeça em uma aceitação silenciosa do desafio. Imitou-o. Duas

batidas depois eles estavam batendo os pés sincronizadamente ao som da música e,

pensou Iona, com algum tipo de coreografia enérgica em suas mentes.

Iona os observou ficarem de frente um para o outro, com os troncos retos e parados

enquanto as pernas e os pés pareciam voar.

– Parece que eles nasceram dançando.

– Não posso dizer sobre os Quinns – comentou Fin –, mas os O'Dwyer sempre foram

musicais. Mãos, pés e vozes. As melhores *céilies* da região sempre foram organizados

pelos O'Dwyer.

– Mágica – disse ela com um sorriso.

Ele dirigiu seu olhar para Branna e o manteve nela por um momento.

– De todos os tipos.

– E quanto aos Burkes? Eles sabem dançar?

– Somos conhecidos por isso. Eu me saio melhor com minhas mãos em uma mulher. E

como Boyle não está tomando a iniciativa, tenho de tomá-la.

Fin surpreendeu Iona puxando-a para ele, girando-a rápido e depois executando

passos que levaram a dança a um meio tempo. Depois de um momento de

atrapalhação,

Iona pegou o jeito e, guiada pelos braços de Fin, o acompanhou bem o suficiente.

– Eu diria que os Burkes dão conta do recado.

Quando ele a girou, Iona levitou alguns centímetros do chão e o fez rir.

– Como os americanos, prima. Estou ansioso para dançar com você em seu

casamento. Talvez eu tenha que substituir o noivo na dança enquanto ele fica de fora.

– Agora vejo que não tenho outra opção além de ser exibida por Finbar Burke.

Boyle puxou Iona e resolveu a questão de seus pés menos talentosos erguendo-a do

chão e fazendo-a girar.

E Branna se viu encarando Fin.

Connor percebeu o que estava acontecendo e apertou a mão de Meara.

– Aceita? – perguntou Fin a Branna.

– Vou pôr o jantar na mesa.

– Só uma – disse Fin, e pegou a mão dela.

Eles tinham um modo suave de flutuar com a música, seguindo seu ritmo e compasso

como se tivessem sido feitos para se moverem juntos, pensou Connor.

O coração mole de Connor sofreu por eles, os dois, porque havia o brilho do amor

em seus passos. Perto da cozinha, eles giraram, deslizaram e giraram de novo, com olhos

apenas um para o outro, tranquilos e felizes como um dia tinham sido.

Meara parou ao lado de Connor e apoiou a cabeça em seu ombro.

Por um lindo momento, tudo estava certo no mundo. Tudo era como um dia tinha sido,

e como ainda poderia ser de novo.

Então Branna parou e, embora sorrisse, o lindo momento terminou.

– Bem, acho que todos devem estar com fome.

Fin lhe murmurou algo em irlandês, suavemente e baixo demais para Connor

entender. O sorriso de Branna se tornou um pouco triste enquanto ela virava de costas.

– Teremos mais música depois da nossa refeição, e há bastante vinho. – Com

movimentos rápidos, Branna abaixou o volume da música. – Esta noite não é para

trabalho ou preocupações. Teremos vegetais frescos da horta e Iona fez a sopa.

Esse pronunciamento produziu um longo silêncio que pairou até Iona dar uma risada.

– Ora, vamos! Não sou assim tão ruim na cozinha.

– É claro que não – disse Boyle com o ar de um homem enfrentando uma tarefa difícil

e desagradável. Ele foi até o fogão e provou a sopa direto da panela. Depois ergueu as

sobrancelhas e a provou de novo. – Está boa. Muito boa mesmo.

– Não sei se um homem apaixonado é confiável – considerou Connor. – Mas vamos

comer.

Eles comeram os vegetais da horta e mantiveram a conversa leve e longe de todos os

assuntos sombrios. O vinho circulou livremente.

– E como sua mãe está indo em Galway? – perguntou Fin para Meara.

– Ainda não dá para dizer que ela vai ficar lá, mas estamos caminhando para isso.

Tive uma conversa com minha irmã, que está muito surpresa com a conveniência do

arranjo, pelo menos por enquanto. Minha mãe está trabalhando no jardim e o mantendo

bem-cuidado. E fez amizade com uma vizinha que entende muito de jardinagem. Se você

puder segurar mais um pouco o chalé...

– O tempo que você precisar – interrompeu-a Fin. – Estou pensando em modernizá-lo

um pouco. Quando você tiver tempo, Connor, poderíamos conversar sobre reformas.

– Sempre tenho tempo suficiente para isso. Não participo do desafio e da diversão de

construir e reformar desde que terminamos nosso chalé. Você realmente fez a sopa, Iona?

Porque está mais do que boa. – Então se serviu de mais uma concha da terrina.

– Branna ficou me vigiando como Roibeard e me acompanhou passo a passo.

– Espero que você se lembre dos passos, porque vou lhe pedir para fazer em casa.

Satisfeita, Iona sorriu para Boyle.

– Vamos ter de plantar tomates. Sou bastante boa em cuidar de hortas. Poderíamos

tentar no ano que vem, em vasos no pátio.

– Talvez até lá tenhamos encontrado um pedaço de terra e você possa ter uma horta

adequada.

– Talvez na próxima primavera você esteja ocupada demais com casamento e lua de

mel para plantar tomates – salientou Meara.

– E temos mais do que o suficiente aqui para dividir – acrescentou Branna. – Já

encontraram um lugar mais conveniente para vocês do que o em que estão?

– Ainda não, e não estamos com nenhuma pressa em encontrar – disse Boyle, olhando

de relance para Iona.

– Nenhuma – confirmou ela. – Gostamos de estar perto de todos vocês e dos

estábulos. Na verdade, nós queremos continuar perto, por isso, enquanto não

encontrarmos algo que nos satisfaça totalmente, ficaremos onde estamos.

– Sei por experiência própria que construir a própria casa é muito satisfatório. – Fin

serviu mais vinho para todos ao redor.

– Você fez um drama quando construiu a sua – comentou Boyle.

– Claro que foi muito divertido ajudar – lembrou-se Connor. – Embora Fin tivesse

sido tão exigente quanto sua tia Mary em relação a tudo, desde a colocação dos azulejos

aos puxadores dos armários.

– É isso que satisfaz, se você não está com pressa. Há terra atrás da minha casa –

continuou Fin –, onde poderia ser construída uma bela casa em meio às árvores caso

alguém goste da ideia. E estou disposto a vender um lote para bons vizinhos.

– Está falando sério? – A colher de Iona bateu contra sua tigela.

– Sobre os vizinhos, sim. Não tenho nenhuma vontade de lidar com os maus, mesmo

com muito espaço entre nós.

– Um chalé na floresta. – Com os olhos brilhando, Iona se virou para Boyle. – Nós

poderíamos ser vizinhos excelentes. Vizinhos *maravilhosos.*

– Quando você comprou aquilo tudo, disse que era para evitar que pessoas

construíssem casas ao seu redor.

– Pessoas são uma coisa – disse Fin para Boyle. – Amigos, família e sócios são outra

totalmente diferente. Podemos dar uma olhada lá qualquer hora dessas, se vocês tiverem

algum interesse.

– Acho que é cedo demais – disse Iona com uma risada. – Mas não faço ideia de

como desenhar ou construir uma casa.

– Você tem sorte de ter dois vizinhos que fazem – salientou Connor. – E conheço

alguns bons operários aqui, caso decidam construir mesmo. O que para mim é perfeito,

se querem saber minha opinião – acrescentou. – Posso passear por lá com os falcões,

como faço, e parar para tomar uma tigela de sopa.

– Ele pensa com o estômago – comentou Meara. – Mas está certo. Seria um ótimo

lugar para um chalé e justamente onde vocês querem estar. É uma boa ideia, Fin.

– Uma boa ideia, mas ainda não discutimos o preço. – disse Boyle.

Fin sorriu para Boyle e ergueu sua taça.

– Chegaremos a isso, depois que sua noiva der uma olhada.

– Ele sempre foi um negociante esperto – disse Branna. – Iona vai se apaixonar e

pagar qualquer preço. – Mas ela disse isso com humor, e não em tom ferino. – E é uma

boa ideia. Além do mais, me poupa um dilema, porque o campo aqui atrás é para Connor.

Mas com Iona na família, eu estava dividida em relação a isso, embora o tivesse

percorrido inúmeras vezes e ele nunca tivesse dito Iona. Nunca imaginei ver você e

Boyle construindo sua casa lá, apesar de ser próximo da nossa, ser bonito e ter linda

vista. Nunca consegui entender por quê. Agora entendo. Vocês terão seu chalé na floresta.

Ela ergueu sua taça.

– Tomara.

DEPOIS DA REFEIÇÃO, BRANNA TROUXE O VIOLINO E JUNTOU SUA VOZ À de Meara. Elas só

cantaram canções alegres e animadas. Connor foi buscar o tambor irlandês em seu quarto

e acrescentou uma batida tribal. Para a surpresa e o prazer de Iona, Boyle desapareceu

por alguns momentos e voltou com um harmônio.

– Você toca? – perguntou-lhe boquiaberta, olhando para o instrumento com pequenas

teclas que ele segurava. – Eu não sabia!

– Não toco nem uma nota. Mas Fin toca.

– Eu não toco nem uma nota há anos – protestou Fin.

– Toque, Fin – incentivou-o Meara. – Vamos ter uma bela *seisiún*.

– Não reclamem quando eu transformá-la em uma horrível. – Ele relanceou os olhos

para Branna. Depois de um momento ela deu de ombros, bateu com o pé e começou algo

alegre e agitado. Com uma risada, Connor bateu com os dedos e a baqueta no tambor

colorido.

Fin pegou o tempo e ritmo e se juntou a eles.

Houve música, que só foi interrompida para mais vinho ou uma discussão do que

deveria ser tocado a seguir. Iona pegou um bloco de anotações.

– Preciso dos nomes de algumas dessas! Vamos querê-las em nossa festa de

casamento. São tão alegres e divertidas! – Imaginando-se em seu vestido de noiva

perfeito, dançando animada com Boyle e cercada de amigos e parentes, Iona sorriu para

ele. – Assim como nossa vida juntos vai ser.

Ao longo e exagerado "*uauuu*" de Meara, Boyle beijou Iona profundamente.

E então, na cozinha quente e iluminada, houve risos e música, uma deliberada e

desafiadora celebração da vida, de futuros, da luz.

Lá fora, a escuridão se intensificou, as sombras se espalharam e a névoa se esgueirou

furtivamente pelo chão.

Em sua raiva e inveja, fez o que pôde para envolver a casa. Mas as cuidadosas

proteções a repeliram, de modo que só conseguiu espreitar, tramar e se enfurecer com o

brilho, procurando sem parar alguma brecha no círculo.

Meara bebeu água para molhar a garganta e levou um copo para Branna. Sentiu-se

subitamente cansada e um pouco bêbada. Precisava mais de ar do que de água, pensou.

Ar fresco, úmido e escuro.

– Depois do Samhain – disse Connor –, teremos uma verdadeira *céili* e

convidaremos os vizinhos e todos ao redor, como mamãe e papai faziam. Perto do Natal.

O que acha, Branna?

– Com uma árvore na janela e luzes por toda parte. Com comida suficiente para as

mesas se vergarem. Eu tenho um fraco pelo período natalino, então iria gostar.

Era raro Connor entrar na mente da irmã, mas o fez.

Ele está perto, rondando, fazendo muita pressão. Você consegue sentir?

Branna assentiu, mas continuou a sorrir. *A música o atrai como atrai uma mariposa.*

Mas nós só estamos prontos, não totalmente prontos para enfrentá-lo.

Há uma chance de tentarmos, e não deveríamos perdê-la.

Então diga para os outros, assim: nós aproveitaremos a chance e esperamos que a

surpresa seja suficiente.

Ele viu, como Branna, que Fin já sentia aquela pressão, aqueles dedos escuros

arranhando a luz. Viu Iona se sobressaltar, apenas um pouco, quando lhe transmitiu seus

pensamentos.

Ela apertou a mão de Boyle.

Connor olhou na direção de Meara.

No instante em que percebeu que ela não estava lá, ele a sentiu, a *viu* estender a mão

para abrir a porta do chalé.

O medo apertou seu pescoço como garras, quase lhe tirando sangue. Gritou

mentalmente para ela e saiu correndo da cozinha.

Meio adormecida, flutuando nas sombras suaves e indistintas, Meara deu um passo

para fora. Ali estava o que precisava, o que tinha de ter. A escuridão, a densa e

silenciosa escuridão.

Quando ela começou a respirar fundo, Connor a pegou pela cintura e quase a jogou

de volta para dentro do chalé.

Tudo balançou – o chão, a terra e o ar. Os olhos espantados de Meara viram a névoa

escura do lado de fora da porta se lançar para dentro como se algo grande, pesado e

terrível a empurrasse. Boyle bateu a porta, deixando fora a névoa e o rugido sombrio –

como uma onda furiosa – que a acompanhou.

– O que aconteceu? O que foi? – Meara empurrou Connor, que atirara seu corpo

sobre o dela.

– Cabhan. Afastem-se.

Branna estalou os dedos e a porta se abriu de novo.

Uma tempestade rugia lá fora, as sombras se torcendo, dando nós. Sob elas veio uma

espécie de grito alto e um farfalhar de milhares de asas.

– Morcegos, é? – disse Branna indignada. – Tente quanto quiser – gritou com os

punhos cerrados ao lado do corpo. – Tente o seu pior, e depois tente de novo. Mas esta é

a *minha* casa e você nunca passará por esta porta.

– Meu deus – sussurrou Meara quando a névoa afinou o suficiente para ela ver os

morcegos.

Como uma parede viva ondulante, com seus olhos vermelhos brilhantes, batendo suas

asas pontudas.

– Fique aqui – gritou Connor por cima do barulho, e depois se ergueu de um pulo

para se juntar à irmã. E com ele, Iona e Fin se moveram para formar uma linha.

– Em nossa luz vocês se debaterão – começou Connor.

– Em nossa chama arderão – continuou Iona.

– Aqui se fundem os poderes de um e dos três – acrescentou Fin.

– Que assim seja – terminou Branna.

Meara, arrastada de volta por Boyle, viu os morcegos arderem como tochas. Odiou-

se por se encolher de medo enquanto eles gritavam, se incendiavam, seus corpos

fumegantes retorcidos.

Cinzas caíram como chuva negra, fustigadas pelo vento terrível.

Então tudo ficou em silêncio.

– Você não é bem-vindo aqui – murmurou Branna, e depois fechou a porta.

– Você está ferida?

Quando o perigo passou, Connor caiu de joelhos ao lado de Meara.

– Não, não. Deus, eu o deixei entrar? Eu nos expus a isso?

– Nada entrou. – Mas Connor a abraçou e lhe beijou os cabelos. – Você só abriu a

porta.

– Eu tive de abrir. Senti que não conseguia respirar e desejei muito a escuridão e o

silêncio. – Abalada, pressionou os punhos contra as têmporas. – Ele me usou de novo,

tentou me usar contra todos nós.

– E fracassou – disse Iona, decidida.

– Cabhan a considera fraca. Olhe para mim. – Fin se agachou perto de Meara. – Ele a

considera fraca porque você é uma mulher, e não é bruxa. Mas está errado, porque não há

nada de fraco em você.

– E ainda assim ele me usou.

– Ele queria fazê-la sair, para que ficasse longe das proteções e dos feitiços. –

Connor lhe afastou os cabelos do rosto. – Tentou atraí-la para fora, para afastá-la de nós.

Não para usá-la, querida, mas para feri-la. Porque estava com raiva do que fazíamos

aqui. Da música, da luz, da simples alegria disso tudo. Ele a teria ferido apenas por isso.

– Vocês têm certeza disso? Da música, das luzes? – Meara ficou olhando de Connor

para Branna. – Então tocaremos mais alto e se puderem me fazer um favor, usem o que

quiserem para tornar as luzes mais fortes.

Connor a beijou e a ajudou a se levantar.

– Não, não há nada de fraco em você.

TARDE DA NOITE, QUANDO ELES ESTAVAM EXAUSTOS, CONNOR FICOU abraçado com Meara na

cama dele. Não parecia conseguir soltá-la. A imagem não lhe saía da cabeça – o olhar

confuso no rosto de Meara no momento em que ela saíra da luz para a escuridão.

– Cabhan está usando truques para mente, e tem o suficiente deles para atravessar as

barreiras. – Enquanto Connor falava, passou um dedo pelas contas que ela usava. –

Faremos algo mais forte.

– Ele não vai atrás de Boyle do mesmo modo. Fin está certo? É porque sou mulher?

– Ele visa mais as mulheres, não é? Temos que admitir que matou o homem de

Sorcha, mas matou Daithi para atormentá-la, partir o coração e a alma dela. E a

atormentou repetidamente naquele último inverno. Dizem que ele raptava jovens do

castelo e dos arredores.

– Mas é o garoto, Eamon, que ele tem tentado atingir.

– Tirando o garoto do caminho, as garotas se tornarão mais vulneráveis. Cabhan quer

Brannaugh, tanto a que foi quanto a nossa. Eu sinto isso sempre que o deixo entrar.

Ela mudou de posição.

– Deixa-o entrar?

– Em minha mente, um pouco. Ou sinto quando consigo deslizar, como ele faz, e entro

na dele. É fria, escura e tão cheia de ânsia e raiva que é difícil entender qualquer coisa

nela.

– Mas deixá-lo entrar, mesmo que por um instante, é perigoso. Ele também poderia

ver seus pensamentos e usá-los contra nós, não é? Contra você.

– Há modos de evitar isso. Ele não tem nem um pouco do que eu tenho. E também

nada do que Eamon tem, e adoraria deixar o garoto sem poder, roubá-lo para si.

De modo preguiçoso, ele acariciou os cabelos de Meara, soltos de sua trança. Apesar

de tudo, sentia-se estranhamente satisfeito apenas em estar com ela, seus corpos quentes

e próximos e suas vozes abafadas na escuridão.

– Ele nos incomodou muito pouco antes de Iona vir. Com Fin tem sido implacável

desde o dia da queimadura no ombro.

– Nosso Fin nunca ou quase nunca fala sobre isso.

– Comigo fala – disse-lhe Connor. – E às vezes com Boyle. Mas mesmo assim

raramente. As coisas mudaram quando a marca de Cabhan surgiu nele. E mudaram de

novo quando Iona veio. Cabhan investiu contra ela naquelas semanas, não só porque era

mulher, mas também porque era nova e inexperiente, e estava apenas tomando

conhecimento de tudo o que possui e como usá-lo. Também a considerava fraca.

– Ela lhe provou que ele estava errado.

– Como você já provou mais de uma vez. – Connor lhe beijou a têmpora. – Mas ele

não vai parar de tentar. Ferindo-a, ferirá a todos nós. Isso Cabhan pode ver muito bem,

mesmo que não entenda, já que nunca amou em toda a vida. Como você acha que é existir

por tanto tempo, tantas vidas, sem nunca conhecer o amor, dá-lo e recebê-lo?

– Há pessoas que vivem sem amor, ou vivem sem amor por uma vida, e não

atormentam e matam.

– Não estou dizendo isso como uma desculpa. – Connor se apoiou no cotovelo para

olhá-la. – Ele pode enfeitiçar uma mulher para possuir seu corpo e seu poder, se ela o

tiver. Desejo sem amor, sem nenhum amor por nada ou ninguém, é sombrio. Acho que

aqueles que passam a vida apenas com isso devem ser criaturas tristes ou nocivas. É o

coração que nos faz superar os momentos difíceis e nos dá alegria.

– Branna diz que seu poder vem do coração. – Levemente, Meara traçou uma cruz

sobre ele.

– É o que ela acha, e é verdade. Eu não poderia existir se não pudesse sentir. Cabhan

sente. Desejo, raiva e cobiça, sem nada para suavizar isso. Tirar o que temos não será

suficiente. Nunca será. Ele quer conheçamos a escuridão que conhece, soframos nela.

Isso fez Meara começar a sentir medo, e então ela se retesou para afastá-lo.

– Você descobriu isso na mente dele?

– Um pouco. Mas há outras coisas que posso ver. E esta noite, por um momento,

soube o que ele sentia, e era uma alegria terrível em tirá-la de mim, de nós. De você.

– Você estava dentro da minha cabeça. Eu o ouvi chamar meu nome e parei por um

instante. Senti que estava à beira de algo, sendo puxada nas duas direções. Depois estava

no chão, com você em cima de mim, por isso não sei que direção teria tomado.

– Eu sei, e não só porque não há nada de fraco em você. Por causa disto. – Ele

abaixou a cabeça e encostou de leve seus lábios nos dela. – Porque isto é mais que

apenas luxúria.

Meara sentiu um arrepio na barriga.

– Connor...

– É mais – sussurrou ele, e a beijou.

Muito suave e ternamente, os lábios de Connor a seduziam pouco a pouco. Se o poder

dele vinha do coração, estava usando-o agora, saturando-a de puro sentimento.

Meara teria dito não... Não, esse não era o estilo dela, não poderia ser. Mas aos

poucos ele já estava passando para a doçura, a luz e o brilho.

As mãos de Connor, leves como o ar, deslizaram sobre ela, e até mesmo esse toque

delicado produziu calor.

Baixas, muito baixas e excitantes, as palavras dele lhe pediam para acreditar no que

nunca acreditara. Acreditar no que ambos temiam e negavam.

No amor, em sua simplicidade, seu poder. Sua permanência.

Não ela. Não, não ela, pensou Meara, mas flutuou em suas nuvens macias. O que ele

proporcionava, o que trazia e prometia, era irresistível.

Por um momento, por uma noite, Meara se entregou a isso. Entregou-se a Connor.

Então ele a recebeu, com gentileza, e deu mais em troca.

No instante em que Meara havia ficado entre sua luz e a escuridão de Cabhan, Connor

soube que conhecera toda a verdade do amor. Entendeu que vinha com o peso do medo e

dos riscos. Soube que poderia se perder em seu labirinto, aceitaria enfrentar as sombras,

se valeria de sua luz e experimentaria os altos e baixos de sua vida, as partes calmas e os

súbitos obstáculos.

Com ela.

Uma vida inteira de amizade não o havia preparado para essa mudança do amor fácil

para o que sentia por ela.

Só ela. A única. E isso ele ia valorizar.

Connor não pediu palavras de volta – elas viriam. Mas por enquanto a entrega de

Meara era suficiente. Aqueles suspiros ofegantes, os tremores, os batimentos fortes e

irregulares do coração dela.

Meara se ergueu em uma onda de prazer tão absoluto que pareceu encher seu corpo

de pura luz branca.

Então foi a vez de ele enchê-la, dar-lhe mais e mais até lágrimas toldarem a visão

dela. Quando Meara estava perto de atingir o clímax, agarrando-se por gloriosos

momentos àquela fronteira clara e brilhante, ouviu novamente a voz suave de Connor.

Isto é mais, disse-lhe ele. *Isto é amor.*

– POR QUE ISSO A DEIXA TÃO DESCONFORTÁVEL?

– O quê? – Meara olhou para ele, e depois ao redor. – Onde estamos? É... a cabana

de Sorcha? Estamos sonhando?

– É mais do que sonho. E o amor é mais do que a mentira que você tenta acreditar

que é.

– É a cabana de Sorcha, mas está coberta pelas trepadeiras que crescem ao redor. E

este não é o momento para falar sobre amor e mentiras. Ele nos trouxe aqui?

Meara desembainhou sua espada, grata por tê-la trazido no sonho que não era sonho.

– O amor é a fonte da luz.

– A lua é a fonte da luz e podemos nos dar por satisfeitos por estar cheia, no tempo e

lugar em que nos encontramos. – Ela se virou devagar, procurando nas sombras. – Ele

está perto? Pode senti-lo?

– Se você ainda não pode acreditar que me ama, deveria acreditar que eu te amo. Eu

nunca menti para você, pelo menos não sobre algo importante.

– Connor. – Ela embainhou a espada, mas manteve a mão no punho. – Você perdeu o

juízo?

– Eu tomei juízo. – Ele lhe sorriu. – Você é que o perdeu porque não tem coragem de

assumir isso.

– Eu é que estou com a espada, portanto tome cuidado com o que diz sobre

minha

coragem.

Ele apenas a beijou antes de ela empurrá-lo.

– Não há nada de fraco em você. Seu coração é mais forte do que pensa, e será meu.

– Não vou ficar aqui, neste lugar, falando bobagens com você. Vou voltar.

– Esse não é o caminho. – Quando Meara se virou, ele segurou seu braço.

– Conheço muito bem o caminho.

– Esse não é o caminho – repetiu Connor. – E ainda não é o momento, porque lá vem

ele.

Os dedos de Meara apertaram o punho de sua espada.

– Cabhan.

Connor segurou a mão dela antes que pudesse desembainhá-la, e tirou o seixo branco

de seu bolso. A pedra brilhou como uma pequena lua na palma de sua mão.

– Não. Eamon.

Meara o viu entrar cavalgando na pequena clareira, não mais um menino, mas um

homem. Muito jovem, mas alto, ereto e tão parecido com Connor que seu coração bateu

mais forte.

Ele estava com os cabelos mais compridos e presos em uma trança. Veio em silêncio,

montado em um robusto alazão que, pareceu a Meara, poderia galopar pela metade do

país sem perder o fôlego.

– Boa noite, primo – gritou Connor.

– Para você e sua mulher também.

Eamon desmontou suavemente. Em vez de prender o cavalo, apenas deixou as rédeas

nas costas do animal. O modo como o alazão ficou, como uma estátua ao luar, deixou

claro que não ia disparar ou se afastar de seu dono.

– Já se passou algum tempo para você – observou Connor.

– Cinco anos. Minhas irmãs e os homens delas estão esperando em Ashford.

Brannaugh tem dois filhos, um menino e uma menina, e outro a caminho. Teagan está

esperando sua primeira criança.

Ele olhou para a cabana e depois para o túmulo de sua mãe.

– E então voltamos para casa.

– Para combatê-lo.

– Esse é o meu maior desejo. Mas ele está em seu tempo, e essa é uma verdade que

não pode ser negada.

Alto e ereto, com o olho-de-falcão em seu pescoço, Eamon olhou novamente para o

túmulo da mãe.

– Teagan veio antes de mim. Ela viu aquela que virá dela. Viu-a observando enquanto

Teagan enfrentava Cabhan. Nós somos os três, os primeiros, mas o que somos e temos

passaremos para vocês. Isso é tudo o que posso ver.

– Nós somos seis – disse Connor. – Os três e mais três. Minha mulher, o homem da

minha prima e um amigo, um amigo poderoso. – E como o garoto agora era um homem,

Connor achou que chegara a hora de falar sobre isso. – Nosso amigo Finbar Burke. Ele

tem o sangue de Cabhan.

– Ele foi marcado?

Como Meara, Eamon pôs a mão no punho de sua espada.

– Não por ele mesmo, não por vontade própria.

– O sangue de Cabhan...

– Eu confiaria a ele minha vida, como tenho confiado. Eu confiaria a ele a vida da

minha mulher, e eu a amo mais que tudo, embora ela não acredite nisso. Nós somos seis –

repetiu Connor –, e ele é um de nós. Combateremos Cabhan. Acabaremos com ele. Eu

juro.

Connor pegou a espada de Meara e foi até o túmulo. Cortou a palma da própria mão e

deixou o sangue vermelho pingar no chão.

– Juro pelo meu sangue que acabaremos com ele.

Ele procurou em seu bolso e não ficou surpreso ao encontrar a campânula. Usou a

espada para cavar um pequeno buraco e plantá-la.

– Uma promessa cumprida.

Agitou o ar com um dedo, tirou-lhe a umidade e deixou sangue e água verterem no

chão.

Deu um passo para trás e observou com os outros a flor desabrochar e os botões se

duplicarem.

– Eu cavalguei para longe da minha mãe. – Eamon olhou para o túmulo. – Não tinha

outra escolha e esse era o desejo dela. Voltei para casa como um homem. O que quer que

eu possa fazer, seja qual for o poder que me for dado, eu farei, e o usarei. Uma promessa

cumprida. – Ele estendeu a mão para Connor. – Não posso confiar nesse descendente de

Cabhan, mas confio em você e nos seus.

– Ele é um dos meus.

Eamon olhou para o túmulo, para as flores e para a cabana.

– Então vocês são seis. – Ele tocou seu amuleto, igual ao de Connor, e depois na

pedra na tira de couro que Connor lhe dera. – Tudo o que somos está com vocês. Espero

que nos vejamos de novo, quando isso estiver feito.

– Quando isso estiver feito – concordou Connor.

Eamon montou em seu cavalo e depois sorriu para Meara.

– Você deveria acreditar no meu primo, moça, porque o que ele fala vem do coração.

Adeus.

Ele virou seu cavalo e se afastou tão silenciosamente quanto viera.

Meara começou a falar e acordou sobressaltada na cama de Connor.

Ele se sentou ao lado dela, com um meio sorriso no rosto enquanto estudava a palma

de sua mão ensanguentada.

– Meu Deus! Nunca se sabe aonde vai parar quando se deita ao lado de alguém como

você. Tome cuidado! Vai manchar os lençóis de sangue.

– Vou dar um jeito nisso. – Ele esfregou uma palma na outra, estancou o sangue e

fechou o ferimento raso.

– O que foi aquilo? – perguntou Meara.

– Em parte uma visita de parentes. Algumas perguntas, algumas respostas.

– Que respostas?

– Estou tentando descobrir. Mas a flor foi plantada, como Teagan me pediu, e por

enquanto isso basta. Nosso Eamon estava bonito e em ótima forma, não é?

– Está dizendo isso por causa da semelhança entre vocês. Cabhan saberia que eles

tinham voltado.

– Eles não vão acabar com Cabhan, mas Cabhan também não vai acabar com eles.

Como no caso da flor, por enquanto isso basta. Cabe a nós acabarmos, sei disso também.

– Como?

– Eu sinto isso. – Ele encostou um dedo em seu coração. – Acredito no que sinto. Ao

contrário de você, por exemplo.

Depois de um olhar impaciente, ela saiu da cama.

– Tenho que ir trabalhar.

– Você ainda tem tempo para comer. Não precisa se preocupar, porque não há tempo

suficiente para eu examinar de modo adequado meus sentimentos e os seus. Mas em

breve haverá. Eu te amo loucamente, Meara, e embora isso possa ser uma surpresa para

mim, estou feliz com ela.

Ela pegou suas roupas.

– Você está romantizando a coisa toda, e a misturando com magia, riscos, sangue e

sexo. Espero que volte logo a agir de maneira sensata, e por enquanto vou usar o

banheiro e me arrumar para trabalhar.

Ela marchou para fora do quarto.

Connor sorriu atrás de Meara, divertindo-se com a bela visão de seu traseiro

enquanto ela passava pela porta do banheiro que ele dividia com Iona.

Ele agiria de maneira sensata, pensou, embora tivesse levado a maior parte da sua

vida para chegar a esse ponto. Podia esperar que ela agisse da mesma maneira.

Enquanto isso... Connor estudou a mão curada. Tinha de pensar um pouco.



16

NA OPINIÃO DE CONNOR, AS MULHERES ERAM SEMPRE UM ENIGMA, mas seus mistérios e

segredos contribuíam para a eterna atração que exerciam.

Ele pensou na mulher que amava. Corajosa e direta em relação a tudo, menos aos

assuntos do coração. Eles a deixavam assustada como um pássaro engaiolado e

igualmente disposta a fugir voando na primeira oportunidade.

Contudo, aquele coração era forte, leal e verdadeiro.

Um enigma.

Sem dúvida a assustara ao declarar seus sentimentos. Amava-a, e para ele o

verdadeiro amor surgia uma vez e durava para sempre.

Mas como preferia vê-la voar livre – por enquanto – a debater contra a gaiola,

acordou Boyle.

Fazê-lo ir para os estábulos com Meara – mais cedo do que ambos precisavam

chegar lá – servia a dois objetivos. Meara teria a companhia de seu amigo e os três

teriam um tempo para conversar a sós.

A chuva de vento caía sobre as árvores e colinas e batia nas janelas. Connor deixou o

cão sair e saiu também. Circundou o chalé – como eles tinham feito na noite anterior –,

certificando-se que não havia nenhum resto do feitiço de Cabhan.

As flores de sua irmã vicejavam, suas cores fortes e ousadas contrastando com a

obscuridade. Para além delas, a relva formava um grosso tapete verde. E tudo o que ele

sentiu no ar foi chuva, vento e a pura e forte magia que ajudara a criar ao redor do que

era deles.

Quando parou no alpendre de Roibeard, o falcão o cumprimentou esfregando

levemente a cabeça em seu rosto. Aquilo era amor, simples e fácil.

– Fique de olho, está bem? – Connor passou os dedos pelo peito do falcão. – Claro

que você ficará. Agora aproveite um pouco e vá caçar com Merlin, porque por enquanto

todos nós estamos seguros.

Em resposta, o falcão abriu as asas e voou. Descreveu um círculo no ar e seguiu para

a floresta.

Connor deu outra volta e entrou pela porta da cozinha, mantendo-a aberta enquanto

Kathel vinha atrás dele.

– Fez sua patrulha, não foi? Eu também fiz. – Ele acariciou o cão e lhe massageou as

orelhas. – Você subiria para esfregar o focinho em Branna e acordá-la, me poupando de

fazer o café da manhã?

Kathel lhe lançou o olhar mais duro que qualquer cão poderia lançar.

– Eu achei que não, mas precisa tentar.

Aceitando seu destino, Connor alimentou o cão e trocou a água na tigela. Acendeu as

lareiras, da cozinha, da sala de estar e até mesmo da oficina. Depois concluiu que não

podia embromar mais e foi fazer o café da manhã.

Pôs bacon para fritar, fatiou um pouco de pão e bateu ovos.

Estava pondo os ovos na frigideira quando Iona e Branna entraram juntas, Iona

vestida para trabalhar e Branna ainda com suas roupas de dormir e aquele olhar irritado

de antes do café.

– Todos acordaram muito cedo. – Conhecendo as regras, Iona deixou Branna se

servir de café primeiro. – E Boyle e Meara já saíram.

– Ela quis trocar de roupa e prometeu a Boyle fazer o café da manhã para ele por

levá-la.

– Preste atenção naqueles ovos, Connor, você vai queimá-los – disse Branna como

sempre dizia quando ele fazia o café da manhã.

– Não vou.

– Por que você cozinha todas as coisas sobre uma chama infernal?

– Porque é mais rápido.

E droga, ele quase queimou os ovos porque ela o distraiu.

Colocou-os em uma travessa com o bacon, jogou algumas torradas por cima e depois

pôs tudo no meio da mesa.

– Se você tivesse acordado antes, comeria os ovos ao seu gosto. Agora comerá ao

meu. Sinta-se à vontade.

– Parecem ótimos – disse Iona, alegre.

Penteando seus cabelos loiros com os dedos, ela se sentou.

– Ah, não o bajule só porque ele preparou uma refeição pela primeira vez em meses.

– Branna se sentou com ela e coçou as orelhas de Kathel.

– Quando você está com fome, isso não é bajulação. – Iona encheu o prato. – Vamos

ter cancelamentos hoje. – Ela apontou com a cabeça para a chuva forte e constante. – O

dia não está só chuvoso, também está frio. Normalmente eu lamentaria, mas hoje

acho

que poderíamos aproveitar o tempo extra.

Ela provou os ovos. Estavam muito... firmes, decidiu.

– Se tivermos pouco movimento, como acho que teremos – continuou –, talvez eu

consiga sair cedo. Posso vir trabalhar com você, Branna, se quiser.

– Preciso terminar um estoque, porque não trabalhei ontem, e depois tenho que dar

um pulo na loja. Mas acho que estarei aqui ao meio-dia. Fin e eu acabamos de fazer as

mudanças na poção que usamos no solstício. Está mais forte, mas o feitiço precisa

funcionar, assim como a escolha do momento certo e todo o maldito plano.

– Nós temos tempo.

– Os dias passam rápido. E Cabhan está ficando cada vez mais audacioso. O que ele

tentou na noite passada...

– Não funcionou, não foi? – retrucou Connor. – O que são seus morcegos demoníacos

agora além de cinzas sopradas pelo vento e lavadas pela chuva? E tudo isso me deu uma

ou duas ideias.

– Você tem uma ideia? – Branna ergueu o café.

– Tenho, e também uma história para contar. Eu procurei Eamon nos sonhos, e ele me

procurou. Então nos encontramos.

– Você o viu de novo.

Ele assentiu para Iona.

– Vi, e levei Meara comigo no sonho. Ele era um homem de uns 18 anos, porque

disse que tinham se passado cinco anos desde a última vez em que me viu. Sua

Brannaugh tem dois filhos e um a caminho, e Teagan está grávida do primeiro.

– Teagan estava grávida quando a vi em meu próprio sonho – acrescentou Iona.

– Eu me lembro, então esse foi o mesmo tempo no mundo deles para mim que foi para

você. Para mim e você, na cabana de Sorcha.

– Você sabe que não deve ir lá – disparou Branna – em sonhos ou fora deles.

– Não posso lhe dizer se isso foi obra minha ou dele, porque juro que nem mesmo

agora sei. Mas eu sabia que estávamos seguros lá, naquele tempo, ou recuaria. Não poria

Meara em risco de novo.

– Então está bem. Está bem.

– Eles tinham ido para casa – continuou Connor, passando geleia em sua torrada –, e

isso foi doloroso. Sabem que combaterão Cabhan e que não vencerão, não acabarão com

ele, porque ele está aqui em nosso tempo e lugar. Eu disse que somos seis, e que um dos

nossos tem o sangue de Cabhan.

– E ele aceitou bem? – perguntou Branna.

– Ele me conhece. – Connor bateu com a mão em seu coração. – E confia em mim.

Então confia nos meus, e Fin é um dos meus. Ele estava com o pingente que eu lhe dei,

assim como com o amuleto que partilhamos. Eu estava com o seixo que ele me deu, e

quando o peguei ele brilhou na palma da minha mão. Você estava certa, Branna. Ele tem

poder.

– Bem, eu não o poria em um estilingue e brincaria de Davi contra o Golias do

Cabhan, mas é bom mantê-lo com você.

– Eu o mantenho. E além disso, estava com a campânula.

– A flor de Teagan – acrescentou Iona.

– Eu a plantei e a reguei com meu sangue e a água que tirei do ar. E as flores se

abriram no túmulo de Sorcha.

– Você cumpriu com sua palavra. – Iona acariciou o braço de Connor. – E lhes deu

algo importante.

– Eu disse a Eamon que acabaríamos com Cabhan, porque acredito que acabaremos.

E acho que sei o que deixamos passar no solstício. Música, e a alegria dela – disse.

– Música – repetiu Iona enquanto Branna se recostava, com uma expressão pensativa.

– O que o atraiu aqui na noite passada, tão enraivecido, tão audacioso? Sim, nossa

luz, e a temos. Nós mesmos, é claro. Mas tocamos música, e ela tem uma luz própria.

– Um som alegre – disse Iona.

– Isso. Ele fica cego de raiva por causa da alegria. Se cega, por que também não

poderia amarrá-lo?

– Música. Nós tocamos música naquela noite na última primavera, lembra-se, Iona?

Só você, eu e Meara aqui. Eu trouxe meu violino, e tocamos e cantamos enquanto ele

espreitava lá fora, nas sombras e na névoa. Atraído por ela – disse Branna. – Atraído

pela música, embora a odeie, odeie que a tenhamos em nós e a toquemos.

– Eu me lembro.

– Ah, posso trabalhar com isso. – Branna apertou os olhos e deu um sorriso. – Sim,

será algo a pôr no caldeirão. É uma boa ideia, Connor.

– É brilhante – disse Iona.

– Preciso concordar com isso. – Sorrindo, Connor comeu o resto de seus ovos.

– Tenho certeza de que Meara disse o mesmo.

– Talvez diga, quando eu lhe contar. Isso só me ocorreu esta manhã e ela estava com

muita pressa de sair – acrescentou ele.

– Por quê? Eu ainda tenho quase meia hora para chegar no trabalho. – E por isso,

Iona se levantou para tomar uma segunda xícara de café. Se ela tivesse esperado, Boyle e

eu poderíamos... Ah. – Ela arregalou os olhos. – Vocês brigaram?

– Brigar? Não! Ela fez uma retirada rápida, como eu esperava que fizesse, quando eu

lhe disse que a amava. Sendo Meara, vai demorar um pouco para assimilar tudo.

– Você descobriu que a ama. – Saltitando de volta, Iona o abraçou por trás da

cadeira. – Isso é maravilhoso.

– Não foi uma questão de descobrir... Talvez tenha sido – reconsiderou Connor. – E

ela está demorando mais a chegar a essa conclusão. Ficará mais feliz quando isso

acontecer, e eu também. Mas por enquanto há uma certa diversão em vê-la se esquivando.

– Tome cuidado, Connor – disse Branna, em tom calmo. – Não é uma natureza

teimosa ou uma cabeça dura que a impede. São as cicatrizes.

– Ela não pode passar a vida inteira negando o próprio coração porque a droga do

pai dela não tinha nenhum.

– Tome cuidado – repetiu Branna. – Não importa o que ela diga e no que acha que

acredita, ela amava o pai. Ainda o ama, e é por isso que a mágoa nunca passou por

completo.

A irritação subiu pela espinha dele.

– Eu não sou o pai dela, e Meara deveria saber disso.

– Ah, não é isso, querido, é que ela tem medo de ser... de ser como o pai.

– Isso é besteira.

– É claro. – Branna se levantou e começou a tirar a mesa. – Mas é o peso que ela

carrega. Por mais que eu ame Meara e que ela me ame, nunca consegui tirá-lo dela, não

totalmente. Cabe a você fazer isso.

– E fará. – Iona se levantou da mesa para ajudar Branna. – Porque o amor, se você

não desiste, vence tudo.

– Não vou desistir.

Iona parou para beijar o alto da cabeça dele.

– Eu sei. Os ovos estavam bons.

– Eu não chegaria a dizer isso – comentou Branna –, mas lavaremos a louça, já que

você cozinhou... até certo ponto.

– Então está bem, porque preciso chamar Roibeard e trabalhar.

Ele tirou a jaqueta e um boné do gancho enquanto pratos tilintavam.

– Eu a amo de verdade – disse, porque as palavras lhe soaram muito bem. –

Incondicionalmente.

– Ah, Connor, seu grande idiota, você sempre a amou.

Ele saiu para a chuva, achando que a irmã estava certa. Sempre a havia amado.

O MAU HUMOR, A IRRITAÇÃO E SUA TENDÊNCIA A AUTOPUNIÇÃO resultaram em um trabalho

de empilhar composto de estrume.

Um dia péssimo para um trabalho péssimo, pensou Meara enquanto calçava suas

botas mais velhas e trocava sua jaqueta por uma das parcas mais grossas do celeiro. E

ela estava se sentindo péssima. Como não podia negar que tinha arranjado briga com

Boyle – depois de ser rude com Mick, resmungar para Iona e ficar de cara feia durante o

resto da manhã –, não podia culpá-lo por lhe destinar aquela droga de trabalho.

Mas o culpava mesmo assim.

Ele havia passado o grupo de cavalgada dela para Iona– almas corajosas que não

temiam a chuva torrencial. Mick tinha uma aula no ringue, então para ele a chuva

torrencial não tinha a menor importância. Como também não tinha para Patty, que estava

limpando equipamentos, ou para Boyle, fechado em seu escritório.

Então lhe coube andar na chuva até a grande pilha de estrume.

Ela enrolou um cachecol no pescoço, cobriu a cabeça com o capuz e saiu –

carregando uma pá e um longo espeto de metal – bem atrás dos estábulos para o que era

não muito carinhosamente chamado de Montanha de Cocô.

Os estábulos produziam muito para a montanha, e era preciso lidar com esse

subproduto – se ela quisesse usar um termo elegante. E almas mais sensatas e voltadas

para a ecologia faziam mais do que lidar com ele. Elas o usavam.

Esse era um processo que, em dias normais, Meara aprovava. Em dias em que não

estava com raiva do mundo. Em dias em que não chovia a cântaros.

O estrume, quando bem tratado, se transformava em composto. E o composto

enriquecia o solo. E Fin e Boyle haviam construído uma área – longe o suficiente para

evitar odores – para fazer isso.

Quando ela chegou ao Monte de Cocô, praguejou, percebendo que deixara seu iPod

com os fones de ouvido nos estábulos. Nem mesmo teria música para distraí-la.

Tudo o que pôde fazer foi resmungar enquanto puxava os velhos sacos de ração

vazios da grande pilha e começava a usar a pá para virar o estrume.

O composto correto exigia calor para matar as sementes e os parasitas, e transformar

o esterco em um rico aditivo. Era um trabalho que ela havia feito inúmeras vezes, então

continuou automaticamente, adicionando fertilizante para ajudar a dissolver o estrume,

movendo as camadas externas para o centro e o calor, fazendo uma segunda pilha e

adicionando ventilação empurrando o espeto bem fundo.

Pelo menos não tinha de arrastar a mangueira, porque a chuva torrencial provia toda

a água necessária para a mistura de esterco.

Mistura de esterco, pensou enquanto trabalhava. Era exatamente nisso que Connor os

atirara.

Por que ele teve de envolver amor nisso? Amor, promessas e ideias de futuro, família

e “para sempre”? Não estava indo tudo bem com sexo, diversão e amizade?

Connor dissera todas aquelas palavras – e muitas delas em irlandês. Uma manobra

intencional para atingir o coração dela. Uma manobra para fazê-la suspirar e se render.

Ele a tinha tornado fraca – ele tinha, ele tinha –, e ela não sabia o que fazer com a

fraqueza. A fraqueza era um inimigo, e ele incitara aquele inimigo contra ela. Mais do

que isso, a fizera ter medo.

E ela havia começado aquilo tudo, não era? Ah, era a única culpada pela situação,

pelos problemas que aquilo causaria para todos.

Não podia negar que tomara a iniciativa de beijá-lo. Levara-o para sua cama,

mudando o que significavam um para o outro.

Connor era um romântico – ela também sabia disso. Mas não podia ser totalmente

culpada por nunca ter esperado declarações de amor, já que ele pulava de uma mulher

para outra toda hora.

Eles já tinham de lidar com coisas de mais, não era? O Dia das Bruxas estava cada

vez mais próximo e se realmente tinham um bom plano ela ainda não o ouvira.

O otimismo de Connor, a determinação de Branna, a raiva interior de Fin, a fé de

Iona. Eles tinham isso tudo, e a lealdade de Boyle, como a dela própria.

Mas não estratégias e táticas contra a magia negra.

E em vez de manter seu cérebro concentrado em descobrir estratégias e táticas,

Connor O’Dwyer estava ocupado lhe dizendo coisas, como que ela era o amor de sua

vida.

Em irlandês. Em irlandês, enquanto fazia coisas inacreditáveis com o corpo dela.

E não a havia olhado nos olhos de manhã, depois que eles despertaram daquele

estranho mundo dos sonhos, e dito com todas as letras que a amava?

Sorriu para ela, pensou, irritada. Como se virar o mundo dela de cabeça para baixo

fosse uma piada engraçada.

Ela deveria tê-lo derrubado da cama. Era isso que deveria ter feito.

Acertaria as coisas com ele, por Deus, acertaria. Porque não seria fraca por causa de

Connor e de ninguém. Não seria fraca e nem teria medo. Não teria seu coração atingido e

não faria promessas que não seria capaz de cumprir.

Não se permitiria se tornar frágil e boba como sua mãe. Incapaz de cuidar de si

mesma. Envergonhada e lamentando a traição cometida por um homem.

Sobretudo, não se permitiria se tornar negligente e egoísta como seu pai. Um homem

que fazia promessas e até mesmo as cumpria enquanto a vida era fácil, mas as quebrava

sem piedade e partia os corações daqueles que o amavam quando as coisas se tornavam

difíceis.

Não, ela não seria esposa de ninguém, um fardo para homem nenhum, o amor da vida

de homem nenhum. Muito menos de Connor O’Dwyer.

Porque, Deus a ajudasse, amava-o demais.

Sentiu o choro vir e o conteve brutalmente.

Uma coisa temporária, prometeu a si mesma enquanto espalhava de novo os sacos

sobre as pilhas de composto. Esse tipo de paixão não podia durar.

Ninguém poderia sobreviver a isso.

Logo voltaria a ser ela mesma, e Connor voltaria a ser ele mesmo. E tudo isso seria

como um daqueles sonhos estranhos que não eram sonhos.

Disse a si mesma que seria mais firme, que o trabalho físico lhe fizera bem. Voltaria,

acalmaria as coisas, especialmente com Mick, e com os outros também.

– Você cumpriu sua penitência – disse ela em voz alta.

Deu um passo para trás e se virou.

E seu pai lhe sorriu.

– Então aqui está você, minha princesa.

– O quê?

Um pássaro cantou na amoreira e rosas se abriram como em um mundo encantado.

Ela adorava os jardins ali, as cores, os cheiros, os sons dos pássaros, a música da fonte

no centro do lago em que uma graciosa mulher despejava água de um jarro.

E adorava todos os cantos estranhos e lugares sombreados onde podia se esconder de

seus irmãos quando queria ficar sozinha.

– Perdida em sonhos outra vez, não me ouviu chamar.

Ele deu um largo sorriso, fazendo os lábios de Meara se curvarem para cima mesmo

enquanto lágrimas ardiam em seus olhos.

– Você não pode estar aqui.

– Um homem merece ter um dia de folga para ficar com sua princesa. – Ainda

sorrindo, bateu com o dedo indicador no seu nariz. – Não vai demorar muito para todos

os jovens da cidade começarem a vir e então você não terá tempo para seu velho pai.

– Sempre terei.

– Essa é a minha filha querida. – Ele pegou a mão de Meara e lhe deu o braço. –

Minha bela princesa cigana.

– Sua mão está muito fria.

– Você a esquentará. – Ele começou a andar com ela pelos caminhos de pedra,

passando por rosas, copos-de-leite e lobélias muito azuis, com o sol brilhando como o

interior de uma pérola partida. – Eu vim só para vê-la – começou ele, usando aquele tom

confidencial e dando aquela piscadela como fazia quando tinha segredos para lhe contar.

– Todos estão em casa.

Meara olhou na direção da casa de tijolos de três andares pintada de branco, como

sua mãe desejara. Mais jardins cercavam a larga varanda e levavam a um gramado verde

onde sua mãe gostava de receber amigos para tomar chá no bom tempo de verão.

Acompanhado de pequenos sanduíches e bolos com cobertura.

E seu quarto, pensou Meara olhando para cima. Sim, seu quarto bem ali, com as

portas francesas e a pequena varanda. Uma varanda de Julieta, como seu pai o chamava.

Então ela era a princesa dele.

– Por que todos estão em casa? O dia está lindo. Deveríamos fazer um piquenique! A

Sra. Hannigan poderia fazer alguns pastéis de carne e também teríamos sanduíches de

queijo e tortas de geleia.

Meara começou a se virar, quis correr para a casa e chamar todos, mas seu pai a

impediu.

– Não é dia para piquenique.

Por um momento ela pensou ter ouvido chuva caindo no chão. Quando olhou para

cima, pareceu que uma nuvem encobrira o sol.

– O que foi isso? O que foi, pai?

– Nada. Aqui está você.

Ele colheu uma rosa do arbusto e a entregou para Meara. Ela a cheirou e sorriu

quando as pétalas brancas macias roçaram em seu rosto.

– Se não for um piquenique, podemos tomar chá e comer bolo, como em uma festa, já

que você está em casa?

Ele fez que não com a cabeça de modo lento e triste.

– Infelizmente acho que não haverá nenhuma festa.

– Por quê?

– Nenhum dos outros quer vê-la, Meara. Todos acham que foi culpa sua.

– Culpa minha? O quê? O que eu fiz?

– Você se relaciona e conspira com bruxos.

Seu pai se virou, segurando a mão dela com força. A sombra estava sobre o rosto

dele e fez o coração de Meara pular de medo.

– Eu me relaciono? Conspiro?

– Você trama e planeja, se relaciona com filhos do demônio. Deitou-se com um, como

uma prostituta.

– Mas... – Ela se sentiu tonta e confusa. – Não, não, você não sabe.

– Sei mais do que você. Eles foram amaldiçoados, Meara, e você foi amaldiçoada

também.

– Não. – Suplicante, ela pôs as mãos no peito do pai. Frio, como as mãos dele. –

Você não pode dizer isso. Não quer dizer isso.

– Posso e quero. Por que acha que fui embora? Por sua causa, Meara. Eu a deixei.

Uma maldita prostituta que cobiça um poder que nunca terá.

– Eu não sou! – O choque, como se ela tivesse levado um soco na barriga, a fez dar

um passo para trás. – Não sou!

– Você me envergonhou, por isso eu não conseguia olhar para a sua cara.

Ela soluçava, e depois ficou boquiaberta quando a rosa branca em sua mão começou

a sangrar.

– Essa é a sua própria maldição – disse ele quando Meara atirou a rosa no chão. –

Destruir todos que a amam. Todos que a amam sangrarão e morrerão. Ou fugirão, como

eu fiz. Eu a deixei, envergonhado e enojado. Você ouviu sua mãe chorar? – perguntou ele.

– Ela chora sem parar por ter uma filha que preferiu os filhos do demônio ao seu próprio

sangue. Isso é culpa sua.

Lágrimas – de vergonha, culpa e tristeza – escorreram pelo rosto de Meara. Quando

ela abaixou a cabeça, viu a rosa afundando em uma poça do seu próprio sangue.

E a chuva caindo rápida e forte.

Chuva.

Ela cambaleou um pouco e ouviu o pássaro cantando na amoreira e a fonte jorrando

alegremente.

– Pai...

E o grito de um falcão rasgou o ar.

Connor, pensou. Connor.

– Não. Não é culpa minha.

Ensopada e salva pelo grito do falcão, ela brandiu a pá. Apesar de ter sido pego de

surpresa, ele pulou para trás e desviou do golpe.

Um rosto que não era mais o de seu pai.

– Vá para o inferno.

Ela brandiu a pá de novo, mas o chão pareceu balançar sob seus pés. Nesse

momento, pôde jurar que algo furara seu coração.

Quando ela deu um grito agudo de dor, Cabhan mostrou os dentes em um sorriso

malévolo. E desapareceu rodopiando na névoa.

Ela conseguiu dar um passo trêmulo para a frente, e depois outro. O chão continuou a

balançar e o céu girava sem parar acima de sua cabeça.

A distância, através da chuva e névoa, ouviu alguém chamar seu nome.

Um passo, disse a si mesma, e depois outro.

Ouviu o falcão e viu o cavalo, um borrão cinzento galopando na névoa, o cão

disparando atrás dele.

Viu Boyle correndo na direção dela como se cães do inferno estivessem lhe

mordendo os calcanhares.

E enquanto o mundo girava sem parar, Meara viu com alguma surpresa Connor saltar

do dorso nu de Alastar.

Ele gritou algo, mas o zumbido na cabeça dela abafou o som.

Sombras, pensou. Um mundo de sombras.

Elas se fecharam e a engoliram.

Meara nadou através das sombras, sufocando e se afogando nelas. Ouviu seu pai dar

uma risada muito cruel.

A culpa é sua, garota egoísta e sem coração. Você não tem nada. Não é nada. Não

sente nada.

Eu lhe darei poder, prometeu Cabhan, a voz uma carícia. *Se é isso que você quer*

mesmo e cobiça. Traga-me o sangue dele e eu lhe darei poder. Tire a vida dele e eu lhe

darei a imortalidade.

Ela lutou, tentando abrir caminho com as mãos através das sombras, voltar para a luz,

mas não conseguiu se mexer. Sentiu-se aprisionada, oprimida pelas sombras que se

tornavam cada vez mais densas, obrigando-a a respirá-las.

Cada respiração era mais fria e difícil.

Faça o que ele pede, dizia-lhe o pai. *O bruxo não significa nada para você e você*

não significa nada para ele. São apenas corpos se procurando na escuridão. Mate o

bruxo. Salve a si mesma. Eu voltarei para você, minha princesa.

Então Connor lhe estendeu a mão. Ele brilhava nas sombras, seus olhos verdes como

esmeraldas.

Venha comigo. Volte comigo. Eu preciso de você, aghra. *Volte para mim. Pegue a*

minha mão. Você só precisa pegar a minha mão.

Mas Meara não conseguia, ele não estava vendo que ela não conseguia? Algo se

moveu e rosnou atrás dela, mas Connor apenas lhe sorriu.

Claro que você consegue. Minha mão, querida. Não olhe para trás. Apenas pegue a

minha mão. Volte comigo.

Doeu muito erguer aquele braço pesado, tentar se livrar das amarras invisíveis. Mas

havia luz e calor em Connor, e precisava desesperadamente das duas coisas.

Chorando, ergueu o braço e alcançou a mão dele. Foi como ser tirada de dentro de

uma grossa lama. Arrastada um centímetro de cada vez, dolorosamente, enquanto a força

oposta a puxava de volta.

Eu a peguei, disse Connor, seus olhos fixos nos dela. *Não a largarei.*

Então Meara se sentiu como se tivesse explodido, como uma rolha saltando de uma

garrafa para a claridade.

Seu peito queimava como se seu coração tivesse se transformado em uma brasa.

Quando tentou respirar, o ar ardeu em sua garganta.

– Calma, calma. Respire devagar. Devagar. Você voltou. Está segura. Está aqui. Shh,

shh.

Alguém soluçava violenta e desesperadamente. Meara demorou alguns minutos para

perceber que os sons vinham dela.

– Eu peguei você. Nós pegamos você.

Ela virou o rosto para o ombro de Connor. Deus, Deus, o cheiro dele era como o de

água fria após um incêndio. Ele a pegou nos braços.

– Vou levá-la para casa.

– Minha casa fica mais perto – disse Fin.

– Ela vai ficar no chalé até isto terminar, mas obrigado. Vou levar Meara para casa.

Mas você virá, Fin? Quando puder, virá?

– Você sabe que sim. Todos nós iremos.

– Eu estou com você, Meara. – Ela ouviu a voz de Branna, sentiu a mão da prima lhe

acariciar os cabelos e o rosto. – Estou bem aqui com você.

Meara quis falar, mas não saiu nada além daqueles horríveis e dilacerantes soluços.

– Vá com eles – disse Boyle. – Vá com eles, Iona. Os três devem ficar com ela. Vou

cuidar de Alastar. Pegue o caminhão e vá.

– Não demore.

Meara virou a cabeça o suficiente para ver Iona correr para o caminhão de Boyle e ir

para atrás do volante. Correr na chuva e névoa enquanto o mundo balançava como o

convés de um navio em uma tempestade.

E a dor em seu peito, em sua garganta e em todo o seu corpo ardia como o fogo do

inferno.

Perguntou a si mesma se havia morrido. Se havia morrido amaldiçoada como o pai

que não era seu pai dissera.

– Shh – fez Connor de novo. – Você está viva e segura conosco. Descanse, querida.

Apenas descanse.

Ao ouvir as palavras dele, Meara caiu em um cálido sono.



ELA OUVIU VOZES MURMURANDO – SUAVES E TRANQUILIZADORAS. Sentiu mãos acariciando

– leves e gentis. Parecia que estava flutuando em um colchão de ar, cercada pelos cheiros

de lavanda e vela. Banhada em luz, conheceu a paz.

Os murmúrios se tornaram palavras confusas e indistintas, como se pronunciadas na

água.

– Ela precisa de repouso. Repouso e silêncio. Deixe a cura agir. – A voz de Branna,

muito cansada.

– Ela recuperou a cor, não é? – A voz de Connor, ansiosa e trêmula.

– Sim, e a pulsação voltou ao normal.

– Ela é forte, Connor – disse Iona, um pouco rouca, como se com sono ou se tivesse

chorado. – E nós também somos.

Então Meara se deixou levar de novo, flutuando para um silêncio confortador.

O despertar foi como o de um sonho.

Viu Connor sentado ao seu lado, com os olhos fechados e o rosto iluminado pela luz

das velas acesas ao redor do quarto. Como se tivesse sido pintado em um tom de

dourado claro.

O primeiro pensamento consciente de Meara foi que era ridículo um homem ser tão

bonito.

Começou a dizer o nome dele, mas antes de conseguir pronunciá-lo Connor abriu os

olhos e os fixou nos dela. E Meara soube pela cor e intensidade do verde que ele fora

iluminado por outra coisa além da luz das velas.

– Aqui está você. – Quando ele sorriu o verde se tornou menos intenso, e houve

apenas Connor e a luz das velas. – Fique deitada quieta, apenas por um momento.

Ele pôs as mãos acima do rosto de Meara, fechou novamente os olhos e as deslizou

na direção do coração dela, e depois de volta.

– Está bom. Agora está bom.

Ele tirou algo da testa e das clavículas de Meara, deixando para trás um leve

formigamento.

– O que é isso? – Era a voz dela? Aquele coaxar de sapo?

– Pedras curativas.

– Eu estava doente?

– Sim, mas está bem agora.

Ele a ergueu um pouco e tirou pedras de debaixo das costas e mãos dela. Depois as

pôs em uma pequena bolsa e a fechou bem.

– Por quanto tempo eu dormi?

– Ah, quase seis horas. Não muito, considerando-se tudo.

– Seis horas? Mas eu estava... estava...

– Não tente se lembrar por enquanto. – O tom dele, firme e alegre, a fez franzir a testa. – Você ainda está um pouco confusa, fraca e abalada. Mas isso vai passar, eu prometo. E agora beba isto. Branna deixou aqui para que bebesse tudo assim que acordasse.

– O que é?

– O que é bom para você.

Connor a apoiou nos travesseiros antes de tirar a rolha de um fino frasco cheio de um líquido vermelho.

– Tudo isso?

– Tudo. – Ele pôs o frasco nas mãos de Meara e as cobriu com as suas próprias para guiá-las para os lábios dela. – Devagar, mas até a última gota.

Meara se preparou para o remédio, e em vez disso bebeu um líquido fresco e delicioso.

– Parece suco de maçã e flores.

– Tem um pouco disso. Tudo, querida. Você precisa de cada gota.

Sim, as bochechas dela estavam mais coradas, pensou Connor. E os olhos estavam pesados, mas claros. Não cegos e fixos como quando ela sucumbira ao feitiço de

Cabhan,

quando ficara deitada inconsciente na relva molhada.

A imagem passou de novo por sua mente e fez suas mãos tremerem. Então ele a

afastou e olhou para Meara.

– Depois você vai comer. – Foi preciso toda a sua força de vontade para manter a

voz firme e um pouco alegre. – Branna fez um pouco de caldo e primeiro vamos ver

como você se sente com isso e um pouco de chá.

– Acho que estou morrendo de fome, mas não sei dizer. Sinto-me como se apenas

metade de mim estivesse aqui. Mas melhor. A bebida estava boa.

Meara lhe devolveu o frasco e ele o pôs de lado tão cuidadosamente quanto um

homem lidando com uma bomba.

– Depois você vai comer. – Ele conseguiu sorrir antes de pousar os lábios na testa

dela. Então simplesmente não conseguiu afastá-los.

Meara o sentiu tremer e pegou a mão dele. Connor segurou a mão dela com tanta

força que ela sufocou um grito.

– Foi ruim?

– Está tudo bem agora. Tudo bem. Ah, Deus!

Connor a abraçou apertado. Se pudesse, a teria puxado para dentro dele.

– Está tudo bem – repetiu ele, para confortar a si mesmo e a ela.

– Não sei como Cabhan passou pela proteção. Não estava forte o suficiente. Eu não a

fiz forte o suficiente. Ele tirou o colar de você e nunca pensei que poderia fazer isso. Ele

o tirou, e tirou sua respiração. Eu deveria ter feito mais. Vou fazer mais.

– Cabhan. – Ela não conseguia se lembrar bem. – Eu estava... virando o estrume. O

composto. E depois... não estava mais. Não consigo me lembrar com clareza.

– Não se preocupe. – Ele lhe acariciou os cabelos e o rosto. – Você se lembrará

quando estiver mais forte. Vou lhe fazer outro colar, um mais forte. Pedirei aos outros

para me ajudarem, porque o que fiz não foi suficiente.

– O colar. – Ela pôs a mão em seu pescoço, onde o colar deveria estar. E se lembrou.

– Está na minha jaqueta. Eu o tirei, não foi?

Enquanto tentava se lembrar, Connor se afastou devagar.

– Você o tirou?

– Eu estava com raiva. Eu o tirei e pus no bolso da minha jaqueta. Descontei no

pobre do Mick e em todos os outros, assim como em Boyle... Sim, Boyle me mandou

para a pilha de composto. Eu vesti uma das parcas do celeiro e deixei minha jaqueta para

trás.

– Você não estava usando o colar? E os amuletos de bolso que fiz para você?

– No bolso da jaqueta que deixei nos estábulos. Não pensei nisso porque... Connor.

Ele se levantou abruptamente e em seu rosto ela só viu uma fria raiva.

– Você o tirou, o deixou para trás porque eu o dei para você.

– Não. Sim. – Estava tudo muito confuso. – Eu não estava raciocinando direito, não

entende? Estava muito zangada.

– Porque eu a amo, estava zangada o suficiente para sair sem proteção.

– Eu não pensei nisso dessa maneira. Não pensei em nada. Foi estupidez. Mais do

que estupidez. Connor...

– Bem, agora está feito e você está segura. Vou pedir para Branna subir com o caldo.

– Connor, não vá. Por favor, me deixe...

– Você precisa de repouso para ficar totalmente curada. Não posso lhe proporcionar

isso agora, então não vou ficar com você.

Connor saiu e fechou a porta.

Meara tentou se levantar, mas suas pernas não a sustentaram. Ela, uma mulher que se

orgulhava de sua força e saúde, tinha de se arrastar de volta para a cama como uma

inválida.

Ficou deitada, com a respiração ofegante, a pele pegajosa e a mente e o coração

confusos com as consequências de um ato impensado cometido no calor do momento.

Quando Branna veio com uma bandeja, Meara quase chorou de frustração.

– Para onde ele foi?

– Connor? Ele precisava de um pouco de ar. Está sentado com você há horas.

Branna ajeitou a bandeja – uma de inválida, com pés para poder ser posta no colo

dos doentes e fracos. Meara olhou para a bandeja com total repulsa.

– Você se sentirá mais forte depois do chá e do caldo. É natural que esteja fraca e

trêmula.

– Eu me sinto como se tivesse estado doente durante metade da minha vida. – Então

ela ergueu os olhos e afastou suas preocupações o suficiente para ver a fadiga e a

preocupação nos olhos de Branna. – Eu sou péssima nisso, não é? Nunca fiquei doente

por mais do que algumas horas. Você sabe disso. Sempre soube. Sinto muito, Branna.

Sinto muito por isso.

– Não seja boba. – Com os olhos cansados e os cabelos presos de modo displicente,

Branna se sentou no lado da cama. – Tome um pouco do caldo. É o próximo passo.

– Para quê?

– Para se recuperar.

Como ela queria se recuperar – não podia consertar as coisas com Connor quando

mal conseguia erguer uma colher –, começou a comer. A primeira prova foi um manjar

dos deuses.

– Achei que eu estava com fome, mas realmente não conseguia sentir muita coisa. É

maravilhoso sentir fome, e isto está ótimo. Não consigo me lembrar dos detalhes. Eu me

lembro com clareza suficiente da maior parte do que aconteceu até começar a voltar para

os estábulos, depois isso se torna vago.

– Quando você se recuperar, se lembrará. Isso é uma espécie de proteção.

– Ah, Deus! – Meara fechou os olhos com força.

– Está com dor? Querida...

– Não, não. Não desse tipo. Branna, eu fiz uma coisa muito estúpida. Estava

perturbada, de mau humor, por isso não pensei com sensatez. Connor... Bem, ele disse

que me amava. O tipo de amor que leva a casamento, bebês e chalés na colina, e isso

simplesmente me virou do avesso. Não sou feita para esse tipo de coisa. Todos sabem

disso.

– Ninguém sabe nada disso, mas não nego que você pensa assim. Você deve ficar

calma, Meara. – Ela passou uma das mãos pela perna da amiga. – Agora descanse

tranquila para ajudar a si mesma a ficar boa.

– Não posso ficar calma e descansar tranquila quando Connor saiu com mais raiva de

mim do que jamais sentiu. E pior, ainda pior.

– Por que ele estaria com raiva de você?

– Eu tirei o colar, Branna. – Ela passou os dedos pelo pescoço, onde o colar deveria

estar. – Juro que não estava raciocinando direito. Só me deixei levar pelo mau humor.

Então tirei o colar que ele me deu e o pus em meu bolso.

A mão que a acariciava para acalmá-la parou.

– O com contas de calcedônia azul, jade e jaspe? – perguntou Branna.

– Sim, sim. Eu simplesmente o pus em meu bolso, junto com os amuletos. E fiquei

arranjando briga com todos por quem passava até Boyle se fartar de mim. Ele me enviou

para o composto, e esse é um trabalho péssimo e chovia a cântaros. Troquei minha

jaqueta por uma parca do celeiro. Sabe, eu não pensei... nem mesmo me lembrei de que

havia tirado o colar. Não teria saído sem ele. Juro que mesmo com raiva não teria feito

isso de propósito.

– Você tirou o que Connor lhe deu por amor, o que lhe deu para protegê-la do mal,

porque a ama. Você o magoou, Meara.

– Ah, Branna, por favor – gemeu ela enquanto Branna se levantava e ia para a janela

olhar para a escuridão. – Por favor, não me dê as costas.

Branna se virou, raiva brilhando em seus olhos.

– Isso é uma coisa fria e cruel a dizer.

Toda a cor tornou a desaparecer do rosto de Meara.

– Não. Não. Eu...

– Fria, cruel e egoísta. Você é minha amiga, minha irmã em tudo, menos sangue, desde

que consigo me lembrar. Como pode pensar que eu lhe daria as costas?

– Não. Eu não sei. Estou muito confusa, muito mexida por dentro.

– As lágrimas lhe farão bem. – Branna assentiu e disse, com voz enérgica: – Não as

derrama com frequência, e lhe farão bem agora. São uma espécie de purificação. Há

cinco pessoas nesta casa. Não, isso não é verdade porque Iona e Boyle saíram para

empacotar suas coisas.

– Empacotar minhas...

– Fique quieta. Ainda não terminei. Essas cinco pessoas te amam e nenhum de nós

merece que você pense que deixaríamos de amá-la porque você fez algo prejudicial.

– Sinto muito. Sinto muito.

– Eu sei que sente. Mas estou aqui, Meara, entre você e Connor, amando os dois. Ele

se culpou, entende, por não lhe dar uma proteção mais forte.

– Eu sei. – A voz dela falhou e tremeu a cada palavra. – Ele disse. Eu me lembro. Eu

contei para ele. Ele me deixou.

– Ele deixou o *quarto*, Meara, sua idiota. Ele é Connor O'Dwyer, o homem mais leal

e fiel que já existiu. Não é seu maldito pai ou alguém como ele.

– Eu não quis dizer... – Ela se lembrou, a força e da clareza da lembrança a deixando

sem fôlego.

– Calma. Fique calma. – Branna correu para ela, pegou suas mãos e se concentrou em

afastar o pânico. – Fique calma e respire devagar. Olhe em meus olhos, em meus olhos.

Há calma e ar.

– Eu me lembro.

– Primeiro se acalme. Nenhum mal entra aqui, e nenhuma escuridão. Nós acendemos

as velas, espalhamos as ervas e os cristais. Isto é um santuário. Aqui há paz.

– Eu me lembro – repetiu ela. – Ele estava lá – acrescentou calmamente.

– Acalme-se um pouco, e por mais que eu queria saber tudo, esperaremos até estarmos todos juntos. Assim você só terá de contar uma vez.

E Connor, pensou Branna, merecia ouvir aquilo tudo.

– O que ele fez comigo? Pode me dizer? Foi muito ruim?

– Primeiro tome o caldo.

Impaciente e já mais forte, Meara ergueu a tigela e o tomou de uma só vez. E fez Branna rir um pouco.

– Agora sim!

– Conte-me... Ah!

Aquilo foi como um choque elétrico, um bom e rápido orgasmo ou ser atingida por um raio. Uma injeção de energia que a surpreendeu.

– O que *é* isso?

– Algo que deveria tomar devagar, mas decidiu tomar rápido.

– Sinto que eu poderia correr até Dublin. Obrigada.

– Não há de quê. Vamos deixar isso para mais tarde. – Cautelosa, Branna deixou o chá fora de alcance.

– Eu poderia comer um boi e ainda ter espaço para um pudim. – Mas ela pegou a mão de Branna. – Sinto muito. De verdade.

– Eu sei. De verdade.

– Pode me contar o que Cabhan fez comigo? Ele me envenenou, como fez com

Connor?

– Não. Você estava aberta e indefesa e ele sabia disso. Usou suas sombras, e acho

que isso bloqueou tudo por algum tempo. Mas elas clarearam o suficiente, porque ele não

pode manter aquela caixa, como Connor a chamou, fechada por muito tempo. Todos nós

estávamos vindo. Ele também sabia disso, e então agiu rápido e com crueldade. O feitiço

que lançou a fez dormir como um tipo de Bela Adormecida, mas não é tão bonito como

um conto de fadas. É um como uma morte.

– Eu... Ele me matou.

– Não, isso não é assim tão simples. Ele tirou sua respiração; parou seu coração. É

uma espécie de paralisia que qualquer um que não conhecesse consideraria morte. Sem

intervenção, poderia durar dias ou semanas. Até mesmo anos. Depois você acordaria.

– Como o quê, um zumbi?

– Você acordaria, Meara, e ficaria louca. Arranharia e cavaria para escapar, se

pudesse, ou morreria arrancando os cabelos. Ou... Cabhan iria até você no momento que

escolhesse e a tornaria uma criatura dele.

– Então eu estaria morta – declarou Meara. – Tudo o que sou não existiria mais. Ele

não poderia ter feito isso comigo se eu estivesse usando a proteção que Connor me deu.

– Não. Poderia feri-la, tentar atraí-la para ele, mas não conseguiria lançar um feitiço

desses se estivesse protegida. – Ela parou por um momento. – Foi Connor que soprou a

vida de volta para você. Ele a alcançou primeiro. Ele trouxe você de volta, sua

respiração, seu coração. Então o resto de nós se juntou enquanto ele a despertava de seu

sono. Mesmo naqueles poucos minutos você estava profundamente adormecida. Só

conseguia soluçar e tremer. Ele a fez dormir de novo, a pôs em um sono de cura para

poder ficar calma enquanto trabalhávamos.

– As velas, as pedras e as ervas. As palavras. Eu ouvi vocês, você, Connor e Iona.

– Fin também, por um tempo.

Cinco pessoas que a amavam, pensou Meara, todas aflitas e com medo porque ela

tinha sido tola.

– Ele poderia ter nos subjugado porque fui infantil.

– Isso é verdade.

– Estou com vergonha e arrependida, Branna, e direi isso para todos. Mas se pudesse

falar com Connor primeiro...

– É claro que você deveria fazer isso.

– Você poderia me ajudar a me arrumar um pouco? – Ela conseguiu esboçar um

sorriso. – De certo modo eu morri, e provavelmente estou com a aparência cadavérica.

COMO CONTINUAVA A CHOVER, CONNOR SE SENTOU NA OFICINA DE Branna bebendo sua

segunda cerveja e olhando, pensativo, para a lareira.

Quando Fin entrou, ele o olhou de cara feia.

– É melhor você ir embora. Não vou ser uma boa companhia.

– É uma pena. – Fin se sentou em uma cadeira, segurando a própria cerveja. – Você

disse que ela havia acordado e estava melhor, mas não disse muito mais. Branna ainda

não desceu e Iona e Boyle acabaram de chegar com as malas dela. Eu gostaria de saber o

que você quis dizer com melhor.

– Acordada, consciente. Bebeu a poção e estava com uma cor boa quando a deixei.

– Então está bem.

Fin tomou um gole de cerveja, esperando pelo resto. Quando não veio, preparou-se

para arrancar mais dele, mas Boyle entrou.

Melhor ainda.

– Eu carreguei roupas, botas e, Deus sabe, o suficiente para um mês ou mais, e Iona

jurou que tudo era essencial. Depois fui dispensado, o que achei ótimo.

Como Fin, ele se sentou, segurando uma cerveja.

– Branna disse que ela estava bem, e tomando banho. Uma coisa horrível isso. E

assustadora. Uma coisa horrível. – Ele deu um longo gole. – Eu a mandei para lá. Ela

estava nervosa e mal-humorada e, quando enchi o saco, mandei ela ir para a Montanha de

Cocô. Devia tê-la mantido do lado de dentro, cuidando dos equipamentos. Não devia...

– Não foi culpa sua. – Connor se levantou e andou ao redor. – Não assuma nenhuma

culpa por isso, porque não teve. Ela tirou o colar. Eu lhe disse que a amava. E pensar que

achei graça no modo como ela saiu pisando forte, dizendo que tinha que ir direto para os

estábulos...

– Então foi por isso que eu perdi uma hora de sono esta manhã. E foi isso que a

mordeu, como um escorpião.

– Ela tirou o quê? – perguntou Fin.

– O colar, o de calcedônia azul, jaspe e jade que eu dei para proteção. Ela o tirou e

saiu sem ele porque eu disse que a amava.

– Ah, meu Deus! – Fin revirou os olhos para o céu. – Mulheres. Elas levam os

homens à loucura, vocês têm dúvida? E a pergunta deveria ser: por que as queremos por

perto quando elas nos infernizam o tempo todo?

– Fale por suas próprias mulheres – sugeriu Boyle. – Eu estou mais do que satisfeito

com a minha.

– Espere para ver – disse Fin, sombrio.

– Ah, droga. Ela estava de mau humor – acrescentou Boyle, observando Connor. –

Isso foi tolice e imprudência, mas... Bem, como alguém que também tem pavio curto digo

que é a coisa mais fácil do mundo fazer algo tolo e imprudente quando se está de mau

humor.

– Nós poderíamos tê-la perdido.

– Isso nunca mais vai acontecer – jurou Fin.

– Ela se foi por alguns momentos que poderiam muito bem ter sido anos para mim. –

Connor estremeceu ao pensar nisso, ao se conscientizar disso. – Você a viu, Boyle,

porque chegou segundos depois de mim.

– E naqueles segundos foi como se o sangue tivesse se esvaído do meu corpo. Eu

quis começar uma ressuscitação cardiopulmonar e você me atirou para trás com uma

sacudida da mão.

– Desculpe-me por isso.

– Não precisa se desculpar. Você sabia o que precisava ser feito e eu estava

atrapalhando. Soprou luz para dentro dela. Nunca vi nada igual.

Lembrando-se daquilo, Boyle respirou fundo.

– Você estava montado sobre ela no chão, evocando deuses e deusas, e juro que seus

olhos estavam quase negros. E o vento rodopiava, os outros vieram correndo e você

ergueu os braços como um homem se agarrando a uma tábua de salvação. E puxou luz da

chuva, para fora dela e dentro de si mesmo, e por isso ardeu como uma tocha. Então

soprou luz para dentro dela. Fez isso três vezes, ardendo cada vez mais até eu achar que

ia ser consumido pelo fogo.

– Isso tem de ser feito três vezes – disse Fin. – Com fogo e luz.

– E eu a vi respirar. A mão dela se moveu, apenas um pouco, na minha. – Boyle

tomou outro longo gole. – Meu Deus!

– Eu devo minha vida a todos vocês – disse Meara da porta. Ela estava com as mãos

juntas, os cabelos soltos e os olhos cheios de emoção. – Posso falar com Connor a sós

por um momento? Apenas alguns instantes, se vocês não se importarem.

– É claro que não nos importamos. – Boyle se levantou depressa, foi até ela e a

abraçou com força. – Você parece bem. – Ele se afastou e lhe deu um amigável tapinha

nas costas ao sair.

Fin se levantou mais devagar, observando as lágrimas nos olhos dela. Não disse

nada, mas a beijou de leve no rosto antes de sair.

Connor ficou onde estava.

– Branna deixou você se levantar e andar por aí?

– Sim. Connor...

– É melhor você contar o que aconteceu para todos ao mesmo tempo.

– Vou contar. Connor, por favor me perdoe. Você tem de me perdoar. Eu não

suportaria se não perdoasse, não suportaria saber que arruinei tudo. Eu estava errada, de

todas as formas, e farei tudo o que você precisar, quiser ou pedir para reparar isso.

Meara derramou lágrimas de tristeza e vergonha que quase formaram uma poça aos

pés de Connor. E ainda assim ele não conseguiu ir na direção dela.

– Então responda a uma pergunta, com sinceridade.

– Não vou mentir para você, qualquer que seja o custo da verdade. Nunca menti para

você.

– Você tirou o amuleto que eu lhe dei porque achou que eu poderia tê-lo usado para

prendê-la, mantê-la comigo, fazer você me amar?

O choque atravessou a tristeza e a fez cambalear para trás.

– Ah, não! Deus, não! Você nunca faria uma coisa dessas. Eu nunca acharia uma coisa

dessas de você. Nunca na minha vida, Connor.

– Certo. – Pelo menos isso estancava a maior parte do sangramento de seu coração

partido. – Fique calma de novo.

– Eu estava de mau humor – disse Meara. – De mau humor e... com medo. – Honesta,

seja honesta, Meara, ordenou a si mesma. – Mais do que tudo com medo, o que provocou

o mau humor, e tudo isso junto me deixou cega e surda em relação a qualquer tipo de

sentimento. Eu juro para você, *juro* que em momento algum quis sair sem o colar. Eu me

esqueci dele. Estava tão tensa e confusa que quando Boyle me mandou para fora troquei

de casaco e não me lembrei de que havia deixado a proteção no outro.

Meara teve de parar e apertar os olhos com os dedos.

– Veja. Entre aqui. – Ela pôs os dedos em sua testa. – Leia meus pensamentos, porque

descobrirá a verdade.

– Eu acredito em você. Sei quando ouço a verdade.

– Mas vai me perdoar?

Era tão difícil para ela pedir desculpas quanto era para ele aceitá-las? Connor

achou

que talvez fosse. E ainda assim eles precisavam esclarecer aquilo tudo antes das

respostas.

– Eu lhe dei algo que era importante para mim porque você era importante.

– E eu fui descuidada com isso e com você. Descuidada o suficiente para prejudicar

todos nós. – Ela deu um passo na direção de Connor. – Perdoe-me.

– Eu lhe dou amor, Meara, do tipo que nunca dei a ninguém. Mas você não o quer.

– Não sei o que fazer com ele, o que é uma coisa diferente. E tenho medo. – Ela pôs

as mãos em seu coração. – Tenho medo porque não consigo deter o que está acontecendo

comigo. Se você não me perdoar, se não conseguir, acho que algo dentro de mim morrerá

de tristeza.

– Eu a perdoo, é claro.

– Você é mais do que eu mereço.

– Ah, Meara. – Ele suspirou. – O amor não é um prêmio concedido por mérito ou

algo a ser tomado de volta quando um erro é cometido. É um presente, tanto para quem

dá quanto para quem recebe. No dia em que você o aceitar e segurar, perderá o medo.

Ele balançou a cabeça antes de Meara poder falar.

– Isso é o suficiente. Você está mais cansada do que pensa e ainda tem uma história

para contar. Deveria se sentar. E vamos ver o que Branna fez para comermos porque,

meu Deus, já se passou muito tempo desde o café da manhã.

Quando Connor foi na direção de Meara, ela lhe segurou a mão.

– Obrigada. Pela luz, pelo ar, pela minha vida. E obrigada, Connor, pelo presente.

– Bem, isso já é um começo – disse-lhe ele, e a conduziu de volta para a cozinha.

MEARA CONTOU A HISTÓRIA PAUSADAMENTE ENQUANTO COMIA ESPAGUETE com almôndegas

– um de seus pratos favoritos. Parecia não conseguir se fartar de comer e beber, embora

tivesse descoberto que uns poucos goles de vinho a deixaram tonta.

– É melhor você beber água esta noite – disse-lhe Branna.

– Acho que parte de mim sabia que aquilo não era real, mas as sensações, os cheiros

e sons pareciam ser. Os jardins, as fontes e os caminhos eram exatamente como eu me

lembrava. A casa, o terno que meu pai usava, o dia em que bateu com o dedo no nariz.

– Porque Cabhan baseou o feitiço em seus pensamentos e suas imagens. – Fin lhe

serviu mais água.

– O modo como ele me chamava de princesa. – Meara assentiu. – E como conseguia

de fato me fazer eu sentir uma quando prestava uma atenção especial em mim. Ele era...

Doía falar sobre isso, mas Meara prosseguiu:

– Sabem, ele era a diversão da nossa casa. Com sua grande risada e seu jeito de nos

dar um dinheiro extra ou um pouco de chocolate como se isso fosse um segredo

partilhado. Eu o adorava, e tudo aquilo veio de volta, aqueles sentimentos, enquanto nós

andávamos pelo jardim e um pássaro cantava na amoreira.

Ela teve de parar por um momento para se recompor.

– Eu o adorava – repetiu. – E ele nos deixou, me deixou, sem nunca olhar para trás.

Foi embora furtivamente como um ladrão, e depois ficou provado que era isso mesmo

que ele era, porque levou tudo de valor que pôde. Mas ali, nos jardins, tudo era como um

dia tinha sido. O sol brilhando, as flores e a sensação de felicidade. Então, muito

depressa, ele se voltou contra mim. Disse que tinha ido embora por minha causa, porque

eu era amiga de vocês. Eu o havia envergonhado porque me relacionava e conspirava,

foram as palavras que usou, com bruxos. E tinha sido amaldiçoada por isso.

– Um truque, usando de novo alguns dos seus pensamentos e os distorcendo –

explicou Branna.

– Meus pensamentos? Eu nunca pensei que ele tinha ido embora por causa da

minha

amizade com vocês.

– Mas pensou, mais de uma vez, que a culpa de ele ter ido embora era sua. Não

preciso entrar na sua mente para saber disso – acrescentou Connor.

– Eu sei que isso não é verdade. Quero dizer, sei que ele não foi embora por minha

causa.

– E ainda assim isso a faz duvidar de si mesma. – Iona lhe lançou um olhar de

compreensão. – Faz você se perguntar, quando está se sentindo deprimida, o que há em

você que as pessoas não conseguem amar. Eu sei como é isso e como é difícil aceitar que

alguém que deveria nos amar não nos ama. Ou não nos ama o suficiente. Mas a culpa não

foi minha e nem sua. Foi deles, da falha deles.

– Eu sei, mas você tem razão. Às vezes... A rosa que ele me deu começou a sangrar e

ele disse que eu era uma prostituta por me deitar com um bruxo. Mas eu não tinha me

deitado antes de o meu pai nos deixar. E meu pai era covarde demais para dizer uma

coisa dessas na cara de alguém.

Ela parou e olhou para seu prato e continuou a falar:

– Ele era muito fraco. É difícil admitir que você amou alguém tão fraco.

– Nós não podemos escolher nossos pais mais do que eles podem nos escolher –

disse Boyle. – Só podemos ir em frente o melhor que pudermos.

– E o amor... – Connor fez uma pausa até Meara olhar para ele – nunca é algo de que

devemos nos envergonhar.

– O que eu amava era uma ilusão tanto quanto a ilusão que tive hoje. Mas eu acreditei

nas duas, por algum tempo. E hoje, senti algo mudar quando ele me disse aquelas coisas,

aquelas coisas ruins, porque apesar de todos os seus defeitos meu pai nunca as teria dito.

Ouvi a chuva de novo, e ouvi Roibeard, e soube que era uma mentira. Eu estava com a

pá. Não estava enquanto andava com ele, mas estava com ela de novo. Eu a brandi, tentei

bater na cabeça dele, mas ele foi rápido. Eu a brandi de novo. Então o mundo começou a

girar. E você, Connor, veio como um demônio cavalgando Alastar, Boyle veio correndo

dos estábulos e Kathel e... Cabhan sorriu para mim, e ele não se parecia nem um pouco

com meu pai.

Agora Meara via isso com clareza, aquele rosto cruelmente bonito sorrindo.

– E enquanto ele sorria e desaparecia rodopiando na névoa tive a sensação de que

algo muito frio e afiado tinha sido cravado em meu coração.

– Raio negro – disse Boyle. – Foi o que achei que era quando vi o brilho saindo da

pedra que ele usava.

– Eu não vi. – Meara ergueu seu copo de água e o esvaziou de novo. – Tentei andar,

mas era como nadar na lama. Eu estava nauseada e tonta e não consegui sentir a chuva

quando as sombras se fecharam, tão densas. Não conseguia sair delas, não conseguia me

mexer, não conseguia gritar. E havia vozes nas sombras. Do meu pai, de Cabhan.

Ameaças, promessas. Eu... Ele disse que me daria poder. Se eu tirasse a vida de Connor

me daria a imortalidade.

Ela estendeu a mão para Connor e se sentiu confortada quando ele a segurou.

– Eu não conseguia sair e tudo ficou cada vez mais escuro. Não conseguia falar ou me

mexer, como se estivesse amarrada, e sentia muito frio. Depois você estava lá, Connor,

falando comigo, e havia luz. Você era a luz. Você me disse para pegar a sua mão. Eu não

sabia como, mas você me disse para pegá-la.

– E você a pegou.

– Eu achei que não conseguiria, sentia muita dor. Mas você ficou me dizendo que eu

conseguiria. Ficou me dizendo para pegar a sua mão e ir com você.

Ela entrelaçou seus dedos nos dele e os apertou.

– Quando fiz isso, foi como ser puxada de um fosso enquanto algo tentava me arrastar

para baixo. Consegui sair e a luz era ofuscante. Então senti a chuva de novo. Tudo doía

ao mesmo tempo. Meu corpo, meu coração, minha cabeça. As sombras eram horríveis,

mas desejei voltar para onde não sentia dor.

– Parte disso foi choque – disse Branna. – E o que ele usou para pegá-la. Depois o

puxão abrupto para trazê-la de volta. Foi por isso que Connor a pôs para dormir.

– Eu devo minha vida a todos vocês.

– Nós somos um círculo – começou Boyle. – Você não nos deve nada.

– Não, eu devo. Devo por vocês terem vindo para mim, e sim, todos nós faríamos

isso uns pelos outros. E lhes devo desculpas por ter sido tão tola a ponto de dar a ele a

chance de me levar. Fazer isso pôs todos em risco.

– Isso já acabou. – Boyle estendeu o braço e lhe cutucou o ombro.

– Sim – concordou Branna. – Agora você vai tomar um pouco de chá e ficar quieta na

cama.

– Já dormi o suficiente.

– Nem de longe o suficiente, mas pode tomar seu chá perto da lareira até estar pronta

para subir.

– Vou carregá-la.

Meara franziu a testa.

– Eu sei andar.

– Você não está procurando briga depois de um pedido de desculpas tão bonito, não

é? – Ele resolveu a questão circundando a mesa e erguendo-a direto da cadeira. – Você é

uma mulher forte, Meara Quinn.

– Ah, agora eu sou?

Fin sorriu para Connor por cima do seu ombro e a carregou para o sofá. Atiçou um

pouco o fogo com um estalar de dedos. Depois a pousou e puxou a bonita manta para

cima dela enquanto Meara o olhava irritada.

– Odeio que cuidem de mim.

– Eu também. É por esse motivo que estou cuidando de você. Você merece um

castigo.

– Então vá em frente, faça eu me sentir mais culpada do que já me sinto.

– Isso não é necessário. – Ele se sentou perto de Meara e a estudou brevemente. E

tirou a calcedônia azul de seu bolso. – Achei que você poderia querer isto.

– Ah, como você...

– Dei um pulo nos estábulos para pegar sua jaqueta e tirar isto do bolso. Você o quer

ou não?

– Quero, muito.

Ele mesmo o pôs ao redor do pescoço de Meara.

– Cuide melhor disto, e se proteja de Cabhan.

– Com certeza. – Ela o olhou nos olhos. – Eu juro. Obrigada. Obrigada, Fin.

– Não há de quê. Vou ver se temos bolo para acompanhar esse chá.

Ele começou a se afastar, e olhou para trás. Ela estava com as pedras na palma de sua

mão, acariciando-as gentilmente com um dedo.

Amor pensou, Fin. O amor podia tornar você um tolo ou um herói. Ou as duas coisas

ao mesmo tempo.



18

MEARA ACORDOU NA CAMA DE CONNOR. SOZINHA. TRÊS VELAS brancas brilhavam em

cúpulas de vidro transparente sobre a cômoda. Alguma coisa mágica, supôs, como cheiro

de lavanda, cujos ramos estavam debaixo do travesseiro com mais cristais,

provavelmente para promover a saúde e um sono repousante.

A última coisa de que se lembrava era de estar deitada no sofá lá embaixo,

coberta

por Fin, esperando os outros irem tomar seus chás.

Perguntou-se se foram.

Aborrecia-a saber que fora mais uma vez carregada como uma criança doente. E

ainda mais ver-se sozinha na cama.

Quando se levantou, descobriu que suas pernas estavam um pouco bambas, o que foi

um terceiro aborrecimento. Tinha se sentido tão forte depois de tomar o caldo que achou

deprimente perceber que não estava de todo recuperada.

Alguém lhe vestira sua camisola e isso também era terrível.

Ela andou um pouco cambaleante até o banheiro e se olhou no espelho em cima da

pia. Era verdade que já tivera aparências melhores, mas também tivera piores.

Franziu a testa ao ver sua escova de dentes, os cremes que usava e outros cosméticos

cuidadosamente arrumados em um cesto sobre a estreita bancada.

Eles haviam feito sua mudança enquanto ela dormia, não era? Empacotaram suas

coisas e a instalaram lá sem sua permissão.

Então se lembrou do motivo, e suspirou.

Ela merecia e não tinha do que reclamar. Pusera a si mesma e aos outros em risco,

causando horas de preocupação. Não, não questionaria a decisão; não reclamaria.

Mas com certeza procuraria Connor.

Abriu a porta que dava para o quarto de Iona. Se Boyle e Iona tivessem ido para a

casa de Boyle, como faziam na maioria das noites, Connor estaria no quarto. Embora

devesse estar no dele, com ela.

Chovia, e sem nenhuma luz da lua Meara esperou seus olhos se acostumarem com a

escuridão antes de entrar na ponta dos pés. Ouviu uma respiração, e se aproximou.

Pretendia apenas se deitar ao lado de Connor, e saber o que ele tinha a dizer.

Quando se inclinou sobre a cama para olhar mais de perto, viu claramente Iona

enroscada em Boyle e com a cabeça no ombro dele.

Uma imagem bonita, pensou – e íntima. Mas antes de poder recuar, Iona sussurrou:

– Está se sentindo mal?

– Ah, não, não. Desculpe-me – sussurrou Meara. – Desculpe-me. Eu acordei e vim

procurar Connor. Não queria acordá-la.

– Tudo bem. Ele está no sofá lá embaixo. Você precisa de alguma coisa? Posso lhe

fazer um chá para ajudá-la a dormir de novo.

– Eu me sinto como se tivesse dormido durante uma semana.

– E alguns de nós não conseguem dormir nem uma maldita noite – resmungou Boyle.

– Vá embora, Meara.

– Estou indo. Desculpe-me.

Meara saiu pela porta do corredor e ouviu o resmungo de Boyle e o murmúrio da risada de Iona antes de fechar a porta.

Bom para eles, pensou, enroscados e quentes, e ela ali se esgueirando no meio da noite para encontrar seu homem.

Estava na meio da escada quando aquilo lhe ocorreu.

Seu homem? Quando havia começado a pensar em Connor como “seu homem”?

Estava confusa, só isso, por causa da magia negra e branca. Não estava de modo algum pensando daquela maneira, não com clareza, e provavelmente deveria voltar para a cama.

Dormir até aquilo tudo passar.

Mas o pior era que queria Connor. Queria repousar a cabeça no ombro dele, como Iona em Boyle.

Continuou a descer.

Connor estava enrolado na manta, com os pés sobre um dos braços do sofá pequeno demais para ele e o rosto meio esmagado contra o travesseiro no outro.

O único modo de um homem ficar com um mínimo de conforto naquelas circunstâncias era bebendo até desmaiar. Ela balançou a cabeça, pôs as mãos nos

quadris

e se perguntou como ainda assim ele parecia tão bonito.

Eles haviam posto bastante lenha na lareira para o fogo arder devagar, com pedaços

de carvão vermelhos como corações pulsantes. A luz tremulava sobre Connor,

acrescentando algo de demoníaco à sua beleza.

Apesar disso, tinha algumas palavras para lhe dizer, e ele estava prestes a ouvi-las.

Começou a ir para a frente, seus olhos no rosto dele, e tropeçou nas botas que Connor

atirara para o lado.

Caiu pesadamente sobre ele, batendo com a barriga no cotovelo de Connor.

Ele reagiu com um abafado:

– Que merda é essa? – Então se ergueu e agarrou os ombros dela como se pronto para

lhe dar um bom empurrão. Depois disse: – Meara? – E lhe afastou os cabelos do rosto.

– Tropecei nas suas botas gigantescas e caí sobre seu cotovelo ossudo.

– Você podia ter me causado um colapso pulmonar. Aqui. – Ele a mudou de posição e

conseguiu se sentar com ela meio esparramada em seu colo.

Isso estava longe de como Meara havia pretendido que as coisas fossem.

– Está se sentindo mal?

Quando Connor pôs a mão na testa dela como se para ver se estava com febre,

Meara

a afastou.

– Por que todos acham que eu estou me sentindo mal? Não estou. Eu acordei, só isso.

Acordei porque dormi durante a maior parte do dia e a metade da noite.

– Você precisava dormir – disse Connor, sensato. – Quer um pouco de chá?

– Se eu quiser posso fazer a porcaria do meu chá.

– Sem dúvida você está com seu humor instável.

Lágrimas quiseram surgir em meio à irritação, e ela não suportaria isso.

– Você disse que havia me perdoado.

– Sim. E a perdoei. Você está fria.

Meara se irritou de novo quando ele começou a cobri-la com a manta.

– Pare. Pare de se preocupar comigo. – Aquelas lágrimas insistentes continuavam a

querer surgir, chocando-a, envergonhando-a e impressionando-a. – Apenas pare.

Ela tentou se afastar, se levantar e sair, mas Connor pôs os braços ao seu redor e a

segurou com força.

– Acalme-se, Meara Quinn. Fique quieta por um instante. Fique quieta por um

instante.

O esforço de tentar se afastar a exauriu, deixou-a ofegante e ainda mais perto das

lágrimas.

– Tudo bem, eu estou calma.

– Ainda não, mas logo ficará. Respire fundo uma ou duas vezes. – Ele a virou

gentilmente, olhou para a lareira e aumentou as chamas.

– Não me trate de forma condescendente, Connor. Isso me dá vontade de chorar.

– Então chore. Isso tudo é uma reação, Meara, tudo natural e por causa do que foi

feito com você, e do que precisou ser feito depois para neutralizá-lo.

– Quando vai parar?

– Está melhor agora, não é? E estará melhor ainda de manhã, com mais calma e

repouso. Tenha um pouco de paciência.

– Eu odeio paciência.

Connor riu e roçou os lábios nos cabelos dela.

– Eu sei disso, mas você a tem. Eu mesmo vi.

Mas ela tinha de cavar fundo para encontrá-la, pensou Meara. Connor a tinha, como a

cor de seus olhos e o timbre de sua voz.

– Eu não odeio sua paciência – murmurou Meara.

– É bom saber, porque seria difícil eu me livrar dela para agradá-la. Agora me diga,

algo a despertou ou você acordou naturalmente?

– Eu apenas acordei e você não estava lá. – Ela ouviu a petulância em sua voz. Só

podia esperar que também fosse parte da reação, caso contrário não demoraria

muito

para se odiar. – Se você me perdoou, por que está dormindo aqui com os pés para fora

do sofá?

– Você precisava de silêncio e repouso, só isso. – Como achava que ela tinha se

acalmado, Connor mudou os dois de posição de modo a ficarem aconchegados no canto

do sofá, olhando para a lareira. – Você adormeceu antes de trazermos o chá. Não se

mexeu quando eu a carreguei para cima e Branna vestiu a camisola em você. Querida, o

sono é reparador e sua mente, seu corpo e até mesmo seu espírito pediram o necessário.

– Eu pensei que você não queria ficar comigo, e vim aqui embaixo para brigar por

causa disso.

– Então fico feliz por ter tropeçado em minhas botas, porque isso é melhor do que

uma briga.

– Desculpe-me.

– Não precisa ficar se desculpando. – Ele passou um dedo pelas pedras ao redor do

pescoço de Meara.

– Fin foi até os estábulos e trouxe para mim.

– Eu sei.

– Nunca mais vou tirá-lo.

– Eu sei.

Confiança, paciência, perdão. Não, ela não o merecia, pensou, e apertou o rosto

contra o pescoço de Connor.

– Eu o magoei.

– Sim, magoou.

– Como você ama tão facilmente, Connor? Tão incondicional e facilmente? Não me

refiro a como sempre foi conosco, ou a como é com Branna.

– Bem, isso também é novo para mim, então não sei ao certo. Posso dizer que foi

como segurar algo que você teve durante muito tempo e é apenas outra parte de você.

Depois incliná-lo um pouco. Sabe quando você segura um pedaço de vidro e depois o

inclina apenas um pouco para captar a luz do sol e vê-lo brilhar? Você pode produzir

fogo assim, apenas inclinando o vidro. Algo desse tipo, e o que já havia ali se inclinou e

captou toda a luz.

– Poderia se inclinar para outro lado e perder o brilho de novo.

– Por quê, se a luz é tão linda? Está vendo o fogo ali?

– Sim, é claro.

– Tudo de que precisa é de um pouco de cuidado, ser atiçado, mais combustível, para

arder dia e noite e noite e dia fornecendo luz e calor.

– Você poderia se esquecer de atiçá-lo ou ficar sem combustível.

Rindo, ele esfregou o nariz no pescoço dela.

– Então você teria sido negligente e azar o seu. O que quero dizer é que o amor

precisa ser cuidado. Dá um pouco de trabalho manter a luz e o calor, mas por que você ia

querer o frio e a escuridão?

– Ninguém ia querer, mas é fácil se esquecer de cuidar das coisas.

– Acho que se ambos cuidarem e em alguns momentos um cuidar mais, quando o

outro se esquecer um pouco, poderia voltar a ser como era.

Tudo era uma questão de equilíbrio, pensou Connor, e um pouco de cuidado e

esforço.

– O que é fácil nem sempre é o certo, e pode ser preciso um lembrete disso de vez

em quando. Além do mais, Meara, nunca a vi buscar o que é fácil. Você nunca teve medo

de trabalho.

– De trabalho físico de erguer, carregar ou limpar, não. Mas o trabalho emocional é

diferente.

– Também nunca a vi se esquivar nessa área. Você não acredita em si mesma o

suficiente. Amizades também exigem cuidados, não é? Como conseguiu manter uma

amizade tão boa e forte não só comigo, mas também com Branna, Boyle, Fin e agora

Iona? E há a família – disse ele antes de Meara poder falar. – E as famílias exigem

cuidados consideráveis. Você fez mais pela sua do que muitos fariam.

– Sim, mas...

– E não importa se reclamou – disse Connor, antecipando-se a ela. – No final o que

importa são os atos.

Ele a beijou entre os olhos.

– Acredite em si mesma.

– Essa é a parte difícil.

– Bem, então pratique. Você não aprendeu a cavalgar ficando parada, se perguntando

se poderia cair.

– Eu nunca em minha vida caí de um cavalo.

– Está vendo? Você entendeu o que eu quis dizer.

Foi a vez de Meara de sorrir.

– Não é você o mais inteligente?

– Isso a torna sortuda por ter um homem tão inteligente apaixonado por você. Com

paciência suficiente para deixá-la praticar até aprender.

– Meu coração treme quando você diz isso – admitiu Meara. – Sinto tanto medo

quando você me diz isso que meu coração treme.

– Então me diga quando ele parar de tremer e em vez disso se enterneça. Agora tente

dormir de novo.

– Aqui?

– Aqui onde estamos. Estamos juntinhos, não é? E o fogo está bom. Você vê as

histórias no fogo?

– Eu vejo o fogo.

– Há histórias nas brasas, nas chamas. Vou lhe contar uma.

Ele falou de um castelo em uma colina e um bravo cavaleiro com um cavalo branco.

De uma rainha guerreira habilidosa com arco, flecha e espada que andava pelo céu

montada em um dragão dourado.

Tudo tão fantástico e bonito que ela quase viu o que Connor descrevia com palavras,

pensou Meara.

E adormeceu de novo com um sorriso no rosto e a cabeça apoiada no ombro de

Connor.

DEMOROU TRÊS DIAS PARA MEARA PODER FICAR MAIS TEMPO ACORDADA E em pé do que

dormindo e deitada. Passou o primeiro dia na cama, no sofá ou realizando pequenas

tarefas que Branna lhe destinou. No segundo, sentiu-se capaz de voltar aos

estábulos

durante parte do dia e ajudar a escovar e alimentar os animais.

E se desculpar com seus colegas de trabalho.

No terceiro, voltou a ser ela mesma.

Isso foi tão bom que Meara cantou enquanto removia esterco.

– Olhe para você, competindo de igual para igual com Adele.

– Ela tem uma voz maravilhosa. – Meara parou e retribuiu o sorriso de Iona, que

estava apoiada na porta aberta da baia. – Eu realmente nunca havia entendido o

significado de as pessoas dizerem que enfim você recuperou a saúde. Nunca fiquei

doente nem um dia na minha vida. Uma constituição física forte e uma amiga bruxa com

poderes de cura excepcionais garantiram isso. Agora que estive debilitada estou

aprendendo a dar graças por estar em pé de novo.

– Você parece ótima.

– E me sinto ainda melhor.

Meara empurrou o carrinho de mão para fora da baia e Iona entrou para varrer. Tendo

trocado de posições, Meara olhou para a direita e esquerda para se certificar de que

estavam sozinhas.

– Como eu estou melhor, pode me contar quão ruim foi?

– Você não se lembra? Nós lhe contamos todos os detalhes.

– Eu me lembro. O que estou querendo saber é quão ruim foi. Ele chegou muito perto

de me destruir? Não achei certo perguntar isso para Branna ou Connor antes –

acrescentou quando Iona hesitou. – Mas agora estou em pé, e perguntando para você.

Saber tudo é o resto da cura de que preciso.

– Foi péssimo. Eu nunca tinha lidado com nada assim. Bem, acho que os outros

também não, mas eles sabiam mais sobre isso. Pelo que Branna me disse, os primeiros

momentos foram críticos. Quanto mais fundo você tivesse ido, mais difícil seria trazê-la

de volta e mais provável... que pudesse haver algum tipo de dano cerebral.

– Loucura.

– Acho que sim. E uma perda de memória, uma psicose. Branna disse que Connor

alcançá-la tão rápido fez toda a diferença.

– Então ele salvou minha vida, e também minha sanidade.

– Sim. Depois disso, as duas horas seguintes foram críticas. Branna sabia exatamente

o que fazer, ou blefou muito bem enquanto gritava ordens para Connor e para mim. Eu

não percebi como estava assustada até terminarmos; era tudo apenas agir, e agir agora.

Então Fin veio e ajudou. E Boyle. Ele se sentou e segurou sua mão durante todo o ritual.

Isso demorou mais de uma hora e você estava muito pálida e imóvel. Então sua cor

começou a voltar, não muito, mas um pouco.

– Estou fazendo você chorar. Não quero que chore.

– Não, está tudo bem. – Iona enxugou as lágrimas e, juntas, elas cortaram o fio do

novo fardo. – Sua cor voltou e Boyle disse que sentiu seus dedos se moverem nos dele. E

foi então que percebi como eu estava assustada, quando o pior, segundo Branna, havia

passado.

– Ele me derrubou feio – disse Meara enquanto soltava a palha com um forcado. –

Isso é um ponto para ele.

– Mas nós a trouxemos de volta e aqui está você colocando palha nova na baia de

Batata. Isso é um ponto maior para você.

O raio de esperança, pensou Meara. Iona sempre conseguia encontrá-lo. E talvez

estivesse na hora de ela mesma começar a procurar um.

– Eu pretendo manter essa vantagem. Vou dedicar um tempo à esgrima. Preciso de

treino.

Precisava de treino em muitas coisas, pensou Meara enquanto elas iam para o

próximo estábulo.

CONNOR TAMBÉM FAZIA UM POUCO DE TRABALHO DE LIMPEZA, MAS O QUE considerava o do

fim do dia. Aves deviam ser alimentadas e, como os cavalos, ter suas áreas regularmente

livres de fezes. Segundo sua agenda, estava na hora de a banheira dos falcões ser limpa e

desinfetada.

Ele queria trabalhar. Nos últimos dias havia precisado dessa rotina física e

automática, enquanto Meara se recuperava. Foi preciso esforço para permanecer calmo,

para o bem dela, e se mostrar um pouco alegre para mantê-la animada quando ela estava

enfraquecida, cansada e tão diferente de si mesma.

Para algumas mulheres você leva flores ou chocolate. Para Meara – não que flores e

doces fossem inadequados – funcionam melhor pequenas fofocas locais e histórias do

trabalho e das pessoas que tinham ido à escola ou aos estábulos.

Connor havia feito o possível para satisfazê-la, pôr os pés para cima, beber uma

cerveja e alegrá-la com histórias – algumas embelezadas e outras totalmente inventadas.

E o que queria era caçar Cabhan, desafiar o canalha a aparecer. Produzir um vento

tão feroz que lhe quebraria os ossos e congelaria o sangue.

A sede de vingança era tão forte que constantemente o queimava.

Ele sabia que não deveria ser assim. Por Deus, ele sabia, pensou esfregando a

banheira enquanto as aves ficavam empoleiradas observando-o. Mas saber e sentir eram

coisas totalmente diferentes. Só podia esperar que o trabalho lhe aplacasse a sede.

Então a viu vindo pelo largo pátio de cascalho, deixou tudo e saiu ao encontro dela.

– O que você está fazendo andando por aí sozinha? – perguntou-lhe.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, mas, como sei o que vai responder, não a

farei e evitarei tudo isso. Iona e Boyle me deixaram aqui antes de irem para Cong tomar

uma cerveja e comer, portanto não vim sozinha, como não estou agora.

Ela olhou ao redor.

– Você está atrasado com o trabalho, não é, Connor? Onde estão todos os outros?

– Terminamos a última caminhada para observação de falcões e mandei a maioria

para casa. Brian precisava estudar para a aula on-line que está tendo e Kyra tinha um

encontro. Quanto aos outros, achei que poderiam gostar de sair uma hora mais cedo.

– E você queria um pouco de tempo a sós com seus amigos – acrescentou Meara,

apontando com a cabeça para os falcões.

– Isso também. Tenho de terminar isto aqui, já que comecei tudo.

– Vou voltar com você, se concordar. Assim você me dará uma carona até o

chalé.

Ele a acompanhou. As aves se agitaram um pouco com a visita e a olharam

longamente.

– Eu não tive muito tempo para vir aqui nos últimos meses – comentou ela. – Os

filhotes não me conhecem, pelo menos não muito bem.

– Vão conhecer. – Ele foi terminar a limpeza. – Então, como foi o seu dia?

– Normal. Guiei duas cavalgadas. – Ela inclinou a cabeça ao ver o olhar penetrante

de Connor e mostrou as pedras que usava sob seu cachecol. – E Iona insistiu em que eu

levasse Alastar, *e* entrelaçou novos amuletos na crina dele. Não vi nada além da floresta

e da trilha. Não vou ser descuidada, Connor. Pelo meu próprio bem, sim, mas também

porque nunca mais quero fazer você ou os outros passarem pelo que passaram.

Ela parou por um momento.

– Preciso do trabalho e dos cavalos tanto quanto você precisa do trabalho e dos

falcões.

– Tem razão. Espero que ele a tenha sentido. Espero que tenha sentido o quanto você

está forte e apta.

Connor começou a encher a banheira e ficou ouvindo a água correr.

– Você acha que eu não sei que está com raiva – disse Meara em voz baixa. – Mas eu

sei. Também estou. Eu sempre quis acabar com Cabhan, porque isso é necessário, por

causa de você, Branna e Fin. Mas agora não quero apenas acabar com ele. Quero fazê-lo

sentir dor e angústia primeiro, *saber* que está sofrendo. Não digo isso para Branna

porque sei que ela não aprovaria. Para Branna isso é questão de certo e errado, luz e

escuridão, direito de nascença e sangue. E sei que é assim que deveria ser, mas quero

que ele sofra.

De sua posição agachada, Connor ergueu os olhos para ela.

– Eu daria isso para você, e mais. Eu lhe daria a agonia dele.

– Mas não pode. – Ela ficou de cócoras e tocou de leve no braço de Connor. –

Porque Branna está certa e isso o mudaria. Buscar apenas vingança? Querer causar dor e

sofrimento para fazê-lo pagar pelo que me fez? Isso o mudaria, Connor. Acho que não me

mudaria, mas esse é o meu defeito.

– Não é nenhum defeito.

– Eu sou assim, então todos nós teremos de conviver com isso. Mas você é a luz, e há

um motivo para ser. Acabar com ele, e deve ser feito. Mas da maneira certa. Se houver

dor, será porque tinha de ser, não porque você a desejou.

– Você tem pensado sobre isso.

Ele mediu os aditivos como sempre fazia e agitou a superfície da água com as mãos,

acrescentando aquela luz de que ela falava para a saúde e o bem-estar de suas aves.

– Deus, sim, e muito. E pensando muito passei a entender que precisava lhe dizer que

eu me sentia como você, mas não é isso que quero de você ou de mim mesma. Quero o

que somos, nós seis. Quero ser a luz. E quando acabarmos com ele, quando isso estiver

feito, quero que saibamos que agimos bem. Não quero nenhuma sombra sobre nós,

nenhuma sombra sobre você. Isso é vingança suficiente para mim.

– Eu te amo, Meara. E fico feliz por você ter entendido, esclarecido e me dito isso.

Eu estava dividido, de um modo que nunca estive.

– Não fique. Saiba que o que eu disse foi de coração. Quero que nós dois façamos a

coisa certa.

– Então faremos.

Ela assentiu, satisfeita e aliviada.

– E está na hora de conversarmos de novo. Sei que vocês todos me pouparam disso

nos últimos dias.

– Você não estava pronta.

– Estou mais do que pronta agora. – Ela se ergueu e flexionou os bíceps para fazê-lo

sorrir. – Então conversaremos de novo, nós seis.

– Esta noite?

– Esta noite, amanhã à noite, se preciso for. Vamos ver o que os outros dizem.

– Então vou terminar aqui. – Connor olhou para ela e sorriu.

Para algumas mulheres eram flores ou chocolate, pensou.

Para Meara?

– Estenda os braços.

– O quê? Por que eu deveria estender?

– Porque eu estou lhe pedindo. Estenda os braços.

Ela revirou os olhos, mas fez o que Connor pediu. Ele estendeu as mãos na direção

das aves, dos filhotes, e lhes enviou seus pensamentos.

Ao movimento de suas mãos, os jovens falcões se ergueram em um bater suave de

asas e voaram ao redor de Meara, fazendo-a rir.

– Fique quieta e não seu preocupe com sua jaqueta ou sua pele. Eu levei isso em

consideração.

– O que... Ah!

Eles pousaram leve e graciosamente nos braços estendidos de Meara.

– Nós os treinamos bem, embora isso não faça parte das aulas. Ainda assim eles não

parecem se importar. E a conhecerão, Meara, agora conhecerão.

– Eles são lindos. Muito lindos. Quando olho nos olhos deles penso que sabem mais

do que nós. Muito mais.

Ela riu, e ao som de sua risada a terrível sede que atormentava Connor havia dias

enfim passou.



19

ELES TOMARAM CHÁ, OS QUE QUISERAM COM UÍSQUE, NA SALA DE ESTAR do chalé. Branna

pôs biscoitos de gengibre em uma travessa e considerou suas tarefas domésticas

terminadas.

– Por onde começamos? – perguntou. – Ainda estamos de acordo sobre o Samhain?

– Isso nos dá duas semanas – salientou Boyle –, e pelo que vejo estamos precisando

de tempo. Mas...

– Mas. – Fin optou por uísque e se serviu de exatamente dois dedos. – Mas Cabhan

vai vir com tudo. Não estamos prontos para ele, e isso está claro.

– A culpa foi minha.

– A questão não é culpa, Meara – interrompeu-a Fin. – Ele espreita e serpenteia

quando bem entende e poderia se aproximar de qualquer um de nós em um momento de

vulnerabilidade. Fez isso com Iona e com você. Seguindo esse padrão, se não acabarmos

com isso, da próxima vez será com Branna.

– Que venha. – Branna tomou calmamente um gole de chá.

– Você é segura demais – retrucou Fin. – Arrogância não é poder ou uma arma.

– Você nunca teve nenhum problema em se encher dela.

– Parem. – Connor estendeu as pernas e balançou a cabeça. – Vocês dois. Deixem

para trocar farpas quando tivermos tempo para isso. Ele pode muito bem se aproximar de

Meara outra vez, mas ela não vai bobear de novo.

– Eu juro.

– E é provável que ele também tente se aproximar de Boyle, Fin ou de mim se tiver

uma oportunidade.

Arriscando-se a ser acusado de arrogante, Connor deu de ombros.

– E embora eu ache que Fin está certo, se ele se cansar de ir atrás de Meara, voltará

suas atenções para Branna, sabendo que isso não contribuirá para o que fizermos, quando

o fizermos e como o mandaremos para o inferno de uma vez por todas.

– Ele tem razão. Nos protegermos, essa é a defesa, e é essencial – acrescentou Iona.

– Mas é nosso ataque que precisa ser aperfeiçoado.

– Ela tem assistido a lutas comigo. – Boyle deu um rápido sorriso. – Nós chegamos

perto de acabar com ele da última vez em que o atacamos e o fizemos fugir sangrando e

uivando. Mas isso não foi o bastante. O que será?

– A poção está mais forte do que era, e isso a torna um risco. Um que teremos de

correr. – Fin olhou de relance para Branna, que assentiu.

– Pensamos em pegá-lo de surpresa no solstício, e foi ele quem nos pegou – salientou

Connor. – Mesmo então, como Boyle disse, chegamos perto de acabar com ele. Se o

atacarmos na cabana de Sorcha, ele terá a vantagem de viajar no tempo e não poderíamos

saber para qual época nos levaria ou se conseguiria, como já fez, nos separar para

acabarmos dispersos, usando poder para nos unirmos de novo.

– Se não lá, onde? – perguntou Meara.

– Aquele é um lugar de poder, para nós e para ele. Acho que deve ser lá. Mas você

tem razão, Connor – acrescentou Branna. – Não podemos ser separados. Estou pensando

nos três como uma unidade, e Fin, Boyle e Meara como outra, juntas de um modo que não

pode ser alterado. Isso nós podemos fazer, e *faremos* desta vez.

– Poderíamos impedi-lo de alterar a época? – perguntou Iona.

– Acho que sim, se soubéssemos como ele faz isso. Mas para anular um feitiço

desses, precisaríamos de seus elementos, caso contrário trabalharíamos às cegas – disse

Branna frustrada.

– Mudaremos primeiro. – Connor se inclinou para a frente e pegou um biscoito. –

Você não é a única capaz de estudar, ponderar e tramar. – Ele apontou com seu biscoito

para Branna e depois o mordeu. – Mas é a única capaz de fazer biscoitos de gengibre

maravilhosos. Tomaremos a ofensiva e mudaremos desde o início.

– E como, gênio, se descobríssemos como fazer isso, o que daria considerável

trabalho, o atrairíamos para onde estamos?

– Nós já sabemos como – lembrou ele à irmã. – Iona mesmo fez isso quando ela

ainda estava engatinhando na magia.

– Eu fiz? – Depois de uma piscadela, Iona ergueu o punho cerrado no ar. – Sou de

mais!

– Eu também fiz – acrescentou Connor –, sozinho e com Meara, e encontrei nossos

primos de muito tempo atrás.

– Viagem no sonho? – Branna pousou sua xícara. – Ah, Connor, isso é uma

temeridade.

– São tempos temerários, e teríamos de ser muito espertos.

– Isso é brilhante – disse Fin, e ganhou um sorriso de Connor e um olhar feio de

Branna.

– Ele está falando em lançar uma rede de sonho sobre nós seis ao mesmo tempo.

– Eu sei. E isso é brilhante. Cabhan teria de estar no mesmo plano para vir até nós,

não é? E seria no tempo e lugar de nossa escolha.

– Cabhan não poderia virar isso contra nós – salientou Connor –, porque não saberia

os elementos do feitiço que lançamos mais do que sabemos os elementos do dele. Ele é

que teria de vir até nós e perderia o poder de mudar nosso solo.

– Dê-me um momento. – Boyle ergueu a mão e depois a usou para coçar a cabeça. –

Está dizendo que vamos enfrentar Cabhan em nosso sono?

– Um feitiço do sonho é diferente de sono natural. Não é como se você estivesse

deitado roncando. Você mesmo já experimentou um pouco disso – lembrou-o Connor. –

Levado com Iona no sonho dela. E não deu um bom soco na cara do canalha durante o

sonho?

– Dei, e acordei com o sangue dele nos nós dos meus dedos. Mas uma batalha no

sonho? Sei de tudo o que são capazes de fazer porque convivi com vocês durante

quase a

minha vida inteira, mas isso é de mais.

– Ele nunca ia esperar isso – especulou Meara. – Pode mesmo ser feito?

– Com todos os seis ao mesmo tempo, e sem ninguém ser deixado para trás, por

assim dizer, ao volante. – Tentando ver os prós e contras, seu equilíbrio, Branna ergueu

as duas mãos no ar. – Claro que eu nunca fiz nada assim. É fácil tentar isso com os três,

confrontá-lo dessa maneira, e os outros três aqui, com Fin certamente ao volante para nos

conduzir de volta se perdermos o equilíbrio ou a direção.

– Nós seis ou ninguém – disse Meara, decidida.

– Meara, não estou falando isso para ofendê-la. Para ofender nenhum de vocês. Mas

imagine os seis juntos no sonho, com dois sem nenhum poder.

– Não está mais tão segura de si? – perguntou Fine, dando-lhe uma pequena

alfinetada.

– Ah, vá se ferrar – disparou Branna.

– E você também, querida, por sugerir que eu, Boyle ou Meara fiquemos para trás

com cachorrinhos obedientes enquanto vocês travam a batalha.

– Não é isso que eu quero dizer.

– É o que parece. – Meara se virou para Connor. – E você?

– Nós seis ou ninguém – disse ele sem nenhuma hesitação.

– Todos ou ninguém – concordou Boyle.

– Sim. – Iona assentiu e pegou a mão dele. – Se alguém é capaz de descobrir como

isso pode ser feito é você, Branna.

– Ah, droga, deixem-me pensar. – Ela empurrou a xícara para o lado e se serviu de

uísque, mais generosamente do que Fin.

Ela o bebeu como água.

– Sempre admirei sua tolerância a uísque – disse Fin, levantando-se para andar.

– Cale a boca. Apenas cale a boca. Seis de uma vez – repetiu Branna andando de um

lado para outro. – Em nome de Morrigan, isso é loucura. E dois armados com nada além

de punhos, disposição e uma espada. Um com a marca de Cabhan. Então apenas cale a

boca – disparou ela para Fin, que não tinha dito nada. – Isso é um fato.

– Eles estão armados com mais do que punhos, disposição e uma espada, e têm mais

do que uma marca não merecida – disse Connor, calmo. – Eles têm coração.

– Você acha que eu não sei disso? Acha que não valorizo isso, acima de tudo? – Ela

parou, fechou os olhos por um momento e suspirou. – Você me deixou confusa, Connor.

Tenho de pensar. Não é como um de nós entrar um sonho mágico levando junto

quem está

deitado em sua cama, a pessoa de quem somos íntimos. E isso tem seus próprios riscos,

como Boyle e Iona bem sabem.

– Não, não é. Seria algo deliberado e consciente, planejado, um feitiço nosso. –

Connor ergueu e abriu as mãos com as palmas viradas para cima. – Com o máximo de

proteções que acrescentar ao feitiço. Mas, sim, haverá riscos, mas haverá

independentemente de como fizermos. E o Samhain, quando o Véu fica mais fino, é o

momento perfeito.

Connor se levantou, foi até Branna e lhe segurou as mãos.

– Você os deixaria para trás se pudesse, e eu também. Por amor e amizade, e porque

esse é um fardo e dever nosso. Seu, meu e de Iona. Não deles.

Ele lhe beijou de leve nas mãos.

– Mas isso seria errado, por muitos motivos. Somos um círculo, três por três. E

sempre foi para sermos nós seis, Branna. Eu acredito nisso.

– Eu sei. Isso também está claro para mim.

– Você teme falhar com eles. Não falhará. Não falhará, e o fardo não é só seu.

– Nós nunca fizemos isso.

– Eu nunca flutuei como uma pena antes de vir para cá – lembrou-a Iona. – E agora?

Ela ergueu as mãos com as palmas viradas para cima. O sofá onde estava sentada ao

lado de Boyle se ergueu suave e silenciosamente, girou devagar e depois pousou no chão

de novo.

– Muito bem – disse Fin, achando graça.

– Você e Connor me ensinaram. Vocês me fizeram ver o que tenho e sou.

Descobriremos como fazer isso, e o faremos.

– Está bem. Está bem. Não posso ir contra a vontade de cinco. E essa é uma ideia

brilhante. Temerária, assustadora e brilhante. Sei de uma poção que eu poderia

aperfeiçoar e que deve funcionar, e escreveremos o feitiço. Precisarei de todas as horas

dessas duas semanas.

– E podemos ajudar você a aperfeiçoá-lo – salientou Connor.

– Também precisarei de vocês todos. Ainda assim, seria mais fácil se tivéssemos

uma espécie de controle fora da rede de sonho.

– Eles teriam que estar aqui, conosco? – perguntou Meara.

– Você quer dizer, fisicamente? – Connor olhou de relance para ela, pensando. – Não

vejo por quê.

– Então vocês dois têm seu pai. E há a avó de Iona. Com o mesmo sangue e objetivo,

não é? E também amor.

– Outra ideia brilhante! – Rindo, Connor se virou para Meara e a tirou de sua cadeira

para girar com ela. – Isso resolveria o problema, e muito bem. Branna?

– Poderia resolver. Não, resolveria. E se eu não estivesse tão confusa, teria visto

isso. A avó de Iona, nosso pai e... – Ela se virou para Fin: – Sua prima Selena. Ela

estaria disposta? Três é um número melhor do que dois e acrescenta a isso tudo o poder e

sangue de cada um de nós. Acho que três nos daria equilíbrio, se precisássemos dele de

novo.

– Ela estaria mais do que disposta. Está na Espanha, mas entrarei em contato com ela

e conversarei sobre isso.

– Então essa parte está decidida. Vou estudar isso.

– Eu já estudei – disse-lhe Connor. – A poção, para abrir a visão, tomada por todos

dentro do círculo ritual. Melhor que seja ao ar livre. Também levaríamos nossos guias, o

cavalo, o cão e o falcão.

Branna começou a falar, e reconsiderou:

– Você estudou.

– Sim. Fin, seu cavalo, seu falcão, e será que consegue arranjar um cão nas próximas

duas semanas? Três para três.

– Eu tenho um. Besouro.

– O pequeno Besouro? – começou Iona, pensando no cão do celeiro nos grandes

estábulos.

– Pequeno como você, decidido como você. Três por três – repetiu Fin assentindo

com a cabeça. – Cavalo para Boyle, falcão para Meara, cão, como ele é, para mim. Bem

pensado, Connor.

– É você quem deve ligá-los aos outros, porque eles vêm de você.

– É o que farei.

– E então, dentro do círculo, nosso círculo e nossos guias – disse Connor. – Nosso

círculo, os seis, de mãos dadas quando o feitiço for pronunciado e lançado. E mentes

também ligadas, o que faremos. Mentes, corações e mãos ligados e iremos juntos, no

sonho, para a noite do Dia das Bruxas, do Samhain, no ano em que Brannaugh, Eamon e

Teagan, os filhos de Sorcha, voltaram para Mayo.

– A presença deles aumenta o poder. – Branna se sentou de novo e pegou um biscoito.

– A noite em que o Véu fica mais fino. Podemos juntar o poder deles e o de Sorcha com o

nosso. Não, ele nunca esperaria isso. Há tempo suficiente para aperfeiçoar a poção e o

feitiço. E depois, para atraí-lo para lá. Isso caberá a Meara.

– A mim?

Branna lançou um olhar carrancudo para o irmão.

– Você não falou com ela sobre isso.

– Entre uma coisa e outra, não. É você que ele quer usar desta vez – disse-lhe

Connor. – Então você vai usá-lo. Você vai cantar para atraí-lo para lá.

– Cantar?

– Música, luz, alegria, emoções. Chamas para a mariposa – explicou Connor. –

Quando ele vier, devemos agir o mais rápido possível, sem lhe dar tempo para fugir de

novo.

– Vamos fazer mais ou menos como fizemos no solstício – começou Branna.

– Não. – Fin se levantou. – Falhamos naquele dia, não foi?

– Temos uma nova estratégia, uma arma mais forte.

– E se Cabhan conseguir separar os três de novo, mesmo que apenas por um instante?

Se o feitiço, o ritual, o fim, deve vir de vocês, então ele deve ser contido enquanto o

banem. Nós o atrairemos. Boyle, Meara e eu. Já o fizemos sangrar e sentir dor uma vez.

Faremos pior desta vez. Faremos pior enquanto vocês fazem o que é melhor.

– Você quer que isto termine, Fin, ou quer o sangue dele?

– As duas coisas, e você também quer, Branna. Você não pode derramá-lo para

ganho

ou por prazer.

– Você também não.

– E não farei isso. Não faremos. Mas o derramaremos e faremos pior em defesa dos

três. Em defesa da luz. Se também há prazer nisso? Um bruxo também é humano.

– Concordo com Fin – disse Boyle. – Iona é minha família. E todos vocês são minha

família também. Eu defenderei Iona e vocês. Não vou recuar.

– Eles disseram o que eu diria. – Meara encolheu os ombros. – Então eu topo. – Ela

pôs as mãos sobre seus joelhos. – Pelo que entendi, daqui a duas semanas todos nós,

inclusive cavalos, cães e falcões, voltaremos alguns séculos atrás em um sonho. Eu vou

cantar, como o flautista de Hamelin tocou para os ratos, e isso atrairá Cabhan. Três de

nós lutarão, três de nós lançarão o feitiço para destruir Cabhan. Quando o trabalho

estiver feito vamos nos cumprimentar e acordar aqui, onde certamente deveríamos dar

parabéns a todos de novo por termos vencido o mal. Depois acho que deveríamos ir ao

pub tomar uma cerveja.

– Isso resume tudo – decidiu Connor.

– Então está bem. Acho que deveria ser servida uma rodada de uísque para todos,

porque somos totalmente lunáticos. – Ela suspirou, pegou um biscoito e mordeu. – Mas

pelo menos um de nós faz biscoitos de gengibre maravilhosos.

Achando graça, Connor serviu uísque para todos, ergueu seu copo e o bateu no de

Meara.

– E vitoriosos ou derrotados, não há outros cinco com quem preferiria estar. Então

que se dane tudo. *Sláinte*.

E eles beberam.

ELES TINHAM TRABALHO PARA FAZER, E MUITO. BRANNA MAL SAIU DA oficina. Se não estava

com o nariz enfiado no livro de feitiços de Sorcha, no de sua bisavó e no seu próprio,

estava testando poções ou escrevendo feitiços.

Quando o trabalho permitia, Connor se juntava a ela, ou Iona ou Fin. Meara se viu na

posição de buscar, carregar, cozinhar – ou dividir essa tarefa com Boyle.

Sempre que podia ela arrastava um deles para praticar esgrima.

E todos observavam a floresta, os campos e as estradas em busca de qualquer sinal.

– Está quieto demais. – Meara evitou o avanço de Connor em uma das raras ocasiões

em que conseguiu tirá-lo do trabalho nos estábulos ou de magia.

– Ele está observando, e esperando.

– É só isso, não é? Ele está esperando. Há dias não vejo nem uma sombra dele. Está

mantendo distância. Esperando que nós tomemos a iniciativa, porque sabe que temos uma

para tomar.

Ela avançou, simulou um ataque e depois brandiu a espada, quase o desarmando.

– Você não está prestando um pingo de atenção – queixou-se. – Se estas lâminas não

estivessem enfeitiçadas eu poderia ter cortado sua orelha.

– Então eu só teria uma para ouvir sua voz, e isso seria uma pena.

– Deveríamos ir atrás dele, Connor.

– Nós temos um plano, Meara. Paciência.

– Isso não tem a ver com paciência, mas com estratégia.

– Estratégia, é? – Connor girou a mão livre e produziu um pequeno ciclone. Quando

Meara olhou na direção do redemoinho de vento, Connor avançou e encostou a espada no

pescoço dela. – Que tal?

– Bem, se você quer trapacear...

– E Cabhan jogará limpo, é claro.

– Entendi. – Meara recuou. – O que estou dizendo é que deveríamos fingir. – Ela

desferiu um golpe rápido e direto, gingou e desferiu outro. Fazê-lo pensar que fomos

atrás dele e deixá-lo marcar um ou dois pontos. Ele achará que fizemos nossa jogada, e

não esperará a verdadeira.

– Hum. Isso é... interessante. Tem algo em mente?

– Você é o bruxo, não é? Então você e seus iguais teriam de criar o ritual.

Ela abaixou a espada e desenvolveu o que ainda não estava totalmente elaborado em

sua cabeça.

– Mas e se fizéssemos isso aqui perto, do chalé, onde poderíamos bater em retirada?

Porque a retirada seria parte disso. Deixá-lo pensar que nos venceu.

– Isso é difícil de engolir, mas vejo aonde você quer chegar. Então venha.

Ele pegou a mão de Meara e a puxou para a oficina, onde Branna passava um líquido

azul-claro por um funil para um estreito frasco e Iona esmagava ervas com um pilão.

– Meara teve uma ideia.

Franzindo a testa, Branna se concentrou no líquido que deslizava graciosamente para

dentro do frasco.

– Ainda estou trabalhando na última ideia que surgiu.

– Está perfeito, Branna. – Iona parou quando Branna pôs uma tampa de cristal no

frasco.

– E quantos feitiços do sonho para seis, e seus guias, você já fez?

– Esse é o primeiro. – Mas Iona sorriu. – E está perfeito. Vocês deviam ter visto as

estrelas – disse para Connor e Meara. – Pequenas estrelas azuis subindo e circundando o

caldeirão quando Branna terminou.

– Acho que ficou bom. – Branna massageou as costas. – Acrescentei ametista como

você sugeriu, Connor, e acho que ficou bom. Precisa curar fora da luz por pelo menos

três dias.

Ela pegou o frasco e o levou para um armário.

– Vou fazer um pouco de chá para você – começou Iona, mas Branna fez que não com

a cabeça.

– Obrigada, mas não. Nos últimos dias tomei chá suficiente para seis meses. Quero

vinho.

– Então tomaremos vinho enquanto você ouve a ideia de Meara. Melhor ainda, não

está com vontade de cozinhar? – perguntou Connor com um sorriso cativante. – Não sente

falta da cozinha, querida? Esse é o tipo de ideia que cai bem com uma boa tigela de sopa

para todo o nosso círculo.

Meara o cutucou e disse:

– Acho que é uma boa ideia e deveria ser ouvida por todos. Mas posso fazer a sopa

enquanto vocês se sentam e tomam vinho.

– Eu faço, porque , mesmo que meu irmão pense com a barriga, realmente sinto falta

de minha cozinha. Ainda temos vegetais na horta. – Ela apontou para Connor. – Vá buscar

alguns.

– Quais você quer?

– Um pouco de cada. Vou improvisar na hora. E como você teve uma boa ideia,

Meara, pode me contar qual foi enquanto eu tomo vinho. Não vejo por que eu deveria

esperar pelos outros. Deixe isso para lá, Iona. Continuaremos depois. Vamos relaxar na

cozinha.

Meara achou que também estava improvisando. E quando todos chegaram, já tinha

aperfeiçoado um pouco as coisas.

– Então – concluiu ela –, fazendo algo sem nada real em jogo, ele pensaria que

tínhamos realizado nosso ataque, trabalhado mal ou no mínimo falhado. Seríamos

forçados a nos retirar para o chalé, onde estamos protegidos. Confusos, sabem? E

amargos. Se fôssemos derrotados, Cabhan não pensaria que lançaríamos outro ataque em

uma questão de dias.

– Se fizermos isso pela metade, ele poderia causar um dano real – salientou Boyle. –

Por que não vamos até o fim?

– Ainda precisamos de tempo para o plano traçado. Fiz o feitiço para a noite que

escolhemos – explicou Branna. – Não quero experimentá-lo em outra ocasião. Deve ser

no Samhain.

– A ideia de Meara é perder para ter uma chance maior de ganhar. – Ele bateu com

seu ombro no de Boyle. – E sei que perder, mesmo que de mentirinha, não é agradável.

– Poderíamos fazer isso de um modo brilhante. Ele não vai ser enganado por algo que

pareça fraco e malfeito. E poderíamos lhe dar muito brilho. Fogo e tempestade, terremoto

e enchente. Lançar os elementos contra ele. Isso não daria certo, pelo menos não do

modo como poderia ser, mas seria forte e estrondoso e o deixaria furioso.

– Evocar os elementos. – Branna começou a sorrir. – Ah, realmente poderíamos

torná-los ferozes. Até mesmo fazê-lo recuar um pouco. Precisaríamos de proteção porque

temos vizinhos aqui. O campo, a colina atrás dos jardins.

– É mais longe do que eu havia pensado – começou Meara. – Se seremos derrotados,

é um longo caminho para a retirada em direção à segurança.

– Não vamos bater em retirada – disse Connor. – Pelo menos não correndo. Vamos

voar.

– Voar? – Meara deu um longo suspiro. – Acho que vou ter de tomar mais vinho para

entender esse conceito.

– Isso também seria impressionante. – Iona fez as honras com o vinho. – Sermos

derrotados e voarmos para a segurança. Quando seria?

– Em uma lua minguante. – Connor olhou na direção da janela. – Isso poderia ajudar.

Eu gostaria que fosse hoje à noite, mas acho que é melhor perto do verdadeiro ataque.

Daqui a duas noites? Se sairmos chamuscados disso, teríamos tempo para nos curar.

– Daqui a duas noites. – Branna foi mexer sua sopa.

ATÉ MESMO UM ATAQUE FALSO EXIGIA PLANEJAMENTO.

Os três puseram mais proteção ao redor da casa. Se Cabhan acreditasse que estavam

enfraquecidos, poderia tentar entrar para o golpe de misericórdia. Não podiam deixar

nenhuma brecha.

Meara pensou nisso como uma espécie de peça teatral. Embora uma parte

seguisse

um roteiro, e ensaiara seu papel mais de uma dúzia de vezes, outra teria de ser escrita e

representada no local.

– Estou nervosa – confessou para Connor. – Mais nervosa do que no solstício.

– Você vai ficar bem. Todos nós vamos. Lembre-se de que o principal objetivo aqui é

defesa. Ataque é apenas um bônus.

– Está quase na hora. – Ela esfregou as mãos uma na outra, como se para aquecê-las.

– Talvez ele nem venha.

– Acho que virá. Acreditará que você está fraca e que estamos divididos. Verá uma

chance e vai querer aproveitá-la. Ele não entende o conceito de família e laços de

amizade. Mas entenderá quando o atrairmos.

Connor pegou a mão de Meara e foi com ela até a oficina, onde os outros já estavam

reunidos.

Até mesmo para isso era preciso cumprir o ritual, pensou Meara

Então eles acenderam as velas rituais e observaram a fumaça azul-clara se erguer do

caldeirão.

Branna pegou a taça ritual que pusera no círculo e pronunciou palavras já familiares.

– Disto beberemos, uma taça para seis, de mão em mão e boca em boca para selar

com vinho nossa união. Seis mentes e seis corações unidos se preparando para essa

batalha. Que cada um e todos bebam e mostrem que aqueles aqui atendem ao chamado.

Eles passaram a taça três vezes, de mão em mão e boca em boca.

– Somos um círculo, dois anéis formando um três a três. Esta noite pedimos força e

poder para enfrentar a hora sombria. Evocaremos quatro elementos para causar a queda

de Cabhan. Acrescentaremos fogo, terra, água e ar a um mar raivoso. Que assim seja.

Os três fecharam o círculo.

– Estamos prontos. O círculo foi lançado e o feitiço começou. Se tivermos tempo

para lançar um círculo na colina, melhor ainda. – Branna olhou para Meara. – Você

saberá quando começar.

Ela esperava que sim.

Eles foram até a colina carregando velas, caldeirão, armas e varinhas mágicas.

Invisíveis, exceto para Cabhan. Connor lhe disse que tinham deixado uma janela para ele.

Quando chegaram ao alto da colina, Connor procurou a mão de Meara. Ela a puxou

depressa.

E a peça começou.



20

–EU DISSE PARA VOCÊ FICAR LONGE DE MIM.

– Ah, Meara, foi apenas uma cerveja no pub.

– As fofocas se espalham rápido, Connor, por isso sei exatamente como você passou

seu tempo lá. – Ela o olhou com total repugnância. – E quando eu mal conseguia ficar em

pé depois do que foi feito comigo. Por sua causa.

– Meu Deus, Meara, foi apenas um pequeno flerte. Um pouco de conversa e diversão.

– Tenha toda a diversão e as *conversas* que quiser, mas não pense que depois vai se

aconchegar comigo. – Deliberadamente, ela apressou o passo. – Eu sei como você é.

Quem saberia melhor?

– O que você quer? – Connor deu de ombros enquanto eles subiam a pequena colina.

– Eu precisava de um pouco de ar, só isso, depois de ficar enfiado no chalé dia após dia

ou sobrecarregado de trabalho na escola. Você não podia fazer mais do que dormir horas

seguidas.

– E por quê? – Ela parou e o cercou. – Foi você e sua magia que me derrubaram, não

foi?

Connor parou e olhou para ela.

– Eu e minha magia é que salvamos sua maldita vida!

– E enquanto eu estava me agarrando a essa vida, você estava *conversando* com

Alice Keenan no pub.

– Chega, chega, chega! – disse Branna para os dois. – Não temos tempo para isso. Eu

não disse que meu mapa astral mostrava que esta noite é nossa maior chance de acabar

com isso? Não é possível fazer o que precisa ser feito com vocês dois brigando.

– Eu estou aqui, não estou? – Meara ergueu o queixo. – Estou aqui arriscando minha

vida de novo porque disse que faria isso. Eu mantenho a minha palavra. Ao contrário de

alguns.

– Um homem paga uma cerveja para uma mulher e de repente vira um mentiroso?

– Arrume as velas, Connor. – Branna as empurrou para ele. – E preste atenção ao que

está fazendo. Pelos deuses, não podia ter esperado até fazermos isto para flertar com

Alice Keenan?

Em um ataque de raiva, Meara jogou sua mochila no chão.

– Ah, então não há nada de errado em ele flertar pelas minhas costas depois de me

usar.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse Branna em um tom agudo e desdenhoso. –

Pare de agir como uma idiota.

– Agora eu é que sou idiota? Você tinha de ficar do lado dele, mesmo sabendo que

estava com aquela vadia.

– Parem! Querem todos fazer o favor de parar? – Iona tapou os ouvidos com as mãos.

– É melhor você ficar fora disso – aconselhou-a Boyle.

– Não posso ficar. Eles são minha família e não vou mais aguentar essa briga. Dê-me

isso. – Ela arrancou as velas de Connor e começou a colocá-las em um círculo na colina.

– Como podemos trabalhar juntos, fazer tudo que juramos fazer, se estamos brigando?

– Para você é fácil falar. – Meara bateu com a mão no punho de sua espada. – Boyle

parece um cachorrinho atrás de você o tempo todo.

– Eu não sou cachorrinho de ninguém, Meara, e cuide da sua vida.

– Eu não disse que esta noite não era o momento? – Fin tirou seu atame do estojo e o

examinou à luz da lua minguante.

– Se eu dissesse sim, você diria não só para implicar – retrucou Branna.

– E não foi você quem disse que tinha de ser no solstício? E aqui estamos, meses

depois, fazendo a sua vontade de novo.

– E eu ainda me pergunto quanto você conteve naquela noite. Pela minha vontade,

você nunca estaria aqui, nunca estaria conosco.

– Branna, isso é de mais. – Connor pôs a mão no ombro dela. *Ele está vindo,* disse a

ela e aos outros. *Rápido.*

– De mais ou não o bastante, não importa. Estamos aqui.

Branna agitou sua mão e acendeu as velas. Pôs a tigela no ponto mais ao norte.

Atrás dela, Connor tocou levemente nos dedos de Meara.

Ela respirou fundo e se preparou.

A névoa caiu em uma densa cortina, trazendo um frio de gelar os ossos. Um rugido a

rasgou e fez a relva alta tremer.

No instante em que Meara desembainhou a espada, Connor a empurrou para o lado.

Meara sentiu algo roçar em seu braço, deixando para trás frio e uma dor ardente. Ela

não teve de fingir medo e confusão. Ambos a inundaram.

Então a voz de Connor soou em sua cabeça. *Eu estou com você. Eu te amo.*

Ela se virou, ficando costas a costas com Boyle, pronta para atacar ou defender.

O chão tremeu sob seus pés quando Fin evocou a terra.

– Pelo poder da deusa e mãe Danu, que esta terra se erga e trema.

Mesmo protegida pelo ritual, Meara quase caiu para a frente quando o chão se

ergueu.

– Eu evoco Acionna e Manannan mac Lir – gritou Branna. – Para que façam sua ira

cair sobre a cabeça de Cabhan.

Chuva desabou do céu, como se alguma divindade tivesse mudado o curso de um rio

caudaloso.

Através da névoa e do dilúvio, Meara viu raios negros voando como flechas. E, para

seu choque, a névoa sibilou e se enroscou em sua perna como uma cobra. Instintivamente,

ela a golpeou, fazendo-a verter sangue negro.

Bolas de fogo foram catapultadas para fora ao brado de Iona, transformando as

flechas negras em cinzas.

– Em nome de Brígida, que o poder do fogo queime a escuridão com sua luz e chama.

Ela sentiu Boyle se virar pronto para defesa e o viu golpear uma faixa de névoa

espinhosa que ia na direção de Fin.

Meara se abaixou, desferiu golpes de espada e depois teve de se agarrar ao chão

quando este se ergueu sob ela.

– Sidhe, cuide de seu servo, seu filho, e com sua respiração traga a danação dele.

Ela observou Connor, uma chama dentro das chamas erguendo os braços para o alto.

Ao tentar ficar em pé, viu o céu trovejante se abrir. E girar.

Raios vieram do escuro, atingindo a terra que tremia. Até mesmo a chuva brilhava

como fogo. Meara viu Iona cair e Boyle saltar para levantá-la. Chamas saíram de suas

mãos na direção do lobo, do homem, da névoa serpenteante.

Tentou avançar, voltar para o círculo onde as velas ainda brilhavam como faróis.

Volta para Connor, que segurara a mão de Branna e depois a de Iona, de modo que os três

se iluminaram, eles próprios velas.

O lobo uivou.

O homem riu.

As velas, a cera e os bruxos crepitaram e começaram a tremeluzir.

– Recuem! – gritou Branna. – Nós perdemos a batalha. Perdemos a noite. Isso nos

esgotou. Fujam enquanto podem.

Connor agarrou Meara pela cintura, suas mãos fortes, seu rosto feroz e brilhante de

suor e sangue.

– Vou ficar longe de você depois que salvar sua vida pela segunda vez.

Girando no ar, chuva de estrelas e faíscas. Luz tão brilhante que Meara teve de

fechar

os olhos com força e virar a cabeça.

Desceu muito rápido, a velocidade lhe sugando o ar dos pulmões.

A próxima coisa que soube era que estava esparramada sobre Connor no chão da

cozinha com o coração dele galopando sob ela como um cavalo desenfreado.

Um terrível rugido se fez ouvir ao redor, sacudindo as janelas. Grandes punhos

bateram nas portas e paredes, fazendo o chalé tremer. Por um momento, Meara achou que

ia desabar sobre suas cabeças.

Então houve silêncio.

Os outros estavam deitados como sobreviventes de um cataclismo. Kathel pulou por

cima dela para Branna, lhe lambeu o rosto e gemeu.

– Estou bem. Estamos todos bem.

– Isso deve convencê-lo de que partimos para a guerra esta noite, como me

convenceu muito bem. – Connor acariciou os cabelos de Meara enquanto a mudava de

posição. – Você está ferida?

– Não sei. Acho que não. Você está sangrando.

Ele passou os dedos por um corte em sua testa.

– Não me esquivei rápido o suficiente.

– Aqui, deixe-me ver isso. – Branna veio rapidamente. – Iona...

– Eu sei do que você precisa. – Enquanto Iona corria para a oficina, Meara puxou a

perna de sua calça e viu a pele ferida logo acima do tornozelo.

– Aqui, deixe-me cuidar disso. – Mesmo enquanto Branna cuidava dele, Connor

estendeu as mãos sobre o ferimento.

– A névoa se transformou em serpentes. E espinhos. Ficou espinhosa.

– Não eram espinhos, eram dentes. – Fin, com o rosto brilhante de suor, estava

sentado no chão da cozinha com as costas apoiadas em um armário.

– Você está ferido. Um pouco daquilo para a cabeça de Connor – disse Branna para

Iona quando ela se levantou para ir até Fin. – Certifique-se de que está claro e limpo. Foi

mordido? – perguntou ela para Fin.

– Só estou sem fôlego.

Ela pôs a mão no peito dele.

– É mais do que isso. Deixe-me ver.

– Vou cuidar de mim mesmo quando recuperar o fôlego.

– Ah, besteira. – Com um agitar de mão, ela tirou sua blusa.

– Se você está tentando tirar minhas roupas, podemos fazer isso com um pouco de

privacidade.

– Cale a boca. – Ela olhou por cima do seu ombro e falou com urgência. – Iona, o

bálsamo!

– Vou cuidar de mim mesmo.

– Eu vou anestesiá-lo se você não ficar quieto. Sabe que posso fazer isso, e o farei.

Connor, preciso de você.

– Está muito ruim?

Ele viu por si mesmo quando se arrastou pelo chão da cozinha.

Havia furos pretos nas laterais do tronco de Fin, como se uma boca gigantesca

tivesse se fechado sobre ele.

– Não são profundos. – A voz de Branna se manteve baixa e firme. – Agradeço aos

deuses por isso. E o veneno... – Ela lançou um olhar penetrante para Fin. – O que você

fez para impedir que se espalhasse?

– Eu tenho o sangue dele. – Com dificuldade para respirar, Fin falou devagar, quase

pausadamente demais. – O que Cabhan faz com o dele se enfraquece no meu.

– Dói – disse Connor.

– Sempre dói. – Ele gemeu quando Branna trabalhou mais fundo. – Meu Deus,

mulher, sua cura é pior do que o ferimento.

– Tenho de extrair isso, você estando fraco ou não.

– Olhe para mim, Fin – ordenou Connor.

– Vou tirar minha própria dor, obrigado.

Connor apenas segurou o queixo de Fin e virou a cabeça do amigo.

Ele está falando com a dor, percebeu Meara. Falando com a dor de Fin para que a

cura seja mais rápida. E sabia que Branna não aguentaria fazer aquilo.

Boyle foi pegar o uísque, por isso ela se levantou para buscar copos. Depois se

sentou no chão de novo e os distribuiu enquanto Branna se recostava e assentia com a

cabeça.

– Isso vai ajudar.

– O confronto foi um pouco pior do que esperávamos. – Imitando Fin, Connor se

apoiou nos armários. Seu rosto brilhava, do suor do esforço e da dor. – Mas o enganamos

muito bem e estamos sãos e salvos.

– Ele vai pensar que nós nos acovardamos – disse Branna. – Que estamos nos

lamentando, lambendo nossas feridas e nos perguntando se seria razoável tentar uma

coisa dessas de novo.

– E quando partirmos para cima dele daqui a dois dias, o queimaremos até

transformá-lo em cinzas antes que perceba que o enganamos. No final das contas, foi um

belo espetáculo. Ele ergueu seu copo. – Uma ideia brilhante, minha querida Meara, e que

pode ter mudado o rumo dos acontecimentos. Não admira que eu a ame.

Ele bebeu, como os outros, mas Meara segurou seu copo e o analisou.

– Não quer tomar uísque? – perguntou-lhe Connor.

– Estou esperando meu coração tremer. Pode ser que eu esteja um pouco em choque.

Por que não me diz isso de novo? Vou ver se assimilo.

Connor pôs o copo de lado e engatinhou até onde ela estava sentada no chão.

– Eu te amo, Meara, e sempre te amarei.

Ela bebeu o uísque, pousou o copo e ficou de joelhos para encará-lo.

– Não, não está tremendo. Mas que tipo de coração fraco e tolo treme de medo do

amor? O seu treme? – Ela pôs a mão no peito de Connor. – Vamos ver. Eu te amo,

Connor, e sempre te amarei.

– Meu coração pode ter parado por um segundo. – Connor fechou sua mão sobre a

dela, segurando-a. – Mas não de medo e nem de dúvida. Sinta-o Ele está dançando de

alegria.

Meara riu.

– Connor O’Dwyer do coração dançante. Você é meu. – Ela atirou os braços ao redor

dele e o beijou.

– Vocês querem que a gente saia? – perguntou Boyle. – Para terem privacidade aqui

no chão da cozinha?

– Eu avisarei se quisermos – murmurou Connor, e voltou a beijar seu amor.

Ele se levantou, a pegou no colo e a sacudiu para fazê-la rir de novo.

– Pensando bem, nós vamos sair.

Connor a carregou para fora da sala, provocando mais risos.

– Isso é o que você sempre quis – disse Fin para Branna.

– O que eu sabia que podia ser, sentia que deveria ser, e sim, o que quis. – Ela deu

um suspiro. – Vou pôr a chaleira no fogo.

MAIS TARDE, ENROSCADO COM MEARA NA CAMA, A CASA EM SILÊNCIO E O luar entrando pela

janela, Connor lhe perguntou:

– Foi a batalha que fez isso? Foi ter consciência da vida e da morte que acalmou seu

coração?

– Você tirou a dor dele.

– O quê? Quem?

– Lá embaixo na cozinha. Embora ele não quisesse isso, você não queria deixá-lo

sofrer, e por isso tirou a dor de Fin. Eu pensei: é isso que ele é. Um homem capaz de tirar

a dor de um amigo ou de qualquer pessoa. Um homem poderoso e bom. Divertido,

musical e leal. E ele me ama.

Ela pôs uma das mãos no rosto de Connor.

– Eu te amo desde que posso me lembrar, mas não me permitia aceitar, receber ou dar

o presente de que você falou. Por medo. E esta noite, quando o observei no horrível

calor da batalha e à luz brilhante da cozinha, pensei: como posso permitir que o medo me

impeça de ter quem amo? Por que fico convencendo a mim mesma de que eu poderia ser

como meu pai, ou deixo que ele defina toda a minha vida? Eu devo um favor a Cabhan.

– Cabhan?

– Ele pensou que ia me magoar, me envergonhar e me abalar trazendo a imagem do

meu pai para mim. E fez isso bastante bem, mas com o que obteve de mim. E vendo

claramente o que eu guardava em mim, pude começar a enxergar a verdade. Meu pai não

me deixou, deixou minha mãe ou o resto de nós para trás. Deixou sua própria vergonha,

seus erros e seus fracassos, porque não aguentava olhá-los no espelho.

– Você sempre aguenta, sempre olha.

– Eu tento, mas não olhava do ângulo certo. Não me permitia inclinar o vidro. Foi

minha mãe quem ficou com a vergonha que ele deixou, quem conviveu, de seu próprio

modo hesitante, com os erros e os fracassos que eram dele. E ela aguentou e

ficou, por

mim e minha família, mesmo depois que éramos adultos. Agora está feliz, livre, quer ela

saiba ou não. Eu também estou livre. Então devo isso a Cabhan, o que não vai me

impedir de fazer tudo o que puder para mandá-lo para o inferno.

– Então eu também devo isso a ele. E nós o mandaremos para o inferno juntos.

NOS DOIS DIAS SEGUINTES, FORA DO CASULO DO CHALÉ, FOI DIFÍCIL PARA Connor não irradiar

alegria. Ele tinha de fazer seu trabalho e evitar contato com Meara até estarem dentro

daquele santuário.

Sentiu Cabhan rondando uma ou duas vezes, mas discreta e cautelosamente. E estava

machucado. Ah, sim, tinham dado uma lição no canalha.

Ele viria mais fraco do que era, e achando que o círculo deles estava rachado,

quando na verdade estava mais forte e vigoroso do que nunca.

E contudo...

– Você tem dúvidas – disse ele para Branna.

Faltavam apenas algumas horas, por isso ele tinha ido para casa ajudar no que

pudesse.

– É um bom plano.

– E ainda assim?

Branna pegou a poção do sonho, a acondicionou com cuidado em uma caixa de prata

que era da família havia gerações e a colocou ao lado da mistura vermelho-sangue que

esperava que acabasse com Cabhan.

– Um pressentimento, e não sei se é real. Eu me pergunto se fui tão confiante no

solstício que agora estou insegura se é hora de tentar de novo. Ou se realmente há algo

que não estou vendo e precisa ser visto e feito.

– Esse fardo não é só seu, Branna.

– Eu sei. Apesar do que Fin pensa, sei disso muito bem. – Ela juntou as ferramentas

que tinha purificado e enfeitiçado, para enrolá-las em veludo branco.

Abriu uma gaveta e pegou uma caixa de prata menor e disse para Connor:

– Tenho uma coisa para você, independentemente do que esta noite traga.

Curioso, Connor a abriu e viu o anel e o brilho forte do rubi incrustado em ouro.

– Isto foi de nossa bisavó. Agora é seu, se quiser dá-lo para Meara. Ela é minha irmã

e esse laço vai se fortalecer quando você lhe der o anel. Outro círculo, e deveria ser

dela. Mas só se for o que você quer.

Connor contornou o balcão de trabalho e a abraçou.

– Depois que a noite terminar. Obrigado.

– Quero acabar com isso, agora mais do que nunca. Quero ver você e Meara

construindo uma vida juntos.

– Nós acabaremos. Cabe a nós fazer isso.

– Seu coração está falando.

– Sim, e se sua cabeça não estivesse falando tão alto ouviria o seu coração. – Ele a

afastou. – Se você não confia em seu coração, confie em seu sangue. E no meu.

– Eu confio.

Connor juntou suas próprias ferramentas e se preparou para a noite que se

aproximara.

Eles se encontraram nos grandes estábulos, e, a pedido de Fin, Connor selou Aine, a

potra branca que Fin comprara para acasalar com Alastar.

– Pensei que Fin ia levar Baru, o garanhão.

Connor relanceou os olhos para Meara. Ela estava usando botas resistentes, calças

grossas e um cinto grosso com a bainha e espada presas a ele. Sabia que Iona tinha

trançado feitiços em seus cabelos.

E ela estava usando o colar que ele lhe dera sobre uma camisa de flanela.

– Ele vai. Nós levaremos Aine, e Iona e Boyle levarão Alastar. O terceiro cavalo

torna mais fácil chegar lá.

– Então vamos cavalgar para a cabana de Sorcha.

– De certo modo. Está preparada para o que está por vir?

– Tão bem quanto posso estar.

Connor estendeu o braço sobre a sela para pegar a mão dela.

– Nós vamos nos sair bem.

– Eu acredito nisso.

Juntos, eles conduziram a égua e foram se encontrar com os outros à pálida luz da lua

crescente.

– Quando chegarmos lá devemos agir rápido, sem esquecer nenhum passo. Meu pai, a

bisavó de Iona e a prima de Fin controlarão as coisas e nos trarão de volta se algo der

errado.

– Você me trará de volta – disse Meara.

Depois que Connor montou, ela montou atrás dele. Connor olhou para Boyle e Iona,

já sobre um irrequieto Alastar.

Ele quer ir, sim, quer agir.

Connor viu Fin segurar o pequeno vira-lata, montar no garanhão preto e depois

estender a mão para Branna.

– É difícil para ela – murmurou Connor. – Ir com ele assim.

– É difícil para ele também.

Mas Branna montou e depois fez um sinal para Kathel. O cão veio correndo. No céu,

Roibeard chamou, e Merlin, o falcão de Fin, respondeu.

– Segure-se em mim – disse Connor, e os três cavalos saltaram para a frente em um

galope.

Então eles voaram.

– Meu Deus! – A grande risada de Meara se seguiu à exclamação. – Que maravilha!

Por que não fizemos isso antes?

O vento soprava frio e úmido enquanto nuvens cobriam a descobriam a lua. O ar

cheirava a ervas, terra e coisas audaciosas antes de eles descerem para descansar.

Eles voaram, cruzando o ar acima do chão e passando direto pelas trepadeiras para a

cabana de Sorcha.

– Rápido – disse-lhe Connor.

Ele teve de deixá-la para ir até Branna e Iona a fim de lançar o círculo e posicionar

uma centena de velas, as tigelas e o caldeirão.

Branna abriu a caixa de prata e pegou a poção do sonho.

– Que os espíritos nos acompanhem esta noite. Nós nos juntaremos a eles com nossa

luz. Neste lugar e nesta hora, evocamos coisas brilhantes de poder. Nós somos os três, e

mais três. Juntos, passaremos pela porta do sonho para cumprir nosso destino. Para isso,

bebemos um por três e um por três.

Ela despejou a poção em uma taça de prata e a ergueu. Depois a abaixou e tomou um

gole.

– Com o corpo, a mente, o sangue e o coração, partimos para o mundo dos sonhos.

Ela passou a taça para Fin. Ele tomou um gole, repetiu as palavras e depois a passou

para Iona, e por todo o círculo.

Aquilo tinha gosto de estrelas, pensou Connor enquanto tomava seu gole, um por três.

Ele deu a mão para sua irmã e Meara, e com o círculo dela disse as palavras:

– Com justiça, poder e luz, buscamos a noite. Um sonho para voltar no tempo e

desfazer o mal de Cabhan. Para o tempo do retorno dos três filhos de Sorcha. Que assim

seja.

Não houve uma flutuação como ele havia experimentado antes, mas foi como se

nadasse através da neblina e das cores com vozes murmurando atrás e na frente e

imagens apenas em sua visão periférica.

Quando a neblina se dissipou, ele estava onde estivera, com seu círculo, de mãos

dadas com Meara e Branna.

– Nós voltamos?

– Olhem para lá – disse Connor para Meara.

Trepadeiras cobriam a cabana, que estava em pé. E campânulas floriam no chão perto

do túmulo.

Os cavalos pararam, com os falcões nos galhos acima deles. Kathel se sentou calmo

como um rei ao lado de Branna, enquanto Besouro tremia um pouco entre as botas de Fin.

– Estamos todos aqui, como deveríamos estar. Agora o chame, Meara.

– Agora?

– Comece – confirmou Branna, pegando a ampola com o líquido vermelho. – Atraia

Cabhan.

Dentro da ampola um brilho pulsava e se agitava. Luz líquida, fogo mágico.

– No centro do círculo. – Connor a pegou pelos ombros e a beijou. – E cante, seja o

que for que aconteça.

Meara teve de se controlar, acalmar seu coração e depois abri-lo.

Havia escolhido uma balada e cantou em irlandês, embora Connor duvidasse que ela

entendesse o significado de todas as palavras. Eram tristes e lindas como a voz que se

erguia sobre a clareira, para a noite, e através do tempo do sonho.

Connor decidiu lhe pedir para cantar para ele quando terminassem com as coisas

sombrias e estivessem a sós. Meara cantaria aquela canção de novo, para ele.

– Cabhan está ouvindo – sussurrou Fin.

– Esta é uma noite que evoca magia negra e branca, escuridão e a luz. Ele virá.

Branna saiu do círculo, seguida de Connor e depois Iona.

– Aconteça o que acontecer – repetiu Connor. – Cante. Ele está vindo.

– Sim. – Fin saiu do círculo, deixando Boyle para proteger Meara.

Desembainhou uma espada e a fez incandescer.

Ele veio na névoa, uma sombra que se tornou um lobo. Foi na direção da linha dos

quatro bruxos e depois girou e pulou para o círculo.

Boyle protegeu o corpo de Meara com o dele, mas a bola de fogo que Iona lançou fez

o lobo pular para trás.

Ele andou pela clareira, olhou para os cavalos até Alastar escavar o chão e depois se

erguer, transformando-se em um homem.

– Estão pensando em me testar de novo? Estão pensando em me destruir com uma

canção e sua fraca magia branca? – Ele agitou sua mão e a chama na espada de Fin se

apagou.

Fin apenas a ergueu e acendeu o fogo de novo.

– Teste-me – sugeriu Fin, e foi para a frente dos três.

– Meu filho, sangue do meu sangue, você não é meu inimigo.

– Sou sua morte. – Fin saltou para a frente, brandindo a espada, mas só atingiu a

névoa.

Os ratos vieram, uma enchente deles, com olhos vermelhos ferozes. Os que beiraram

o círculo gritaram ao se incendiarem. Mas Meara viu uma das velas se apagar.

Então brandiu sua espada e cantou.

Aine recuou, seus cascos brilhando. Revirou os olhos de medo. Fin segurou sua rédea

e usou a espada para traçar um anel de fogo ao redor dela. Enquanto os dois garanhões

esmagavam os ratos, os falcões mergulhavam para eles.

Morcegos vieram do céu.

Connor viu outra vela se apagar.

– Ele está atacando o círculo para chegar em Meara. Tem que ser agora, Branna.

– Temos de atraí-lo mais para perto.

Connor inclinou a cabeça para trás e evocou o vento. A corrente rasgou aquelas finas

asas até o ar se encher de fumaça e gritos.

A voz de Meara tremeu um pouco quando um único corpo retorcido caiu na beira do

círculo e uma terceira vela se apagou.

– Calma, garota – murmurou Boyle.

– Eu estou calma. – Tomando fôlego, ela cantou mais alto do que os gritos.

– Vou cortar sua garganta e arrancar seu coração.

Cabhan, com os olhos quase tão vermelhos quanto sua pedra, lançou raios negros no

círculo.

Boyle aproveitou uma oportunidade de usar sua faca e foi o primeiro a arrancar

sangue de Cabhan. A explosão do ar o atirou para trás. O sangue na ponta da faca pingou

no chão e ferveu, preto como piche.

– Tem que ser agora – gritou Connor, e começou a cantar.

O poder aumentou, puro calor. Mais uma vez ele ouviu vozes, não só de Meara e

Iona, mas outras. Distantes, murmurando, murmurando através do Véu que se afinava.

Acima delas, a canção de Meara encheu o coração dele.

Fin brandiu sua espada, fazendo as velas se acenderem de novo.

Os ratos se viraram, indo na direção dos três. Cabhan ficou de quatro. O lobo atacou

Kathel.

Connor sentiu o medo de Branna e se virou com ela, como fez Iona, para lançar poder

na direção do lobo. Mas o chão se elevou sob Cabhan, por obra de Fin. Kathel mordeu o

ombro do lobo e Roibeard mergulhou.

O lobo gritou e tentou correr na direção das árvores para além da clareira.

– Não o deixem fugir – gritou Connor. – Tragam-no de volta. – Mas seu coração

parou quando Boyle e Meara saíram do círculo para se juntar a Fin.

O lobo se virou e, desesperado, começou a atacar. A espada de Meara se incendiou.

A ponta queimou o pelo do lobo antes de ele se virar de novo.

Pelo canto do olho, Connor percebeu movimento. Olhou e viu três figuras ao lado da

cabana. Indistintas, como suas vozes que tentavam atravessar o Véu.

Depois só havia sua irmã e Iona, apenas os três e a corrente quente de poder.

Ela suspendeu o véu na frente deles e, de mãos dadas e com suas mentes e seus

poderes unidos, eles foram na direção do lobo.

A luz explodiu, como mil sóis. Penetrou nele, através dele.

– Pelo poder dos três, é o seu fim. Com nossa luz, sua escuridão é vencida. Com

nossa luz, essa rede é girada, com nosso sangue, você é desfeito. Sem que lhe reste

nenhuma vida, nenhum espírito e nenhuma magia. Que assim seja.

A luz brilhou de novo, ainda mais forte. Refletiu-se em seus olhos, ferveu em seu

sangue. E através dela Connor viu novamente três figuras. Uma lhe estendeu a mão,

tentando alcançá-lo.

Então as figuras se foram e só havia luz. A escuridão caiu, suavizada apenas pelo luar

e círculo de velas. Quebrando seu elo com os três, Connor correu para Meara.

– Você está ferida?

– Não, nem um pouco.

– Você não devia ter parado de cantar, não devia ter saído do círculo.

– Minha garganta ficou seca. – Ela sorriu, seu rosto sujo de fuligem, e atirou os

braços ao redor de Connor. – Nós acabamos com isso? Acabamos com ele?

– Espere um momento. – Havia cinzas e sangue no chão, e pequenas manchas pretas

ainda ardiam. – Pelos deuses, o que restou dele deveria estar aqui. Espere um momento.

– Ele não está. Posso senti-lo. – Fin limpou sangue de seu rosto. – Posso senti-lo,

cheirá-lo. Posso encontrá-lo. Posso acabar com ele.

– Não saia da clareira. – Branna agarrou o braço dele. – Não faça isso ou poderá não

voltar.

Com seu rosto feroz, Fin soltou seu braço.

– Que diferença isso fará se eu acabar com ele, acabar com isso?

– Este não é seu lugar.

– E a escolha não é sua.

– Também não pode ser sua – disse ela, e o empurrou de volta para o círculo.

– Connor.

– Droga!

Com considerável pesar, Connor correu para Fin, o segurou e recebeu um soco na

cara antes de Boyle se juntar a ele.

– Rápido. – Branna pôs uma das mãos no ombro de Connor, segurou a mão de Meara

com a outra e fez um sinal afirmativo com a cabeça para Iona enquanto os homens

rolavam no chão.

Ela fechou os olhos e desfez o feitiço.

Eles atravessaram de novo a escuridão e a luz, as cores e a neblina para a clareira

com as ruínas de uma cabana e o pio de uma coruja.

– Você não devia ter me impedido de fazer isso.

– Não foi só ela que o impediu – disse Connor, esfregando seu queixo enquanto

olhava para Fin. – Fomos todos nós. Não podemos ficar sem você.

– Você tem certeza? – perguntou Meara. – Tem certeza de que não acabamos com ele?

Sem dizer nada, Fin tirou o casaco e o suéter que usava por baixo. A marca em seu

ombro estava em carne viva e vermelha, pulsando como um coração.

– O que é isso? – perguntou Branna. – Você sente a dor dele?

– O sangue de vocês causou isso. Cabhan está ferido, mas não há como saber se

mortalmente. Eu poderia ter acabado com ele.

– Se você saísse da clareira, nós o perderíamos – disse Connor. – Você está conosco,

Fin. Este é seu tempo e lugar. Nós não acabamos com ele. Eu também o senti antes de

Branna desfazer o feitiço. Mas não aqui, não agora. E neste tempo, só temos

contusões e

ferimentos, desconsiderando seu soco na minha cara. E ele está exaurido, sangrando e

despedaçado, e também meio cego. Senti isso também. Talvez não passe desta noite.

– Eu posso diminuir a dor.

Fin apenas olhou para Branna.

– Eu a sentirei do mesmo jeito.

– Fin. – Iona deu um passo para a frente e ficou na ponta dos pés para pôr as mãos no

rosto dele. – *Mo dearthair*, precisamos de você conosco.

Depois de um momento de hesitação, Fin abaixou sua testa para dela e suspirou.

– Está bem.

– Deveríamos voltar. – Meara entregou Besouro para Fin. O cão se agitou nos braços

dele e lhe lambeu o rosto. – Podemos não ter acabado com ele, mas fizemos um bom

trabalho esta noite. Quanto a mim, cantei até minha garganta ficar seca.

– Não terminou. – Branna foi até o túmulo de Sorcha e passou um dedo sobre as

palavras gravadas lá. – Ainda não terminou, mas terminará. Eu juro.

Eles montaram, sujos e cansados. Connor ficou apenas um pouco atrás, olhando por

cima do ombro para a clareira antes de eles passarem pelas trepadeiras.

– Eu os vi. Preciso contar para os outros.

– Viu quem?

– Os três. Os três de Sorcha, as sombras deles. Eamon com uma espada, Brannaugh

com um arco e Teagan com uma varinha mágica. Parte deles estava lá, veio no sonho.

Eles tentaram nos alcançar.

– Poderiam ter sido úteis para nós, mais do que suas sombras.

– Isso é verdade. – Ele virou Aine na direção de casa. – Por um momento, pensei que

tínhamos conseguido.

– Eu também. Você quis ir com Fin. Quis ir com ele e acabar com isso a qualquer

custo.

– Eu quis, mas não pude.

– Porque não era para ser.

– Mais do que isso. Não pude deixá-la. – Ele fez Aine parar para poder se virar para

Meara, tocar no rosto dela. – Não pude e não ia deixá-la, Meara, nem mesmo por isso.

Tenho uma coisa para você.

Ele pegou a caixa de prata em seu bolso e a abriu, fazendo o rubi refletir o luar.

– Ah, mas, Connor...

– É um belo anel e vamos ver se fica bom em você, como você é boa para mim e eu

sou bom para você. É um anel de família. Branna me entregou para eu poder dá-lo a

você.

– Você está me pedindo em casamento montado em um cavalo quando nós dois

estamos cheirando a enxofre?

– Eu acho isso romântico e memorável. Olhe. – Connor pôs o anel no dedo de Meara

e bateu de leve nele. – Veja, ficou bom. Agora você vai ter de se casar comigo.

Ela olhou para o anel e depois de novo para Connor.

– Acho que sim.

Ele lhe deu um beijo tão doce quanto desajeitado.

– Espere – disse-lhe.

E eles voaram.

PROCURANDO SEU COVIL, ELE SE ARRASTOU PELO CHÃO, MAIS SOMBRA DO que lobo, mais

lobo do que homem. Seu sangue preto manchava a terra à sua passagem.

Só sentia dor, ódio e uma sede terrível.

Uma sede terrível de vingança.





Sobre a autora

©

Bruce

Wilder

NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu

primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou

mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de

35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de

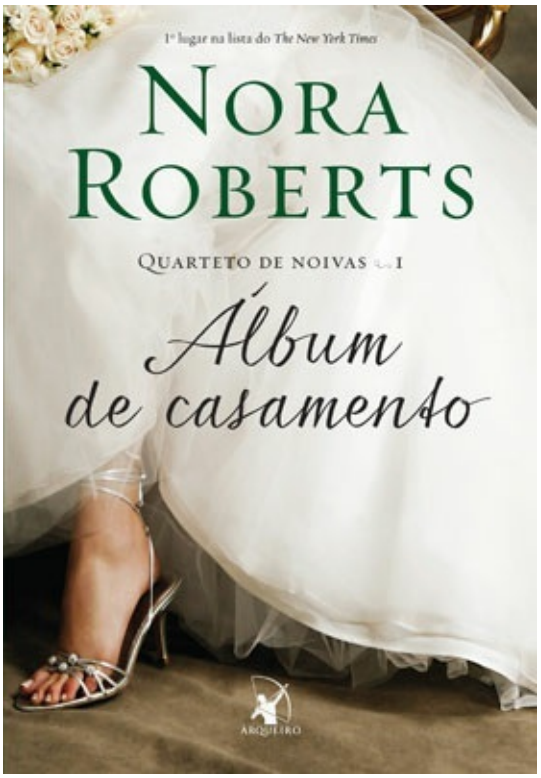
mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 500 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no

Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre

eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista

The New Yorker já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

Álbum de casamento

Primeiro livro da série Quarteto de Noivas, *Álbum de casamento* conta uma linda

história de amor, amizade e família – e daqueles momentos imprevisíveis que

transformam uma imagem bonita numa verdadeira obra de arte.

Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam fazer casamentos

de mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa

brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a Votos, uma empresa de

organização de casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma delas

teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é especialista

em captar os momentos de pura felicidade, mesmo que nunca os tenha experimentado em

sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não

leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar

Carter Maguire, um colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz,

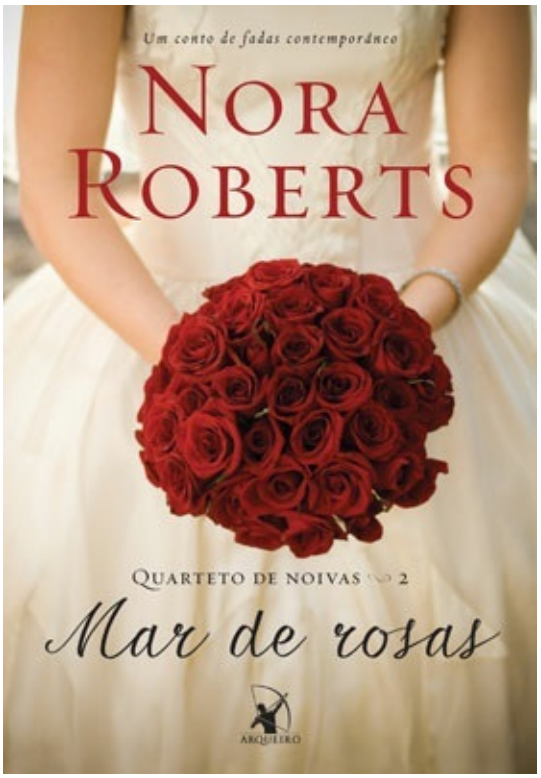
ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de uma antiga quedinha por Mac,

fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem como agir e o que falar. E mesmo assim

ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é

capaz de criar suas próprias lembranças felizes.



Mar de rosas

Em *Mar de rosas*, segundo livro da série Quarteto de Noivas, o amor floresce junto

com os primeiros botões da primavera. Este romance vai fazer você ter vontade de

dançar num jardim, sob a luz do luar.

Emma Grant é a decoradora da Votos, empresa de organização de casamentos que

fundou com suas três melhores amigas de infância – Mac, Parker e Laurel. Ela passa os

dias cercada de flores, imersa em seu aroma, criando e montando arranjos e

buquês.

Criada em uma família tradicional e muito unida, Emma cresceu ouvindo a história de

amor dos pais. Não é de espantar que tenha se tornado uma romântica inveterada,

cultivando um sonho desde menina: dançar no jardim, sob a luz do luar, com seu

verdadeiro amor.

Os pais de Jack se separaram quando ele era garoto, e isso lhe causou um trauma

muito profundo. Ele se tornou um homem bonito e popular entre as mulheres, porém

incapaz de assumir um compromisso.

Quando Emma e suas três amigas fundaram a Votos, foi Jack, o melhor amigo do

irmão de Parker, quem cuidou de toda a reforma para transformar a propriedade no

melhor espaço para casamentos do estado.

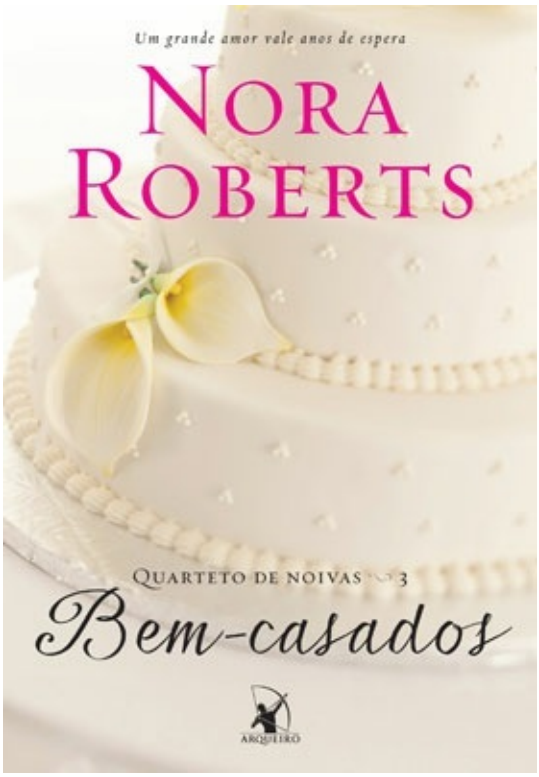
Os seis são praticamente uma família. E justamente por isso Emma e Jack nunca

revelaram a atração que sentiam um pelo outro.

Mas há coisas que não podem ficar escondidas para sempre.

Mar de rosas é uma história ardente, sexy e divertida sobre as vantagens e os

desafios que surgem quando uma grande amizade vira paixão.



Bem-casados

Bem-casados, terceiro livro da série Quarteto de Noivas, é uma linda história sobre

a doçura do amor. Quando terminar de lê-lo, você terá certeza de que os sonhos podem

se realizar das formas mais inesperadas.

Parker, Mac, Emma e Laurel, amigas de infância, ganham a vida realizando o sonho

de inúmeros casais apaixonados. As quatro são proprietárias da Votos, uma empresa de

organização de casamentos.

Após ter trilhado um caminho muito duro para conseguir ser alguém na vida, Laurel

McBane se tornou a criadora dos bolos e quitutes mais lindos e saborosos do estado. Ela

preza sua independência acima de tudo e não aceita que ninguém interfira em suas

decisões. Talvez por isso, apesar do sucesso profissional, ainda não tenha se entregado

ao amor.

Apaixonada desde sempre por Delaney Brown, irmão de Parker, ela nunca teve

coragem de revelar seus sentimentos. Afinal, sabe que é como uma irmã para ele.

Advogado da Votos, Del se sente responsável por cuidar não só dos assuntos

burocráticos da empresa, mas também do bem-estar das quatro sócias. Porém, sua

postura paternalista e superprotetora começa a gerar desentendimentos entre ele e Laurel.

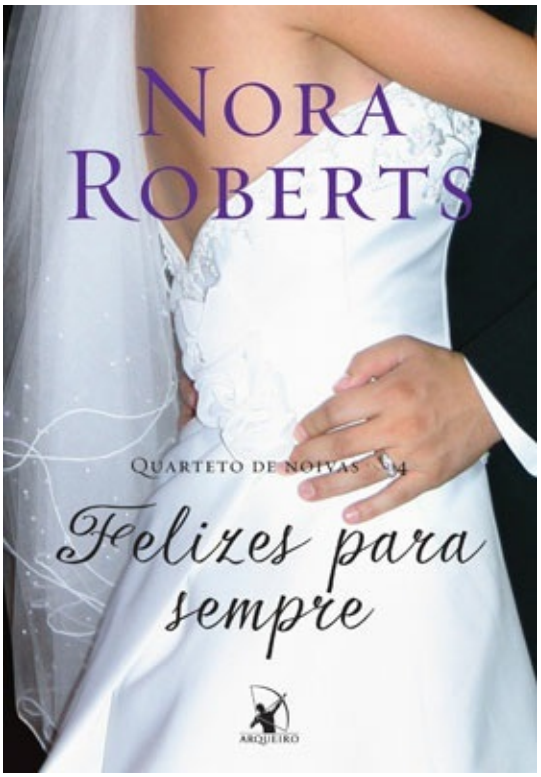
Mas essas diferenças de opinião também fazem ferver uma química que vinha

cozinhando em fogo brando havia muito tempo, acendendo uma faísca que eles não sabem

se conseguirão – ou se querem – conter.

Agora Laurel e Del precisarão conciliar suas convicções e personalidades para que o

orgulho não fale mais alto que a paixão.



Felizes para sempre

Em *Felizes para sempre*, último livro da série Quarteto de Noivas, você vai

descobrir que o amor não avisa que está a caminho e, quando chega, vira seu mundo de

cabeça para baixo.

Parker Brown sabe que subir ao altar é um dos momentos mais extraordinários na

vida de um casal. Por isso ela administra a Votos – a bem-sucedida empresa de

organização de casamentos que fundou com suas três melhores amigas – com pulso firme

e muita dedicação.

Seu dia de trabalho começa cedo – às vezes de madrugada, quando alguma noiva

ansiosa lhe telefona aos prantos. Mas ela não se importa. Cada vez que ajuda

uma mulher

a escolher o vestido perfeito para o grande dia ou vê o sorriso nervoso e feliz de um

noivo no altar, ela sente que está dando sua contribuição para uma história igual à de seus

pais.

Porém a rica, linda e inteligente Parker também quer ser feliz no amor. Só que, em

vez do intelectual sensível que sempre esteve em seus planos, parece que o destino lhe

reservou uma surpresa.

Malcolm Kavanaugh é um mecânico de automóveis e ex-dublê de filmes de ação.

Amigo do irmão de Parker, ele não tem vergonha de elogiar as belas pernas da moça e,

com suas mãos ásperas, faz com que a empresária certinha e controladora simplesmente

perca o chão.

Agora eles vão descobrir que, mesmo com suas diferenças, podem completar um ao

outro. E quem disse que o príncipe encantado não pode chegar numa Harley-Davidson?



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Enfeitiçadas

Jessica Spotswood

Antes do alvorecer do século XX, um trio de irmãs chegará à idade adulta, todas

bruxas. Uma delas terá o dom da magia mental e será a bruxa mais poderosa a nascer em

muitos séculos: ela terá poder suficiente para mudar o rumo da história, para suscitar o

ressurgimento do poder das bruxas ou um segundo Terror.

Quando Cate descobre esta profecia no diário de sua mãe, morta há poucos anos,

entende que precisa repensar seus planos. Qual será a melhor opção: servir a Irmandade,

longe dos olhos vigilantes dos Irmãos caçadores de bruxas, aceitar uma proposta

de

casamento que lhe garanta proteção e segurança ou abandonar tudo e viver um grande

amor proibido?

Prepare-se para se encantar com os jovens pretendentes de Cate, abominar o ódio e a

repulsa que os Irmãos dedicam a meninas e mulheres, e aguardar ansiosamente pela

sequência de *As Crônicas das Irmãs Bruxas*.



A maldição do tigre

Colleen Houck

Paixão. Destino. Lealdade. Você arriscaria tudo para salvar seu grande amor?

Kelsey Hayes perdeu os pais recentemente e precisa arranjar um emprego para

custear a faculdade. Contratada por um circo, ela é arrebatada pela principal atração: um

lindo tigre branco.

Kelsey sente uma forte conexão com o misterioso animal de olhos azuis e, tocada por

sua solidão, passa a maior parte do seu tempo livre ao lado dele.

O que a jovem órfã ainda não sabe é que seu tigre Ren é na verdade Alagan Dhiren

Rajaram, um príncipe indiano que foi amaldiçoado por um mago há mais de 300 anos, e

que ela pode ser a única pessoa capaz de ajudá-lo a quebrar esse feitiço.

Determinada a devolver a Ren sua humanidade, Kelsey embarca em uma perigosa

jornada pela Índia, onde enfrenta forças sombrias, criaturas imortais e mundos místicos,

tentando decifrar uma antiga profecia. Ao mesmo tempo, se apaixona perdidamente tanto

pelo tigre quanto pelo homem.

A maldição do tigre é o primeiro volume de uma saga fantástica e épica, que

apresenta mitos hindus, lugares exóticos e personagens sedutores. Lançado originalmente

como e-book, o livro de estreia de Colleen Houck ficou sete semanas no primeiro lugar

da lista de mais vendidos da Amazon, entrando depois na do *The New York Times*.

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista*. *O resgate* e *O milagre*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução e *Lições do desejo*, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*; *Praticamente inofensiva*, *O salmão da dúvida* e *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack











INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,

basta se cadastrar diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Sobre a autora

Conheça outros títulos da autora

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça mais títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro

Document Outline

- Créditos
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- Sobre a autora
- Conheça outros títulos da autora
- Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
- Conheça mais títulos da Editora Arqueiro
- Informações sobre a Arqueiro